Mario Prata
100 crônicas
O ESTADO DE S.PAULO

Mario Prata, o nosso ***Pratinha****, é mineiro de nascimento, criado no interior de São Paulo, paulistano por opção e dono de um estilo de humor de fazer inveja ao mais curtido dos cariocas. Foi com essa bagagem que ele desembarcou na redação do "****Estado de S. Paulo****" no final de 1992, quando o jornal mal iniciava uma nova etapa de mudanças.*

Pratinha *tem um humor "antenado", sua crônica de costumes é pautada pela sensibilidade de quem está próximo ao cotidiano das pessoas.*

Mario Prata *é a prova de que a inteligência convertida em texto impresso jamais será superada. Não há nada que a reproduza artificialmente, seja uma válvula dos tempos da pré-eletrônica ou um chip dos "pentiuns" da vida. Em tempo: nada contra os computadores. Muito pelo contrário. Desde que um* ***Mario Prata*** *esteja manejando os teclados.*

ISBN 85-85527-10-2
9 788585 527105

Mario Prata

100 crônicas

O ESTADO DE S.PAULO

Edição
Cartaz Editorial Ltda.

Editores
Ana Luiza Guímaro
Leonel Prata

Projeto Gráfico e Direção de Arte
Mondrian Alvez

Ilustrações
Vilmar Oliveira

Assistente de Arte
Sonia Schwartz

Revisão
Eduardo Perácio
Hélia Regina Sinibaldi

CARTAZ EDITORIAL LTDA.
cartaz@mandic.com.br

Rua Prof. João Brito, 170 - Cep 04535-080 - São Paulo - SP
tel.: (011)820-5922 - fax: (011)822-8719

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Prata, Mario, 1946-
100 Crônicas / de Mario Prata ;
| ilustrações Vilmar Oliveira | . — São Paulo : Cartaz Editorial, 1997.

ISBN 85-85527-10-2

Patrocínio: O Estado de S. Paulo.

1. Crônicas brasileiras I. Título.

97-2076 CDD-869.935

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Século 20 : Literatura brasileira
869.935
2. Século 20 : Crônicas : Literatura brasileira
869.935

Para meus irmãos:
Rita, Ruth, Leonel e José Maria

ÍNDICE

Aluizio Maranhão

PREFÁCIO

Mario Prata, o nosso **Pratinha**, é mineiro de nascimento, criado no interior de São Paulo, paulistano por opção e dono de um estilo de humor de fazer inveja ao mais curtido dos cariocas. Foi com essa bagagem que ele desembarcou na redação do "**Estado de S. Paulo**" no final de 1992, quando o jornal mal iniciava uma nova etapa de mudanças.

Cinco anos depois, **Pratinha** não só é uma espécie de símbolo dessa fase de modernização do jornal, como também passou a representar um marco no renascimento da crônica de costumes bem-humorada na imprensa diária brasileira.

Humorista capaz de rir de si próprio, **Prata** deve achar que estou brincando ou que essa afirmação se deve apenas à nossa amizade. Não é. Faz algum tempo, ele me propôs uma ousadia (uma de suas mais bem-vindas manias): o lançamento, pelo "**Estado**" de um folhetim. Na prática, tratava-se de resgatar o que a imprensa diária fez décadas atrás. Nas nossas conversas sobre o assunto, a referência era o trabalho magistral que Nelson Rodrigues produziu na década de 50 na imprensa carioca. Foi ali que Nelson construiu seu tão conhecido estilo de cronista da cena da família de alma pequeno burguesa.

Como se vê, éramos ambiciosos. E deu certo, pois foi assim que surgiu nas páginas do jornal o personagem James Lins, um misto de ficção e — estou seguro — realidade, que Pratinha foi resgatar do seu passado no interior de São Paulo (Lins) e trouxe, com grande sucesso, para os leitores do "**Estado**". Com o manejo de sua técnica de competente redator de *scripts*, **Prata** deu vida real a James Lins. Tanto que choveu cartas de leitores querendo corresponder-se com o personagem... Coisas do **Pratinha**.

Pratinha tem um humor "antenado", sua crônica de costumes é pautada pela sensibilidade de quem está próximo ao cotidiano das pessoas. Entende-se. **Mario Prata** é um repórter. Foi o que ele demonstrou nos Estados Unidos, quando fez parte da equipe do jornal que cobriu a Copa do Mundo. Sensibilidade bem calibrada, **Prata** ajudou no planejamento da cobertura, escreveu artigos irretocáveis e terminou comprovando que por mais rápidos que sejam outros meios de comunicação, embalados no surto da revolução eletrônica, nada supera um bom texto, um olhar atento, um ângulo de uma

situação bem sacado, como se diz no jargão das redações.

Mario Prata é a prova de que a inteligência convertida em texto impresso jamais será superada. Não há nada que a reproduza artificialmente, seja uma válvula dos tempos da pré-eletrônica ou um *chip* dos *"pentiuns"* da vida. Em tempo: nada contra os computadores. Muito pelo contrário. Desde que um **Mario Prata** esteja manejando os teclados.

Aluizio Maranhão
Diretor de Redação do jornal
O Estado de S.Paulo

1

Mario Prata

VOCÊ É UM ENVELHESCENTE?

Se você tem entre 45 e 65 anos, preste bastante atenção no que se segue. Se você for mais novo, preste também, porque um dia vai chegar lá. E, se já passou, confira.

Sempre me disseram que a vida do homem se dividia em quatro partes: infância, adolescência, maturidade e velhice. Quase correto. Esqueceram de nos dizer que, entre a maturidade e a velhice (entre os 45 e os 65), existe a ENVELHESCÊNCIA.

A envelhescência nada mais é que uma preparação para entrar na velhice, assim como a adolescência é uma preparação para a maturidade. Engana-se quem acha que o homem maduro fica velho de repente, assim da noite para o dia. Não. Antes, a envelhescência. E, se você está em plena envelhescência, já notou como ela é parecida com a adolescência? Coloque os óculos e veja como este nosso estágio é maravilhoso:

— Já notou que andam nascendo algumas espinhas em você? Notadamente na bunda?

— Assim como os adolescentes, os envelhescentes também gostam de meninas de 20 anos.

— Os adolescentes mudam a voz. Nós, envelhescentes, também. Mudamos o nosso ritmo de falar, o nosso timbre. Os adolescentes querem falar mais rápido; os envelhescentes querem falar mais lentamente.

— Os adolescentes vivem a sonhar com o futuro; os envelhescentes vivem a falar do passado. Bons tempos...

— Os adolescentes não têm idéia do que vai acontecer com eles daqui a 20 anos. Os envelhescentes até evitam pensar nisso.

— Ninguém entende os adolescentes... Ninguém entende os envelhescentes... Ambos são irritadiços, enervam-se com pouco. Acham que já sabem de tudo e não querem palpites nas suas vidas.

— Às vezes, um adolescente tem um filho: é uma coisa precoce. Às vezes,

um envelhescente tem um filho: é uma coisa pós-coce.

— Os adolescentes não entendem os adultos e acham que ninguém os entende. Nós, envelhescentes, também não entendemos eles. "Ninguém me entende" é uma frase típica de envelhescente.

— Quase todos os adolescentes acabam sentados na poltrona do dentista e no divã do analista. Os envelhescentes, também a contragosto, idem.

— O adolescente adora usar uns tênis e uns cabelos. O envelhescente também. Sem falar nos brincos.

— Ambos adoram deitar e acordar tarde.

— O adolescente ama assistir a um show de um artista envelhescente (Caetano, Chico, Mick Jagger). O envelhescente ama assistir a um show de um artista adolescente (Rita Lee).

— O adolescente faz de tudo para aprender a fumar. O envelhescente pagaria qualquer preço para deixar o vício.

— Ambos bebem escondido.

— Os adolescentes fumam maconha escondido dos pais. Os envelhescentes fumam maconha escondido dos filhos.

— O adolescente esnoba que dá três por dia. O envelhescente, quando dá uma a cada três dias, está mentindo.

— A adolescência vai dos 10 aos 20 anos: a envelhescência vai dos 45 aos 65. Depois, sim, virá a velhice, que nada mais é que a maturidade do envelhescente.

— Daqui a alguns anos, quando insistirmos em não sair da envelhescência para entrar na velhice, vão dizer: "É um eterno envelhescente!". Que bom.

• • •

2

Mario Prata

FILHO É BOM, MAS DURA MUITO

— Aproveita agora, porque, depois que o seu filho nascer, você nunca mais vai ter sossego na vida. Você nunca mais vai dormir.

— Aproveita agora, que ele ainda não tem cólicas noturnas e ainda mama nas horas certas, porque depois a sua vida se transformará num verdadeiro inferno noturno.

— Aproveita agora, que os dentinhos dele não começaram a nascer e, quando isso acontecer, não vai ter Nenedent que acalme nem ele nem você.

— Aproveita agora, enquanto ele não engatinha, porque, quando começar a arrasar a casa e a derrubar cadeiras e bibelôs e lustres e a comer jornal, só vai dar dor de cabeça.

— Aproveita agora, antes que ele comece a andar. Aí acaba o sossego. É o perigo de ele bater a cabeça nas quinas das mesas, cair e meter a boca no chão, puxar panela no fogão. É um transtorno, filho andando. Ele correndo pela casa e você atrás.

— Aproveita agora, enquanto ele ainda não está na fase do "Por quê?", porque depois você não vai conseguir ler nem jornal nem livro e nem ver televisão. E vai ter que explicar sempre o inexplicável.

— Aproveita agora, que ele ainda não sabe ler e pedir o que quiser no restaurante. A única vantagem é você não precisar ficar traduzindo os filmes para ele.

— Aproveita agora, enquanto você programa as férias dele e ele ainda não ouviu falar no Disneyworld, porque você vai ter que pegar filas de duas horas e enfrentar montanhas-russas no escuro.

— Aproveita agora, que ele ainda não é tarado por música, porque, quando ele resolver ouvir "música" na sua casa — com ou sem os amigos —, até os vizinhos mais simpáticos irão reclamar. E não pense que ele vai tocar aquelas músicas do seu tempo, não.

— Aproveita agora, que ele ainda não entrou na adolescência. Pois, quando

entrar, você nunca mais vai ter sossego, nunca mais vai dormir. Não se esqueça da íntima relação entre a palavra adolescência e adoecer. Não ele, mas, sim, você.

— Aproveita agora, que ele ainda não está nem fumando maconha e nem acabando com o seu uísque e aquela cervejinha que você tinha certeza que estava na geladeira te esperando do trabalho.

— Aproveita agora, que ele ainda não está andando em más companhias, porque você vai ter que aturar figuras saídas sabe-se lá de onde, com cabelos, brincos e tatuagens que você jamais poderia imaginar um dia conviver.

— Aproveita agora, que ele ainda não tomou nenhuma bomba e você ainda acha que ele é tudo que você sonhou, porque, quando ele repetir de ano, você fará — para você mesmo — a eterna pergunta: "Meu Deus, onde foi que eu errei?".

— Aproveita agora, que ele ainda não decidiu que faculdade cursar, porque a escolha dele não vai nunca coincidir com os planos que você fazia para ele, quando ele ainda engatinhava.

— Aproveita agora, que ele ainda não entrou na faculdade, porque, quando entrar, vai pedir um carro para ele ou usar o seu.

— Aproveita agora, que ele ainda avisa quando vai dormir fora de casa, e você pode dormir sossegado e não pensar em ligações desagradáveis para a polícia, o hospital e, o pior de tudo, para o IML.

— Aproveita agora, que ele ainda não se casou, porque, depois, ele nunca mais vai te visitar, a não ser para pedir dinheiro emprestado.

— Aproveita agora, enquanto ele ainda não tem filhos, porque, quando tiver, é você quem vai tomar conta deles nos fins de semana. Seu sossego chegará ao fim, logo agora que você se aposentou.

— Aproveita agora, que ele ainda não se separou da primeira esposa, pois, quando isso acontecer, ele virá morar novamente na sua casa.

— Aproveita agora, que ele ainda te ajuda com um dinheirinho, porque a sua aposentadoria não dá para nada, pois a segunda mulher dele vai ser contra a ajuda.

— Aproveita agora, porque ele está pensando em te colocar num asilo de velhinhos.

P.S.: A frase do título é do Marcelo von Zuben, dentista brasileiro que mora em Portugal, pai do Murilo e da Úrsula.

• • •

3

Mario Prata

POR FAVOR, APERTEM SEUS CINTOS

Que estranho e irresistível fascínio é este que as aeromoças exercem sobre nós, homens e mortais passageiros?

Ou vai me dizer que você também não tem uma certa tara, uma vontade quase que incontrolável de ter um caso com essas profissionais do ar?

Qual é o homem que nunca deixou o cotovelo propositadamente no corredor do avião, na sutil esperança de uma leve raspadinha na apressada moça? Qual é o homem que, lá nas alturas, fingindo ler o jornal, não fica de olho torto para elas? Qual é o homem que não sonha acordado imaginando tenazmente que ela, junto com a última cervejinha, coloque dentro do guardanapo um cartão de visitas? Qual é o homem que não sonha um dia contar para um amigo: transei com uma aeromoça! Qual?

Que fascínio é este? Preocupadas com o possível assédio masculino, as companhias aéreas — de todo o mundo — fazem de tudo para transformar aqueles aviões em seres normais. Colocam uma saia escura onde as curvas se perdem e o joelho some, vestem uma blusa meio fofa onde seios desaparecem, amarram os cabelos para cima e, ainda por cima, colocam um crachá com um nome falso no peito. Mas nós, homens, temos certeza de que, por trás daquele uniforme de guerra, esconde-se uma grande guerreira de terra, mar e ar. A gente sabe — ou imagina — que elas são gostosas. Toda aeromoça é gostosa, por princípio, meio e fim. Até o fato de elas usarem outro nome — como as freiras e as prostitutas — é excitante.

E não são apenas as aeromoças brasileiras que nos fazem viajar com a imaginação. Também as *azapatas* (aeromoças em espanhol) ou as *hospedeiras* (aeromoças em Portugal). Não seria bonito dizer que anda saindo com uma *azapata* de salto delicadamente alto ou que levou para o hotel uma *hospedeira*? Mesmo as americanas, sempre carrancudas, levam o seu charme na bandeja da esperança. E as francesas dizendo *pardon, monsieur*? E aquelas da Lufthansa que dá vontade da gente pedir que pisem nos nossos pés com seus um metro e oitenta e cinco?

Qualquer psicólogo de esquina poderia dizer que esta fascinação é porque

nós nos sentimos — durante as poucas horas de vôo — nas mãos delas, dependemos delas para tudo. Seriam nossas mães, digamos assim. Mas não é como mãe que as vemos, e, sim, como possíveis amantes. Como deslizam fácil pelo carpete central dentro das nossas turbulências mentais!

São estranhas essas moças. Não sei de ninguém que conheça uma aeromoça fora do ar. O máximo que a gente sabe delas é que se arrastam em duplas pelos aeroportos, puxando as suas malinhas — sempre cinza — sobre rodinhas. Depois entram num táxi e somem. Sim, somem. Ou você sabe de alguém que é vizinho de uma aeromoça? Ninguém sabe onde moram essas meninas. Ninguém nunca viu uma *hospedeira* numa festa, numa peça de teatro ou mesmo fazendo compra num shopping. Fora do ar, elas evaporam. Você, por exemplo, já viu alguma *azapata* no seu, digamos, convívio social? Tenho certeza que não. Chego a desconfiar que elas não existem. São alucinações causadas talvez pelo ar despressurizado.

Devo ser um privilegiado, pois já vi duas aeromoças. A primeira quando estava hospedado no Hotel Miramar, em Recife, fazendo um trabalho profissional junto com mais 40 pessoas. Um amigo me disse que as aeromoças da VASP estavam hospedadas no hotel. Foi um frisson entre os homens. No mesmo dia, um colega disse que aquela mais alta, loira, tinha uma tatuagem na virilha. Ele tinha visto na piscina. Comprei óculos de natação e fui conferir num vôo aquático. Tinha. Tinha um Boing tatuado na virilha dela e, enquanto ela ficava a fazer movimentos com as pernas para se manter à tona, parecia que o Boing batia asas e voava na minha direção. Só o Boing. O avião, não. Quase morri afogado.

E a outra vez foi no bingo. Estávamos quatro homens na mesa e uma moça. Uma moça normal, nem feia nem bonita, nem magra nem gorda, nem baixa nem alta. Uma moça absolutamente normal que não suscitava nem um olhar de esguelha de nenhum de nós. De repente, chegou uma amiga dela. Nos primeiros diálogos, ficamos os quatro sabendo que eram aeromoças. Como a moça cresceu, como ficou bonita, gostosa, simpática. Que pernas, que seios, que pele, que narizinho arrebitado, que voz, meu Deus! Os quatro homens ficaram transtornados com a presença de duas — duas! — aeromoças ali, tão perto. Mas, assim como na piscina, ninguém teve a coragem de puxar papo, pedir mais um uísque ou perguntar a temperatura local. Não se conversa com uma aeromoça fora do ar, admira-se boquiaberto. E mais: ela fez um bingo, provando, definitivamente, que são seres sobrenaturais, acima de nós, sempre a 10 mil metros de distância de nós, pobres terráqueos.

Que estranho e irresistível fascínio é este que as aeromoças exercem sobre nós, homens e mortais passageiros?

• • •

4

Mario Prata

AGENDA PARA AGENDAR O QUÊ?

Como sempre acontece nos finais de ano, ganhei uma porção de agendas. Cinco, para ser mais exato. E estou pensando seriamente em devolvê-las.

Eu explico. São todas lindas, bem acabadas, uma com as tiras da Família Brasil do inesgotável Luís Fernando Veríssimo, outra com poemetos do outro gaúcho, o Mário Quintana. Ganhei até uma com capa de couro, letras douradas, etc.

Mas devo explicações para a Leila Ventura (que me deu a do **Estadão**), ao Lenilson e ao Heitor Paixão (da Editora Globo) e à minha querida e criativa Maria Ignês, da revista *Criativa*. Obrigado a vocês todos pelo carinho e pela lembrança.

Não posso, de maneira nenhuma, menosprezá-los com estas mal traçadas linhas. Afinal, são vocês que me dão o dinheirinho no final do mês.

Mas não vou usar as agendas. E quero deixar claro que não é nada pessoal contra nenhum de vocês, companheiros de idas e vindas (felizmente mais idas do que vindas). E não vou usar porque elas não foram feitas para uma pessoa como eu.

Em todas elas, sem exceção, temos os horários marcados entre 8 da manhã e 6 da tarde. Devo confessar que jamais marcaria um compromisso pela manhã porque, como vocês sabem, é a hora do melhor sono. E sonhos. Meu dia (e de várias e várias pessoas) começa depois das 3 da tarde e se alastra noite adentro, como agora, que estou escrevendo esta crônica. Como marcar numa agenda que, de cara, acha que a vida termina às 6 da tarde?

Onde eu vou marcar que tenho que levar a minha filha para uma festa às 11 da noite e buscar o meu filho em outra às 3 e meia? Onde vou agendar as minhas peças de teatro, sempre depois das 9? Em que espaço marcar os jantares de trabalho ou não no Spot, no Balcão ou no Nabuco? Como ter certeza que é naquele dia, às 10 da noite, que eu marquei com o Mateus na Mercearia São Pedro?

Mas o disparate não termina aí, gente. Sábado, por exemplo. Para os fazedores de agenda, o sábado termina ao meio-dia. E todo mundo sabe que o sábado, para qualquer mortal, começa bem depois disso. Onde vou agendar a

feijoada com o Chico Milan, o Walminho, o Tena e a Annette? E a passada depois na casa do Fernando Morais para um uisquinho ao cair da tarde? E o futebol às 5 da tarde? E o cineminha de noite?

Vocês pensam que o absurdo termina aí? Não, senhora. Imagine a senhora que não tem domingo na agenda. Economia de papel? Como eu vou "guardar os domingos e dias santos" sem uma agenda?

O que os fazedores de agenda têm que saber é que, de noite, sábado e domingo, tem muito mais coisa para se fazer do que de segunda a sexta às 6 da tarde.

Estou escrevendo isto aqui na segunda de noite. Depois tenho mais dois compromissos importantes que eu tenho que guardar na memória. Ir ao aniversário do Nabuco onde fui convidado para ser júri do Juca Pato e ir à casa da minha irmã Rita para o sorteio dos amigos secretos da família Prata. Não posso esquecer. Devo escrever num papelzinho e juntar a tantos outros que tenho no bolso?

O que seria do Fernando Henrique se a agenda dele terminasse às 6 da tarde? Já pensaram, a pasta cor-de-rosa pronta para ser aberta, chega um assessor e diz: "Presidente, são 6 horas"! E fecham a agenda. E um astronauta, ficaria perdido no espaço entre meio-dia de sábado e 8 da manhã de segunda? E os times de futebol, não jogariam mais de noite, nem sábado e nem domingo? Pelas agendas que recebi, não dá nem para marcar a santa missa de domingo. Nem o churrasco.

Como programar para a madrugada para se assistir àqueles hilários programas da IURD, como é chamada em Portugal a Igreja do Edir? E fazer sexo, tem que ser entre 8 e 6 da tarde? Ou só no sábado de manhã?

Meus queridos Leila, Lenilson, Paixão e Maria Ignês, no próximo ano, espero que ainda estejamos trabalhando juntos. Um feliz Natal para vocês todos e um bom Ano Novo. Mas não marquem na agenda, pois as duas festas serão no domingo à noite e deverão entrar pela madrugada afora. Não vão se esquecer, hein?

• • •

5

Mario Prata

O BRASIL NÃO GOSTA DA AMÉRICA LATINA

MONTEVIDÉU — A Copa América não é a Copa do Mundo!

Me disse Roberto Benevides, editor de esportes aqui do **Estadão**, lá na festa do Tetra, em Los Angeles.

Não entendi muito bem o que ele queria dizer quando lhe propus que viéssemos para a cobertura de mais esta Copa. Por quê? Na Europa, o campeonato europeu de seleções, realizado a cada dois anos, tem tanta rivalidade quanto um campeonato do mundo. Durante um ano, acontecem as eliminatórias. No ano seguinte, as oito equipes classificadas disputam, num único país (no ano que vem, na Inglaterra), o título máximo europeu.

Agora, aqui em Montevidéu, com mais de 800 correspondentes de toda parte do mundo (inclusive europeus), como me informa o jornalista uruguaio apaixonado pelo Brasil Rubén Castillo, começo a entender o que o Benevides quis me dizer, já meio de pilequinho, naquela churrascaria americana, há exato um ano, diante de um Ricardo Teixeira completamente embriagado.

Quando parti para a Califórnia, uns dez dias antes de começar a Copa do Mundo (aquela que o Brasil não ganhou; foram os outros que a perderam), já no avião, dezenas, centenas de torcedores com suas camisas amarelas e suas cornetas pentelhas davam o tom da festa. Agora, no vôo para cá, nada. Executivos com suas pastinhas misteriosas. E ainda tinha lugares vagos. Isso a dois dias da competição. Desta vez, a dona Stella Barros e a Tia Augusta não fizeram pacotes (ou *paquetes*, como se diz por acá).

Começo a pensar que o Brasil (e os brasileiros) não leva essa competição a sério. Começo a pensar, não: tenho certeza. O Brasil não faz parte da América Latina, eis a verdade. O Brasil não leva a sério a América Latina.

Talvez esta crônica devesse ser escrita pelo meu amigo brasilianista e corintiano Matthew Shirts, mas ele está, de novo, na Califórnia. Ou por um Roberto da Matta. Vou tentar explicar.

Tanto Zagallo quanto os cartolas da CBF já disseram que a Copa América não é a prioridade da Seleção. Eles estão preocupados é com uma competição amadora

chamada Olimpíadas de Atlanta, que nunca falou muito ao coração do brasileiro. Zagallo nem trouxe os melhores do Brasil. Romário e Bebeto fizeram cu doce. Palmeiras, Corinthians, São Paulo, Santos, Portuguesa e Guarani concordaram em ceder apenas um jogador. Muita gente boa ficou no Brasil. Nem os jogadores nem os torcedores estão muito preocupados com esta Copa América, já disputada (se não me engano) 28 vezes. O Brasil só ganhou quatro. Aliás, as quatro disputadas no Brasil, em 1919, 22, 49 e 89 (40 anos depois). Uruguai e Argentina já faturaram nove vezes, cada um. Me lembro que uma vez a CBF mandou o time do Palmeiras para representar o Brasil. Noutra vez, o Atlético Mineiro. Latinos vexames. Desprezo e menosprezo pelos nossos irmãos sul-americanos. Irmãos, cara-pálida?

Veja o caso, por exemplo, da Libertadores de América. O Brasil nunca está disposto a ganhar este campeonato. O que quer, apenas, é vencer para ser o trampolim para o Projeto Tóquio. Um time qualquer ganha o campeonato do Estado e logo o presidente diz que agora "começamos o Projeto Tóquio". Só por isso disputam a Libertadores. Para chegar ao Japão. O Japão, para o Brasil, vale mais que Buenos Aires ou Montevidéu. É por isso que, na Libertadores, a Argentina já venceu 16 vezes e o Uruguai 8 (com apenas dois Times, o Nacional e o Peñarol).

A Libertadores já foi disputada 35 vezes. Times brasileiros ganharam apenas sete vezes. Uma em cada cinco. Santos e São Paulo duas vezes, Grêmio, Flamengo e Cruzeiro. Excetuando o Cruzeiro, que perdeu o título mundial em 75, jogando contra o Bayern de Munique sobre uma camada de gelo, todos os outros seis foram Campeões do Mundo. Santos em 62 e 63, Flamengo em 81, Grêmio em 83, São Paulo em 92 e 93. Aqui, sim, eles levam a sério.

Acho que o buraco, Benevides, é mais embaixo. Não saberia explicar, como Shirts ou da Matta, este distanciamento que o Brasil tem da América Latina. O Brasil (e os brasileiros, em geral) não gosta da América Latina. O Brasil não se considera América Latina. O brasileiro se acha superior aos latino-americanos. Nunca houve uma integração social e econômica. Agora tentam o Mercosul. Não sei se é a diferença de línguas ou de raças. Mas o Brasil vive de costas viradas para eles.

Parece ter vergonha de ser campeão no meio desses índios todos. Mas tenho certeza que, se houvesse um jogo, em Toronto, por exemplo, entre o Campeão da América e o Campeão da Europa, os brasileiros iriam levar muito mais a sério. Romário viria jogar, os times dispensariam seus melhores jogadores. Afinal, a vitrina estaria aberta ao mundo e não apenas aos cucarachos.

O dia que o Brasil entender a América Latina seremos todos mais felizes. No esporte, no plano econômico e até mesmo, por que não dizer, no plano amoroso. As uruguaias são lindas, minha gente. Educadas. E mais, adoram os brasileiros. E, ao contrário das francesas e inglesas, tomam banho todo dia.

• • •

6

Mario Prata

HOJE EU ESTOU MEIO ROMÂNTICO

Foi numa grande festa na pequena cidade que o fato se deu.

O grande homem, olhando para a pequena mulher, pensou:

— Que pequena.

A pequena mulher, sentindo os grandes fluidos em sua cabeça, pensou:

— Grande.

Pequenas piscadas, grandes sorrisos, uma só cumplicidade.

E foi assim que eles foram.

Ele pegou nas pequenas mãos da mulher com sua grande mão.

Com os seus grandes olhos, procurou os pequenos dela, grande ternura, pequena timidez.

Com o grande dedo da grande mão direita passou, levemente, uma pequena alegria para os pequenos lábios do pequeno sorriso.

Ele sorriu, mostrando dois grandes dentes e deu um grande beliscão no pequeno nariz que ficou vermelho como o pequeno coração que disparou dentro do seu pequeno corpo.

Com o seu grande coração conquistou o pequeno sim e fizeram grandes planos e pequenas despesas.

Um pequeno período de noivado e pensaram na grande festa do grande dia.

Num pequeno hotel da pequena cidade, numa grande cama, o pequeno corpo esticou-se atravessado e foi recolhido num grande abraço.

Grandes horas, pequenos segundos, grandes prazeres, pequenos gemidos, pequenas lágrimas, um grande suor, pequenos ais, grandes beijos, pequenos dentes, grandes mordidas, grande língua, seios pequenos contidos por um grande peito.

Pequenos saltos, grandes suspiros.

Um grande amor.

Depois de grandes dias e pequenas brigas, vieram as pequenas diferenças.

Grandes anos, pequenos segundos, pequenos filhos, grandes festas,

pequenas viagens, pequenos passeios, grandes almoços, pequenos pileques, grandes barrigas, pequenos partos, grandes fadigas, pequenas férias, grandes trabalhos, pequenos salários, grandes dores de cabeça, pequenos comprimidos, grandes ansiedades, pequenas alegrias, grandes insônias, pequenas noites, grandes desilusões, pequenos senões, grandes tempos, pequenos tempos.

Grandes brigas, pequenos nãos.

Passou um grande tempo, apenas um pequeno amor sustentava a grande casa já repleta de filhos pequenos e grandes.

Sentaram-se na grande poltrona da pequena sala para resolver o grande problema: o grande amor ficara pequeno.

A sua grandeza foi diminuindo e as pequenas razões da mulher foram ficando grandes.

Foi quando ela percebeu que era uma grande mulher.

E ele, ficando cada vez mais pequeno, também.

Ela pegou uma pequena faca e enfiou na pequena barriga dele.

Saiu uma grande quantidade de sangue e o pequeno corpo ficou ali, esticado, no grande tapete atravessado, recebendo pequenos olhares.

Vieram os filhos pequenos e grandes e deram grandes gritos.

Para a Polícia ela deu apenas pequenas explicações e conseguiu uma grande pena: dos pequenos e grandes filhos e da Justiça.

Anos mais tarde, teve uma pequena morte numa pequena sala de uma grande penitenciária e o jornal deu apenas uma pequena nota de um amor que um dia foi tão grande.

• • •

7

Mario Prata

PLÍNIO BRAGATO, MEU HERÓI

A Portuguesa de Desportos foi vice-campeã do Brasil. Adorei.

Surgiu o tal do coquetel contra a Aids. Genial.

FH quer ser rei, *ad nauseam*. ACM, primeiro-ministro. SM (Sua Majestade), também conhecido como Sérgio Motta (e mostra o pau), o bobo da corte.

Meu cunhado morreu naquele acidente da tal TAM.

Madre Teresa de Calcutá conseguiu não morrer de novo.

Edmundo continuou o mesmo.

O Papa continua rezando. Agora pela saúde dele mesmo.

As balas perdidas estão cada vez mais perto.

Surgiu um novo herói no Brasil: Pareja.

O Fluminense caiu para a segunda divisão.

E por falar em Chico, ele e a minha querida Marieta se separaram. Descasou e mudou. Uma pena.

Minha namorada me largou. Com razão.

Tudo isso me marcou em 96. Mas a notícia que eu mais gostei de ler não inclui ninguém famoso.

O que mais me impressionou neste ano tão igual aos outros foi um caso ocorrido nas Minas Gerais, onde sempre acontece de tudo. Até o meu nascimento.

O nome do meu herói do ano é Plínio Bragato. Marceneiro de Governador Valadares. Não, ele não entrou clandestinamente nos Estados Unidos como os seus conterrâneos.

O Plínio viajou para muito mais longe. Para Marte, segundo ele. Isso mesmo: Marte!

Quer coisa mais espetacular do que isso? Os foguetes da Nasa levam meses para chegar lá. Pois o Plínio, com seus bem vividos 75 anos, foi até lá e voltou. Tudo isso em oito horas apenas. Foi de disco voador. Deu nos jornais.

Só que, na volta, o disco voador errou o alvo e deixou ele a 800 quilômetros da sua casa, mais precisamente em Montes Claros.

Não sei bem por quê, mas os marcianos não falavam português. Tiveram que trocar idéias em castelhano mesmo. *Duela a quien duela*, diria o outro.

Plínio é considerado uma pessoa normal e idônea na sua cidade. O próprio delegado disse que "tive ótimas referências e certifiquei-me de que se trata de uma pessoa idônea, sem qualquer traço de loucura".

O delegado foi ao local do "desembarque" e disse que no chão havia duas fileiras paralelas com dez furos de cada lado e, no centro, um buraco oval. Alguma coisa aterrissou ali. Ou seria martirizou?

O Plínio contou pouco da sua viagem a Marte. Mas fez suas observações. Ficou chateado porque as mulheres de lá não tinham seios. Nem um. Além de serem altas demais para ele (mais de 2 metros) e a pele tinha duas cores: roxo e marrom. Já pensou, uma namorada nesse estado? Que horror, meu Deus!

Mas o que mais impressionou o meu herói foi o jogo de futebol. Imaginem que ele garantiu que, além de existir futebol por lá, os times jogavam com 15 de cada lado. Não informou o esquema: seria um cinco-cinco-cinco? Ou teriam o UM do Zagallllllo?

E mais não disse ou a imprensa não perguntou.

Como sempre, a nossa imprensa neste ano só cuidou de besteiras. Inclusive eu.

• • •

8

Mario Prata

EXCLUSIVO: O DIÁRIO DE UM ANJO DA GUARDA

Na quarta passada, escrevi uma carta/crônica para o Caio Fernando, falando da certeza da existência do Anjo da Guarda. Passei toda a semana ouvindo histórias autênticas de pessoas salvas sob as asas protetoras desses nossos amigos invisíveis. Não resisto à angelical tentação de contar uma delas, ocorrida com uma colega aqui da Redação. Vamos chamá-la de Annamaria.

Vamos lá. Annamaria ficou grávida de seu primeiro filho. Assim que soube, resolveu escrever — jornalista adora escrever e engravidar nas poucas horas vagas, num Diário, tudo que ocorria com ela e a gravidez. Aquelas coisas todas. Descobri hoje que estou grávida. Hoje ouvimos o coraçãozinho dele batendo. Vai ser menino! Começou a chutar a minha barriga. Hoje tive desejo de comer mortadela com goiabada. Fiz outro ultra. Está tudo bem. Como esse menino mexe, meu Deus. Acho que chuta com os dois pés. Não agüento de vontade de fumar, mas vou segurar, meu filho. Essas coisas. Quem já teve filho entende. Assim por diante, até que o pimpolho nasceu, encerrando, assim, o ciclo do diário da gravidez. Ponto final? Ledo engano.

Annamaria guardou a sete chaves, com chaves de ouro, a preciosidade, esperando, creio, mostrar um dia para o filho quando este pudesse ler e entender os nove primeiros meses de vida dele, ainda que intra-uterina.

Passado mais de um ano, uma amiga dela — vamos chamá-la de Claudia, ficou grávida. Annamaria emprestou o seu Diário para Claudia, achando que poderia ser útil e pediu que ela tomasse o maior cuidado do mundo. Claro, respondeu Claudia. E não é que a Claudia, estabanada e distraída, esqueceu o Diário dentro de um táxi? *Never more*. Desesperadas, as duas ligaram durante dias, semanas, para todos os sindicatos, associações de taxistas, frotas, o escambau. Nada. O Diário havia desaparecido para sempre. E o filhinho da Annamaria — vamos chamá-lo de Moreno, jamais ficaria sabendo direitinho das contrações, ações e reações, amores, cuidados e carinhos de sua mãe, naqueles meses.

Corte.

Semanas depois, Annamaria recebe um telefonema. Uma mulher anônima — vamos chamá-la de Carol, e humilde, havia achado o Diário. E lá tinha o telefone da diarista de plantão. Do lado de cá da linha, Annamaria quase morre de alegria, e limpando lágrimas paralelas em cima das laudas do jornal, não sabe como agradecer.

Começam a conversar e Carol confessa, meio envergonhada, que havia lido, muito emocionada, todo o Diário, pois, por uma incrível coincidência, estava grávida na mesma época e hoje tinha uma filha — vamos chamá-la de Maria. Maria teria pois, hoje, a mesma idade de Moreno. Mas contou mais a desconhecida e salvadora Carol. Maria tinha um problema de nascença e precisava fazer urgentemente um transplante de medula muito especial e que só uma faculdade de São Paulo poderia realizá-lo. Havia o problema de uma fila enorme e de um dinheiro ainda maior.

Aqui entra o Anjo da Guarda.

E eu garanto que a história é verdadeira. Aquela que escreveu o Diário, a Annamaria, é filha do Reitor daquela faculdade. Chorou Annamaria, chorou Carol, chorei eu quando ouvi a história. Vocês acreditam? Não é coisa de Anjo da Guarda?

Maria fez o transplante e passa otimamente bem. Annamaria voltou a guardar o seu santo Diário.

Daqui a uns anos, ambas, Annamaria e Carol, vão lê-lo para Moreno e Maria.

Tá lá no Aurélio, Carol: "Anjo da Guarda: espírito celeste que se crê velar sobre cada pessoa, afastando-a do mal e inclinando-a para o bem".

Ainda bem, né, Maria?

*P.S.: "Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas **não é mera coincidência**", como se diz nas histórias de ficção...*

• • •

9

Mario Prata

AS TRÊS MOÇAS DA DOUTOR BACELAR

Uma das primeiras crônicas que eu escrevi aqui no **Estadão** foi sobre a Síndrome de Pânico. Até hoje encontro pessoas que tiveram o mesmo problema que eu, leram a crônica, e trocamos pânicos simpaticamente. Outra foi sobre a sala de espera de um consultório psiquiátrico. A de hoje é uma mistura das duas, vários pânicos e algumas salas de espera depois.

Na semana passada, comecei a sentir sintomas novamente. Achei que poderia achar que estava entrando em pânico de novo (fica tranqüila, mãe, foi só uma ameaça). Ameaça ou não, fui ao meu velho (jovem) e bom psiquiatra. Infelizmente não havia ninguém na sala de espera para que eu me divertisse imaginando a loucura de cada um.

Sentei-me na poltrona. Nego-me ao divã. Jamais me deitarei num divã, de costas para o homem. E começamos aquele lero-lero de louco para louco. O consultório dele fica num 12º andar, com uma vista bonita lá para os lados do Ibirapuera. Já havíamos tocado naqueles pontos básicos do pânico, como a mãe da gente (qual é a mãe que não deixa a gente em pânico?), dos filhos da gente (filho adolescente dá pânico, sim) e da namorada (é sempre um panicozinho), quando eu observei, pela janela, do outro lado da rua (provavelmente na Doutor Bacelar), uma moça que acabava de acordar e estava, sumariamente vestida, na varanda do seu (suponho) também 12º andar. Dava para ver bem o jeitão (jeitinho) dela. Pouco mais de 20 anos, se tanto. Loira, cabelos compridos onde ela teimava em passar um pente branco e grosso diante do vento quente daquela manhã.

O doutor fazendo explanações sobre os meus problemas e eu, alheio, olhando pela janela, resmungava uns sins e uns nãos, quando não passava de hum-hum. Foi quando ele pediu que eu falasse da minha relação com não sei mais quem, que eu vejo que surge outra moça na sacada. Devem ser irmãs, pensei. A segunda irmã era ainda melhor. Shortinho, joelho carnudo, firme e, para minha maior excitação, mordia uma suculenta banana. Devem ser

estudantes de Medicina da Paulista. Devem morar no interior. Comecei a viajar na história delas. Meu pânico tinha ido para o diabo. Estava, literalmente, nas nuvens, já me imaginando deitado no divã delas, contando tudo-tudo-tudo.

Mas o meu psiquiatra me trazia de novo à realidade pancada dos meus dias terrenos. E financeiramente, como está? Sempre me dá vontade de dizer que estou na pior, para uma certa compaixão dele na hora de deixar o pagamento. Acho que era Freud o assunto agora. Ou seria esquizofrenia?

Foi quando entrou na sacada, lá do lado de lá, que estava cada vez mais do lado de cá, a terceira. Outra irmã? De calcinha e soutien? Estava. E o mais grave e estimulante: escovando os dentinhos. Não há nada que excite mais um homem do que uma mulher escovando os dentes, numa sacada, a 50 metros da realidade, com o vento batendo nos seus cabelos loiros e aneladinhos. Como escovava bem os dentes, a menina! Ia fundo, girava nas laterais, de baixo para cima, em ovais nas gengivas. Exatamente como os dentistas mandam a gente escovar.

Foi quando ele sacou que eu não estava nem aí. Disse para ele o que eu estava vendo. Ele se levantou (o que me deu liberdade para me levantar também) e fomos ambos para a janela. Ele gostou. Gostou tanto que abriu um pouco mais a persiana para a gente ver melhor. Ele se amarrou mais na que mordiscava a banana e eu fiquei com as outras duas, embora não tirasse o olho da que escovava os dentes.

Lembrei-me de um sabonete de muito antigamente (no psiquiatra, a gente lembra de cada coisa!) chamado As Três Moças do Araxá. Na embalagem, o desenho de três lindas meninas. Aquelas mesmas que estavam ali, na nossa frente, preparando-se para enfrentar o dia-a-dia, o pânico-a-pânico. Não sei se foi o Drummond ou o Bandeira quem fez uma poesia para as meninas do Araxá. Mas alguém fez.

Deixamos o meu pânico para lá e tecemos comentários sobre a anatomia de cada uma. A visão anatômica de um médico sempre deve ser considerada, nessas horas. Elas riam, estavam felizes. Nós dois também. O tempo da "consulta", infelizmente, acabou.

— Você está ótimo!, disse-me ele.

— Você também!, disse eu, vendo a persiana se fechar.

Paguei (com prazer) e perguntei:

— Posso voltar amanhã?

— Claro. Mesma hora?

• • •

10

Mario Prata

O AMIGO QUE TRABALHAVA E O AMIGO QUE BEBIA

Eram dois amigos. Grandes amigos de infância. No interior.

Já no ginásio, apesar de continuarem amigos, cada um tinha uma predileção na vida. Um gostava de estudar e trabalhar. E só pensava numa coisa: carros! O outro não gostava nem de estudar nem de trabalhar. O outro gostava de cerveja. Muita cerveja.

No curso científico, o que gostava de estudar estudava e já trabalhava. Em pouco tempo, comprou um Gordini preto, sensação da época para bolsos ainda não muito polpudos. Passava pelo bar onde o outro estava a beber para exibir a novidade. Acenava, orgulhoso. O outro, que não gostava nem de estudar nem de trabalhar, bebia cerveja. Retribuía o cumprimento, sorrindo, feliz. O amigo estava fazendo o que gostava.

Logo entrou na faculdade, o rapaz do Gordini. Estudava de noite, trabalhava duro o dia inteiro. Foi quando comprou um Fuscão quase zero, vermelho. Passava pelo bar e acenava. O outro não estudava, não trabalhava. Bebia cerveja. E sorria feliz batucando um sambinha na mesa de lata.

Antes mesmo de se formar — e sempre dando duro —, já havia passado por uma Vemaguete verde, daquelas que abriam a porta ao contrário, um Aero Willys bordo de bundinha arrebitada e, por fim, a grande novidade do final dos 60, um Fissore da DKW. O outro, nem patinete tinha. Como bebia cervejas, o rapaz!

Formou-se, o outro rapaz, o do Fissore, com as notas as melhores. Montou uma banca de advocacia e logo estava dirigindo um possante Simca Chambord Presidente, todo amarelo com uma tarja branca nas laterais traseiras. O outro? Bebia, é claro.

Nos anos 60, comprou um prateado carro conversível, um Puma e ainda um MP Lafer conversível, fora a Rural para ir à chácara. Cada dia saía com um, para passar em frente do bar. Mostrar ao amigo o progresso. E o amigo lá, já barrigudinho, entornando suas cervejas. Mas nunca deixaram de se acenar,

amigos que eram de infância. Um respeitava o outro.

O tempo passou, o que trabalhava já tinha um Monza hidramático com vidros que subiam e desciam num simples dedilhar de botão. Trabalhava muito, é verdade. Mal tinha tempo para a esposa e os filhos. Na fazenda, tinha uma camionete de duas cabines, a última moda. E o amigo dele nem bicicleta para se levantar do bar e voltar para casa.

E trabalhando cada vez mais, conseguiu chegar ao ponto máximo da sua carreira de dono de carro. Foi quando comprou uma Mercedes Benz que só faltava falar. Tinha botão pra tudo. Tudo eletronizado. Era o carro dos seus sonhos.

E foi logo no dia seguinte que tal maravilha chegou que ele resolveu dar uma volta pela cidade. Passou pelo bar, mas o amigo — incrível! — ainda não havia chegado. Saiu pela cidade atrás dele. No primeiro sinal, o amigo, aquele que bebia, pára, dirigindo um reluzente Rolls Royce ao seu lado. E o que tinha trabalhado a vida toda não acreditou naquilo:

— De quem é esse carro? — perguntou o esforçado trabalhador.

— Comprei, cara!

— Comprou como? — indagou incrédulo.

O amigo apenas sorriu e acenou feliz.

— Mas como? — disse com uma certa inveja e um declarado ciúme. Como é que você comprou esse carro se nunca estudou, se nunca trabalhou, se passou a vida toda bebendo cerveja no bar?

E o amigo, engatando uma azeitadíssima primeira, sorriu e disse:

— Vendi os cascos!

E foi em frente. Em silêncio, como só os Rolls Royces conseguem fazer.

Nota — Esta história é de domínio público.

• • •

11

Mario Prata

VOCÊ JÁ ASSEDIOU ALGUÉM HOJE?

Antigamente não existia esse negócio de assédio sexual. Quer dizer, existir, existia, mas não dava rolo.

O rolo era coisa da sociedade americana do norte, com suas influências bretãs e irlandesas.

Foi lá que as mulheres começaram a votar e a reclamar seus direitos. Com toda a justiça.

Veja o caso do Mike Tyson, por exemplo. Pegou três anos de cana porque uma moça subiu ao quarto dele, às duas e meia da manhã. O que achava que o Tyson queria com ela? Jogar buraco? Eu não entraria no quarto daquele crioulo nem de dia. Deu no que deu. A mocinha inocente disse que viu a coisa preta e pôs a boca no, digamos, mundo, e todos sabem o que aconteceu.

Se fosse o Maguila, não seria preso. Isso naquele tempo. Porque agora, com essa nova mania de querermos ser primeiro mundo, a moda pegou de vez aqui no Brasil. Cuidado, homens. Uni-vos. Tudo agora está sendo considerado assédio sexual. Melhor nem sair mais de casa.

Os jornais não falam noutra coisa. Dentro em breve, todos os grandes jornais, ao lado dos cadernos de política, economia, esportes, vão ter o seu caderno ASSÉDIO.

O caso do Wanderley Luxemburgo, por exemplo. Parece-me que era a pedicure que estava pegando no pé dele. Ele fazia as unhas do pé. Um homem que faz as unhas do pé não me parece tão ofensivo assim. Mas não foi o que a moça disse por aí. É provável que ali, num quarto de hotel, o técnico bastante ofensivo tenha dado uma cantada na menina. Você viu a foto dela no jornal?

Então, que fique claro que, agora, dar uma cantada chama-se assédio sexual e pode dar cana.

Aí surgiu no sábado outra menina, esta menor, dizendo que o mesmo craque havia dado uma cantada nela. E quer justiça.

Eu fico pensando onde é que isso vai parar. Se parar, é claro.

Os juízes brasileiros precisam fazer logo um concílio para definir as novas regras do jogo. O que pode e o que não pode. Uma espécie de catálogo para ajudar nós, homens, e proteger as mulheres.

Por exemplo: piscar. Piscar pode? Pode ser que possa, mas, se piscar e puser a lingüinha para fora, tá ferrado.

Tirar para dançar e dançar de rosto colado? Rosto colado pode ser que não seja crime, mas colar a parte de baixo será baixaria.

Colocar um cigarro na boca e pedir fogo para a mulher. Pode ser mal interpretado. Muito cuidado. Não vá pondo a mão no fogo por qualquer uma.

Mandar flores pode. Mas cuidado, muito cuidado, com o que você vai escrever no cartãozinho. Um cartãozinho pode lhe valer um cartão vermelho e alguns anos de prisão.

Na praia, oferecer um sorvete para ela chupar. Aí depende de como você vai sorrir ao usar a palavra chupar. Principalmente se o sorvete for de pauzinho. E não use, nunca, a palavra lambidinha.

Ao comprar camisinha de uma moça, na farmácia, deixe bem claro que você está perguntando se ela tem camisinha é para vender. Ela pode interpretar mal.

Encostar o joelho na passageira do lado. Pelo amor de Deus, nunca mais faça isso. Além da bolsada, um processo imenso.

Claro que eu não preciso dizer aqui que aquela história de convidar a dengosa para ver a coleção de borboletas já é coisa do século passado. Pior ainda é você pedir para ver a borboleta dela.

Se formos pensar bem, pedir em casamento é o maior dos assédios sexuais. Porque fica claro, definitivamente, as suas intenções sexuais com a mocinha. Convém, como antigamente, mandar o pai da gente fazer o serviço.

E não saia por aí dizendo, a torto e a direito, para nenhuma mulher que ela é linda. Mesmo que ela seja horrorosa como algumas dessas ingratas que estão reclamando na Justiça.

E você, minha amiga leitora, não me venha chamar de machista que isso, sim, pra mim, que é assédio sexual.

Como diria o mestre Aurélio, assédio é um "cerco posto a um reduto para tomá-lo". Precisamos saber, agora, o que é um reduto.

Voltemos ao Aurélio. Reduto: "recinto construído no interior de fortaleza para aumentar a resistência desta".

"Ficamos" assim, como dizem os jovens. Que "ficam" e ninguém reclama.

• • •

12

Mario Prata

A SABER: BICICLETA, ABELHAS E FILOSOFIA

Praia da Baleia, litoral norte, com chuva de quarta a domingo. Um dia, fim de tarde, ameaçou um solzinho e eu resolvi entrar no mar. Ou seja, só as canelas.

Maré baixa, praia larga, duas traves de futebol e foram chegando pescadores e filhos de pescadores para um racha.

Voltou a chuva, ainda que fininha — mas fria, e eu resolvi entrar. Na casa ao lado da minha, um garoto veio de bicicleta até o portão, (fechado) para ver o jogo. Por um instante — não mais que isso, bati o olho nele.

Ele estava sentado na bicicleta, apoiando-se no chão com a perna direita. Achei que ele não queria dar bandeira que estava assistindo ao jogo, sei lá por quê. Senão, teria descido da bicicleta e sentado no murinho. Mas não, ele parecia estar ali de passagem.

Da minha varanda, fiquei assistindo ao jogo e ao garoto. O jogo tinha suas regras: quem chutava a bola para fora tinha que ir buscar. Até mesmo quem fizesse o gol. Com camisa versus sem camisa, como convém num bom racha. O garoto tinha apenas uma regra: não se mexia. A perna dele devia estar doendo.

A chuva aumentou. Os pescadores foram embora. O garoto deu um grito para dentro. Surgiu um outro, irmão talvez. Ele desceu da bicicleta e foram jogar futebol.

Até agora, eu não entendi por que ele não jogou com os pescadores e seus filhos.

Antônio (19, estudante de Filosofia) estava na rede. Uma abelha tentava morder a perna dele. Conseguiu. Irritado, deu uma chinelada nele mesmo e matou a bisbilhoteira.

Tenório (55, psicanalista) tenorizou:

— Não faça isso, Antônio. Agora, com ela morta, virão várias abelhas para cá.

— Imagina...

— Verdade. Tem um sujeito que ganhou o Prêmio Nobel com essa teoria. As abelhas têm uma espécie de antena, de radar, que faz com que uma saiba onde está a outra. Como radar de avião. Elas mantêm uma rede aérea de comunicações.

Daqui a pouco, isso aqui vai estar cheio de abelhas. Primeiro vem uma para ver por que a que morreu deixou de transmitir ondas. Depois ela chama as outras. Isso aqui vai ficar um inferno.

Tenório ainda disse o nome do Nobel e o ano do prêmio.

Não deu outra. Em cinco minutos, Antônio estava correndo, fugindo das outras aeronaves picantes.

Depois que voltou:

— Tenório, um dia eu vou produzir um programa de televisão com você. Por enquanto, tenho apenas o título: "Pergunte ao Tenório".

Mais tarde, Antônio, que estuda Filosofia na USP, falava dos mestres:

— Eu não sei por quê, mas por que é que todo filósofo, quando vai citar alguns exemplos, sempre diz "a saber"?

— Como assim?

— Exemplo: eu tenho dois irmãos, a saber: fulano e fulano. Está entendendo? Não precisa nunca usar o "a saber". "A saber" não significa absolutamente nada. Nada! Me irrita isso. "Sobre este assunto, tenho três teorias, a saber." Me explica, tem que ter o "a saber"?

E por falar em filósofos, enquanto chovia, Ruth (30, editora) contava a história de um grupo de professores de filosofia que se reuniu para discutir certos aspectos da profissão.

Ficaram numa espécie de pensão, e discutiam o dia inteiro.

A empregada do local, só de olho naqueles homens que ficavam o dia inteiro a discutir, foi ficando intrigada.

No último dia do encontro, ela não resistiu e perguntou a um deles:

— Desculpa a minha curiosidade, mas vocês vieram fazer o quê, aqui?

— Viemos discutir filosofia.

E então, ela filosofou:

— E chegaram a alguma conclusão?

• • •

13

Mario Prata

MEU FILHO, O PAI DO CONY, GARRINCHA E BALTAZAR

Oi, geeeeeeente! Olha eu aqui de novo. Agradeço ao Mauro ter ocupado este espaço com suas sambísticas crônicas.

Depois de escrever durante quase três anos aqui neste espaço, nas férias senti um vazio profundo. Todo domingo, acordava e pensava no que deveria escrever. Fui amontoando idéias.

(Sou obrigado a interromper esta crônica — é meio-dia da segunda-feira — para informar — orgulhosamente — que o meu filho entrou na USP. Filosofia. Todo pai é mesmo igual. Baba sobre a própria criação. Mas vamos voltar ao que interessa.)

Eu dizia que fui amontoando idéias. De repente, percebi que todas elas tinham algo em comum: a idade, o envelhecimento. Hoje sei o motivo. É que eu faço 50 anos (!!!) domingo. Dá mesmo para parar e pensar no assunto. Olhar para trás e tentar ver o que vem pela frente. Fazer promessas. Fumar menos, beber menos, casar de novo, coisas assim, quase impossíveis.

Tudo começou quando li o livro *Quase Memória*, do Carlos Heitor Cony, que não sei por que ainda não figura entre os dez mais vendidos. Trata-se de uma obra-prima. Sem dúvida, o melhor livro que eu li nos últimos dez anos. Cony-personagem conta a vida, venturas e desventuras do seu pai. Você chora e ri ao mesmo tempo. E ali está constante o problema da idade, é claro. E faz a gente pensar no nosso próprio pai (hoje com 84 anos) e nos nossos filhos (hoje com 18 e 16).

Depois li um livro maravilhoso sobre o alcoolismo, escrito pelo Ruy Castro. Chama-se *Estrela Solitária*, que é como ficam os alcoólatras depois de um certo tempo. Para escrever o livro, Ruy Castro pegou, como pano de fundo, a vida do Garrincha. Aconselho o livro para quem gosta de futebol e muito álcool. Dá para pensar seriamente em parar de beber para sempre. Obrigado pelos toques, Ruy. E um beijo na grande Elza Soares.

Mas o mais trágico nessas minhas leituras foi uma notinha (bem pequena) que eu li nos jornais e deve ter passado despercebida por muitos. Falava do

Baltazar. Quem não se lembra de Cláudio, Luizinho, Baltazar, Carbone e Simão, o arrasador ataque do Corinthians em meados dos anos 50?

Baltazar era muito mais ídolo que o Luizinho, o Pequeno Polegar, por exemplo. Pelo menos para mim, ainda garoto e já corintiano. Pois era ele quem fazia os gols. De cabeça. Era conhecido como O Cabecinha de Ouro.

Me lembro que na Copa de 54, o Brasil chegou até as quartas-de-final e iria enfrentar a poderosa Hungria. Os húngaros mandaram chamar um zagueiro de 2 metros para marcar o Cabecinha de Ouro. Não deu outra. Perdemos de 4 a 2 e voltamos para casa. Eu tinha 8 anos e ouvi o jogo pelo rádio. Baltazar era o meu ídolo.

Mas voltemos à notinha dos jornais. Dizia que o centroavante fora encontrado, quase nu, andando por uma praia do litoral paulista, sem destino e sem memória. Estava desaparecido de casa há cinco dias. E mais nada informava. Será que a garotada da imprensa esportiva não sabe quem foi o Baltazar e a nota era para ser primeira página? No mínimo.

Fiz as contas e ele estava desaparecido desde o dia da estréia do Edmundo onde o colega de Baltazar, Luizinho, fora homenageado pelo time corintiano jogando cinco minutos para, depois, ceder seu lugar ao craque que vinha do Flamengo.

Será que têm alguma relação a homenagem ao Pequeno Polegar Luizinho e o desaparecimento do Cabecinha de Ouro Baltazar? Talvez.

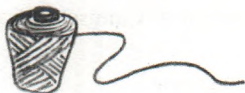
Pois foi com estes três personagens que perambulei pelas minhas férias, louco para voltar a escrever para vocês. O falecido pai do Cony, o genial Garrincha e o desmemoriado Baltazar. E, é claro, a proximidade do meu meio século (!!!).

Me desculpem se voltei meio baixo-astral. Tenho certeza que, depois dos 50 anos, voltarei com mais bom humor. E mais sábio e mais experiente. Afinal, não só sou eu que estou fazendo 50. É toda a minha geração, é claro. E a minha barriga é a menor de todos eles. Apesar da cerveja e de uma certa saudade de mim mesmo.

• • •

14

Mario Prata

E SE A MODA DO BARBANTE PEGAR?

Há dezesseis anos, em 79, o diretor de cinema e teatro (e meu amigo) Ruy Guerra estava hospedado na minha casa e a minha mulher com uma dor de cabeça que Doril nenhum fazia sumir. Ruy é de Moçambique, na África. Receitou o "remédio" usado pelos negros contra essas dores. Cheirar barbante queimado.

Eu explico. Pega-se um barbante — desses normais —, coloca-se fogo na ponta. Pega fogo, é claro, pois é de algodão. Aí você dá uma assopradinha de leve e fica apenas aquela pontinha vermelha fumegante. Você aproxima a fumacinha numa narina — tapando a outra — e aspira três vezes. Depois faz o mesmo na outra. Não sei se dilata o que estava comprimido dentro da cabeça ou se comprime o que estava dilatado. O que sei é que o resultado é instantâneo. Se, na primeira cafungada não der certo, repete-se a dose.

O que eu posso garantir, por várias experiências próprias e de amigos, é que a dor some mesmo. Se, depois de alguns segundos, voltar, aplica-se o mesmo método. É infalível. Quem já cheirou sabe disso.

Só que para os iniciantes no tratamento dá um, digamos, baratinho. Você fica um pouco tonto com a experiência. Mas logo passa, assim como a dor.

Não sei o que os médicos, ao lerem aqui esse milenar tratamento africano, vão pensar de mim.

Principalmente esse negócio de dar um baratinho. Você sabe que tudo que dá barato no Brasil é logo proibido. Nada é barato neste país, impunemente.

Mas, se a moda pega, você vai poder chegar num bar, pedir uma cervejinha e um barbante. E ficar ali, cheirando. E o garçom vai perguntar:

— Barbante para todo mundo?

— Como é a dose?

— Temos de 5, 10 e 15 centímetros.

— Tá bem servido. Dá um de 10 que a gente cheira em quatro.

Claro que vão surgir barbantes "fracos", falsificados no Paraguai. Os americanos vão logo fazer maços com barbantes, como fazem com os cigarros.

Vão começar a colocar sabor de menta, filtro branco, long size, etc.

E o Ministério da Saúde vai colocar um aviso: O Ministério da Saúde adverte: Cheirar barbante é prejudicial à saúde. Ou: Não cheire barbante na frente das crianças. Grávidas não devem cheirar.

Vão logo proibir a venda de barbante para menores de idade, que são os que mais têm dor de cabeça na hora de decidir uma profissão.

Ao viajar, o marido, vendo a mulher fazer a mala, vai logo perguntar:

— Colocou cueca? Meia? Camiseta? Pijama? E barbante, tá levando quanto?

— Um rolo.

— Do fino ou do grosso?

— Do grosso, é claro.

Isso é que é esposa, o resto faz tricô, que dá outro tipo de barato. Será que passa na alfândega de Miami?

E, com todo mundo cheirando barbante e sem dor de cabeça, o governo vai começar a se preocupar. Como pode um povo, que vive nas condições que vivemos, viver sem dor de cabeça? Vão proibir o barbante, é claro. A venda será controlada. Tarja preta, apenas com receitas de psiquiatras, com carimbo e firma reconhecida. Vendedores de armarinhos serão subornados, evidentemente.

Mas, é claro, vão surgir logo os traficantes de barbante. As apreensões. As autoridades vão cismar com o barbantinho do chaveiro, ali disfarçado. Detido polonês em Viracopos com 2 metros e meio de barbantes. Levava para a Dinamarca. Vai haver queimada de barbantes. A população vai ficar por perto vendo e tentando pegar uma fumacinha no ar.

Presentes serão embrulhados com barbantes de plástico, até que os meninos descubram, na rua, que o plástico dá mais barato que o esmalte.

Suprimam-se então os barbantes. E as cordas. Nada de cordas. Sim, porque os grandes viciados já estarão cheirando cordas de duas polegadas de largura. O enforcado poderá pedir, como último desejo, uma cheiradinha, ali mesmo, na forca.

O Natal em família, com tantos presentes, será uma orgia. Velhinhas tontinhas, netinhos rolando pelo chão. Amigos secretos distribuirão barbantes secretíssimos.

Andar com barbante na bolsa será crime inafiançável. Fernando Cardoso dirá que já cheirou, mas não bateu. Clinton pedirá barbantes ao Brasil. Alíquotas de 32 por cento. Menem brigará com o Brasil porque não estamos mais importando barbante argentino. O cartel de Cali produzirá barbantes. As favelas do Rio terão a guerra do barbante. O Exército irá intervir. Muita gente morrerá.

Mas sempre haverá um jeito de arrumar barbante:

— É do bom, veio de Moçambique.

E é claro que, um dia, um navio vai jogar no mar latas e mais latas enroladas com barbante. Vão bater nas praias brasileiras. E quem achar vai se orgulhar:

— Esse é da lata! Dá só uma fumegada que bate.

Seria tão bom que a gente não tivesse mais dor de cabeça. Um dia, ainda chegaremos lá. Mesmo que o governo advirta que não ter dor de cabeça é prejudicial à saúde.

• • •

15

Mario Prata

QUEM TEM MEDO DO BRÁULIO DE BRITTO?

Juro que não resisti. Aliás, tentei. Mas, durante toda a semana, os Bráulios invadiram, e com razão, a minha cabeça. Ainda bem que foi a cabeça.

Nosso excelente ministro voltou atrás e mandou cortar os Bráulios da televisão. Fimosíssima censura. Ele deve ter pensado até nele mesmo. E se o nome fosse Jatene, já pensaram? É um bom nome, lembra jato. Mas as pessoas diriam: "E aí, como vai o seu Jatene?". E o outro, velhinho: "Ih, o meu agora é jaera. Não tene más".

Pensei num amigo meu que se chama Braulinho, já que o pai também é Bráulio. Já pensaram a gozação? Ou a falta de gozar? Já o pai é o Braulião. Dizem.

Por outro lado, meu irmão Leonel Prata, dono da Cartaz Editorial (que publicou o meu *James Lins*), possui um (desculpem) pênis que sempre se chamou, há mais de 30 anos, Bráulio. Aliás, Bráulio de Britto (com dois tesões, como faz questão). Bráulio de Britto, durante os anos duros da ditadura, chegou a escrever alguns artigos na revista *Homem*. Chegou até mesmo a sofrer um processo por difamação ao Hino Nacional, quando Bráulio espermou um texto ao lado de uma (digamos) Bráulia nua, com o texto: "Elvira da Ipiranga". Nunca acharam o Bráulio de Britto para depor, pois ele era muito mais de pôr do que de depor. Estava cabisbaixo e mudo dentro da cueca do meu irmão, donde, diga-se de passagem, nunca mais saiu. Pelo menos para escrever pornografias.

Agora estão dizendo que, onde se lia (e via) Bráulio, vão colocar Campeão. Vai dar o mesmo rolo. Vão perguntar aos jogadores: "E então, dá para ser Campeão?". E eles vão responder: "Se Deus quiser, não!". Vice-Campeão, então, nem pensar. Ou então: "Emerson é o grande Campeão em Indianápolis". "Foi Campeão de ponta a ponta." Ou então, "Rubinho para chegar a Campeão tem, primeiro, que acertar a sua máquina. Sempre quebra na hora da chegada". "O Campeão derrapou." "Derrubaram o Campeão." Tenho certeza que o Romário vai mandar o segurança dele dar uma porrada em quem o chamar de tetraCampeão! Ou melhor, talvez goste.

Outros já sugeriram Rui Barbosa, para os mais cabeçudos. E aqueles magrinhos bem que poderiam se chamar Maciel. Finos e tortos para a direita. E morando no Jaburu, palavra de boas e fáceis rimas.

Fala-se também em Negão. Mas esse não era o do Pelé? Quando a Xuxa viu a coisa preta? E o jogador de vôlei, o Negrão, como fica? "Subiu o Negrão e meteu a mão na diagonal. Negrão derruba dois russos com um só golpe." Não vai dar certo. Já o Maguila talvez goste de ser chamado de "O Campeão das Américas". Só caiu quatro vezes. "Campeão beija a cona, perdão, lona!"

Pênis só médico fala. Pipi é infantil. Passarinho, o ex-ministro iria estrilar. Pimpão, mulher nenhuma vai levar a sério. Vai ser um problema para a agência de publicidade. Falos poderia ser bom, mas logo viria a brincadeira: "Falô e disse". Ou: "O seu não está falando nada". Jânio diria: "Falo porque qui-lo". É, o Ministério está com um pepino (literalmente) nas mãos.

Mas tudo isso me fez lembrar uma piada nova que ronda a cidade.

É a história de um Mineirinho (será o do Ziraldo, o que nunca broxou?) que foi para Las Vegas jogar. Estava lá ele com as fichas, olhando a mesa de roleta. Um amigo, da excursão, chega:

— Não está jogando, por quê?

— Tô sem parpite... Sem parpite...

— Faz o seguinte: joga no número do dia do seu aniversário, no aniversário da sua mulher, dos seus filhos, da sogra...

— Boa idéia, já que não tem 51.

O amigo foi rodar por outras mesas. Voltou, o Mineirinho já tinha ganho um milhão de dólares e tinha parado de jogar outra vez.

— O que foi, Mineirinho?

— Tô sem parpite di nôvu.

— Faz o seguinte: joga no tamanho do seu sexo.

Mineirinho pensou, pensou, pegou todas as suas fichas e jogou tudo no 25.

Deu pleno 13, na cabeça. E ele, todo desanimado e desenxabido:

— Pirdi de ixibido!...

• • •

16

Mario Prata

QUEM ESCREVE AS BULAS?

Quando me perguntam a profissão e eu digo que sou escritor, logo vem outra em cima: de quê? De tudo, minha senhora. De tudo, menos de bula. Romance, cinema, teatro, televisão, poesia, ensaios, tudo-tudo, menos bula!

Não que eu não aprecie as bulas. Pelo contrário. Adoro lê-las. E com atenção. E, sempre, depois de ler uma, já começo a sentir todas as **reações adversas.**

Admiro, invejo esse colega que escreve bulas. Fico imaginando a cara dele, como deve ser a sua casa. Que papo tal escrivão deve levar com a mulher e com os vizinhos?

Tal remédio **é contra-indicado a pacientes sensíveis às benzodiazepinas e em pacientes portadores de miastenia gravis (sic).** Dá vontade de telefonar para o autor e perguntar como é que eu vou saber se sou sensível e portador.

Quanto ele ganha por bula? Será que ele leva os obrigatórios 10 por cento de direitos autorais? Merecem, são gênios.

Jamais, numa peça de teatro, num roteiro de um filme ou mesmo numa simples crônica, conseguiria a concisão seguinte: **é apresentado sob forma de uma solução isotônica (que lindo!) de cloreto de sódio, que não altera a fisiologia das células da mucosa nasal, em associação com cloreto de benzalcônio.** Sabe o que é? O velho e inocente Rinosoro.

Vejam o texto seguinte e sintam na narrativa como o autor é sádico: **você poderá ter sonolência, fadiga transitória, sensação de inquietação, aumento de apetite, confusão acompanhada de desorientação e alucinações, estado de ansiedade, agitação, distúrbios do sono, mania, hipomania (?), agressividade, déficit de memória, bocejos, despersonalização, insônia, pesadelos, agravamento da depressão e concentração deficiente. Vertigens, delírios, tremores, distúrbios da fala, convulsões e ataxia.** Pronto, tenho que ir ao dicionário ver o que é ataxia, já sentindo tudo descrito acima.

Quem mandou ler?

E quem tem úlcera pélvica não pode tomar remédio nenhum. Está

condenado à morte. Toda bula odeia essa tal de úlcera pélvica. As demais úlceras entram como codjuvantes nos textos dos autores buláticos (tem a palavra no Aurélio).

E as gestantes (é como os buláticos chamam a grávida)? Elas não podem tomar nenhum remédio. Os nobres coleguinhas odeiam a gravidez.

E, se você tem **intolerância conhecida aos derivados pirazolônicos**, te cuida, irmão. Deve dar em gente nascida em Pirassanunga e região.

Para todo remédio uma bula diferente, um estilo próprio, um jeito de colocar a vírgula diferente.

Tudo isso para dizer que outro dia, na cama, com a parceira amada, pego uma camisinha na mesinha e abro. Sabe o que estava escrito lá dentro? **Parabéns! Você adquiriu o mais avançado e seguro preservativo do mercado brasileiro**. Era uma bula. Escrita por algum tarado sacana, é claro, dentro da camisinha. Claro que me entusiasmei e segui a leitura deixando a amada de lado. Broxei, é claro. Mas fiquei sabendo que **o agente espermicida nonoxinol 9 é contra as DSTs.**

Depois dessa informação, aí, sim, voltei para a alcova. Mas e a amada, onde estava?

E lembre-se sempre: todo medicamento deve ser mantido fora do alcance das crianças. E não tome remédio sem o conhecimento do seu médico. Pode ser perigoso para a sua saúde.

E pra cabeça!

• • •

17

Mario Prata

"CRIANÇA DIZ CADA UMA..."

Há muito tempo, o jornalista e dramaturgo Pedro Bloch tinha uma página na revista *Manchete* com o título acima. Contava histórias engraçadas e inusitadas acontecidas com crianças que passavam pelo seu consultório.

Outro dia, achei uma revista dos anos 60 e me diverti muito com o Bloch. E me lembrei de histórias recentes com filhos ou filhas de amigos meus que, tenho certeza, o velho jornalista não titubearia em manchetá-las.

• • •

O protagonista da primeira delas é o Antonio (homenagem ao meu filho?), filho da velha amiga Maria Emília Bender, digníssima editora da Companhia das Letras, e do grande italiano Lorenzo, ilustre professor de música na Universidade de São Paulo.

Antonio, 6 ou 7 anos, tinha o aniversário de um amigo, o Bruno, lá num daqueles bufês no Itaim. Festa das 6 às 9 da noite. O pai Lorenzo, conhecido por suas distrações cá no Brasil, ficou de levar o garoto ao tal bufê. Depois iria pegar a Emília, iriam a um cinema e voltariam para buscar o menino.

E assim foi feito. Lorenzo deixou Antonio no bufê, pegou a esposa e foram para o cinema. Nove da noite, conforme o combinado, foram buscar o pimpolho. Tocaram a campainha, veio o menino.

Já no carro:

— Tava boa a festa do Bruno, filho?

— A festa tava boa, só que você errou de bufê. Era aniversário de uma menina que eu nunca tinha visto na vida. Mas foi legal. Ajudei até o mágico. O nome dela é Andréa.

• • •

A segunda história é da minha mais recente afilhada, a Maria Shirts, filha do Mateus e da Silvinha.

Deu-se que o pai da Silvia morreu, o velho e bom Lori. Maria, 5 anos, insistiu em ir ao velório ver o avô morto. Foi levada (nos dois sentidos).

No colo da mãe, ficou ali alguns segundos, olhando para o avô. A sala cheia. De repente, ela pergunta bem alto, como são, geralmente, as perguntas impertinentes:

— Mãe, como é que ele sabe que morreu?

Risadas filosóficas e generalizadas.

• • •

Já disse que meu filho se chama Antonio. Um dia, ele tinha uns 4 anos, dei uma bronca nele sei lá por que e ele me xingou, feroz:

— Você é uma anta!!!

No que eu, sem perder a calma, perguntei:

— Ah, é? E quem é filho de anta, o que que é?

Pensou dois segundos e me desarmou completamente:

— Filho de anta é... é... Antonio!

• • •

E mais uma:

Uma minha prima, hoje já casada e com dois filhos, quando tinha uns 12 anos a mãe a chamou para um reservado:

— Hoje eu vou lhe ensinar o que é sexo.

A menina já fez cara feia. E a mãe começou lá pelo princípio com a história da maçã.

— Uma vez, Adão e Eva estavam no paraíso e...

— Isso eu já sei. Pula.

— O homem tem uma sementinha e...

— Isso eu já sei. Vai mais para a frente.

— Bem, para nascer uma criança é preciso que...

— Pô, mãe, eu sei como é. Pode pular essa parte.

— Bem, a mulher tem um órgão chamado útero...

— Grande novidade, mãe.

— O espermatozóide tem umas substâncias...

— A porra.

— Isso. Escuta aqui, menina. O que é que você não sabe?

— O que é que a senhora quer saber? Pode perguntar, mãe. Pergunta!

E tinha um garotinho que era infernal. Brigava todo dia na escola. Um dia, no almoço, o pai, para testar seus conhecimentos bíblicos (ele estudava num colégio de padre), perguntou:

— Meu filho, me diz quem foi que jogou a pedra no Golias.

O garoto desatou a chorar.

— Tá vendo, mãe? Tudo eu. Tudo eu. Juro, pai, juro pelo que é de mais sagrado que eu nem conheço esse menino.

• • •

E aquela religiosa mãe que pegou o filho e um amiguinho dentro do banheiro fazendo um troca-troca? Só que, quando ela entrou, o filho queridinho e santo levava uma nítida desvantagem no ato. Mas o pequeno pecador não se abalou:

— Mas, mãe, eu comi primeiro!!!

• • •

18

Mario Prata

ONDE ANDARÁ CAIO FERNANDO?

Impossível não falar do Caio. Do Caio F. Do Caio Fernando de Abreu, morto domingo, depois de passar os últimos meses da sua vida na casa dos pais, em Porto Alegre, num bairro chamado Menino Deus, a cuidar de si e de rosas.

Todos sabíamos que ele ia acabar no Menino Deus. Mas não sabíamos quando. Há mais de um mês ele não escrevia mais suas crônicas no **Caderno 2** de domingo. Os amigos, aqui de São Paulo, desconfiavam. Mas ninguém dizia nada. Onde andará Dulve Veiga, ou melhor, Caio Fernando?

Na sexta-feira passada, fui ao jornal buscar as minhas cartas. Na caixinha, cinco ou seis para o Caio. Olhei os remetentes: todas mulheres. As mulheres adoravam o Caio. E os homens, como eu, e tantos amigos comuns, também. O Caio tinha cara de santo, de anjo, de Dom Quixote. Não foi a doença que o deixou tão magro. Quando ela chegou, ele já não tinha mais o que emagrecer.

Durante seis meses, em 87, eu, ele e a Lu Villares ficamos trancados numa suíte do Eldorado preparando uma novela para a *Manchete*, sob a tutela do Wilker. A novela nunca saiu. Mas a amizade se consolidou ali. Conversávamos muito mais do que trabalhávamos. Me lembro que um dia chegou uma carta de Londres dando conta da morte de um amigo dele. Aids. Caio perdeu o bom humor por uma semana. Mas depois se levantou, criou personagens engraçadíssimos para a novela.

Ninguém me avisou de nada. Hoje cedo (é segunda-feira, 9 da manhã), acordei, peguei o jornal e estava lá, na primeira página. E um texto lindo da Lygia Fagundes Telles, amiga e companheira dele há tantos anos. Bateu fundo, muito fundo, meu Menino Deus.

Já havia até discutido o teor da crônica de hoje com o Aluizio Maranhão. Era algo polêmico. Conversei com ele ontem de noite e ele não me disse nada sobre o Caio. Talvez ainda não soubesse.

Impossível não falar do Caio.

Quando ele esteve pela última vez em São Paulo, convidou a mim e ao

Reinaldo Esteves para uma esticada (depois do lançamento do livro dele) até um local gay chamado A Louca. E foi n'A Louca que eu o vi pela última vez. Conversamos um pouco numa mesa, tomando cerveja. Depois teve um show da Laura Finokiaro com todas aquelas luzes. No meio da neblina, da fumaça e dos spots, vi o Caio sair do salão e passar por mim pela última vez, iluminado de azul e vermelho, com uma névoa de gelo seco em torno da sua cabeça. Sumiu como um anjo sem trombeta. Sabia que nunca mais o veria.

Ele iria cuidar do jardim de Menino Deus.

Caio escreveu um dia sobre sua (e minha) amiga Ana C. Retruquei com uma crônica/crônica para ele, aqui neste espaço. Ele me mandou uma carta, a última:

"Pratinha querido, obrigado pela carta que você me escreveu. Pensei em responder pelo jornal mesmo — para dizer principalmente que acho você muito mais Ouro do que Prata —, mas ia ser muita veadagem toda essa jogação pública de confetes, não?

Hoje gostei mais ainda ao ler que choveram anjos na sua horta depois da crônica. Adorei aquela história do diário da gestação. Anjo da guarda é papo quente. Se bem que alguns são meio vadios e nem sempre cumprem horário integral.

Ando bem, mas um pouco aos trancos. Como costumo dizer, um dia de salto 7, outro de sandália havaiana. É preciso ter muita paciência com este vírus do cão. E fé em Deus. E falanges de anjos da guarda fazendo hora extra. E principalmente amigos como você e muitos outros, graças a Deus, que são melhores que AZT.

Que tudo esteja em paz com você. Dá um abraço no Reinaldo e em quem perguntar por mim.

Um beijo do seu velho

Caio F.!"

Onde andará Caio Fernando? Em Menino Deus, certamente. Eternamente.

• • •

19

Mario Prata

UMA CARTA DE AMOR COM CAMISINHA

Tudo começou com uma carta de amor que escrevi aqui no meu computador. Uma carta de amor daquelas que a gente pede perdão e promete que nunca mais, etc., etc., etc. Mas sincera, até se transformar em cômica, conforme relato (verdadeiro) a seguir.

Como a carta (como toda carta de amor) era um tanto quanto íntima, resolvi não passar pelo fax. Iria imprimi-la e entregar na mão da moça. Provavelmente com um buquê de flores (duvido).

Foi quando tudo começou. Eu não usava a minha potente impressora Canon desde que voltei do Uruguai, no fim de julho. De lá para cá, tudo que escrevi faxei ou arquivei.

Aperto o botão para imprimir, a Canon dá uma mexida, faz um barulho esquisito, estranho. Desliguei tudo. Liguei tudo de novo. *Brrrrrrrrrr. Crok-crok.* Nessas horas, a gente sempre pensa nos filhos da gente que andam bisbilhotando por aqui. Pior ainda, nos amigos deles metidos a intelectuais da informática.

Tiro o papel da máquina. Olho lá dentro. Tudo normal. Vejo a fita de tinta. Perfeita. Não entendo muito de máquinas, mas achava que estava tudo certo. De repente, a máquina começa a lançar papel para fora, de cinco ou seis páginas de cada vez. E torto. A impressão, além de borrada, saía com o papel quase na diagonal. Não estava bom para uma carta de amor. Logo aquela em que eu caprichei tanto nas margens e nas imagens. *Brrrrrrrrrrr. Crock. Craft.*

Foi quando eu me lembrei que, na volta do Uruguai, ela veio dentro de uma maleta onde joguei notas de despesas, remédios e camisinhas. Camisinhas que não cheguei a usar. Você sabe, a gente viaja e a esperança é a última que dorme. Provavelmente algum papel tinha caído dentro da Canon. Virei a bicha de ponta-cabeça e nada. Recoloquei o papel. Liguei para o Cachorrão e o Luciano, meus experts em informática. "Estranho", disseram. "Tenta outra vez. Depois me liga que eu vou aí. Deve estar desalinhada." Provavelmente pela viagem.

Fiz o sinal-da-cruz (tem horas que só assim mesmo) e mandei bala. Foi

quando ouvi um barulho diferente. Como se fosse um plástico se rasgando. E era. Primeiro, junto com a página, foi saindo o invólucro de uma camisinha uruguaia. Logo depois, toda esticada, foi saindo, grudada no texto, a camisinha. Acreditem: com coisas de amor, impressas.

Acho que a ponta dela ficou presa lá dentro do mecanismo e ela foi saindo, se esticando toda. E sendo impressa. Fiquei com medo de puxar e ela arrebentar. Nada pior do que uma camisinha que arrebenta.

Acabou a impressão. Deve ter sido a primeira vez que uma impressora usou camisinha, pensei, estupefato. Coloquei a camisinha ao lado de uma folha em branco e dava para se ler alguma coisa. Pensei em mandar a camisinha no lugar da carta para a moça. Mas ela nunca iria entender. "Como é que você me manda uma carta escrita em cima de uma camisinha usada?" Definitivamente não iria pegar bem.

Na ponta da camisinha, dava para se ler com algum esforço: "Meu amor." Depois uma frase meio truncada assim: "juro que não (...) eu nem fui naquela fes/". Mais para frente (ou para trás) da camisinha, meio na vertical, sabendo como era o original, estava bem claro para mim: "não é mais uma chance, é a chance. Afinal/". Lá embaixo, quase coincidindo com o final da carta: "em teus seios mais amores". Que vergonha, como é que eu fui escrever isso? Só pra imprimir numa camisinha mesmo.

Contei para a moça, ela (como você) não acreditou. Mas foi o suficiente para ela vir até a minha casa ver a camisinha-carta.

Deu resultado. Usamos a camisinha textualmente. Foi uma maneira de colocar e imprimir o meu amor dentro do meu amor. Borrou um pouco, é claro. Mas o que borrou mesmo foram as lágrimas que derramamos em cima do travesseiro branco.

Em tempo: a Canon continuou a funcionar normalmente depois de ejacular a camisinha e o meu epistolar prazer.

Em tempo-2: tenho certeza que você não acreditou nessa história.

• • •

20

Mario Prata

O RESGATE DO CANDANGO

Em memória do meu companheiro e artista plástico Benetazzo, que fez a capa do meu primeiro livro

Éramos comunistas. E românticos. Muito mais românticos do que comunistas. E corajosos. Tínhamos 20 e poucos anos. Estávamos em 1970. Os militares eram nossos inimigos. Qualquer militar. Roubávamos, assaltávamos, fazíamos guerrilhas. A gente era mesmo metido a besta.

Agora que os arquivos do Deops foram abertos ao público em geral e aos militantes em particular, fico com medo de ir lá ver a minha ficha e, simplesmente, não ter a minha ficha. Descobrir que nada que eu fiz naquela época cinzenta da nossa história entrou para a história. Vou ficar muito frustrado. Sempre gostei de me gabar que fui preso duas vezes: uma durou uma tarde e a outra apenas uma noite fria. Será que entrei para a lista do Deops e posso me sentir herói daqueles tempos? Melhor deixar quieto.

Mas uma história que eu tenho certeza que nem o Deops nem os militares ficaram sabendo foi o caso do jipe do Benetazzo.

O Benetazzo (que seria assassinado covardemente meses depois) tinha um Candango. O Candango era um jipe da DKW muito feio mas que trabalhava feito um candango (os construtores de Brasília, anos antes). E a gente era tão irresponsável que foi feito um assalto a banco com o Candango do Benetazzo. Depois do assalto (não, eu não participei do assalto, era muito covarde), o jipe ficou estacionado normalmente em frente ao Copan, onde todos nós morávamos. Era muita cara-de-pau (cara-pintada?), romantismo, juventude e coragem.

O que importa é que, um ou dois dias depois do assalto ao banco, o jipe do Benetazzo foi roubado. Por ladrões comuns. E, dias depois, os ladrões ligaram para o Benetazzo:

— Estamos com o seu Candango e estamos sabendo que ele foi usado no assalto do banco. Ou vocês nos dão uma grana preta, ou nós entregamos o

carro para os militares com seu endereço e tudo.

Reunião urgente na casa do Benetazzo. Dinheiro para resgate tinha. O problema e o perigo era ir buscar o jipe. Novos contatos foram feitos na calada e na surdina da noite e a troca da grana pelo Candango ficou acertada que deveria ser feita numa garagem subterrânea da Major Sertório às 3 da manhã. E que não fôssemos em mais de dois.

Aquilo podia ser uma cilada dos militares ou da própria polícia. Era arriscado, mas alguém tinha que ir buscar o jipe. Não sei bem por quê, mas os "escalados" fomos eu e o Toni. O Toni eu até entendia: tinha 2 metros de altura e inspirava respeito. Mas eu? Vinte e três anos, funcionário exemplar do Banco do Brasil, magro feito um bambu, medroso e trêmulo? Tudo pela "causa". O dinheiro foi colocado na minha pasta, entre livros de economia e matemática (eu estudava Economia na USP).

Quinze para as três estávamos atravessando a deserta Praça da República, a pé, a caminho do nosso grande destino. Andávamos em silêncio, passos firmes. E trêmulos.

— Estou com medo, disse ao Toni.

— Fica frio. Estou armado.

O medo aumentou e o frio na minha barriga idem.

Chegamos na porta do estacionamento e o Toni deu umas batidinhas sincronizadas na porta.

— É o código, ele me disse policialescamente.

A enorme porta de ferro rangeu e se abriu como num filme policial. Lá no fundo escuro, um sinal de lanterna nos apontava o caminho. Apenas um sujeito, com cara de meganha, e o Candango. Não houve muito diálogo. Dei o dinheiro, o sujeito apontou o carro, enquanto conferia as notas em marco alemão. A chave estava na ignição. Minha perna tremia, queria sumir dali, ir para debaixo da cama da minha mãe. Ofereci o lugar de motorista para o Toni.

— Não sei guiar, ele disse.

Fui guiando. Pegamos o Benetazzo no Copan e ainda fomos comer uma carne no Sujinho. Com o Candango. Como se nada tivesse acontecido. Como se não tivesse tido o assalto ao banco, o resgate, a revolução de 64, as mortes e as torturas de dezenas, milhares de jovens como nós. Como se fôssemos apenas três estudantes da USP, comendo uma picanha no Sujinho.

Lá fora, nos esperando, o Candango, personagem e cúmplice, parecia sorrir.

• • •

21

Mario Prata

O CARNEIRINHO E SUAS MULHERES

O Carneirinho era loirinho, cabelo encaracolado. Daí, o apelido. Quando éramos jovens, ele era o mais bonito, o mais simpático, o mais bem vestido. Namorava todas as meninas da cidade. Todas as meninas adoravam o Carneirinho. Mas ele nunca se casou.

Depois, formou-se em Medicina, veio para São Paulo, montou uma clínica maravilhosa. E continuou a conquistar todas as mulheres de São Paulo. E do mundo.

Via pouco, o velho amigo. Mas cada vez ele estava com uma mulher diferente. Maravilhosas. Aviões, como ele gostava de dizer. Mas nunca se casou, embora eu tenha ficado sabendo de dois ou três esparsos noivados nos últimos 30 anos.

Na semana passada, encontrei-me com ele na Mercearia São Pedro. Continua um tipo bonito, mas cachinhos loiros já não há mais. O pouco que lhe restou já está branco. Mas continua o mesmo: bonito, elegante, rico e, como sempre, muito bem acompanhado.

Começamos a beber e o Carneirinho, que sempre foi fraco com o álcool, desandou a me explicar por que não ficava muito tempo com a mesma mulher, por melhores que fossem.

— Acho que eu fico procurando a mulher perfeita. Sei que não tem, mas insisto. Em cada uma, depois de um tempo, eu começo a encontrar defeitos. Defeitos físicos, pequenos, mas que, com o passar do tempo, aquilo vai crescendo na minha cabeça. Por exemplo, lembra da Lurdica? Tinha joanete. Aquele joanete foi crescendo na minha cabeça. Um dia, cheguei à conclusão que não podia conviver mais com um joanete.

— E a Celinha?

— Falava menas. Eis a questã.

— A Glória?

— Como é que eu podia continuar beijando aquele avião, com aquele canino superior direito? Saltado. Ninguém observava, mas eu sabia. A Bia tinha muito pêlo no braço, lembra? Parecia o bigode da Cidoca. Lembra da Paulinha? Tinha um dos bicos do seio para dentro. A Loló, você devia saber do mau hálito dela. Vinha lá do estômago, do útero, sei lá.

— E a Candinha?

— Roía unha. Até do pé. A Selminha tinha a testa muito avançada, lembrava a minha mãe. Lembra da Rose? Quando ria, dava murrinhos na mesa: não podia conviver com aquilo. A Claudete, a gente chegou até a ficar noivo, mas, um dia, num almoço de família, toda a minha família e a dela, eu pedi o pão, ela passou, eu peguei o pão e ficou aquele indefectível farelo na mão dela. Aquele farelo foi definitivo, você há de concordar comigo.

— E a Joana? Você ficou noivo da Joana também.

— A Joaninha era legal, mas tinha orelhas enormes. Nunca reparou? Eu tinha a impressão que cada dia estavam maiores. A Maria C. não tinha orgasmo. Fiz de tudo. A Aninha, quando tinha orgasmo, virava os olhos para cima: parecia que estava tendo um ataque epiléptico.

— E a Carmen Lúcia? Aquela não tinha nenhum defeito.

— Como não? Não sabia quem era a Sarita Montiel e muito menos o Hemingway. E velho e o mar, ela achava que era o avô dela. A Carlota também, nunca tinha lido um livro. Aliás, tinha lido o Caminho Suave.

— Mas todo mundo achava que você ia se casar com a Ledinha.

— Era linda, mas o cabelo meio pixaim. Meus pais não iriam gostar. A Léia, por exemplo, tinha dois dedos do pé meio grudados. Morria de vergonha dela, na praia. A Gegê tinha o lábio inferior meio viradinho, lembra? Boca pequena. E por falar em boca, a Lucinha beijava de boca fechada, pode? Ao contrário da Dequinha, que me mordia a língua toda vez.

— E aquela fazendeira de Ribeirão Preto?

— Marina? Peito caído. Já a Ciça tinha o joelho caído. Já viu mulher de joelho caído? A Marcinha era perfeita, mas a mãe dela rezava terço todo dia. E ela morava com a mãe. Parecia a casa do Nelson Rodrigues.

— E aquela francesa que eu te vi uma vez na...

— Michele. Você não viu os pés dela, né? Então não fala nada. Fora isso, tinha aquele narizinho rebitado, lembra?, de onde saíam chumaços de pêlos. E não era muito chegada a uma Sabesp. Toda mulher tem seu defeito, meu amigo. Mais dias, menos dias, você tem que enfrentar o inimigo. A Letícia não falava inglês. Levei ela para a Europa e passei vergonha.

— Então você nunca vai achar uma mulher perfeita, Carneirinho.

— Um dia eu acho, um dia eu acho.

Ia me esquecendo de dizer que, neste encontro com ele na Mercearia, ele estava com um garoto, com pouco mais de 20 anos, loiro, cabelos encaracolados, elegante, educado e tatuado, que ele me apresentou como "primo".

Sei não, Carneirinho, sei não.

• • •

22

Mario Prata

PEGUEI UM BOBO, NA CASCA DO OVO

Descobri que eu não sou o único doido a gostar de brincar com as palavras e expressões da nossa (desculpem) língua pátria. Recebi mais de 30 cartas depois que me declarei ignorante sobre a expressão "cuspido e escarrado".

Agora, depois da crônica "Isso para mim é grego", choveram (!) cartas de leitores com sugestões e dúvidas outras. Não sou de responder cartas, mas essas duas merecem a atenção minha e de vocês. Senão, vejamos:

J. A. P. Dupas, da Vila Mariana, com estilo masculino e letrinha de moça me escreve que "finalmente encontro quem tenha interesse em conhecer o sentido das palavras e expressões usuais cujo significado nos foge. Sinto-me desconfortável ante frases como:

— Inteligente pra burro!

— Metido a sebo.

— Fechar-se em copas.

— Co'a breca!

— Um homem é um homem, um bicho é um bicho.

— Pombas!

— Coversinha de cerca lourenço.

— Comigo não, violão.

— Lá se foi tudo que Marta fiou.

— Meia dúzia de gatos pingados.

— Chorar pitangas.

— Tirar de letra.

— Louco de pedra.

— Enganei um bobo, na casca do ovo.

— É sopa no mel".

Já a tia do meu amigo e fotógrafo Helio Campos Mello me telefona para explicar que o Bairro do Realengo, no Rio de Janeiro, tem esse nome porque, na verdade, o bairro se chamava Bairro do Real Engenheiro Fulano de tal. E, nos ônibus, vinha escrito: Bairro do Real Engo. (abreviatura de engenheiro).

Pegou? E explica também a expressão dita para as crianças: "Vai ficar com bicho carpinteiro". Na verdade, eram as mães preocupadas com as crianças brincando na terra que diziam: "Vai ficar com bicho no corpo inteiro".

Isso é que é "cartear marra". Não "tem per-repis".

Outro leitor, Dorival Alves José, também aqui de São Paulo, me explica a origem de algumas palavras, aprendidas com seu mestre Geraldo Magela de Mello Santos, professor de matemática que ele teve em 1949:

CADÁVER — Das primeiras sílabas da expressão latina "*Caro Data Vermibus*" (carne dada as vermes).

LARÁPIO — Um juiz romano, da era do império, sempre dava ganho de causa àquele que o favorecia com os melhores presentes. Tal juiz, cujo nome era Lucius Aulicus Rufilus Appius, assinava as suas injustas sentenças abreviadamente, assim: L. A. R. Appius, ou seja, Larappius.

CARNAVAL — Às vésperas das festas de Momo, em 1950, o vigário de Campo Belo (MG), Pe. João Vieira, fez um sermão inflamado para uma igreja repleta de fiéis. Afirmou que a palavra carnaval vinha, sem dúvida, do termo carne. Carne, no sentido de sensualidade, volúpia, lubricidade, lascívia; carne, como fonte de concupiscência, raiz de todos os males, etc.

Quando o Padre João (assisti a tudo, pois eu era coroinha) entrou na sacristia, lá estava, circunspecto, o professor Magela de dedo em riste (?), num ataque direto e fulminante ao pobre padre. "Como o senhor ousa enganar os seus paroquianos? Mentindo-lhes como o fez, o senhor é quem comete pecados! Sabemos, V. Revma. e eu, que a palavra carnaval é uma corruptela da expressão '*Currus navalis*'. Virou-se e saiu bruscamente, deixando o padre apalermado e sem sequer esboçar um único gesto.

Corri atrás do mestre para saber o que significava o tal *currus navalis*." Sua explicação:

— Na antiga Roma (sempre Roma e o latim), os construtores de barcos (o carro do mar, ou carro naval, isto é, *currus navalis*) trabalhavam em sua fabricação de abril a janeiro e, nos meses de fevereiro e março, organizavam as festas de lançamento dos barcos ao mar. O *currus navalis* era todo enfeitado e levado por terra, sobre rodas, até a água por uma multidão que cantava, bebia vinho e comemorava o fato numa verdadeira festa dionisíaca de que todos participavam.

Quanto ao velho "cuspido e escarrado", metade das cartas garante que a expressão vem mesmo de "esculpido e encarnado". Mas há uma outra metade que afirma, categoricamente, que vem de "esculpido em carrara".

E eu, bem, "eu não estou nem aí". "Nem que a vaca tussa", "entrarei pelo cano".

• • •

23

Mario Prata

QUANTAS CÉLULAS TÊM O SEU CELULAR?

O telefone Celular é uma novidade tão novidade que ainda não entrou para os nossos dicionários. Na última edição do Aurélio, ainda se falava no telefone normal. O mestre Aurélio morreu conhecendo, no máximo, um telefone sem fio. Coisa de antigamente.

Se você procurar no dicionário, vai encontrar assim. **Celular: que tem células; celulífero, celuloso.** Não fala nada de telefone. Mas a gente pode ir deduzindo que o telefone Celular tem células. Mas, isso, tudo e todos têm e temos. Várias. Menos o ovo, que só tem uma e não fala ao telefone.

Por que esse aparelhinho se chama Celular? Eis a grande questão. Poderia se chamar telefone Atômico, ou telefone Molecular. Ou mesmo telefone Celulóide. Mas não. É telefone Celular e não se fala mais nisso.

Se o Celular é celulífero, isso deve significar que quem o usa é um celulífero. Ou seja, um viciado em células. Já celuloso seria o sujeito que fica todo metido a besta com o seu Celular. Aquela coisa pegajosa, aquele cara que não larga o aparelho nem para ir fazer as suas necessidades. É o usuário celuloso. Mija com ele na mão esquerda.

Diz mais o dicionário: **relativo a cadeias penitenciárias. Sistema celular.** Agora complicou mais ainda a minha cabeça. Cadeias penitenciárias? Talvez porque outro dia houve uma fuga em massa do Carandiru e eles usavam telefone Celular. Será que o Aurélio já previa isso?

O fato é que a coisa pegou e quem não tem está, literalmente, por fora. Fora do ar.

É de deixar qualquer um de boca caída e torta. Sim, porque cada vez eles estão menores. Me parece que, quanto menor, mais status dá. E, quanto menor, mais longe a voz fica do bocal. O sujeito tem que se entortar todo para a pessoa do outro lado ouvir. Já perceberam?

Outra coisa que eu não entendo é por que a secretária eletrônica do Celular se chama Caixa Postal. Que eu saiba, Postal é relativo a correios. E Caixa é

caixa. Ou será que o recado fica dentro de uma caixinha, esperando o dono para abri-la?

Claro que já inventaram a piada do português que recebe uma ligação da esposa, em pleno Motel, e, assustado, pergunta: como é que você sabia que eu estava aqui no Motel?

E quando o Celular do amante toca debaixo da cama ou dentro do guarda-roupa? Não há Caixa Postal que o salve. Outro dia, li no jornal que um ladrão se escondeu dentro de um sofá e não é que o Celular dele tocou? Preso com a boca na botija. Ou seria no bocal?

Agora, engraçado mesmo, é quando está havendo uma reunião de médicos. Todos têm celular, é lógico. E, quando toca, ninguém sabe de quem é que está tilitando. Ficam todos os celulosos metendo a mão no bolso, apressados. O cliente não pode esperar.

Certo está um amigo meu, arredio a tal novidade: "Tá louco, meu. A minha mulher vai ficar atrás de mim o dia todo". Só que ele não sabe que, como toda novidade eletrônica, o Celular tem um botãozinho de desligar.

Nada melhor do que um Celular desligado. Principalmente quando o médico está fazendo uma operação, com as células do paciente todas expostas.

• • •

24

Mario Prata

O ERNESTO ERA SEXY?

Devia ser.

Mesmo antes de 9 de outubro de 67, quando foi covardemente assassinado num mato boliviano por um bando de bolivianos e sumiram com o corpo dele, ele já era símbolo de muita coisa. Muita.

Médico argentino, foi se aventurar nas colinas cubanas com seu amigo Castro, depois de tentar derrubar Perón no seu país. Derrubaram um presidente e acabaram com a mamata dos americanos na ilha. Ele tinha 30 aninhos. Um menino de classe média alta, metido contra os americanos e o mundo. Até hoje, em Havana, tem uma Quinta Avenida. Pode? Podia.

Mas vamos voltar no tempo e vamos para o fantástico cruzamento da Maria Antonia com a Doutor Vilanova, esquina fervilhante de esquerda e em frente ao bar do Zé. A morte de Chê nos pegou de calças curtas, literalmente.

Era o início da minissaia, quase 68. Era o Tropicalismo, o Teatro de Arena e o Oficina. Os festivais. Militares no poder por toda a América. Chico e Marieta se conhecendo na peça Roda Vida. O mundo girava.

E o médico argentino, revolucionário de primeira e última hora, virou pôster nos apartamentos dos estudantes e nas camisetas de garotos e garotas.

Naquela época, em todo apartamento de estudante que era estudantemente correto, tinha três pôsteres nas paredes: Marilyn Monroe, James Dean e Ele. Incrível, aquele bonitão de barba e boné com aquela estrela, ali, ao lado dos símbolos do capitalismo americano e mais, da massificação do cinema de Los Angeles.

— Tem que endurecer sempre, mas sem perder jamais a ternura!

A frase guevariana (talvez a mais famosa e universal), que também logo iria para as camisetas, tinha duplos, triplos sentidos. A gente dizia isso nas assembléias estudantis e no barzinho da esquina cantando a garota da Filosofia. E não é que colava? Tinham acabado de inventar a pílula anticoncepcional, que então só era vendida com receita médica. Como falsificávamos receitas! Pílulas do laboratório Lilly. Afinal, como Ele, todos nós éramos revolucionários. Ele aprovaria.

Se nós, 20 e poucos anos, sonhávamos em ser um Guevara subdesenvolvido, como a música do Carlinhos Lyra (alguns colegas tentaram e morreram), as menininhas, as Maçãs Douradas da vida, sonhavam com aquele aventureiro. Sonhos eróticos, me garantiram várias delas.

Mas um dia o sonho acabou, diriam os Beatles logo depois da morte Dele, sem talvez saber muito bem que sonho era esse. Foram vários sonhos que se foram em 67 e 68 (vide AI-5, de 68). Não creio que Ele fosse chegado num LSD (capitalismo selvagem!), mas deve ter dado suas cafungadinhas na Bolívia, porque, afinal, ninguém é de ferro. Nem mesmo Ele. Ir à Bolívia e não dar uma cheirada é o mesmo que ir a Roma e não ver o Papa (morrendo).

Nasceu em 28 e morreu em 67. Portanto, com 39 anos. Na época, para mim, era um Senhor. Se vivo fosse, teria 68 anos hoje.

E eu fico aqui imaginando o que ele estaria fazendo. Talvez desempregado, pois não existem mais regimes militares nem na América do Sul nem na Central. Aliás, a única ditadura que temos hoje por aqui foi a que ele ajudou a implantar. Será que ele estaria ainda ao lado do fiel amigo Fidel?

Ou estaria em São Paulo, lá na esquina da Maria Antonia com a Doutor Vilanova, barba grisalha, cantando alguma aluna do Mackenzie com um portunhol horrível?

— *Djou soy aquele. De la ternura, saca? Djou soy Ernesto.*

Ninguém iria acreditar.

E iria para uma quitinete, deitar-se na cama e olhar na parede. Ele, Marilyn e James Dean.

Acenderia um bom havana e ficaria ali, tomando um rum e esperando, eternamente, o telefonema do Lula, o que roubou a sua estrela e hoje não sabe mais o que fazer com ela. E pensando:

— Esse pessoal endureceu e perdeu a ternura. Deu no que deu!

• • •

25

Mario Prata

O DIA QUE O CHICO FEZ 27 ANOS E MEIO

Às vezes, eu escrevo uma crônica aqui achando que vai ser o maior sucesso e não tem nenhum retorno. Outras, despretensiosas, acontecem. Por exemplo: outro dia, eu disse não saber a origem do "cuspido e escarrado". Choveram cartas, telefonemas, paradas na rua. Só eu mesmo não sabia que a origem da expressão era, originalmente, "esculpido e encarnado", para designar "a cara de", "igualzinho a", etc.

Outra crônica foi aquela história da Silvinha, filha do Chico. Será que foi por se tratar da filha de uma pessoa famosa? Ou a história teria vida própria se a personagem fosse filha do porteiro aqui do jornal? Daí então, como diria a Marília Gabriela, hoje eu vou contar outra história buarquiana. Desta vez, com o pai da artista, o Chico Buarque. Foi assim.

Em 1972, estava eu morando no Rio e resolvemos escrever um musical juntos. Uma espécie de bang-bang caboclo. Trocamos as idéias, pesamos as possibilidades diante de vários chopes e intermináveis caipirinhas. Ia ser um sucesso.

O começo do trabalho foi naquela base ultraprofissional de horários e locais. A coisa parecia que ia sair, mas até hoje é um pensamento arquivado esperando novas mesas e disponibilidades outras. O que acontece é que surgiu uma amizade mais para copos e jogos do Fluminense do que para as teclas e cordas de violão.

Mas a história que eu queria contar é que, um dia, a gente estava no Final do Leblon, um boteco que fica onde o nome indica. O boteco cheio e várias garrafas vazias. A gente discutindo, eu pedia:

— Tem uma coisa. Quanto à parte das músicas, você se vira sozinho, que eu não entendo nada disso. E não adianta discutir.

O padre que me dava aula de música no Salesiano dava tanto coque na minha cabeça que bloqueou tudo. Eu não tenho noção do que é um tom abaixo ou acima, fá ou sol. Não tenha dó. Nem de uma letrinha simples com métrica

eu tenho noção. Mas o Chico insistia comigo que ele também não sabia nada de música (imaginem!) e que nós tínhamos que trabalhar juntos.

— Alguma coisa a gente sempre sabe.

— Eu, não.

— Canta alguma coisa para mim. Parabéns a Você, por exemplo.

— Eu desafino. Quando eu canto Parabéns a Você em festinha de crianças, todas elas olham para trás.

— Canta, pô!

Foi aí que eu comecei a cantar o Parabéns, ali na mesinha do Final do Leblon, parecia uma bicha apaixonada pelo ídolo, com o Chico me olhando atentamente, olho no olho, atenção nos graves e nos agudos. Cantei a música toda, inclusive a segunda parte que a minha memória foi buscar não sei onde. O bar foi ficando em silêncio sem que a gente percebesse.

Quando terminei, umas 30 pessoas se levantaram e aplaudiram. Não a minha voz, mas o Chico, que, para eles, aniversariava. Alguns, menos tímidos, foram até a mesa e o cumprimentaram com abraços e tudo. Teve uma menina que deu um boné para ele. O dono do bar, o seu Manuel, disse que a rodada era por conta da casa. Desconhecidos sentaram-se na nossa mesa.

Chico, distante pelo menos uns seis meses do seu aniversário, gostou da brincadeira e telefonou para a Marieta convidando-a para a festa. Ligou para alguns amigos da redondeza. O bar foi enchendo, a notícia correu pelo Leblon, as pessoas chegando. Alguém providenciou um bolo, o trânsito quase parou. A festa foi até de madrugada. E eu cantei a noite toda, como nunca.

No dia seguinte, aliás, o Zózimo Barroso do Amaral deu até uma notinha na coluna dele. Mas nem me citou, o ingrato.

• • •

Mario Prata

COISAS DE CINEMA

O cinema é a arte da ilusão, já disse alguém. É tanta ilusão que eu fico a ver os filmes e imaginar como tudo dá certo nas telas. Nada sai errado. Querem ver?

O sujeito que está procurando o táxi acha na hora. Basta esticar o braço. E o mais grave: a pessoa que vai seguir o primeiro táxi também leva a mesma facilidade. É clássica a frase: siga aquele táxi! Coisa de cinema.

Só no cinema, os casais acordam e se beijam e conversam de pertinho. Ninguém escova os dentes, já repararam? Personagem não tem mau hálito nunca. E quando o ator levanta da mesa no bar e deixa o dinheiro certinho, trocadinho e vai embora sem ao menos olhar para trás?

E as crianças que dormem no ato? Encostam a cabecinha no travesseiro e dormem. E os quartos delas que são superarrumadinhos? E as casas não têm empregada. Não sei quem arruma aquilo tudo.

E quando o casal desliga a luz no quarto para dormir? Já notaram como o luar é forte? Mais forte que o luar do nosso sertão. Tudo azul, uma beleza. E a janela está fechada, pode notar.

Telefone nunca dá ocupado. O sujeito disca e o outro atende no ato. O outro sempre está do outro lado. E o mais interessante é que eles não se despedem. Tocam o assunto e desligam na cara do outro.

A pessoa sai para fazer uma compra e sempre tem o que elas procuram. E por que será que em toda briga quebram pelo menos uma mesa? Redonda, geralmente.

Já viram cavalo beber água em cinema? Coitados. Xixi e cocô, nem pensar, nunca fazem. E ninguém tira os arreios deles. Colocar, colocam, mas tirar, jamais.

Roupa molhada no corpo, na cena seguinte já está sequinha. E o melhor, passadinha.

Já viu isqueiro falhar em filme?

E a velocidade com que a comida pedida no restaurante chega à mesa? Sem falar nos drinques.

No cinema, todo mundo fala inglês. Inclusive os índios e os extraterrestres.

E as velas, gente, como iluminam! Uma simples velinha ilumina uma sala enorme.

Mas o melhor mesmo é a facilidade de estacionar nas grandes cidades. E estacionam bem na porta aonde têm que ir. Isso em Nova Iorque e São Francisco!

Na hora de morrer, o moribundo sempre tem uma frase definitiva para dizer. Ou um segredo. Ou quem é o assassino. Depois tomba a cabeça para o lado esquerdo.

Outra coisa que me intriga é quem fecha o saloon. Porque saloon não tem porta de fechar, só aquelas de vai-e-vem. Será que o serviço é de 24 horas?

E como fazem amor rápido, pessoal. Em menos de meio minuto os dois já estão mais do que satisfeitos e acendendo um cigarrinho. Todos têm orgasmos.

Dois músicos se encontram em algum lugar com dois instrumentos diferentes e começam a tocar. Ninguém afina, pois já vêm afinadíssimos.

E cada revólver de seis balas que dispara mais de quinhentas? Sem falar nas espingardas de um cano só.

A exemplo dos cavalos, ninguém vai ao banheiro no cinema. E olha que comem e bebem pra burro.

Na hora de atravessar um rio, ele é sempre rasinho, mas, quando o herói pula lá de cima do despenhadeiro, é claro que o rio é fundo. Nunca vi ninguém morrer, pulando lá de cima.

E por que cargas-d'água todo cinema brasileiro tem pulgas? Que devem, inclusive, falar inglês tão bem quanto nossos heróis de ficção.

• • •

27

Mario Prata

DE COMO FICAR SEM CULPA

— O brasileiro é, antes de tudo, um infiel.

Poderia ter dito Euclydes da Cunha, que conheceu na pele o problema. E nas costas.

Mas nem todos, diriam os mais jovens. Correto. Mas eu estou a me referir à minha geração, dos meus pais e meus avós.

Não é preciso deitar em nenhum divã de psicanalista para entender o que aconteceu com a minha turma.

Para nós, no começo dos 60, amor e sexo eram duas coisas completamente distintas. As namoradas não "deixavam" nada. Não se "ficava", naquele tempo, imagine. A gente, depois de uns 15 dias, pegava na mão. Beijo na boca, só uns seis meses depois. E ficava nisso. Sexo, jamais, impossível. Todo mundo tinha sua namorada (muitos casaram com elas). Depois do namoro, íamos para a "zona". Lá não tinha amor, tinha sexo, com descalcificadas prostitutas interioranas. Mas, aqui na capital, acontecia o mesmo.

Sexo com amor não existia. Portanto, para nós, a divisão amor/sexo era absolutamente normal. Para nós, até então, uma coisa não tinha nada a ver com a outra.

A primeira vez que fiz amor e sexo junto foi um desastre. A namorada sentou-se na cama e me disse:

— Não é nada disso.

E começou a falar de coisas que eu nunca havia imaginado. Carinho, por exemplo. Nunca tinha feito carinho numa puta, é claro. Essa namorada me ensinou a fazer amor com sexo. Foi uma grande descoberta para mim. Sei até o dia: primeiro de maio de 68 (eu tinha 22 anos), entre uma barricada e outra lá na USP.

Portanto, para a minha geração, no início, traía-se naturalmente, sem culpa. Hoje, com um pouco de culpa, com um certo remorso.

Se na vida dos meus pais e avós eram normal a infidelidade e as amantes

fixas ou eventuais (as esposas sempre sabiam e fingiam que não era com elas), com a nova geração a história é outra.

A maior invenção dos anos 90 foi o "ficar". Que inveja! Fica-se com uma hoje, com outra amanhã e ninguém está enganando ninguém, traindo ninguém. Culpa? Nem pensar. Sábia essa geração.

Ainda não entendi por que não se libera esse negócio de "ficar" para nós também, mais velhos. Acabaria a infidelidade. "Você me traiu?" "Não, só fiquei." Ou seja, a novíssima geração continua infiel. Só que deram um jeito na jogada. Ficar não é pecado, não está nos mandamentos nem de Deus e nem da Igreja. Mas se eu "ficar", como fica a minha namorada?

Mas, como já dizia Zilda Mayo, atriz de pornochanchada, numa célebre entrevista para a revista *Homem*, "amar não é só colocar lá dentro".

Vou "ficando" por aqui.

• • •

28

Mario Prata

IMPOSSÍVEL NÃO ESCREVER ESTA CLÔNICA

Eu juro que eu não pretendia escrever sobre o clone. Todo mundo já escreveu. Até o João Paulo II (seria clone do João Paulo I?) já colocou suas manguinhas de fora.

De tudo que li, a que mais me chamou a atenção foi a do sempre bom Luis Fernando Veríssimo. Ele levantou (literalmente) no *Globo* a questão dos nossos ínfimos espermatozóides. Qual será a utilidade deles no futuro, pô? Clona e pronto, pô! Não vão mais existir depósitos de esperma, mas, sim, de células. Da mão do Oscar, da inteligência do Darcy, das pernas da Raia, dos pés do Ronaldinho e assim por diante.

Também não sei por que tanto alarde mundial se, aqui mesmo no Brasil, o Congresso Nacional aprovou (em dois turnos) a reeclonagem do nosso simpático presidente.

Depois de ler, estupefato, em todos os jornais brasileiros que os americanos (eles nunca ficam atrás) já fizeram dois macacos clonados. Ou seja, segundo a evolução das espécies do Darwin, estamos quase lá. Se macaco pode, o homo sapiens também, não é Charles?

E no mesmo dia, aqui mesmo no **Estadão**, leio (ainda estupefato) que o nosso querido Brasil poderá produzir alimentos por clonagem. E prova-se por a mais b que isso já está sendo feito. E os especialistas afirmam que as modificações genéticas tornam plantas mais resistentes a pragas.

E o homem clonado, também será mais resistente à, digamos, Aids? Fica a pergunta. E fazer clones de apenas alguns órgãos, vai poder? Por exemplo: tirar a célula de um olho bom e colocar num cego. Clonar uma perna num paralítico, vai poder? E um novo pênis bem clonado e ornado, quem é que não vai querer? Você poderá até escolher a cor do doador em uma célula penicular.

Mas eu fico pensando no clone do Fernando Henrique Cardoso, por exemplo, que vem vencendo nas pesquisas de clonagens nacionais. Claro que

vai nascer um sujeito igual a ele. Mas, para chegar a presidente, ele terá que ser exilado (para isso vamos ter outra revolução de clones militares?), morar no Chile e na França? Encontrará uma mulher tão sábia como a doutora Ruth? Terá os mesmos simpáticos filhos Paulo Henrique, Luciana e Bia? Encontrará um Lula para disputar uma eleição? São dúvidas que eu não sei responder.

E você, como é que agirá com o seu próprio clone? Vai evitar que ele faça as besteiras que você fez quando era criança ou adolescente? O clone do Pelé teria que começar passando fome em Três Corações para virar o Atleta do Século 21? Penso nisto tudo e não sei as respostas.

Como disse o Mateus Shirts, ovelha sempre pareceu tudo igual, não é surpresa nenhuma a Hello Dolly se parecer com ela mesma. Igual clone de japonês. Vai sair tudo igual, sorrindo daquele jeitinho clonado.

Não adianta clonar o Romário. Todos serão baixinhos, andarão daquele jeito e vão querer viajar nas janelas dos aviões. Vai sair briga de foice. Entre eles.

Já o meu querido amigo Eduardo Suplicy já está numa de clones há muitos anos. O Suplicy, podem reparar, não é apenas um. É, no mínimo, três. Numa mesma edição de um jornal, ele aparece em Brasília, São Paulo, Rio e ainda acorda no Pontal. E ainda escreve cartas e artigos para todos os jornais do Brasil. Eu não tenho dúvidas. O Suplicy é clonado. Acho que a Marta, minha companheira numa peça de teatro, também não é apenas uma. No caso dos dois, felizmente, o Brasil agradece.

Fico imaginando o meu clone. Magrinho, dentuço. Não sei ainda como vou chamá-lo. De filhinho, vem cá? Mas cadê o espermatozóide, pô?, perguntaria o Veríssimo. De irmão? Mas meu clone (vamos chamá-lo de Pratinha) não é filho da minha mãe. Como seria a carteira de identidade dele? Nome do pai e da mãe? Teria o meu RG e CIC? Poderia falsificar a minha assinatura? Teria um Antonio e uma Maria? Estaria escrevendo clônicas no **Estadão**?

Meu Deus, meu Deus, diria o clone do Castro Alves, onde estás que não respondes? Em que mundo, em que estrela tu te escondes, embuçado nos céus?

Pense bem: Jesus teria sido clone de Deus? Afinal, dizem, foi feito à sua imagem e semelhança. Creio que sim, pois, segundo reza a lenda, ele teria nascido sem o espermatozóide do pai José, mais preocupado em clonagens de marcenaria.

Onde estamos, senhor Deus, que não respondes?

É melhor se clonar de novo que a humanidade está precisando de outro Redentor. Desta vez, a gente não deixa a polícia matar ele, não.

• • •

29

Mario Prata

PARA DIZER AO SEU NAMORADO:

— Aproveita agora, meu bem, para me pedir, quando vou para a sua casa, para levar seis latinhas de cerveja e seis camisinhas (que você, absolutamente, não irá usar numa só noite. Quiçá, no mês).

— Aproveita agora, tesouro, enquanto eu ainda tenho disposição para levantar à 1 da manhã (da sua cama), pegar meu velho Chevette e ir comprar Maalox Plus para você.

— Aproveita agora, gracinha, porque eu chego de uma festa à 1 da manhã e quero fazer amor com você e você não acorda. Aproveita agora, que, um dia, vou chegar à 1 da manhã, já amada.

— Aproveita agora, amor, enquanto eu ainda levo Coca-Cola na cama para você toda manhã, com todas aquelas pílulas barra-pesadíssimas que são o seu café da manhã.

— Aproveita agora, rapaz, que eu ainda faço amor quando você, bêbado, me acorda às 3 da manhã.

— Aproveita agora, menino, que eu ainda tenho paciência de esquentar a sua comida no microondas e depois lavar os pratos.

— Aproveita agora, garotão, que eu ainda não reclamo quando deixo dois recados na sua secretária e você não responde.

— Aproveita agora, meu amor, enquanto eu ainda tenho paciência de ficar ao seu lado no domingo vendo três ou quatro jogos de futebol.

— Aproveita agora, garanhão abatido, que nestes mesmos domingos eu fico no sofá vendo os mesmos gols mais de dez vezes e louca para ir ao cinema.

— Aproveita agora, baby, que eu não te mando praquele lugar quando você chega na minha casa às 4 da manhã e acorda o prédio todo.

— Aproveita agora, babaca, quando eu deixo de ir ao cinema ou ao teatro para ficar conversando com seus amigos chatos no bar da esquina.

— Aproveita agora, idiotinha gostoso, enquanto eu suporto com um sorrisinho, quando você broxa.

— Aproveita agora, chato de galocha, enquanto eu ainda faço supermercado e feira para você. Enquanto você dorme.

— Aproveita agora, seu sem-vergonha, enquanto eu compro camisas e cuecas para você. E, às vezes, lavo.

— Aproveita agora, desgraçado, enquanto eu corto as unhas dos seus pés.

— Aproveita agora, bandido, que eu ainda não o apresentei para os meus pais e você não tem que me pedir em casamento.

— Aproveita agora, meu velho, enquanto eu ainda espremo seus cravos.

— Aproveita agora, coroa metido a jovem, enquanto você tem uma namorada 20 anos mais nova do que você.

— Aproveita agora, meu amigo, enquanto eu ainda enrolo o cigarro para você.

— Aproveita agora, bobo, enquanto eu ainda não estou dando bola para aquele seu amigo que está a fim de mim.

— Aproveita agora, interiorano, que eu não uso batom porque você não gosta.

— Aproveita agora, hipocondríaco, que eu ainda não tenho úlcera.

— Aproveita agora, seu mão-fechada, enquanto eu ainda pago os jantares para você. Sem falar nas bebidas.

— Aproveita agora, seu fora-da-lei, enquanto eu dirijo para você na cidade e nas estradas, enquanto você dorme do meu lado.

— Aproveita agora, seu frio e gelado, enquanto eu vou ao cinema com você ver o Van Dame, quando eu queria mesmo era ver a Romy Schneider.

— Aproveita agora, queridinho, enquanto eu ainda prego botões nas suas camisas.

— Aproveita agora, enquanto eu ainda estou aproveitando.

P.S.: Aviso aos meus amigos cibernautas. Fui publicar aqui o meu e-mail (apesar de errado) e recebi mais de 200 mensagens via Internet. Agradeço a todos (de coração), mas não está dando para responder para todo mundo. Me perdoem.

• • •

30

Mario Prata

QUEM CONTA UM CONTO AUMENTA UM PONTO (-DE-VENDA)

Publicidade: a arte de exercer uma ação psicológica sobre o público com fins comerciais ou políticos. (Tá no Aurélio)

Tem algumas peças publicitárias que não dá mesmo para acreditar. Ou é o cenário, ou os atores, a música ou até mesmo o texto. Não parece Brasil, não parece com a nossa gente. Chamam isso de "publicidade enganosa". Mas, se a gente for mesmo prestar atenção, toda publicidade é mentirosa, enganosa, salvo engano.

Os criadores, os que criam todas aquelas ilusões, são seres humanos como a gente. E, como todos nós, temos lá mentirosos, grupeiros, palheiros, cascateiros, etc. É um efeito em cascata: eles cascateiam de lá e nós compramos de cá. Assim é o mercado modelo numa competição capitalista. Verdade, não é chute.

Toda esta introdução para dizer que nós, mortais consumidores, também vivemos nos enganando e a enganar os outros, diuturnamente (que palavra!). Mas nem tudo é mentira. Uma mentira é diferente, por exemplo, de um grupo. No intuito de sempre nos enganarmos e enganarmos o próximo, resolvi dividir o ser humano em algumas classificações.

O MENTIROSO

É o que mente, claro. E claramente. O mentiroso é um pouco doente, vive da mentira. É caso para terapias. Normalmente tem algum problema de personalidade, de auto-afirmação. Mente para os outros e para ele mesmo. Imagina-se outro. O bom mentiroso é aquele que acredita na própria mentira e, a um determinado momento da sua vida, não sabe mais o que é a verdade ou a mentira. Todo mundo, ao redor dele, sabe que ele é um mentiroso. Ele também. Mas não se emenda. Não há nenhum caso de mentiroso que deixou de ser mentiroso. Mentiroso não tem recaída. E isso não é uma mentira deslavada.

O PALHEIRO

Não confundir o palheiro com o mentiroso. O palheiro disserta sobre todos os assuntos. Geralmente assuntos não conhecidos na roda. O palheiro, geralmente, tem uma boa conversa e um bom vocabulário. O melhor palheiro é aquele em quem a gente chega a acreditar piamente por muito tempo. Tem palheiro que não foi descoberto que é palheiro até hoje. Os palheiros são muito mais inteligentes que os mentirosos. Poderíamos dizer que o palheiro é um mentiroso intelectualmente mais enganoso. Um mentiroso com Ph.D. Tenho um amigo (vamos chamá-lo de Zé) que é um palheiro conhecido na cidade. Um dia, uma amiga comentou: "Se o Zé fosse viciado em drogas injetáveis, seria fácil achar uma agulha num palheiro".

O GRUPEIRO

Tudo que ele diz, a gente sabe que é grupo. Ao contrário do palheiro, que não tem nenhuma intenção a não ser a palha fina, o grupeiro é quase um estelionatário da mentira. Um bom grupo pode prejudicar pessoas e instituições. O grupeiro chega quase a ser um golpista. Todos nós, uma vez ou outra, já entramos no grupo de alguém. E o pior é que, muitas vezes, sem perceber. Cair num grupo bem dado é péssimo, mas, às vezes, temos que tirar o chapéu para o bom grupeiro.

O CASCATEIRO

Intelectualmente menos brilhante que o palheiro, o cascateiro costuma cair sempre em contradições. O que ele mais ouve dos amigos é "isso é cascata" e ele nem sempre tem bons argumentos para se defender. Mas não se ofende, ao contrário do palheiro. O cascateiro nem sempre tem nível superior e gosta de contar suas cascatas em bares. Quando o cascateiro é público e notório, pode ser divertido provocá-lo para contar umas cascatas. Alguns deles sabem que tudo que dizem é cascata. Mas não se importam. Afinal, tudo é cascata mesmo. Pode observar que toda turma tem seu próprio cascateiro.

O LOROTEIRO

Este é o mais manso deles. Contar lorotas não ofende nem agride. Afinal, a lorota se aproxima de uma piada, embora o narrador prove por a mais b que aquilo realmente aconteceu. Geralmente com um amigo ou parente. Aliás, dizem que os loroteiros é que são os inventores das piadas. Nada melhor que um loroteiro simpático, chegado numa cerveja num fim de noite na mesa num barzinho de calçada. Os loroteiros são bons contadores de histórias. Contar uma lorota é como jogar uma história fora. Geralmente, boas histórias.

O CHUTADOR

Este sabe de tudo, senão, não daria tantos chutes. Normalmente ficam quietos no seu canto, como um centroavante avançado e, de repente, surgem dando um chute estrondoso, certeiro. O chutador chuta em qualquer direção. Até mesmo contra o próprio gol. O chute tem suas características particulares: tem que ser dado na hora certa, com precisão e sem pestanejar. Senão, vira cascata, palha, mentira, lorota. O chutador é, antes de tudo, um atento. Tem que saber a hora exata do chute para não acertar na trave. São os artilheiros da mentira.

P.S.: Agora, ao assitir a um comercial na televisão, fique se perguntando: isso é mentira, palha, grupo, cascata, lorota ou um simples chute que vai bater na minha cara e no meu bolso?

• • •

Mario Prata

A CRIAÇÃO E A CULPA

Por que a culpa?

É o que eu tenho perguntado ao meu psicanalista de plantão.

No princípio, era o verbo e eu achava que só eu me sentia culpado. Com o passar do tempo (e da verba), fui descobrindo que todo criador tem culpa. Não no cartório. Mas na consciência.

Vou tentar explicar.

Todo mundo acha que a pessoa que vive de criar, ou seja, um criador, não faz porra nenhuma o dia inteiro. Fica só pensando. É verdade. O problema é que ninguém considera o trabalho de pensar como trabalho. Daí a culpa ensimesmada. Será que só pode ser considerado trabalhador o sujeito que fica o dia inteiro numa mesa de escritório, ouvindo pela janela "Olha a uva de Atibaia", "Melancia barata, melancia barata"?

Você vê uma frase num out-door tipo "Isso é que é". São quatro palavrinhas mágicas. O sujeito que inventou isso deve ganhar uma fortuna por mês. O que ninguém entende é que ele trabalha há 20 neste ofício. Pode ser que a frase tenha saído de um estalo. Mas um estalo 20 anos depois. Não precisa ser nenhuma Brastemp para se ter uma idéia dessas. Ou precisa? Mas o povo pensa: ganhar essa fortuna para escrever uma bobagem dessas?

Cada vez que lanço um livro, estréio uma peça de teatro ou vou ao cinema ver um filme com roteiro meu, me dá pânico. Fico pensando: o pessoal vai pensar que eu escrevi isso na maior moleza. Que eu sou um vagabundo. E eu, realmente, fico achando que sou. Algumas mulheres trabalhadeiras já me jogaram isso na cara. E tome divã!

As crônicas, por exemplo. Escrevo uma vez por semana no **Estadão** e ganho mais que muitos coleguinhas que dão duro lá o dia inteiro e ainda fazem, de vez em quando, um plantãozinho de fim de semana. Fico com culpa. Sei que não devia, mas fico.

Para aliviar meu sofrimento, penso no Romário que "trabalha" umas 12

horas por mês e ganha 100 mil dólares. Será que ele tem culpa? O Chico Buarque, que fica meses sem trabalhar, jogando futebol, será que ele acorda com culpa, vendo, todo dia, a sua mulher sair cedo e dar um duro danado no cinema, na televisão e ainda, de noite, fazendo um teatrinho?

Vou almoçar no Pé Prafora e quase emendo com o fim do dia. Bebendo cerveja. Mas pensando. Pensando nessas besteiras que vocês estão a ler agora. Depois, no fim do mês, vou receber a grana de um simpático funcionário que deve — com certeza — ganhar menos do que eu para trabalhar ali, o mês inteiro. Fazendo o meu cheque. Não tem jeito de não bater a culpa.

Fico pensando em Deus, que só trabalhou seis dias e tirou o sétimo para descansar. Mentira dele. Descansou o resto da vida. Ou você conhece mais algum trabalho dele nesses anos todos? Deve andar culpadíssimo. Mesmo porque, na hora de enfrentar o batente mesmo e apanhar na cara, mandou o filho. Este, sim, trabalhou, deu duro e morreu pobre.

Eu, pelo menos, trabalho. Penso, invento, crio. E esses funcionários fantasmas, que trabalham em várias repartições e nunca comparecem? Será que eles não têm culpa? Será que só eu me sinto culpado neste país?

Uma vez, perguntei para o Chico Buarque, que acabava de acordar às 2 da tarde, se ele não tinha culpa. "Já tive. Superei." E o Caetano Veloso, que nunca acorda antes das 4 (da tarde)?

Conta uma lenda que, quando Einstein esteve no Brasil, foi recepcionado pelo Austregésilo de Athayde. O imortal andava com um caderninho para ir anotando as idéias para seus livros e ensaios. Perguntou se o genial Einstein não fazia o mesmo. No que ele respondeu: "Não. Só tive uma idéia na vida". E o pior é que essa idéia tinha só três letrinhas. Aquela famosa língua dele para fora denota um certo sinal de culpa. Deve ter morrido, relativamente, cheio de culpas.

Quanto menos escrevo e mais ganho, vou me sentindo, cada vez mais sub-desenvolvido e comunista. Quando deveria ser o contrário, como afirma o meu psiquiatra. Ele, por exemplo, não sente culpa nenhuma de ficar ouvindo os meus lamentos entre um bocejo e outro. Ou será que tem? Jamais saberei lidar com a culpa dele. Basta a minha.

Isso é que é!

• • •

32

Mario Prata

UM PUBLICITÁRIO NO DIVÃ (UMA PIADA)

Júlio estava beirando os 50. De uma geração contrária aos princípios freudianos, vinha sofrendo dos males do espírito. Mas agora estava demais. Era muita tensão, muita criação. Não dormia mais. Só pensava naquela cerveja que tinha que lançar. Sua vida estava se transformando num inferno. Pressão, tensão, angústia, melancolia, nervos à flor da pele. Irritado com a mulher e as filhas. Tava um chato.

Foi um amigo mais chegado que o convenceu a ir a um psicanalista. Não dói, dizia. E você não vai ser obrigado a falar nada que não queira. Foram alguns meses buzinando na cabeça do Júlio.

— Está bem. Vou uma vez. Mas, se ele começar a falar na minha amamentação, no tesão pela minha mãe, que eu tinha que ter dado quando era moleque, eu me mando.

— Imagina. Isso é uma visão antiga. Hoje em dia, nem divã tem mais.

Tinha divã. Mas ele se recusou. Sentou-se na cadeira na frente do sujeito. E começou a falar, a princípio desconfiado, mas depois foi se soltando.

— É isso que você precisa. Relaxar. Esquecer um pouco o seu trabalho. Dedicar-se mais ao lazer, à família, viajar. Esquecer um pouco o trânsito, o medo da Aids, a concorrência, os contatos, ler as revistas, e não os anúncios das revistas. Relaxar, está me entendendo? Relaxar! Não se alterar com pouco, não ficar ansioso, não perder as estribeiras, para falar um português bem claro.

— Mas como é que eu vou relaxar assim de uma hora para outra? Fico tenso e nervoso o dia inteiro.

— Por exemplo, aqui mesmo neste prédio, no mezanino, tem um piano-bar lindo. A esta hora, 7 da noite, deve estar vazio. Tem um velhinho simpático no piano, que conhece todas aquelas músicas do seu tempo. Desça lá quando sair daqui, sente no balcão, peça um Manhatan, que é a especialidade deles. Mas não tome de um só gole e vá embora, não. Tome devagar. Vá sentindo o gostinho do cárpano, do Jack Daniel, passe a língua pela cerejinha. Devagar,

como se o mundo não fosse acabar nunca. Fique meia hora neste único drinque. Você vai aprendendo a se controlar. Não pense em mais nada. Apenas beba.

Realmente o Monk estava vazio às 7 e 10. Apenas um velhinho dos anos 40 tocava algumas músicas de Glenn Miller no seu velho piano de calda. Um som bom, baixinho, realmente relaxante, pensou Júlio. Foi para o balcão. Nenhum cliente, um garçom atencioso. Pediu a bebida. A bebida chegou. Ele ameaçou tomar num gole só, mas se lembrou da recomendação. Apenas molhou os lábios na bebida. Gostou. Sentiu o cárpano. Afastou o copo e ficou admirando a cor do drinque. Balançou a taça, ameaçou tomar um gole maior, mas se segurou. Afastou o copo. Estava, que maravilha, relaxando.

Foi quando ele viu o macaquinho. No canto do balcão, a olhar desafiadoramente para ele. Não posso me abalar. Calma. Ele olhava o macaquinho. O macaquinho olhava para ele. Pegou a taça para um gole. O macaquinho veio andando, pelo balcão, na direção dele. Ele, calmo. Ao passar por cima da taça, o macaquinho abaixou e colocou o saco dentro do Manhatan do Júlio. E seguiu o seu caminho parando na outra extremidade do balcão de jacarandá. Não posso perder a calma.

Não tinha ninguém perto para ele conversar, contar o que o macaquinho tinha feito com ele.

Só o pianista por perto. Foi até o velho pianista e, com a voz mais calma possível e pausada, disse:

— Um macaquinho colocou o saco dentro do meu copo.

O velhinho interrompeu o Samba de Uma Nota Só, olhou para o Júlio, simpático:

— Assovia o começo para ver se eu me lembro da melodia...

• • •

Mario Prata

SEU MARIDO ESTÁ FICANDO VELHO?

Este teste tenta avaliar se o seu marido (noivo, namorado, companheiro, concubino) está ficando velho. Velho não no sentido da idade, mas das manias, sistematismos, etc.

Foi elaborado por professores da Universidade de Del Mar, no sul da Califórnia, liderados pela Ph.D. Dra. Mary Silver, renomada geriatra. Aqui, fizemos apenas uma adaptação para os nossos brasileiros.

1) Quando você está vendo televisão, ele:

a) Diz que o som está muito alto.

b) Pergunta se você não tem mais o que fazer.

c) Avisa que está quase na hora do futebol.

d) Vai dormir.

e) Dorme ali mesmo.

2) Em relação às luzes da sua casa, ele:

a) Fica andando pela casa, apagando-as.

b) Diz que só pode ficar acesa a luz do cômodo em que vocês estão.

c) Deixa todas acesas.

d) Insiste em dormir com o abajur aceso.

e) Cada vez que chega a conta, acontece uma briga.

3) Quando você quer ir ao teatro ou ao cinema, no domingo, ele:

a) Diz que é o seu único dia de folga, portanto...

b) Lembra que tem os gols da rodada.

c) Prefere pedir uma pizza.

d) Boceja.

e) Prefere um chopinho com os amigos.

4) Quanto à freqüência sexual, ele:
a) Nem lembra mais o que é isso.
b) Uma a cinco, por mês.
c) É um tarado. Todo dia.
d) Vira para o canto e dorme.
e) Reclama da dor do joelho.

5) Quanto tempo ele demora para tomar banho?
a) Horas.
b) Minutos.
c) Raramente toma.
d) Nunca toma.
e) Só toma banho de imersão, com sais.

6) Ele reclama de dores? Onde?
a) Lumbago.
b) Gota.
c) Reumatismo.
d) Enxaqueca.
e) Dores do amor.

7) Com relação aos filhos, ele:
a) Sempre diz: "Onde foi que eu errei?".
b) Ignora-os.
c) Joga na cara: "Na sua idade, eu já trabalhava, vagabundo!".
d) Ameaça: "Quando eu ficar velho, vocês vão me sustentar, cambada"!.
e) Nunca quis ter filhos.

8) O que ele gosta de fazer nas férias?
a) Ir pescar com os amigos.
b) Ficar em barzinho com amigos.
c) Dormir o dia inteiro.
d) Fazer um safári na África.
e) Ir para a casa da mãe dele.

9) O que ele acha do fato de você trabalhar fora?
a) Errado. A casa está sempre abandonada.
b) Ótimo. Desde que você não ganhe mais do que ele.
c) De vez em quando, vai ao seu trabalho dar uma "inspecionada".
d) Só não gosta quando você traz trabalho para casa.
e) Sempre quer interferir, dar palpites.

10) Quando vocês vão à praia (raramente), ele:
a) Fica sentado numa cadeirinha, de camiseta.
b) Fica no apartamento jogando pôquer com os amigos.
c) Fica na barraquinha de caipirinha.
d) Reclama que a água está fria e ficam entrando bichinhos no maiô.
e) Fica, descaradamente (mas de óculos escuros), olhando o bumbum das gatinhas.

11) Quando ele dorme:
a) Ronca.
b) Ronca desesperadamente.
c) Fica virando de um lado para o outro, te deixando sempre descoberta.
d) Fala coisas desconexas.
e) Raspa os dentes.

12) Com relação à sua mãe, ele:
a) Diz que a adora.
b) A odeia.
c) Ignora.
d) Fica irritado porque é sempre ela que sai no amigo-secreto de Natal.
e) Fica mais irritado ainda quando ele que é o amigo secreto dela. Já não tem onde guardar tantas cuecas.

13) Quando você pede que ele lave as louças, ele:
a) Lava, mas sempre quebra alguma coisa.
b) Lava muito mal, que é para você não insistir com essas coisas.
c) Vai imediatamente para a rua.
d) Diz que só enxágua.
e) Mostra um machucadinho no dedinho, impedindo-o.

14) Como é ele, guiando no trânsito?
a) Sai xingando feito um louco.
b) Dirige muito devagar.
c) Sempre erra o caminho.
d) Não se permite perguntar para alguém onde fica a rua tal. Ele "sabe".
e) Nunca dirigiu na vida.

15) Como ele ouve música?
a) Altíssima.
b) Muito baixa.
c) Só no walkman.
d) Odeia música.
e) Só ouve música clássica.

16) Quando joga baralho com os amigos, ele:
a) Briga.
b) Rouba.
c) Sempre perde.
d) Sempre ganha.
e) Odeia jogos, cigarros e bebidas (nessa ordem).

17) Que exercícios ele faz?
a) Bicicleta ergométrica (que ele insiste em chamar de egocêntrica).
b) Malha.
c) Corre no Ibirapuera, 100 metros por semana.
d) Levantamento de copos.
e) Só se exercita quando faz amor.

18) Como ele te chama?
a) Tesouro.
b) Bibelô.
c) Gorda.
d) Fofa.
e) A pequena insaciável.

19) Ele vem dizendo alguma destas frases? Qual?
a) No meu tempo, não era assim.
b) Isso é falta de couro.
c) O mundo está mesmo de ponta-cabeça.
d) Vivendo e aprendendo.
e) Isso é coisa de veado!

20) Onde você acha que ele está neste exato momento?
a) No trabalho.
b) Num bar com amigos.
c) Num bar com amigas.
d) Num bar com a amiga.
e) Na casa da mãe dele.

21) Ele sabe onde fica o Ponto G?
a) Sabe, mas não o acessa.
b) Diz que isso é coisa de feminista.
c) Ignora.
d) Lembra vagamente.
e) Nem você sabe o que é o G Point.

RESPOSTA AO TESTE:

Minha amiga: todos os itens valem dez pontos. O que significa que você fez 210 pontos. Isso quer dizer que todas as respostas ao teste indicam que o seu marido está mesmo velho, mesmo que ele ainda não tenha chegado aos 40. Cuidado, se cuide. Faça um esforçozinho e traga-o de novo aos nossos dias. Ou troque-o por um mais jovem. Boa sorte!

34

Mario Prata

SAUDADES DA ANA C.

O Caio F. (Fernando Abreu) sempre me faz lembrar a Ana C. (Cristina Cesar). Sempre. Encontrei-me com ele na semana passada numa boate absurdamente gay (A Louca) e me lembrei da Ana. Da Ana, do verão de 82. Não sei se falamos sobre ela entre uma música e outra da Laura Finokiaro. Mas que ela estava presente, estava.

No domingo, duas divinas páginas do Caio sobre ela, aqui no **Estadão**. Cartas dela para ele. Oitenta e dois, 83. Só que o Caio se esqueceu de me citar nos encontros aqui em São Paulo com a Maria Emília Bender, o Reinaldo Moraes (aliás, como perguntou Ricardo Soares, ninguém vai reeditar o desconcertante e vagabundo *Tanto Faz*?), ele e ela. Citou os bares certos: Longchamp, Pirandelo, Frevinho, etc. Mas eu o perdôo como ele perdoou Ana C. por "ter conseguido".

Conheci a Ana na casa do Reinaldo e da deliciosa Maria Emília (mais o gostoso Ruy Fontana Lopes). Grandes jantaradas, bons vinhos e tome papo. Discutíamos o nada e o tudo. Ficamos amigos. Aliás, as pessoas não ficavam amigas da Ana. As pessoas simplesmente se apaixonavam por ela. Que coisa bonita! Que cabeça! E aqueles poucos cílios brancos num dos olhos? O esquerdo? Nada mais cativante.

Um dia, ela veio a São Paulo para participar de uma mesa-redonda para a revista *Istoé*, organizada pela Marta Góes. Me ligou do Rio. Queria me ver. Hospedou-se no Hotel Jaraguá onde, lá mesmo, era a mesa-redonda sobre os novos valores da cultura brasileira, ou algo assim. Fiquei de pegá-la à meia-noite. Serviram bebida durante o debate. Assim que cheguei, o Cacaso vomitou na minha camisa ao me cumprimentar. Tive que pegar uma camiseta da Ana no apartamento dela.

Fomos para um japonês na Liberdade tomar saquê, nós dois. Lá pelas três, ela me diz:

— Quer ir dormir comigo no hotel? Sem compromisso?

Fomos. Dormimos sem compromisso, completamente saqueados. Manhã seguinte, levei-a ao aeroporto e nunca devolvi a camiseta. Mas sempre devolvi o carinho. Aliás, onde andará aquela camiseta?

Reinaldo Moraes morreu de ciúmes. Simplesmente porque ela esteve em São Paulo e não ligou para ele. Uns dois meses depois, estávamos os dois a tomar a cervejinha da tarde no La Villette e ele não parava de olhar no relógio.

— Que foi, cara?

— Sabe o que é? Tem um jantar lá em casa hoje à noite (morávamos no mesmo prédio, na Alagoas) com a mãe da Maria Emília. Coisa meio formal, senão, te convidava.

Fomos embora, peguei o elevador e ainda vi o Reinaldo abrindo a porta dele no térreo. Chego no meu apartamento e a deliciosa e poética voz da Ana C. na secretária eletrônica entregava o mentiroso:

— Estou jantando aqui embaixo. Desça quando chegar. Ana C.

Não sei se a história ficou clara: o que o Reinaldo queria era aproveitar sozinho a Ana C. Queria a Ana só para ele. Era assim que as pessoas amavam Ana C. Ciumentamente.

Não tive dúvidas. Peguei o elevador e desci os dois andares. Ele abriu a porta já pedindo desculpas. E a Ana a me dizer que, assim que ele entrou, ela perguntou por mim e o sujeito teve a cara-de-pau de dizer que não me via há dias. Aproveitamos a Ana, juntos.

No dia seguinte, ele me mandaria um buquê de rosas com um bilhete, pedindo desculpas mais uma vez. Tanto Faz, Reinaldo.

Isso foi meses antes de ela conseguir se matar, depois de tantas tentativas e sofrimento. Uma vez, entrou no mar gelado, de noite, nua. Depois, não sei por quê, voltou e estava atravessando a rua quando um sujeito viu, saltou do ônibus e a vestiu com seu paletó. Será que esse anônimo sabe quem ele acalentou?

Maria Emília liga para o hospital, no Rio. Fala com ela. Ela estava mesmo mal. Daí a uns dias, ela voou pela janela, de um sétimo andar.

Como sabiamente disse o Caio F., ela precisava fazer isso. Tinha que fazer isso. Fazia parte da poesia dela. Ana C. virou um mito mais vivo do que nunca.

E, como sempre, dormiu. Sem compromissos.

Preciso achar aquela camiseta.

• • •

35

Mario Prata

ASSIM NÃO HÁ CRISTO QUE AGÜENTE

Sempre foi dito que o Brasil é o maior país católico do mundo. E agora, cada vez mais, estamos provando para nós mesmos e para o mundo incrédulo esta verdade. Nunca Deus e Cristo estiveram tão em evidência por aqui. Se fosse ter eleição, levavam no primeiro turno.

Podemos começar a provar a nossa tese por aquela "conversa entre primos" do Recúpero com o Monfort que foi captada do céu pelas parabólicas. "Bem-aventurados os inescrupulosos porque deles será o Reino de Deus", já dizia Jesus (ou não foi isso que ele disse?). E o Brizola foi o primeiro a admitir que foi Deus quem colocou a imagem lá. No dia seguinte, o Lula disse a mesma coisa e ainda citou uns trechos da Bíblia. Deve ter confundido parabólica com parábola. Deus ex-machina e não se fala mais nisso.

O número de Atletas de Cristo já andava me assustando um pouco. Na Copa, o Jorginho distribuía um livrinho dizendo que, antes de ser de Cristo, batia em todo mundo e agora apanha e oferece a outra face. Mas, como disse o genial Roberto Benevides, Cristo não sabe bater pênalti e o São Paulo dançou rezando de joelhos no meio do campo contra o Velez. O próprio Muller, Atleta de Cristo e de Jussara, antes de embarcar para Liverpool, disse que, se lá não houvesse uma tendinha para Cristo, ele iria abrir uma. Mas teve que colocar a Bíblia no saco e voltar ao descobrir que, lá, Cristo também paga imposto de renda. Os luteranos protestaram. O Muller tinha se esquecido do dízimo. Na Copa dos Estados Unidos, dizem que foi Cristo quem soprou aquele chute do Baggio para a arquibancada.

Depois dos Atletas de Cristo, surgem, agora, diariamente nas nossas telas, no horário político gratuito (já imaginaram se fosse pago?), os Deputados de Cristo. Vocês já repararam que, em cada quatro candidatos a deputado, um é evangélico? Não sei se Cristo é bom de voto, mas todos eles fazem questão de dizer que a salvação é Cristo e não o Enéas, o Atleta de Hitler. Dizem que, em outros Estados, a proporção é ainda maior. Fico a imaginar esses deputados

eleitos e, na hora das grandes votações no Congresso Nacional, todos eles, senhores sérios e feios, de terno, gravata e terço, de mãos dadas, orando, torcendo, de joelhos. Teremos uma nova Constituição de Cristo? O Chico Rossi, já em segundo lugar para governador em São Paulo, fala com a Bíblia na mão: deve ser o seu projeto para São Paulo apóstolo.

Outro dia, no casamento da filha de um amigo de infância, encontrei um conterrâneo que não via há mais de 20 anos. Veio falar comigo, o meu querido Oswaldinho. "Agora sou crente!", foi logo dizendo. E disse mais: que lia todas as minhas crônicas e que as achava muito edificantes, que eu era uma espécie de evangélico. Entenderam? Sou um Cronista de Cristo agora.

Não sei se isso tudo é moda ou fé. Mas a coisa está pegando. Não tenho nada contra Cristo, muito pelo contrário, mas acho que o Homem, lá em cima, não vai ter tempo para atender tanta gente. Ele deve estar doidinho lá no céu. Num mesmo dia, ter que colocar imagens em parabólicas, bater penalidades máximas, colocar votos em urnas, escrever crônicas e mais, muito mais.

Claro. Logo vão surgir os Artistas de Cristo no SBT, provavelmente, onde já existe a "novela da família brasileira". A próxima será "As Pupilas do Senhor Reitor". Estão chegando perto. Sem contar na Record, que já é de Cristo há muito tempo.

Depois virão os Médicos de Cristo, que serão aqueles que operarão verdadeiros milagres nas mesas cirúrgicas, transformadas em altares. Logo, logo surgirão os Especuladores de Cristo, os Escrupulosos de Cristo e assim por diante.

Cristo é a salvação, está escrito nos carros. Pode ser, sou cristão. Mas acho que a gente devia cair mais na real (e no real) e tratarmos de resolver nós mesmos os nossos problemas e os problemas do nosso país. Não é todo dia que Cristo resolve transformar água em vinho e nem ressuscitar Lázaros. Vamos deixar Deus em paz que ele tem mais o que fazer.

• • •

36

Mario Prata

NAS CURVAS DA ESTRADA DE PROMISSÃO

O caso do litigiosíssimo desquite do doutor Mosca e da dona Santinha, lá de Lins, há uns 40 anos.

Naquele tempo, não havia motéis. Por sorte, a indústria automobilística chegou ao Brasil ao mesmo tempo da liberação sexual. Corriam os anos 50. Sim, os anos 50 e 60 corriam paralelamente aos Aero Willys e Simca Chambords. E a sexualidade do brasileiro começa a ser colocada, literalmente, para fora.

O carro era, naquele tempo, não apenas um meio de locomoção de um lado para outro. Outras locomoções eram praticadas quando as quatro rodas paravam. O carro era o motel! Até mesmo o velho Fusquinha servia. Colocavam-se os pés das incautas naquele negócio de segurar e colocar as mãos que ficavam pendurados dos dois lados internos do carrinho e as moças ficavam lá, feito frango de vitrine.

E foi por causa de um carro-motel que o doutor Mosca se deu mal. Formavam um casal exemplar na pequena Lins, os Moscas. Ele era até presidente do Rotary local. Já era avô, o doutor Mosca, quando o caso se deu. E deu no que deu.

O doutor Mosca gostava, vez ou outra, depois de deixar o seu estetoscópio de lado, de auscultar outros corações. Gostava de biscatear, como se dizia no interior. Biscates eram mocinhas (às vezes, nem tão mocinhas assim) que ficavam nas ruas da cidade à espera de alguém de carro para soturnos passeios noturnos. Já disse que não havia motéis naquele tempo. Pegavam-se as moças e ia-se para as estradas. E foi naquela noite que começou o pesadelo da família Mosca.

O doutor Mosca pegou a Lindeza (que biscateava junto com a irmã Beleza) e foi para a estrada asfaltada de Promissão. Lá, tinha uma quebrada de terra que todo mundo conhecia. Não levava a lugar algum, antes a uma espécie de arena no meio das árvores, ótima para esses tipos de devaneios.

O doutor Mosca chegou, desceu com a Lindeza, tiraram a roupa e estavam ali no bem-bom quando surge lá do outro lado, na estrada asfaltada, outro

carro. O presidente do Rotary local vestiu correndo suas roupas, manobrou o carro debaixo da chuvinha leve que caía. Nisso, o carro que vinha entrando percebe que o quarto já estava ocupado, desiste e vai embora. O doutor Mosca manobra de novo, tira a roupa e faz o seu diagnóstico com a Lindeza. Isto posto, vestem-se de novo e ele vai para a sua casa, passando antes pelo Bar do Mário para uma última cerveja.

Chega em casa, dona Santinha já no décimo sono, penetra debaixo dos lençóis e dorme sonhando com as curvas da estrada de Promissão.

Manhã bem cedinho, ele é sobressaltadamente acordado pelo convulsivo choramingar da dona Santinha:

— Aonde foi que o senhor foi ontem à noite?

— No Bar do Mário, criatura...

— Ah, é? E como é que o senhor me explica isto aqui?

Foi então que o doutor Mosca abriu melhor os olhos e viu a prova do crime estendida nas mãos trêmulas da dedicada esposa: sua cueca, enorme e branca como deviam ser todas as cuecas, com a marca de um pneu. Inapelável.

Foi então que ele entendeu tudo. Na primeira vez que manobrara o carro, havia se esquecido de vestir a cueca que ficou no chão molhado e ele passou com o carro por cima dela. E agora ela estava ali, sob o testemunho do sol forte que penetrava pela janela, nítida e transversalmente assinalada com a marca da Fyrestone.

• • •

Mario Prata

CRIANÇA DIZ CADA UMA... II

Outro dia, escrevi, aqui mesmo, uma crônica com o título acima e choveram cartas contando as peripécias de crianças por este Brasil todo. Quais são os pais que não guardam as "besteiras" que os filhos dizem quando pequenos? Vamos a algumas delas.

Aninha já estava com 2 anos. Loira, linda. Nunca tinha cortado o cabelo. Eram amarelo-ouro e cacheados. "Parecia um anjinho barroco", diz a mãe coruja.

Lá um dia, a mãe pega uma enorme tesoura e resolve dar um trato na cabeça da criança, pois as melenas já estavam nos ombros. Chama a menina, que chega ressabiada, olhando a cintilante tesoura.

— Mamãe vai cortar a cabelinho da Aninha.

Aninha olha para a tesoura, se apavora.

— Não quero, não quero, não quero!!!

— Não dói nada...

— Não quero!, já disse.

E sai correndo. A mãe sai correndo atrás. Com a tesoura na mão. A muito custo, consegue tirar a filha que estava debaixo da cama, chorando, temendo o pior. Consola a filha. Sentam-se na cama. Dá um tempo. A menina pára de chorar. Mas não tira o olho da tesoura.

— Olha, meu amor, a mamãe promete cortar só dois dedinhos.

Aninha abre as duas mãos, já submissa, desata o choro, perguntando, olhando para a enorme tesoura e para a própria mãozinha:

— Quais deles, mãe?

• • •

Claudia tinha 6 anos. Seus pais se separaram. O pai arrumou outra namorada e a engravidou. Resolveu ter o filho. Foi contar para a Claudia, filha do primeiro casamento.

— Filhinha, o pápi quer te contar uma novidade.

— Ahn...

— Você vai ganhar um irmãozinho.

— A mamãe tá grávida?

— Não, filhinha. É com a minha namorada.

Claudinha fica intrigada. Seis anos:

— Mas como é que você vai ter um filho com a Fernanda se vocês não são casados?

O pai se embaraça, sai pela tangente:

— Sabe o que é, filhinha, a cegonha errou a data, entende?

— Cegonha, pápi? Cegonha?

— É, errou a data... Acontece...

— Pápi, eu estou achando que você andou colocando uma sementinha na Fernanda!!!

• • •

Na cidade, tinha um padre muito temido pelas criancinhas. Ralhava com todo mundo, era contra minissaia, namoros, beijos, decote, tudo. Era o terror da garotada, o Padre Castanho.

Zé Carlos, uns 8 anos, adorava escutar futebol junto com o pai, pelo rádio. E adorava ficar imitando os locutores. Enquanto ia jogando futebol de botão, ia narrando os jogos, imitando o Fiori Gigliotti.

Estava lá um dia, irradiando o jogo, com aquele palavreado típico todo, quando houve um gol e ele chamou o "repórter de campo":

— O que foi que só você viu, Padre Castanho?!!

• • •

E o pai daquele garotinho, o Bruno, foi designado para trabalhar em Washington durante dois anos. Na viagem, a mãe foi explicando ao Bruno, 4 anos, como seria a vida nos Estados Unidos, que lá é tudo diferente, o povo, a comida e, principalmente, a língua.

Bruno ouvia tudo, no avião, muito curioso.

— Como que é a língua, mã?

— É outra língua, completamente diferente. Mas, com o tempo, você vai

se acostumando.

Uma semana depois, a mãe vai buscar o filho na escola, depois do primeiro dia de aula. Bruno tinha passado o dia inteiro lá. Vem a professora americana, toda preocupada:

— Seu filho é um amor. Participou de todas as atividades. Só que não disse uma única palavra. Não abriu a boca nem na hora do lanche.

Voltando para casa, a mãe pergunta ao filho:

— A professora me disse que você não abriu a boca nem para comer. Sem fome, filho? Estranhou a comida?

— E eu sou bobo? Se eu abro a boca, eles trocam a minha língua...

• • •

Laurinha era separada e tinha duas filhas. Conheceu Carlinhos que era igualmente separado e tinha quatro filhos. Só que três de um casamento e o caçula, Pedro, de uma outra relação.

Laurinha e Carlinhos se casaram e juntaram os seis, numa mesma casa. Passa o tempo, Laurinha se engravida de Carlinhos. Reúnem todos os filhos numa sala para dar a notícia.

Laurinha:

— Queremos avisar a todos vocês que eu e o pai de vocês vamos ter mais um filho.

No que o caçula Pedro, incontinenti:

— Ué, mas pode ter filho morando junto?

• • •

38

Mario Prata

CRAQUES DA FAZENDINHA: DUDA, FELIPE, WLADIMIR

Duda:

Tudo começou em 1973, quando o Samuel Wainer me apresentou a sua irmã Marta. Trabalhávamos na *Última Hora*.

Dias depois, conheci o resto da família dela. O Mario e a Loli. Depois, Leco, Lulu, você, Miguel e Guelé. Você tinha 15 anos, melenas longas e um sorriso permanente.

Um dia, a Marta foi entrevistar o Wladimir, craque de alma longa e pernas curtas. Aquele Wladimir que, depois, junto com o Casagrande, o Sócrates e outros, faria a Democracia Corintiana, mesmo naqueles cinzentos anos 70 e começo de 80.

Do encontro da sua irmã com o Wladimir ficou uma foto dos dois lá no campo do Corintians, a Fazendinha. Lembro-me bem da foto. Os dois sentados na arquibancada, ela com um caderninho de anotações nas mãos e ele com um sorriso gostoso mostrando uns 50 alvos dentes. Sua irmã, que ficou fã do craque da Fazendinha, guardou a foto.

Depois nasceram nossos filhos Antonio e Maria. Você foi o padrinho do Tunico, junto com a Ruth, minha irmã.

Quiseram o destino e as coincidências da vida que você conhecesse outra Ruth. Acabaram se casando. Eu já estava separado da Marta, mas você sabe que, da sua família, eu nunca iria me separar. E você e a Ruthinha, aquela Tigreza de olhos verdes, fizeram questão que eu subisse ao altar para ser seu padrinho. Viramos compadres por todos os lados.

Mais tarde, vieram os seus: Felipe e Olívia. Felipe, como Wladimir, corintiano confesso, de carteirinha e boné.

Na quinta-feira, você subiu aos céus literalmente, num rasante e rápido vôo.

E foi a partir daí que os fatos se cruzaram.

Na sexta, sua irmã Marta e meus filhos estavam indo para a sua casa na Fazendinha. Não a do Wladimir, mas aquele bairro depois do Granja Vianna:

Fazendinha. Coincidência?

No caminho, na estrada, um jovem negro levava uns dez garotos para um treino de futebol. Veja o destino, meu querido. O jovem negro era o Wladimir segurando o seu Felipe pelas mãos. O craque da Seleção brasileira soube da tragédia do dia anterior e foi dar uma força para o futuro craque Felipe.

E aí que vem o mais interessante e que fez com que quem chorava de tristeza chorasse de alegria.

Felipe, com o boné do Timão virado para trás, ao ver a Marta dentro do carro, em vez de apresentar o Wladimir para ela, disse, com o maior orgulho:

— Wladimir, Wladimir, essa é aquela tia que eu te falei!

Obviamente que ele devia ter contado para o professor de futebol que tinha visto a tal foto de 20 anos atrás numa outra Fazendinha.

Duda, craque do coração aberto, craque como filho, irmão, esposo e pai. Craque como compadre, padrinho e como engenheiro.

Wladimir, um dos maiores craques de toda a história do Corinthians. Craque da solidariedade, craque da hora certa no lugar certo, craque que foi na missa de domingo, rezada por aquele padre cantor do casamento do Guelé. Levou a esposa e três filhos. O mais velho já tem até ginga de craque. Até brinco já colocou. E o Wladimir com um corpinho que acho que ainda ajudaria o seu velho time nos dias de hoje.

E o Felipe que não sei se aprenderá tudo o que o mestre lhe vem ensinando nos gramados da sua casa lá na Fazendinha. Mas acho que não é apenas o futebol que ele está aprendendo com o outro craque. Amor, carinho e solidariedade humana.

Coisas que o Felipe aprendeu com você também, tenha certeza.

E a Tigreza continua linda. Por fora e por dentro.

Fique com Deus, compadre. E não se preocupe não, que a gente "estamos aí", da Fazendinha do Wladimir à Fazendinha do Felipe e da Olívia.

• • •

Mario Prata

AINDA AS ELEIÇÕES

As eleições, para mim, perderam a graça. Tudo por culpa do modernismo eletrônico e da televisão.

Em primeiro lugar, não se fazem mais comícios como antigamente. Em praça pública. No palanque da praça central. Na minha cidade, tinha um palanque que era fixo. Ali, ficavam as autoridades nos desfiles cívicos e militares. Ali, cantores do rádio vinham encantar a gente.

E, nas eleições, era dali que a gente via o Adhemar de Barros gritar: "Enquanto eu estou aqui, a minha mulher está na zona de Jaú". Ou o Jânio, que passava pela cidade no último vagão da Noroeste do Brasil, tirava um sanduíche do bolso e mandava bala.

Como gritavam os políticos dantanho. Tinha cidade onde o alto-falante nem sempre funcionava. Chiava. O jeito era ir no grito, no peito e na raça. Ainda hoje em dia, vendo os velhos políticos, noto que eles não perceberam que os microfones funcionam e continuam a gritar como se estivessem na década de 40 ou 50. Mesmo na televisão, eles agem como se estivessem nas públicas praças.

Agora tem o horário político. Devo confessar que adoro. Principalmente os candidatos a vereadores. De tão hilários, deveriam ter mais espaço na telinha. Um deles, lá de Sorocaba, travesti, dizia: "Não preciso do seu voto. Minha clientela me elege". E dava o ponto na rua tal, esquina com tal. Adoraria ver a bicha num palanque rodando a baiana e apontando os seus clientes na platéia.

O horário político foi feito para eles entrarem nas nossas casas. Mas não entram, só espiam.

Depois inventaram as carreatas, as passeatas, os panelaços e outras palhaçadas. Você vê o seu candidato passando correndo pela sua rua. A impressão é que eles estão correndo para outro bairro.

Depois, tem a mala direta. Não sei onde esses caras arrumam o endereço da gente. Mas todo dia chegavam de dois a três envelopes, cheios de santinhos. Pelo menos é bom para rascunho. E os erros de português, que maravilha. Tinha um

que começava assim: "Fazem oito anos que"... Ou seja, não dá para ler até o fim.

Mas o mundo mudou e a lusitana continuou a girar. Tudo bem, sejamos modernos. Mas, depois chega a apuração. Era aqui que eu queria chegar.

Com essa coisa de querer fazer apuração de primeiro mundo, perdemos a graça do nosso maravilhoso terceiro mundo. Urna eletrônica. Todo mundo aplaudiu e é mesmo gostoso apertar aqueles botõezinhos e pronto. Foi um sucesso. Monteiro Lobato, Elis Regina, Machado de Assis e Grande Otelo foram exumados, sem autorização das famílias, e voltaram às nossas telas.

Mas o mais grave de tudo foi a rapidez da apuração. Perdeu a graça, gente. Tinha coisa melhor do que você ficar em casa diante do rádio ouvindo aquelas intermináveis apurações, com papelzinho e lápis na mão, anotando tudo? Dias e mais dias, noites, madrugas, torcendo, anotando, como se fosse uma classificação do Brasileiro de futebol. Fulano crescendo, beltrano caindo nas apurações da zona leste, por exemplo.

Nas suas casas e diretórios, os candidatos também sofrendo, torcendo, fazendo contas impossíveis. Durava mais de uma semana o lúdico sofrimento. Era bom demais. Agora, não. Quatro ou cinco horas depois, já se sabe quem ganhou. Qual é a graça? Onde fica o espírito de competição, o espírito esportivo? Antigamente uma eleição era decidida em dias, semanas. A gente sofria, torcia, apostava. Agora ficou uma caca.

Tinha subornos, sacanagens, votos preenchidos pelos próprios mesários. Protestos, processos, denúncias. Agora, não. Está tudo certinho. Parece com os Estados Unidos. É isso que eles queriam. Um dia, por engano, ainda vamos eleger o Clinton. Ou não será por engano?

Sei que, dentro de alguns anos, não vamos nem precisar ir até ao colégio para votar. Vamos votar de casa mesmo, através da internet. Mas quer coisa mais gostosa do que sair de casa, entrar pra votar, pegar uma filinha, encontrar amigos, tomar uma cervejinha em casa depois? Será que vai ter boca de urna dentro da casa da gente? Os lixeiros vão adorar, é claro.

É por essas e outras que o FH se alia ao Maluf, seu velho inimigo na época da ditadura. Que vergonha, meu Deus. Não temos mais eleições, nem apuração e nem Partidos mais no Brasil. Os Partidos estão irremediavelmente partidos. Tudo é luta pelo poder. Aliás, a esquerda velha sempre gostou de um cargo. E, quando consegue, não quer largar.

Pior que uma eleição de primeiro mundo só mesmo uma reeleição de terceiro mundo. O Fujimore entende dessas coisas.

Tecnicamente pra frente. Politicamente pra trás.

Dá pra rir? Dá.

A eleição brasileira acaba de entrar na menopausa.

• • •

40

Mario Prata

POR QUE O PENICO CAIU EM DESUSO?

Acho que foi o bom amigo e baiano João Ubaldo Ribeiro quem escreveu outro dia, aqui, no **Estadão**, contando das agruras de um escritor famoso que passa os dias a dar entrevistas. Sobretudo, sobre tudo.

Não sou tão famoso assim e nem mesmo imortal como ele, mas caio sempre nas mesmas interrogações dos colegas da imprensa. Desde que os jornais inventaram as enquêtes (assim mesmo, com circunflexo) que a gente vem sofrendo com este terrível assédio. Perguntam de tudo para a gente sem antes perguntarem se entendemos daquele determinado assunto. Ou mesmo, sem antes indagarem educadamente se estamos disponíveis naquele momento.

Juro que um dia uma rádio me ligou perguntando o que eu achava da dor do parto. Diante do meu parturiente susto, disseram que sabiam que eu havia participado do parto dos meus dois filhos. Preferi falar da dor de pedra nos rins, uma dor mais próxima ao meu útero.

Outro dia, a *Bandeirantes* queria saber a minha opinião sobre a ressaca. Queriam vir à minha casa de manhã, para gravar a entrevista. Logo percebi que eles não entendiam nada mesmo de ressaca.

Agora o problema é a Síndrome de Pânico. Como dei uma entrevista (que eu não deveria ter dado) para a revista *Istoé*, agora todo mundo me liga, deixando-me, literalmente, de pânico. Será que não tem mais ninguém por aí com pânico?

Um dia a *Playboy* me ligou: queria saber como foi a minha primeira vez. E eu perguntei: a quem interessa isso? Outra menina queria saber se eu prefiro calcinha branca, preta ou vermelha. Logo eu, que nunca usei calcinha. Uma outra queria que eu completasse a frase: "Amar é...". E eu disse: "Amar é f...". Ela disse que isso ela não podia publicar, embora tivesse me achado muito inteligente.

A Sylvia Popovic, minha amiga, queria que eu fosse no programa dela, cujo tema era "Eu tive várias mulheres". Na verdade, tive apenas duas e tenho o maior respeito por elas, para ficar comentando isso às 5 da tarde na televisão dos outros.

Tinha aquele que queria saber se eu era mais Gerald Thomas ou Zé Celso.

Romário ou Bebeto? Edmundo é psicopata? O que você acha dos cem primeiros dias do Fernando Henrique? Você acha que deveriam proibir o cigarro nos restaurantes?

Meu Deus, quem sou eu para ficar afirmando estas besteiras todas? O que eles e elas acham que nós somos? Uma enciclopédia ambulante, um céu é o limite?

Se eu compraria um carro conversível? Ou mesmo, qual será o meu próximo carro? E, depois de passar dois anos em Portugal, todo mundo queria saber de mim se os portugueses são mesmo burros. Claro que não, minha senhora. Ou será que a senhora se esqueceu que todos nós temos um pé (ou dois) lá do outro lado? É tudo uma questão de lógica.

Se eu sou a favor da pena de morte? Se eu acho que o O. J. Simpsom é culpado? O que é que eu acho do campeonato Paulista por pontos corridos? De quem foi a culpa da morte do jogador Denner? Qual o melhor Bingo de São Paulo? Onde o senhor vai passar a Semana Santa?

O que você acha da cozinha da Pousada Alcobaça em Petrópolis? A feijoada de lá é mesmo a melhor do Brasil? Como? Se eu acho que a Universidade deveria ser paga? O que eu acho do curso primário no Brasil? Por que o penico entrou em desuso? O senhor usa camisinha? É a favor do amor livre (como se existisse algum amor preso)? É bom ser famoso?

Eu dizia lá atrás que não sou tão famoso como o Ubaldo, mas já fui. Isso quando escrevi *Estúpido Cupido* para a *Globo*. Era jovem, tinha 29 anos e a emissora resolveu investir na minha cara e imagem. Era um horror até mesmo ir a um supermercado. Uns dois anos depois, fora do ar, já podia sair mais calmamente da minha casa. E um dia, lá em Lins, fui com o meu pai a uma farmácia. A mocinha ficou a olhar de longe para a minha cara, chamou outra, discutiam-me. Meu pai disse: te reconheceram. Eu respondi: imagina, ninguém se lembra mais de mim. Mas a mocinha, caipira e modesta, cautelosa e intrigada, veio se aproximando e fez a pergunta que um dia alguém ainda vai me fazer por telefone, numa entrevista:

— Desculpa, mas o senhor não era o Mario Prata?

• • •

41

Mario Prata

DUAS OU TRÊS CUSPIDAS SOBRE A ESCARRADEIRA

Acredite quem quiser. Estava eu, ajoelhado, tentando a sintonia de um canal de televisão, o telefone tocou e eu me levantei abruptamente. Resultado, uma lesão no menisco e um deslocamento da rótula. O resultado da ressonância magnética era assustador: "Lesão no corno posterior meniscal". Podia contar com tudo, menos que o meu menisco tivesse levado um corno. E o pior: posterior.

— Pijama e cama!, como diria meu velho pai médico.

E aqui estou eu na cama, imobilizado. Levei de tudo para os arredores: telefone sem fio, cigarros, cinzeiro, uma garrafa de cachaça, cinco ou seis livros, gelo e bolsa de água quente. "Levantar só para ir ao banheiro." E eu ali, Coca de um lado, antiinflamatório do outro. Só faltam mesmo um penico e uma escarradeira.

Penico todo mundo sabe o que é. Mas como eu não queria "pedir penico", que é pedir arrego, deixei pra lá. Mas escarradeira, pouco gente sabe ou lembra do que se trata, apesar do escancarado do nome.

Coisa de antigamente, da casa da vó, influência francesa. Existiam escarradeiras lindas, importadas, umas de metal mesmo, outras esmaltadas e, dizem, tinha gente que usava até escarradeiras de ouro. Ficavam distribuídas estrategicamente pelos cantos dos cômodos e as pessoas escarravam lá dentro. Tinha gente que se gabava de acertar a cuspida de uns 3 ou 4 metros. Era chique ter várias escarradeiras em casa. Na época, dava status. Mais chique ainda, acertar o escarro lá dentro. Era normal, educado. Os escravos que se virassem com aquilo depois.

E, ao pensar na escarradeira, me lembrei de duas histórias.

Um sujeito simples, simplório, foi visitar uma família de ricos e elegantes. A visita nem havia recebido o primeiro cafezinho e deu a maior escarrada no chão brilhante da sala. A dona da casa, fina e educada, pegou a belíssima escarradeira esmaltada e com flores em alto-relevo nas laterais e colocou mais perto do constipado visitante. Na segunda vez, ele escarrou na outra direção, na direção oposta onde estava o objeto. Mais uma vez, a senhora pegou o

finíssimo objeto e levou para aquele lado. Daí então ele cuspiu lá para a frente. A dona levou a escarradeira para aquele lado, para ver se ele se mancava. E ele se mancou, dizendo:

— Olha, dona, se a senhora não tirar essa coisa aí da minha frente, eu vou acabar cuspindo dentro dela!

A outra história é narrada pelo Pedro Nava, no seu livro *O Baú de Ossos*. Lá na Bahia, um sujeito casou-se com uma donzela. Começo do século. No dia da primeira noite, descobriu que a moça não era virgem e a devolveu para a família. A menina, coitada, jurava que nem com o dedo. Seus pais, ricos e indignados, mandaram vir dois especialistas de Paris (Paris!) para examinar a moçoila.

Hímen complacente, chegaram à conclusão. Mesmo assim o noivo não se deu por vencido e fez com que o casamento fosse anulado. O pai da moça não teve dúvidas. Mandou fazer, na Inglaterra, quarenta escarradeiras das mais bem trabalhadas e decoradas. E mandou colocar no fundo, impressa, a fotografia do ex-marido da sua filha. E distribuiu para as melhores famílias de Salvador. Durante muito tempo, a sociedade baiana ficou escarrando na cara do desafeto. O psiquiatra Tenório de Oliveira Lima, baiano de Inhampube, garante que chegou a ver uma, há pouco tempo. O coitado foi escarrado já por três ou quatro gerações.

Agora, o que eu nunca entendi é a expressão: "cuspido e escarrado", que significa "a cara de", "igualzinho a", "tal qual", "sem tirar nem pôr". Fulano é a cara do pai, cuspido e escarrado. Nunca entendi o porquê disso.

Outro dia, um amigo me dizia que o governo do Fernando Henrique é a cara dele, cuspido e escarrado. Ainda bem. O homem é bonito. Pior, muito pior, é se o governo fosse a cara daquele vice, cuspido e escarrado.

• • •

42

Mario Prata

A DIREITA E A ESQUERDA NUM PAÍS CENTRAL

Não existe nada mais antigo que a tal da concepção de Esquerda e Direita para os nossos políticos. Em primeiro lugar, porque é difícil saber hoje em dia, no Brasil, quem está de que lado. Tem gente chutando com as duas, jogando no meio de campo, atacando e se defendendo como pode. Em segundo lugar, porque os políticos brasileiros poderiam ser divididos em outras categorias, mais de acordo com eles mesmos. Corruptos e não-corruptos, honestos ou desonestos, coerentes ou incoerentes e outros adjetivos. Masturbadores ou platônicos. Mesmo porque, no plenário, ninguém se conserva nem à Direita, nem à Esquerda (como na conservadora Inglaterra) e sim, embolados lá na frente, numa gritaria de campo de futebol em jogo de clássico. Sai até porrada. Com a (mão) Direita ou com a Esquerda, sem nada de ideológico nisso.

Mas é sempre interessante pensar sobre a Esquerda e a Direita, nos dias de hoje.

Vocês já notaram que quem trabalha mesmo é a Direita e a Esquerda fica sempre na dela, na maciota? Às vezes levando a fama, às vezes CUTucando com a vara curta?

E não é de hoje. Observem uma pessoa a tirar água num poço. Quem fica girando a manivela do sarilho é a Direita. A Esquerda fica apenas alisando a corda, numa boa.

Quem é que penteia o cabelo? A Direita. A Esquerda fica numa coadjuvância, dando uns tapinhas, armando um possível topete. Aliás, a Esquerda sempre curtiu um certo topete.

Quem é que dirige o carro? É a mão Direita. Manobras, câmbio. A mão Esquerda fica encostada na janela, relaxada, tomando um solzinho. E a perna Esquerda que apenas empurra a embreagem? Quem trabalha mesmo é a Direita, que acelera, que freia. Hoje em dia, nos países do primeiro mundo, com a invenção do carro hidramático, suprimiram de vez a função da Esquerda. Nos EUA, a Direita é quem faz tudo.

Até na masturbação, a Direita trabalha muito mais. A Esquerda, no máximo,

segura a Playboy tremulamente.

Quem é que pisca? A vista Direita. Enquanto a Direita se esforça para ficar se abrindo e fechando, a Esquerda fica de olho arregalado, na paquera, talvez. Tem gente que pisca com a Esquerda também, mas é muito mais complicado.

Na hora da impressão digital, as autoridades exigem o dedão da Direita, que fica todo sujo. Neste caso, depois, a Direita ajuda na limpeza da sujeira.

E quando fazemos o sinal-da-cruz com a Direita, a Esquerda fica na dela para, apenas no final, juntar as palmas das mãos, como que agradecendo o trabalho da outra, a Direita. E por falar nisso, de que lado estava o Bom Ladrão? À direita ou à esquerda de Cristo?

No jogo do baralho, então, é impressionante. A Direita tem que comprar as cartas, descartar, fumar o cigarro, pegar o copo, criar climas. E a Esquerda? Fica o tempo todo na dela, apoiada no cotovelo, segurando as cartas, como se nem estivesse ali, esperando que a Direita introduza ali a carta certa, a boa, a da vez.

O próprio Aurélio, que a gente folheia com a Direita, diz que o canhoto é o "inábil, desajeitado, desastrado", não poupando elogios para o verbete destreza: "habilidade, aptidão, sagacidade, astúcia". Fecha-se o dicionário com a Esquerda.

Tudo isso foi resultado de um papo de bar com o meu amigo e excelente ator Norival Rizzo, noites dessas, no Domani. Mas, ao terminarmos toda essa elucubração, segurando ainda os copos com as Direitas, nos lembramos do perigo da extrema Direita (vide Oklahoma) e constatamos felizes que tanto o coração dele, como o meu e como o seu estão na Esquerda. Já é alguma coisa Direita.

• • •

43

Mario Prata

FÉRIAS? É MELHOR VOLTAR LOGO PARA CASA!

FÉRIAS - Certo número de dias consecutivos destinados ao descanso de funcionários, empregados, estudantes, etc., após um período anual ou semestral de trabalho ou atividades. (Aurélio)

— O cachorro, também vai? Pelo amor de Deus, Creuza!

Pronto. As férias começaram para aquela família.

— Mas, pra que três bicicletas?

E eles ainda têm um mês pela frente!

— Não, a empregada, não!!! Definitivamente!

— Mas, Gilberto...

Pode-se tirar férias de várias maneiras. Sozinho. Com amigos ou amigas. Com a família. Praia. Ir para a casa dos outros. Ir para a casa de parentes. Férias de reconciliação matrimonial. Férias furtivas com o (ou a) amante.

Em qualquer das situações acima, não tenha dúvida, você volta morta, louca para voltar ao descanso diário do trabalho. À paz daquele maldito escritório, ao som profundo e rouco do seu chefe (que não tira férias há anos, coitado).

— Meu Deus, não vejo a hora destas férias acabarem!!!

SOZINHA

Tem gente que gosta. Sair sozinha aí pelo mundo, conhecendo lugares, sem ninguém por perto para perturbar a santa paz. Ledo engano, minha amiga. Depois de uma semana, bate a solidão, a saudade. Você não encontra ninguém conhecido pelas ruas do exterior, não sabe direito onde ficam as coisas, onde comprar isso ou aquilo.

Chega de noite, você pega um daqueles cartões na portaria do hotel e vai para um, atenção: Paris (por exemplo) By Night. Aí começa a sua perdição. Primeiro porque o ônibus (ao contrário do anunciado) não tem ar-condicionado e ainda vai passar em uma porção de hotéis pegando mais desavisados. E

você vai ver os piores shows de Paris, sorrindo para pessoas que não entendem a sua língua, nem você a delas. Vai chegar no hotel (depois do ônibus passar por vários hotéis despejando bêbados) mais cansada do que nunca, depois de assistir àquele incrível strip-tease de um transformista, imagine, brasileiro!

Mas, para quem gosta de ir sozinha e mal acompanhada, tem as viagens de excursão. Você vai com a dona Stella ou com a Tia Augusta. A baixaria já começa no avião. Tem sempre uns engraçadinhos nessas viagens. Aquele que logo vira o líder do grupo. Aquele mesmo que puxa um violão e começa a cantar a Jardineira.

E você passa voando pelas capitais. Cansa, o sapato aperta, a saudade dói.

É melhor voltar logo para casa.

COM AMIGOS OU AMIGAS

Vai ter que dividir o quarto com alguém ou alguéns. E é aí que começa a tortura. Tem o ronco, aquela que sai do banheiro e molha todo o quarto. Aquele que não dá descarga. Aquela que chega mais tarde e acorda todo mundo para dizer que conheceu não sei quem em um bar ma-ra-vi-lho-so.

E o pior é na hora de decidir para onde ir. Um quer museu, outro um barzinho e tem aquela peça que ninguém pode perder.

E quando você descobre que a sua amiga está usando a sua última calcinha?

Você não imagina a saudade que você vai ficar do seu quarto, do seu banheirinho cheiroso, dos seus cremes, da pasta de dentes apertada do jeito que você gosta.

É melhor voltar logo para casa.

COM A FAMÍLIA

É complicado. Geralmente são viagens de carro, aqui mesmo pelo Brasil, organizadas com meses e meses de antecedência. Depois de milhares de discussões e brigas, chega-se a um consenso de para onde ir.

Revisão no carro, o cachorro vai ou não vai? E o coelho? O coelho não, assim já é demais. Fica com a empregada. Mas a empregada vai!

— Meu amor, a gente tem uma Brasília!

As bicicletas vão em cima. Mas e o isopor?

— Precisa levar mesmo a banheirinha?

— E o troca-fraldas também.

Já na estrada, o pai pergunta ao filho adolescente:

— Você não está com nada em cima, né?

— Não!

Mentira.

Aí tem que achar um posto decente para esquentar a mamadeira e o cachorro fazer xixi. A empregada também quer.

A fralda é trocada dentro do carro. E a esposa não admite jogar pela janela.

As férias estão começando.

É melhor voltar logo para casa.

PRAIA

De dia: sol quente, cerveja fria. Areia no cabelo, bichinhos entrando dentro do biquíni. Água fria, onda alta. Praia suja, trombadinhas. O vento leva o jornal, o livro tá todo molhado. Criança correndo e te jogando areia, garotão do lado te piscando. Corpo besuntado, bicho-do-pé. Camarão torrado, limonada doce. Borrachudo, borrachudo, mais borrachudo.

— Cadê o Altan?

De noite: pernilongo, batucada na casa ao lado. Falta de luz, inundação. Chuveiro de onde caem duas gotas, toalha molhada. Televisão com chuvisco, acabou o papel higiênico, gente.

Onde andaria o altaneiro Altan?

É melhor voltar logo para casa.

NA CASA DOS OUTROS

Não existe nada pior do que passar esses dias na casa dos outros. Claro, você nunca vai se sentir em casa. Nunca, por mais que a anfitriã diga:

— A casa é sua. É pequena, mas o coração é grande!

Mentira.

Você tem que entrar no horário deles, comer na hora certa, fazer as suas necessidades idem. Você tenta colaborar. Acorda e arruma a cama. O pior é que depois você volta ao quarto e percebe que a cama foi rearrumada. Cada casa arruma a cama de um jeito.

Você não pode encher a cara. O que a Dayse não vai pensar? E aquele cheiro que ficou no banheiro? Como disfarçar?

O pior é que eu tenho certeza que você esqueceu de levar lençóis e toalhas. E era para levar.

E o esporro que as crianças estão fazendo na sala? A dona da casa, educada, não fala nada. Mas olha.

E quando o dono da casa quer ver futebol e o seu pirralho ver aqueles loucos do Zodíaco?

O pior é que você detesta baralho e tem que ficar jogando buraco até a uma da manhã, tomando cafezinho!

É melhor voltar logo para casa.

NA CASA DE PARENTES

Geralmente na casa da sogra, já meio esclerosada. "Mas, meu amor, se a gente não vai fazer uma visitinha, quem vai?" Sem contar naquele cunhado bêbado e desempregado que sempre fica olhando para as suas pernas.

E as fofocas sobre as primas que ainda não casaram? E comer aquele arroz sem sal que a velha faz?

E o velho, que detesta crianças?

E a tia velha que ralha com as crianças que mexem nas coisinhas dela?

E o bolo que você tem que fazer para agradar a mãezinha do seu marido?

E toma maionese!

É melhor voltar logo para casa.

FÉRIAS DE RECONCILIAÇÃO

Casais acham que isso dá certo. Não é o que dita a experiência. Casal nunca se reconcilia em viagem. Muito pelo contrário. Afinal, brigar lá fora é muito melhor, porque ninguém entende a baixaria.

É melhor voltar logo para casa.

COM O(A) AMANTE

Nunca dá certo. Você pode dizer que é uma viagem de negócio, etc. Mas, por mais longe que você vá, acaba encontrando algum amigo do seu marido ou da sua esposa. É inevitável. De repente, você está lá na Baía das Gatas, em Cabo Verde, por exemplo, tomando um solzinho e logo ouve:

— Maria Ignês, você por aqui, menina?

É melhor voltar logo para casa.

E tem mais: amante é para ser amante. Nenhum amante agüenta um amante depois de 72 horas ininterruptas juntos. Vira esposo ou esposa.

Pode ter certeza, a sua cidade é a maior tranqüilidade nas férias!

Deixe que todos tirem férias e fique em casa. De férias. Não existe nada melhor.

• • •

44

Mario Prata

FELIZ NATAL, SEU NATALINO

Seu Natalino é funcionário público, tem uns 50 anos, ganha pouco (é claro) e há 20 anos vinha enfrentando o mais desagradável dos problemas masculinos: a impotência. E o desejo era cada vez maior. Mas não tinha jeito. Na hora H, não conseguia colocar os pingos nos is.

Depois de três anos achando que era coisa passageira e constatando que não era, começou uma verdadeira peregrinação para resolver o seu problema, já que a mulher de há muito o deixara por outro, a ingrata.

Tentou de tudo, desesperado: médicos de plantão em hospitais públicos, curandeiros, pai/(e mãe)/-de-santo, poções mágicas. Barro, águas não sei de onde. Espiritismo. Igreja Universal. Nada. E seu Natalino gostava de fazer sexo. Como gostava.

Foi quando ele viu, pela televisão, que se podia fazer implante de silicone e a coisa ficava "uma beleza, tinindo". Mas onde arrumar todo aquele dinheiro? Seu Natalino percorreu hospitais e cidades e até pequenos empresários para o ajudarem. Ele tinha vontade, mas não tinha a ferramenta. Era caro. Mas seu Natalino era perseverante, firme. E quem o conheceu garante que o penteado a Clark Gable lhe dava um ar de firme conquistador.

Durante 17 anos seu Natalino batalhou. Depois de muita procura, conseguiu um microempresário que financiaria o material. Não era nem silicone mais, a medicina tinha evoluído muito nesses 17 anos de infortúnio. Mas tinha apenas o material. Seu Natalino recebeu, pelo correio, a prótese em três tamanhos. Pequeno, médio e grande. Faltava o hospital, o médico. O sucesso parecia estar chegando perto.

Pois não é que um hospital público da periferia se prontificou a fazer o implante? Mas tinha uma condição: seu Natalino teria que trazer um atestado assinado por um psiquiatra ou psicólogo do Estado, com firma reconhecida, etecétera e tal. Faltava pouco, portanto.

Foi quando ele procurou um amigo meu, jovem psicólogo. Faltava apenas

um papel e seu Natalino voltaria ao normal. Tiraria o atraso, como ele disse na primeira sessão. Depois da quinta sessão, o psicólogo deu o tal papel para ele. O problema estava mesmo na cabeça (sem trocadilhos, por favor).

Foi feita a operação. Um sucesso.

Passa um mês, seu Natalino vai fazer uma visita de cortesia ao meu amigo psicólogo e levou até uma garrafa de cachaça. Estava com uma justíssima calça jeans onde se podia notar, escandalosamente, a protuberância. Ele deve ter posto o tamanho grande, pensou meu amigo.

— O senhor quer ver?

— Não, não, não é necessário.

— Faço questão, doutor.

— Não, não, dá para perceber.

— As mulheres adoram. Estou fazendo o maior sucesso, doutor. Tá uma luta, doutor.

E lá se foi o seu Natalino de cabeça (literalmente) erguida.

Mais uns três meses se passaram e seu Natalino volta a procurar o meu amigo.

— Preciso fazer terapia com o senhor, doutor.

— Mas o que foi, seu Natalino. Alguma rejeição?

— Não, doutor, a coisa tá firme como o diabo gosta. O problema é que eu perdi a vontade. Dá para o senhor me ajudar?

O problema continuava na cabeça.

Em tempo: acabei de falar com o meu amigo, que disse que o seu Natalino teve um excelente Natal.

• • •

45

Mario Prata

PARA MIM, ISSO É GREGO!

Adoro brincar com palavras, palavrões, expressões, ditos populares ou impopulares. Descobrir a origem de palavras e frases. Tenho um amigo que me chama de O Rei do Dicionário Abril. Tenho todos, desde 75. Outro dia, no Jô, esbaldei-me (caí dentro de um balde?) de rir com o jornalista Marcelo Duarte, que escreveu um livro imenso (*O Guia dos Curiosos*, editora Cia. das Letras) só sobre essas bobageiras e, tenho certeza, para mim.

Agora saiu um outro livro (*Isso é Grego Para Mim!*, de Michael Macrone, da Universidade de Berkeley, pela Editora Rotterdan). Macrone, ainda garoto, vai buscar no grego e no latim, naqueles clássicos todos, as origens de algumas palavras e expressões. É uma delícia. Vou contar algumas:

ALTER EGO — Sêneca já dizia: "O que pode ser mais precioso que ter um amigo com o qual francamente possas falar a respeito de tudo? Um amigo assim é raro e, uma vez encontrado, deve ser diligentemente conservado, pois é como um outro eu (alter ego)". Só depois de Freud é que *alter ego* tomou o sentido de "uma identidade diferente de uma mesma pessoa".

O AMOR É CEGO — Viria da cegueira do Cupido, apontando sua seta dourada para alguma vítima. Mas pairam dúvidas, pois a cegueira do Cupido parece ter sido coisa pós-clássica.

AMOR PLATÔNICO — Claro, vem de Platão, é claro, que nutria um amor não sexual pelos seus jovens discípulos. "Na Grécia daquele tempo, não era raro adolescentes e rapazes se ligarem romanticamente a um homem mais velho, que ficava conhecido como o 'amante'." Parece que hoje em dia isso se chama pederastia. O meu amor, por exemplo, é um amor pratônico.

ARGONAUTAS — Era a nau de Jasão, construída por Argos, cujo nome, em grego, quer dizer veloz. Daí que veio a palavra dada aos aventureiros que chegaram na Califórnia em 1849, na grande Corrida do Ouro.

CALCANHAR DE AQUILES — Nem sempre Aquiles teve um calcanhar de Aquiles, que seria seu único ponto vulnerável. Conta a lenda que a flechada com que Páris o matou não foi bem ali que acertou.

CANÁRIO — Por que um pásssaro teria o nome derivado de um cão (*canis*)? Foram originários de uma ilha que tinha muitos cães e pássaros (hoje as Ilhas Canárias, espanholas). Cães e pássaros foram levados para o continente. Os cachorros morreram, ficaram os canários.

SIRENE — Vem do canto das sereias, que tanto atraíam Ulisses e sua turma pelos mares. A palavra sirene vem de sereia. Assim como as sereias chamavam os navegadores para a morte, hoje a sirene chama os operários para as fábricas. Sem contar a sirene da polícia, que coisa boa não chama.

CÍNICO — Mais uma vez, coisa de cachorro. Do grego *kynikós*, que significa "semelhante a cachorro". O apelido era dado aos filósofos de então e "trazia uma boa carga de desprezo por pessoas que não estavam lá muito preocupadas com a higiene pessoal e cujos costumes ascéticos colocavam-nas à margem do que considerava uma sociedade civilizada". Portanto, concluo eu, os hippies foram os cínicos dos anos 60.

FASCISTA — Os ajudantes de oficiais romanos usavam feixes (*fascis*, em latim) no ombro, como símbolo de autoridade. No final do século 19, na Itália, a palavra passou a significar "grupamentos políticos". Mussolini, antibolchevista, gostou do nome.

LACÔNICO — Quando Felipe da Macedônia escreveu aos magistrados de Esparta "Se eu entrar na Lacônia, reduzirei Esparta a pó", os lacônicos sucintamente responderam: **"Se"**. Mais lacônico impossível.

MENTOR — Era um soldado, amigo de Ulisses, na Odisséia de Homero. Venceu uma batalha, salvando Penélope de uns tarados e o seu nome entrou para a história, embora não tenha vencido mais nenhuma luta.

OPERAÇÃO CESARIANA — Aqui pairam dúvidas. Todos sabem que Júlio César nasceu de uma cesariana. Mas acontece que, quando ele nasceu, ainda não era César. Chamava-se Gaio Júlio. É como o caso do ovo e da galinha. Quem nasceu primeiro?

OSTRACISMO — "No século V a.C., os cidadãos votavam em seus inimigos públicos favoritos, escrevendo os nomes em um pedaço de cerâmica, utensílio que os gregos chamavam de *óstrakon*. Os vencedores eram prontamente banidos da cidade por dez anos." Ou seja, caíam no ostracismo.

QUEIMAR AS PESTANAS — Pitéas, lider popular ateniense, espicaça Demóstenes (aquele que treinava oratória com a boca cheia de pedras), dizendo que seus argumentos "cheiravam a lamparina" — em outras palavras, que eles revelavam demasiado estudo. Hoje diríamos que, para ele chegar aonde chegou, "queimava as pestanas".

SALÁRIO — "É aquilo que você recebe no final do mês e logo gasta em CD e despesas com o carro, mas, quando os soldados romanos recebiam seu *salarium*, era para que pudessem comprar sal, importado e precioso."

TRAGÉDIA — Supõe-se que a palavra vem de *tragoidía*, que significa "canção do bode". Bode, em grego é *trágos*. Deve ser verdade, porque, afinal, toda tragédia é um verdadeiro bode.

• • •

A MORTE ANUNCIADA DO DOUTOR HEYDE

— O doutor Heyde morreu!

Soube pelo telefone, de sopetão, enquanto tentava vender a casa dos meus pais, no interior. Luizinho Prudêncio, arquiteto-mor de Lins, me informou logo cedo. Não tenho mais detalhes, disse, triste. A morte do doutor Heyde, na véspera do Natal, no final de um ano de tantas mortes de tantos amigos e brasileiros gostosos, me derrubou naquela manhã.

Estava na casa da minha irmã Rita. Meu pai e minha mãe também. Todos eram amigos do Heyde, da Lurdinha e dos filhos Heydinho e Cláudia, hoje já senhores. O almoço foi triste. Minha mãe queria ligar logo para a Lurdinha dando uma força. Meu pai ponderou que era ainda muito cedo. Amanhã a gente telefona. E passamos o almoço a lembrar do doutor Heyde, um médico anônimo para a grande multidão, baiano que escolheu Lins nos anos 50 para fazer a vida e viver. E como gostava de viver o doutor Heyde. Passamos o almoço a lembrar, com o coração partido, daquele cardiologista. Em vez de um, tomei dois uísques. Um por mim e outro por ele.

Era bem mais velho do que eu. Mas foi ele o primeiro na cidade a me dar força quando comecei a rabiscar crônicas. Foi ele o primeiro a dar uma casa para o Luizinho projetar quando se formou em Arquitetura. Estava sempre ligado aos jovens, aos novos. Culto e grande orador, de um humor sibilino e ao mesmo tempo ligeiro.

Depois do almoço, volto para o meu apartamento e ligo para o também linense, o poeta Sergio Antunes. Sergio também mal pôde acreditar. Pedi que ele ligasse para mais gente de Lins. Nosso amigo Heyde, que já devia estar perto dos 70, morreu.

Desligo o telefone e pego um dos livros escritos por Heyde C. Santos, que se chama "Hei de Ser Santo", uma brincadeira que ele fazia com o próprio nome. São glosas, poemas, pequenas crônicas, numa edição do autor típica de cidades do interior. A verve baiana estava lá, espontânea. Penso em escrever

uma crônica sobre a morte do meu velho amigo. Mas a dor é mais forte. Além do mais, o que os meus leitores têm a ver com a morte de um médico lá de Lins? Vejo a dedicatória que me fez em 86: "Para o amigo Mario Prata, as sátiras e o lirismo do poeta menor, Heyde". Folheio o livro quase me marejando.

Sergio Antunes me liga perguntando da possibilidade de irmos para o enterro. Disse que já havia ligado para todo mundo. Os amigos paulistanos do Heyde choravam a sua morte a 450 quilômetros por hora. Mas que hora é o enterro? Vai ser em Lins, Getulina (terra da Lurdinha) ou na Bahia? Vamos descobrir. Desligo e o telefone toca novamente. É o arquiteto Luizinho, que havia arquitetado toda a confusão, entre o assustado, o solícito e o feliz:

— Era boato! O doutor Heyde não morreu! Tá mais vivo do que nunca! Desculpa!

Desculpo e abro um sorriso e disparo o coração que outro dia mesmo ele eletrocardiografou. Agora era avisar todo mundo que a morte anunciada não foi como a do García Marquez. O homem estava vivo. Ainda não era desta vez que ele viraria santo.

De noite, no bar Spot, eu e Sergio bebemos e bebemos à saúde do grande cardiologista e poeta maior que, um dia, mas não muito cedo, será santo. Por enquanto, nós, pecadores, enchendo a cara e quase ligando para a casa dele lá pelas 3 da madrugada, lembramos de uns versos do "poeta menor":

"Depois do qui aconteceu / o dotô, Maria e eu / entremo num quarto iscuro / onde se inxerga o futuro. / Pois, cumpadre, já li conto, / fui pru ditraz duma porta / qui mi ispantei, fiquei tonto, / vendo a muié viva... e morta. / Bem que fiquei lá no canto, / pois o home mi ispricou / (num sei se pur arrilia) / qui esse té rádios cuspia. / Baiano é discunfiado, / ainda mais se avisado. / Mas quando vi a cavera / e a ossada da muié / pru ditraz lá do caixão, / qui é deferente dos outro, / pois num deita, fica im pé, / cumecei cum a suadera, / dismaiei, que vergonhera! / e acordei numa cadera / cherando pó de rapé".

• • •

47

Mario Prata

HOMEM GOSTA É DE HOMEM?

— Homem gosta de homem!

Disse, corajosamente, o cartunista Miguel Paiva (Radical Chic) na semana passada no gostoso (e gostosa) Marília Gabi Gabriela. É preciso ter peito para se fazer uma declaração dessa em público. E, quem tem peito, geralmente, são as mulheres. E a Marília retrucou:

— Mulher também.

Escrevi e montei uma peça uns anos atrás, chamada *Besame Mucho* (que depois virou filme do Ramalho). Esta peça tratava justamente deste assunto. A relação de ternura entre dois homens. Da infância até a maturidade. Antes que alguém viesse dizer que era coisa de veado, tive que inventar uma palavra para explicar a relação entre os dois personagens masculinos. A palavra era "homoternurismo" e, para minha infelicidade, até hoje não se incorporou ao Aurélio.

Mulher é bom, é ótimo, nem se discute.

Mas que os homens preferem os homens, também não se discute. Desde a infância, menino gosta de brincar com menino. Clube do Bolinha. Menina não entra! Na adolescência, é a mesma coisa. Temos olhos para os seios e os bumbuns da meninas, mas no meu time de futebol elas não entravam. Era rapaz de um lado e as meninas do outro.

A gente casa, ama a esposa da gente, tem filhos, mas não vê a hora de ir para o botequim tomar umas e outras com os amigos. Os amigos do peito. Já notaram que os homens não têm amigas do peito? Têm amigas com peito.

Na hora da confidência mais confidencial, na hora do aperto, do ombro amigo, é o amigo do peito (para se chorar) que está ali.

Favor não confundirem, jamais, homoternurismo com homossexualismo.

E a gente vai crescendo e vai formando o nosso time de amigos eternos, confiáveis, pau (ops!) pra toda obra.

O domingo, por exemplo, foi feito para se passar com os amigos. O jogo de futebol, os gols na televisão, a cervejinha gelada. Mas qual é a mulher que

não quer ir a "um cineminha" no domingo? Devia ser proibido mulheres aos domingos, dizia um meu amigo do peito, casado.

Tudo isso que eu escrevi aí em cima, se for mesmo válido, só é válido até uma certa idade. A idade que eu estou agora.

Quase 50 anos, cheio de amigos e sem nenhuma mulher. Talvez por pensar assim. Um misógino!, diriam elas. Mas o mesmo *Aurélio*, que não consolidou o homoternurismo, diz que misoginia é uma "repulsa mórbida do homem ao contato sexual com as mulheres". Não é o caso.

E, outro dia, discutia isso com um velho amigo velho de 84 anos. Ele concordou, em termos, do alto de sua sabedoria de ancião. Mas fez uma ressalva. Jogou na minha cara:

— Daqui para a frente, é melhor começar a convidar mulheres para ir ao jogo de futebol. É melhor ir aprendendo a tomar caipirinha com mulheres no sábado antes da feijoada. Já está na hora de parar de reparar apenas nos seios e nas bundinhas das mulheres. As mulheres têm mais alma que os homens!

— E daí?, respondeu o machão aqui.

— E daí, meu filho, que você na velhice vai ficar chato, intransigente, metódico, sistemático. Aliás, já está ficando. E não tem nenhum amigo do peito nessa hora para te socorrer. Se você chegar sozinho na velhice, não conte comigo, que eu já fui embora. Quem sempre cuidou de você foram as mulheres. A começar pela sua mãe.

— Você está querendo que eu arrume uma outra mãe?

— Não, meu filho. Uma mulher. Vai por mim, mulher é muito melhor que homem. E, quanto mais velhas ficam, melhor nos entendem. Ao contrário dos homens.

E pediu mais uma caipirinha, enquanto olhava o traseiro da jovem, muito jovem, garçonete. Encerrou, com o olhar distante:

— Mulher é o que há, menino! Trate logo de arrumar uma, enquanto você está vivo... E quer saber de mais uma coisa? Esse papo de homoternurismo, pra mim, é coisa de veado!

• • •

Mario Prata

QUEM INVENTOU ESSA CRÔNICA?

Não me surpreendem as grandes invenções. Bill Gates para mim é apenas um técnico esperto, é pinto. Queria saber o que ele teria inventado se vivesse há alguns séculos. Pra mim, a Internet é fichinha perto de muitos outros inventos muito mais criativos e anônimos.

Você poderia me explicar como foi que descobriram que tinham que refogar a alcachofra e raspá-la nos dentes com aquele molhinho? Sim, porque um dia alguém começou a fazer isso. Durante anos, talvez séculos, a alcachofra ficou lá no mato, esturricada.

Adoro essas invenções. Pequenos detalhes da criação humana, descobertos por anônimos bill-gates da vida.

A pipoca, por exemplo. Você já pensou na pipoca? Só um louco colocaria milho dentro de uma panela fechada com óleo fervendo para ver o que aconteceria. Deve ter sido uma criança sapeca. O que significa, basicamente, que, antes do óleo e das crianças, não havia pipoca.

O grampo para cabeça. O grampo em si não deve ter sido difícil inventar. Mas quem inventou aquelas duas pequenas bolinhas nas pontas, para não ferir a cabeça, esse, sim, um gênio.

Deve ter sido um achado o dia que inventaram o retrovisor nos carros. Antes o sujeito tinha que ir guiando e olhando para trás o tempo todo, apesar dos poucos carros nas ruas. Mas tinha os cavalos. Por falar em cavalo, donde vem a ferradura? Invenção maldosa, meter pregos nos cascos dos pobres bichinhos.

Aquela fitinha de plástico para se abrir o maço de cigarros.

O clipe. Quando surgiu deve ter sido um furacão como foi o fax há alguns anos. O grampeador morreu de inveja.

O cigarro é coisa milenar. Já o filtro, não. Um dia, puseram em um e a moda pegou. E posso garantir aos que nunca fumaram um sem filtro que era muito melhor. Quem foi o primeiro a descobrir que se podia fumar maconha? Deve ter achado um barato.

Quem inventou aquela maquineta que a gente gira e mói a pimenta? E quem foi o primeiro sujeito a colocar pimenta na comida? Deve ter sido o mesmo que gostava de jiló.

Ovo frito vá lá. Mas o cozido já foi curtição que surgiu bem depois. Mas nunca ninguém conseguiu colocar o ovo em pé.

Vidro, tudo bem. Mas tem um objeto que você deve ter uns dez em casa: o espelho. Só pode ter sido sem querer. Duvido que um dia alguém ficou pensando: "Vou inventar o espelho para me ver melhor". Uns dizem que foi a inimiga mortal da Branca de Neve. Outros atribuem o fato a Narciso.

O café também me intriga. Você olha ele lá no pé, vermelhinho, um gosto horroroso. Mas teve um dia que alguém torrou o bruto, moeu e ainda misturou com o açúcar.

Um dia, alguém ficou olhando para uma vaca e cismou com as tetas dela e foi lá. Talvez até de sacanagem. Deu no que deu: leite A, leite B, leite C e até leite condensado. Coitadinha das vacas. Leite desnatado, gente. Queijo e manteiga deve ter sido moleza. Já estavam com a faca e o queijo na mão.

E quando será que Adão descobriu que podia colocar aquilo naquilo e que era ótimo? Parece bobagem, mas isso também teve a sua primeira vez.

Grande invenção o apontador de lápis. Aquele antigo onde você enfia o lápis e gira. Na minha infância, a gente usava gilete usada dos pais. Geralmente cortava mais o dedo que o lápis.

E o cabide, hein?

O zíper também me surpreende. É coisa deste século.

Já o sádico que inventou o arame farpado foi um tal de Joseph Glidden, em 1874. No velho oeste, é claro. Já o biquíni é de 46, aquelas novidades de pós-guerra. Na França, é claro. Depois de tanta resistência... E o papel que foi em 105 a.C.? E o papel carbono, hoje tão em desuso? Mais velho que o papel é outro invento genial: o sabão. Foram os higiênicos sumérios 2.500 a.C.

Depois desta, vou para o chuveiro, outra grande invenção.

E lá, ficar a cantarolar "quem foi que inventou o amor? Não fui eu, não fui eu". Nem a dor e nem a toalha felpuda e macia.

• • •

49

Mario Prata

VOCÊ QUER ME IRRITAR?

Meu velho amigo e jornalista Melchiades Cunha Junior, o popular "Capitão", costuma usar esta frase "Quer me irritar é...", e acrescentar a irritação do momento. Murilinho Felisberto, mestre da DPZ, sempre que se encontra comigo, referindo-se ao "Capitão", também vem com o "Quer me irritar"... Ficou uma brincadeira entre nós três. Na posse do presidente Fernando Henrique, no Itamaraty, encontrei com o "Capitão" comendo em pé, como todos, aliás. Lá veio ele: "Quer me irritar e me fazer comer em pé".

Mas têm coisas que realmente me irritam. Algumas.

- O jogador bater escanteio curtinho para o companheiro. Me irrita. Vou morrer sem entender o porquê daquilo.
- E por falar em futebol, nada me irrita mais que técnico brasileiro de terno. Não entendo. Este verão danado. Quem inventou isso foi o técnico da Seleção argentina de 78, o Menotti. Só que era julho e o inverno castigava Buenos Aires. Os europeus gostaram da idéia e os daqui copiaram.
- Mulher de batom, também. Aliás, mulher toda maquiada. Homem também. Batom devia ser proibido.
- Me irrita quando a pessoa que foi anteriormente ao banheiro e acabou com o papel higiênico não coloca outro no lugar. Que estranha lei é essa, que decidiu que o próximo é que tem que trocar?
- E, por falar em banheiro, existe coisa pior do que você sair da ducha e perceber que a empregada tirou a toalha antiga e não colocou a nova? E você, irritado e molhando a casa toda, ter que ir até o armário do quarto, tiritando de frio?
- Teatro começar com atraso. Sempre de 15 minutos. Por que eles querem irritar a gente?

- E, por falar em teatro e cinema, quer coisa mais irritante que os "guardadores" de carros? Tem muitas salas de teatro que eu não freqüento mais justamente por isso.
- Tradução de filmes da TV. Com meu parco inglês, percebo barbaridades.
- Quer me ver irritado é quando eu chego em casa e sei que lá na geladeira tem uma última cerveja, geladinha, me esperando. Só que o meu filho ou algum amigo dele bebeu.
- E, por falar em geladeira, quando você acorda e tem certeza que está lá aquele Gatorate de limão, fresco e refrescante? Mas não está mais. Você tem que tomar água.
- E quando acaba o último cigarro no meio da madrugada e você tem certeza que tem ainda mais um no pacote? E não tem. Tá lá o pacote com o formato de que tem, mas não tem. E você de pijamas em casa.
- E as mulheres, quando resolvem discutir a relação? Geralmente é quando a gente está assistindo a um jogo de futebol pela TV. Mulher adora discutir a relação.
- Quer me irritar é você pedir um uísque no bar e o garçom trazer servido.
- E aqueles chuveiros difíceis de acertar a temperatura ideal da água? Geralmente acontece em hotéis. Você fica ali uns dez minutos até conseguir não ficar nem quente nem fria. E, depois que você está lá, numa boa, de repente fica frio, de repente fica quente. Nunca se consegue o ideal. Tem que começar tudo de novo e a gente lá, todo ensaboado, no frio.
- Tem coisa que irrita mais que banheiro de bar, no Brasil? Por que estão sempre inundados?
- Quer me irritar é me chamar de Doutor.
- Confesso que fico meio irritado quando dizem que o Romário ainda joga futebol.
- Tem coisa mais irritante que papo de barbeiro? Uma vez, o Tom Jobim foi cortar o cabelo e o barbeiro perguntou: "Como o senhor vai querer?". E o Tom respondeu: "Sem papo".

• • •

50

Mario Prata

DE VOLTA AO COLUNISMO SOCIAL

Comecei no jornalismo em 1960, com 14 anos, na *Gazeta de Lins* e, aos 16, na *Última Hora* do Samuel Wainer. Aliás, na UH, era companheiro de página de Orestes Quércia, que escrevia as fofocas sociais de Campinas. E quem editava a página era o glorioso Ignácio de Loyola Brandão.

Estava me lembrando disso, no domingo, num *brunch* que o casal Arnaldo/ Suzana (com z) ofereceu a amigos ali atrás da Praça Panamericana. E resolvi, pelo menos hoje, voltar ao ofício.

• • •

Suzana Villasboas, a anfitriã, de negro, como quase todas as convidadas, desfilava charme e simpatia. Nota 10 para a comida. O rosbife estava supimpa. Vinhos à vontade e cerveja no congelador. Recebe como ninguém, a produtora de *Eu Sei Que Vou Te Amar*, do marido Jabor.

• • •

Arnaldo Jabor, voltando de um Spa, mais elegante do que nunca, preocupado com a filha mais nova que está namorando um garoto dez anos mais velho, esquecia-se que ele tem quase 20 a mais que sua esposa. "Mas é outro patamar", dizia. Foi vaiado.

• • •

Jô Soares, a simpatia de sempre, com justíssima calça jeans, discutia câncer num canto da varanda com o cancerologista Dráusio Varella, o careca mais simpático e fotografado da cidade. O livro do Jô já é o mais vendido em todo o Brasil.

E, por falar em Dráusio, que se fazia acompanhar de sua sempre encantadora esposa e atriz Regina Braga, informava, com exclusividade a esta coluna que disputa, pela terceira vez, dia 12 de novembro, a Maratona de Nova Iorque. Há dois anos ficou entre os 3.000 primeiros. No ano passado, entre os 2.000. São 50.000 concorrentes. *Sorry*, periferia!

• • •

A excelente atriz Regina Braga, muito elegante de tailler bege, fazia planos para a sua próxima peça, depois de ficar anos contracenando com Irene Ravache na Sala São Luiz. Por enquanto, é segredo.

• • •

Xuxa Lopes, ex-rainha do Diagonal, muito mais bonita e charmosa que a outra Xuxa, dava a boa notícia. Seu marido, o cineasta Hector Babenco, já fez o transplante de medula em Los Angeles e passa muito, muito bem. Já está em casa, nos Estados Unidos. Breve começa a filmar.

• • •

Washington Olivetto, o homem mais premiado em Cannes, dava uma verdadeira aula sobre a Austrália e comentava do vírus que o atacou e deixou-o 28 dias de cama, tomando antibióticos. Mas já se restabeleceu. E cobrou do Jô Soares que achava, de brincadeirinha, que ele tinha Ebola.

• • •

Um produtor e um diretor argentino acertavam com os anfitriões a montagem da peça de Jabor em Buenos Aires para o próximo ano. Os detalhes já estão bem avançados. Suzana quer entrar na produção. Bola branca.

• • •

O fazendeiro Jovelino Mineiro, dito Nê, aquele mesmo que recebeu em sua fazenda FH logo depois da eleição, conversava com Dráusio sobre o crescimento de Edir Macedo.

• • •

Carmo Sodré, filha do ex-governador Roberto de Abreu Sodré e esposa de Jovelino, mantinha o sorriso mais bonito da tarde e falava das novidades de ser mãe. Uma simpatia, essa jovem genuinamente paulistana.

• • •

Glorinha Kalil, a gloriosa Glorinha, agora atacando — e bem — de jornalista na revista *Veja*, mais linda do que nunca, sentada entre dois ex-amores: Jabor e Jovelino. O marido por perto. Tempos modernos. Bola branca.

• • •

Na ala jovem, as duas filhas de Jabor circulavam com fãs, namorados e primos. Duas beldades beirando os 20 e a nossa imaginação.

• • •

Dênio Benfatti e Marjorie Gueller (a estilista da primeira dama), o casal Chips (impossível comer um só), preocupados com a filha Clara, que não chegava. Marjorie ainda não sabia do braço quebrado de Dona Ruth.

• • •

Gil, o mais jovem da tarde, filho da divulgadora Sofia Carvalhosa e do meu querido Mario Moreira Leite, assistia televisão na sala, meio de saco cheio (desculpem a expressão).

• • •

O psiquiatra baiano e barman paulista Luiz Tenório de Oliveira Lima, como sempre, tenorizava para uma platéia atenta sobre calotas dos carros nos anos 20 e contava do almoço em sua casa, no sábado, com Gal Costa, para o qual esta coluna não foi convidada. Ao seu lado, a jornalista, esposa, linda e maravilhosa Annette, também de preto, parecia já ter ouvido aquela história. E sorria gostoso, com o filho franco-brasileiro Thomas no colo.

• • •

Chegando atrasado, vindo de Jundiaí, onde foi suspenso o jogo do Palmeiras por causa da chuva, chegava Matinas Suzuki, todo molhado. Mas, como sempre, elegante e charmoso.

• • •

Foram notadas as ausências do escritor Reinaldo Moraes (e Martinha) e Mateus Shirts (*avec* Silvinha).

• • •

O colunista Mario Prata foi ao brunch a convite da produção da peça Eu Sei Que Vou Te Amar.

• • •

51

Mario Prata

VIAGEM AO REDOR DE UM JOELHO

MONTEVIDÉU — Para começar, vou logo dizendo que acho a palavra joelho horrível. Pense bem: jo-e-lho. Não é feia? Além de proporcionar rimas fáceis e deselegantes. Aqui ele é conhecido como rodillas, que soa bem melhor.

O que acontece é que eu estou com um problema no joelho esquerdo. Desde março. Quatro meses, já. Me colocaram dentro de um tubo de ressonância magnética que deve ter este nome por causa do barulhão que faz lá dentro. O médico me disse que eu estava com o corno posterior lesionado. Coisas no menisco (outra palavrinha feia).

Opera, não opera, acabei não operando. Mas é o que eu vou fazer quando voltar ao Brasil. Estou em permanente litígio com ele, o joelho.

Toda esta introdução é para dizer que tenho pensado muito no joelho. No meu joelho. Nunca tinha dado muita bola para ele. Mas com o corno estourado você passa a conviver muito mais com a sua própria rótula (eta nome!). Ou, pelo menos, tenta.

Você não pode imaginar como um joelho é importante para um vertebrado como a gente. É a rótula que nos dá a rota, que nos traz e nos leva.

Começou a me incomodar mais quando cheguei aqui ao frio do Uruguai. Dentro do quarto, tem calefação. Mas o joelho sabe que, lá fora, está zero grau. Ele odeia o frio. E sofre, coitado. Ele não, eu.

É quando a gente percebe que não consegue fazer nada sem ele. Andar claudicando é o de menos. O pior é quando você pára numa esquina e fica com apenas a ponta do pé apoiada no chão, com a perna meio curvadinha. Parece uma bicha no ponto. Sempre passa um engraçadinho e grita: *maricón*! E quando a gente começa a atravessar a rua e percebe que não vai dar tempo e não dá para correr?

Até para as necessidades mais íntimas, você precisa do joelho. Tem que se sentar com a perna um pouco esticada, porque não dá para dobrar. Experimente fazer xixi com uma perna esticada. Alguma coisa não vai sair certo.

Se o sabonete cair no chão, na hora do banho, esqueça. Seus braços jamais chegarão lá embaixo. Enxugar os pés, então, nem pense nisso. E, por favor, não tente chutar uma tampinha de Coca-Cola na rua. Pode ser fatal.

Mas a dificuldade maior é para se fazer amor sem a colaboração total e imprescindível do joelho.

Pode parecer bobagem, mas, para o ato sexual, o joelho é muito mais importante do que o, por exemplo, pênis. Desculpem usar a palavra pênis, que é uma coisa que só médico tem. Perguntam: e o pênis, como vai? Como se o pênis fosse um tio da gente.

Mas eu dizia da importância do joelho no ato sexual. De joelhos, por exemplo, nem pensar. Mesmo deitado, virado para cima, sem o joelho você não faz nada. O joelho é quem comanda, quem faz as inflexões todas, é ele quem dá a pressão, faz os movimentos, é ele quem dirige a ação. É ele quem engata a primeira, é ele quem gira para uma marcha à ré mais arriscada.

O resto não faz nada sem o comando do joelho, a principal alavanca do ato em si.

O joelho é o responsável pelo ritmo. É o joelho quem dá o tempo certo. E é nele que você se apóia na hora do orgasmo final e grita. De dor.

É impossível ir-se até o belíssimo Estádio Centenário e fugir na hora do sururu. Vou apanhar sentado.

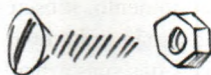
É impossível ir-se até a igreja que eu vejo aqui da minha janela e ajoelhar-se diante do altar de Deus e pedir perdão por pensar e escrever tanta besteira.

É que a dor é maior que o amor, meu bem.

• • •

52

Mario Prata

VOCÊ JÁ FEZ SEXO COM ALICATE?

Já disse aqui, mais de uma vez, que não costumo responder cartas de leitores. São muitas e teria que me dedicar um tempo maior que o disponível para elas. Mas adoro recebê-las. Gostaria de responder, por exemplo, para a Deborah, de Presidente Prudente. Ou para a Adriana, do Guarujá. Vontade de pedir foto de corpo inteiro, como sugeriu meu amigo Reinaldo Moraes.

Gosto de cartas, sim. Principalmente com humor, como esta que eu vou transcrever, na íntegra. Como o leitor usou um pseudônimo (Ambrose Bierce IV; ou isso é nome de gente?), tenho todo o direito.

O tema da carta foi aquela crônica onde eu tergivesava sobre a importância do joelho na relação sexual. Disse o senhor Bierce IV:

"Parabéns pelo brilhante artigo sobre a importante questão sexo/joelho. Mostra o artigo, entretanto, desconhecimento das reais questões sexo/joelho, que são aquelas do pós-operatório. É nesta fase difícil que o cuidado é maior e em que está presente a muleta, este formidável aparato de sustentação.

No pós-operatório, são três, e somente três, as soluções a dois. A saber:

Solução escrivaninha: a parceira, de pé, apóia o abdômen sobre a escrivaninha, eventualmente forrada com quantidade de livros que acerte a altura da ferramenta. Com a muleta dando sustentação à perna ruim e a perna boa dando a impulsão, faz-se o serviço.

Solução cachorro: a parceira, de quatro na cama, com os joelhos apoiados sobre quantidade de travesseiros convenientemente e as nádegas perfeitamente alinhadas com a borda do leito. Procedimento como no caso anterior.

Solução Persig: o doente deita-se de barriga, e tudo mais, para cima. A parceira se põe de cócoras sobre a ferramente e executa movimentos verticais acelerados conforme: embaixo contração, tipo alicate, em cima descontração, desce descontraído e então alicate de novo e assim por diante.

Nos dois primeiros casos, o doente está com as mãos ocupadas: uma na muleta e a outra enlaçando o abdômen da parceira. No terceiro caso, as mãos

estão liberadas, porém é comum que uma delas seja usada para proteger o joelho e a outra para assegurar o equilíbrio da *performer.*

Cumpre notar que, em qualquer dos três casos, a atenção do doente está, inevitavelmente, no joelho. Este natural descaso com o principal pode causar perda de sustentação, nos dois primeiros casos. No terceiro, pode resultar em crise de risos. Assim, nos três casos, há uma alta probabilidade de fracasso. Isso não deve, em absoluto, desestimular a experimentação.

Sendo o que nos vem pelo momento, subscrevemo-nos, atenciosamente".

Esta era a carta do leitor que não tinha mais nada a fazer na vida e que também deve sofrer das mazelas das suas articulações.

Se, por um lado, veio trazer uma certa luz ao meu sofrimento mencionado em crônica passada, deixou-me com algumas dúvidas.

Meu senhor, nem eu nem minha parceira entendemos o tal do "alicate". Se o senhor tivesse usado outras ferramentas como "martelo" ou mesmo "prego" (e por que não dizer "furadeira"?), teríamos seguido suas instruções. Mas alicate...

Em que hora o alicate entra em cena? Ou na cama? Para segurar a muleta, aumentar a altura dela, beliscar alguma parte do corpo da parceira ou mesmo a minha? Será que não machuca, senhor Bierce IV? Favor mandar nova carta, falando somente do alicate.

Isso me lembra uma história que aconteceu há uns 20 anos, logo depois do meu casamento. Como a casa era pequena, guardamos alguns eletrodomésticos, ainda dentro das caixas, debaixo da cama. Emprestamos a casa para um casal gay (aliás, conhecidíssimo), também em lua-de-mel, passar o carnaval, lá no Rio de Janeiro.

Quando voltamos, estavam os dois completamente esfolados:

— Foi tudo bem, a gente só não se deu bem com a batedeira de bolos.

• • •

53

Mario Prata

CARTA ABERTA AO CAIO FERNANDO

Caio querido:

Sua crônica, domingo, aqui neste espaço, não era apenas uma crônica, mais uma domingueira crônica. Era uma carta aberta, declarada e emocionada aos seus amigos de quem você deve ter dado tchauzinho da janela do avião que te levava de volta.

Deixou-nos a todos emocionados e gratificados com as suas lembranças. E, melhor do que isso, reativou outras.

No domingo, teve almoço na casa do Tenório e da Annette, amigos recentes e já profundos. Não estavam lá nem o Ruy Fontana Lopes, nem a Maria Emília Bender, daquele memorável apartamento da Rua Alagoas, daqueles intermináveis, etílicos e frontais desabafos. Mas estava o David Arrigucci (casado com uma menininha que eu até evitei olhar), o Zé Miguel Wisnik (com a eternamente linda Laura), o Mateus Shirts com a Silvia e, é claro, o nosso Reinaldo Moraes, com a Martinha, da Companhia das Letras. E a Ana Cristina Cesar, é claro, é sempre falta sentida.

Reinaldinho ainda não havia lido sua crônica. Mostrei para ele. Tomando absinto, debulhou-se em lágrimas em cima de um fumegante vatapá. Teu texto rolou de mão em mão, de coração em coração. Principalmente de coração em coração. Só faltaram os morangos (não mofados) de sobremesa. Pena que eu não te vi. Desta vez.

E imagina que chego em casa, tinha um telefonema da minha mãe, lá de Uberaba, comentando, igualmente emocionada, o seu texto. Você mexeu até com ela.

A última vez que te vi foi saindo de um flat na Frei Caneca, com sua elegância quixotesca. Não podia deixar de me lembrar que passamos bem uns seis meses — eu, você e a Lu Villares — trancafiados no flat do Eldorado tentando bolar uma história para o Wilker, que estava na Manchete. Nem poderia me esquecer de você tomando chá com torradinhas na casa do mestre Antonio Cândido.

Estou escrevendo esta carta porque o Reinaldo disse que você pediu que a gente escrevesse para você. Talvez, com esta minha carta, surjam outras, de leitores, para você ler deliciando-se nos jardins dos seus dias aí em Porto Alegre.

Estou completamente lento, depois de um Frontal e uma cervejinha na casa do Rei. Ele perguntou: o que você vai escrever para ele? Não sei, disse. E continuo sem saber. Para falar a verdade, estava sem nenhuma idéia sobre a crônica de hoje, até ver o Reinaldo chafurdar-se em lágrimas no delirante vatapá da grande baiana Leninha.

Mas estava para te escrever desde que soube que o "Meu Nome é Enéas" está te processando. Não li o que você escreveu sobre ele, mas deve ser o que todo mundo pensa. Então ele deveria processar o Brasil inteiro. Ou o Brasil é que deveria processá-lo?

Outro dia, numa das minhas intermináveis mudanças, achei o texto que escrevemos, junto com a Lu Villares, para a Manchete. Rosaura, a Enjeitada. Acho que era esse o nome, não era? Indicação do Antonio Cândido entre uma bolachinha e outra da dona Gilda. Me lembro que fazia de tudo para extrair um pouco de humor de você. Era difícil. Pois queria lhe dizer, agora, Caio, que as suas crônicas atuais estão recheadas de humor. De bom humor. Isso é comovente. Quem sabe um dia a gente ainda não escreva uma comediazinha de costumes bem da sem-vergonha?

Tenho um tio padre que outro dia me disse que ele podia até não acreditar na existência de Deus mas, de uma coisa, ele tinha certeza: existe Anjo da Guarda! E você tem o seu Anjo da Guarda particular que te segura aí e mais uma porção deles aqui em São Paulo. Podes crer, Caio, que todos nós somos os teus Anjos da Guarda.

Você nos comoveu com a sua crônica. Continue fazendo isso. Não se deve esquecer os Anjos da Guarda, mesmo que você esteja nos vendo através da janela de um avião a caminho do Céu.

Um beijo, querido.

Mario Prata

• • •

54

Mario Prata

DE VOLTA AO FUTURO

Meu pai é médico e tinha um laboratório de análises clínicas, lá em Lins. Na hora que ele ia almoçar, eu tomava conta. Além de receber xixi e cocô da população, eu catava milho numa velha Remington que, aliás, tinha uma característica única: batia-se o acento depois da letra.

Foi ali que tudo começou. Eu tinha uns 12 anos e escrevia crônicas horrorosas, preocupado com a existência de Deus ou não. Coisas daquela época. Mas, devo confessar que até hoje cato milho e, de vez em quando, penso em Deus.

Fiz 18 anos e o meu pai me deu uma Olivetti Lettera 22, apesar de olhar um pouco desconfiado para o filho que queria ser escritor. "Coisa de veado", ele devia pensar. Mas me deu a maquininha que, naquela época, era o máximo. Era quase uma "noteboox" sem memória.

Com a Lettera fui até os 30 anos. Imaginem que escrevi a novela Estúpido Cupido, inteirinha com ela, em três vias. Só a aposentei porque, numa viagem de volta da Alemanha, deixaram que ela caísse no chão e ela se entortou irremediavelmente.

Foi a vez de comprar uma Corona branca, semi-elétrica. Aquilo era demais para mim. Dava até para corrigir até três letras erradas. Era o máximo do máximo.

Mas a minha vida mudou mesmo quando comprei uma IBM elétrica do José Márcio Penido que veio com bolinhas, cada bolinha com um tipo de letra. E uma teclinha onde eu apagava meus (muitos) erros.

Com a velha (hoje) IBM, escrevi várias novelas, roteiros de cinema e livros. Ninguém me segurava. Eu era moderno e rápido.

Mas um dia o escritor Reinaldo Moraes me convenceu a entrar no mundo dos computadores. Confesso que relutei muito. Achava que nunca iria entender aquela modernidade. Já tinha passado dos 40, não estava mais para tantas novidades. Mas com um lap-top, um Toshibinha 1.000, entrei na era da eletrônica. Em poucos meses, fazia o diabo com aquilo. Claro, que, no começo, perdi muitos arquivos, peguei alguns vírus. Mas ainda tenho o Toshibinha até hoje. Cobri a Copa do Mundo e a Copa América, bravamente, com ela.

Mas estava chegando a hora de ter um computador de mesa, um 486, me diziam. Parti para a aventura. Uma impressora que não tem que tirar aquelas bordinhas do lado, picotadas. Pronto, o futuro não iria me reservar mais nenhuma surpresa.

Pois agora que a coisa começou a ficar cada vez mais rápida. Já tive que passar o que era 4mb para 8mb. Depois me convenceram que tinha que passsar de 129 MB (você está me entendendo?) para 500. E o modem de 2.400 para 14.400. Tudo isso para entrar na Internet.

A essa altura, eu já estava passando as minhas crônicas direto do meu computador (sem as imprimir) para o computador do **Estadão**. O que mais queria eu? Não precisava mais de boy e nem ter que ir até a Marginal levar o meu material.

Aí chegou a Internet. Segundo a DGLNET que é a minha provedora, agora eu virei um cibernauta. Pode?, eu, um cibernauta! Para vocês terem idéia da rapidez da coisa, a palavra ainda não está no *Aurélio* (eletrônico, também) que eu tenho aqui, acoplado.

Tenho viajado muito nesta minha condição de cibernauta (não sou nem mais escritor, nem digitador) pelo mundo. Entro no Louvre, finjo que faço reserva num hotel de Hong Kong, leio jornais e revistas do mundo todo, converso com desconhecidos pra lá de Bagdá, voto no Oscar, leio o outro jornal aqui na minha tela.

Depois disso tudo, o que virá? Já falam em computador onde você vai falar e ele escrever. Acho demais. Não sei se terei idade para entender o funcionamento.

Mas toda esta minha trajetória, da velha Remington cheirando a cocô anômino, até a Internet com meus amigos anônimos, foi para chegar aqui no final (estou chegando nos 4.000 bytes) e dizer o meu endereço. Pois, até agora, não recebi nenhuma mensagem. Abro a caixa postal e logo vem: "sorry". É duro. Sinto-me como naquela piada: ninguém me escreve, passa um telegrama, passa um fax... Então, vamos lá. O meu e-mail (chique, não?) é **macprata@sp.dglnet.com.br**. Por favor, cartas para a minha caixa. Antes que eu volte para a velha Remington, onde não havia essas frescuras todas. A mesma máquina onde meu pai escrevia os resultados de exame de gravidez positivos. De jovens que, hoje, como eu, estão, com certeza, viajando pela Internet.

• • •

55

Mario Prata

FIAT LUX, POR FAVOR

Acabou a luz.

Nada grave, acabar a luz. Nada grave? Não numa segunda-feira, de manhã, quando acordo meio em cima da hora para escrever esta crônica. Aliás, estou escrevendo a mão. Desde o meu tempo de faculdade (e lá se vão quase 30 anos) que não escrevo nada a mão, a não ser preencher o cheque com letras de fôrma que, de fôrma, já não têm mais nada. Não tenho mais letra, esta que é a verdade. Até bilhetinho pra deixar na porta, tipo "estou no banho", escrevo no computador. Nem máquina de escrever tenho mais. E o pior é que, escrevendo a mão, jamais saberei o tamanho certo deste espaço que tenho que ocupar. Na máquina, sei que são 50 linhas, no computador, 4.000 caracteres. Com estes garranchos, jamais saberei. A verdade é que só acabando a luz é que a gente percebe que não consegue fazer nada sem ela. Deus sabia das coisas quando, num gesto dramático e divino, disse: Fiat Lux! Depois virou fósforo, mas isso é outra história.

Tudo começou no banho com a água gelada. O leite, na geladeira, estava frio. E quase coalhado. Devia fazer tempo que estava sem força. Deve ser por isso que luz chama-se força. Pego o interfone para saber se a portaria pode me dar uma força, uma luz sobre a situação. Claro que não estava funcionando, idiota! E eu tenho que escrever a crônica. Mas o computador... Penso em ligar para a Redação e avisar sobre o problema. Inútil: meus dois telefones são ligados na tomada. Estou ilhado. Penso em descer pelo elevador para saber notícias e tomar providências. São dez andares. Descer eu desço, mas jamais conseguiria subir dez andares, sedentário que sou. O único exercício que faço é ir a pé do elevador até o carro, na garagem. Preciso avisar a Redação. Preciso fazer alguma coisa! Vou acabar entrando em pânico. Mesmo escrevendo a mão, como passar o fax para o jornal? Ou, pior ainda, como avisar que não vai ter crônica? Logo agora que estou pedindo aumento?

A crônica que eu ia escrever hoje era sobre os jovens orientais, os nisseis, os coreanos, os chineses e suas maravilhosas performances nos vestibulares da

vida. Meus dedos já estão doendo, a caneta não flui, as idéias estancam. O que eu queria dizer é que há mais de 40 anos, desde que eu me entendo por gente, que os primeiros classificados nos vestibulares são sempre os orientais. Basta olhar nas extensas listas e estão lá os Lin Xang Tings da vida. Homens e mulheres. Desmoralizam a nós, mortais ocidentais ignorantes e preguiçosos. Dizem que os cursinhos dão bolsas para eles para depois usarem as fotinhas nas publicidades dos jornais. São imbatíveis. São terríveis. São muitos.

Mesmo em Berkeley, onde anualmente há concursos para bolsistas estrangeiros, o problema é o mesmo, fazendo com que a universidade californiana limitasse em 30 por cento a quantidade deles. Porque, até então, 99 por cento das vagas eram orientalizadas. Sul-americano dançava no escuro.

Tento um interruptor. Nada. O pessoal da Redação já deve estar me ligando e deve dar ocupado.

Mas eu estava falando dos orientais e dos vestibulares. O que iria dizer na crônica é que eu gostaria muito de saber que fim levam e levaram estes geniozinhos, depois que saíram da faculdade. Eles entram em tudo: Medicina, Engenharia, Física, Eletrônica, Publicidade e até mesmo na EAD (Escola de Arte Dramática). Mas depois somem. Já notaram? Não conheço nenhum médico, engenheiro, advogado ou mesmo físico e ator, oriental. Será que eles são preparados apenas para o vestibular e depois caem na real, somem no escuro? Ou será que se formam e deixam o país? Esta questão estava me intrigando e queria falar dela hoje. Mas com esta Bic está difícil.

Eu podia acordar o meu filho, pedir para ele descer e avisar o jornal. Mas ele está gripado, tossiu a noite toda, tudo por culpa daquela chuva dos Stones na sexta-feira. Não há corpinho de 17 anos que suporte oito horas de chuva. Meu Deus, e se eu precisar sair para comprar algum remédio para ele? Melhor deixar ele dormindo no escuro.

Vocês me desculpem, mas eu tinha certeza que a crônica sobre os vestibulorientais ia ser boa, estava toda na minha cabeça. Mas cabeça sem luz não funciona. Estou como brasileiro no vestibular: nenhuma luz no fim do túnel.

• • •

Mario Prata

MEUS PARABÉNS, MARIA LYDIA

Minha queridíssima amiga Maria Lydia Pires e Albuquerque, ilustre dama da noite e do dia paulistano, completou aniversário na semana passada (41, já?) e mandou um convite que é um convite à volta aos anos 50. Veja o questionário que ela preparou para seus convivas:

- Que veículos eram: Jangada, Rabo de Peixe, Impala, Saia-e-Blusa, Leite Glória, Belo Antônio, Constelation, Guliveri, Camarão?
- Dê duas diferenças entre o Gordini e o Dauphine.
- Numere por ordem de lançamento: Banlon, Orlon, Nylon, Tergal, Helanca, Ráfia.
- O que era Vicmaltema?
- Qual o primeiro filme em Cinemascope?
- Como era um Samba em Berlim? E um Hi-Fi?
- Numere por ordem de lançamento as modas: trapézio, diretório, saco, império, tubo.
- Quais os acusados de matar Aída Cury? E Dana de Tefé? E o crime do Sacopã?
- Quais foram o segundo e terceiro lugares nas eleições presidenciais de 55?
- O que significavam as siglas: GEIA, SUMOC, ALALC, IAPETEC, JUC, JOC, UPES?
- No ginásio, estes eram autores de seus livros em que matérias? Aroldo de Zevedo, Ary Quintela, Joaquim Silva, Matoso Câmara.
- Qual a marca do primeiro radinho de pilha e primeiro gravador aparecidos no Brasil?
- Quem ganhou de Marta Rocha o Miss Universo de 1954?
- Quem era a Lurdinha?
- Que cavalos ganharam duas vezes o Grande Prêmio Brasil nos anos 50?
- Bastava ser um rapaz direito para ter crédito onde?
- Quem foi Algodão? E Piedade Coutinho? E Meire Pavão?
- Onde era vendido o jaquetão Caraveli?

- Quem fazia a "Bola do Dia"?
- Quem era o Casal 20 do Ibrahim Sued?
- O que eram: Papa-Fila, Bambolê de Otário, Vaca Leiteira, Guará?
- Quem era Nino Sevilha e em que hotel roubaram suas jóias no IV Centenário?
- O que queria dizer: Bidu, Boco-Moco, Shazam, Candango?
- Onde ficavam: Clipper, Isnard, Serva Ribeiro, Ducal, Slopes?
- O que era uma camisa Volta ao Mundo?
- De quem eram esses cavalos: Silver, Molenga, Escoteiro, Herói, Trigger?
- O que faziam as pílulas de vida do doutor Ross?
- De que cor eram as cadeiras do Cine Paulista na Augusta com Oscar Freire?
- Número um, excesso; número dois, escassez. O que era?
- Quem foi o campeão do Centenário?
- O que perfumava o hálito enquanto limpava os dentes?
- Quais foram os antecedentes do Jeans e do Tênis?
- Qual o jingle de: Biscoitos Aymoré, Biscoitos São Luiz, Sabonete Palmolive.
- Desenhe o símbolo e cante o hino do IV Centenário.
- O que era uma filipeta? E um gasparino?
- Quem era o "Corvo do Lavradio"?
- Que Partidos eram estes: PSP, PRP, UDN, PDC, PTN, PST?
- O que aconteceu com Andréa Dória, o Presidente, o Vogue, o Comet IV?
- Quem ganhou a luta Helio Grace x Waldemar Santana?
- Quem era o "Gigante do Brás"?
- Quem era o "Gigante Amaral"?
- Qual o grau dos óculos que você usou para ler este texto?

P.S.: - Dedico essa volta aos 50 à memória do meu amigo de Lins, Fernando Iberê do Nascimento (o primeiro a ter lambreta na cidade) e meu companheiro de Economia na USP nos anos 60, covardemente assassinado por um pistoleiro na sexta-feira passada em São Paulo.

• • •

57

Mario Prata

OLHA EU AQUI, MÃE

— Mãe, estou escrevendo na última página da Criativa.

— Da onde, meu filho?

— Da revista *Criativa*, mãe. Não conhece? Vende uns 500 mil exemplares por mês.

— Só? O Oscar, disseram que tinha 1 bilhão vendo. É revista de arquiteto, meu filho?

— Não, mãe. Revista de mulher.

— Pelada?

— Não, mãe, é séria. Feita de mulher para mulher.

— E você vai escrever aí? Na última página, ainda por cima? Por que não deixam você escrever na primeira? Por que você não escreve no *Cruzeiro*? Tão boa revista, meu filho.

— Já fechou, mãe.

— Meu filho, acho melhor não contar para o seu pai que você está escrevendo em revista de mulher. E a cidade, meu filho? Você conhece aqui, cidade pequena, vai todo mundo comentar: "você viu o filho dela? Sempre desconfiei"...

— Imagina, mãe. Tem moldes, receitas...

— Receita? Você vai escrever receitas, meu filho? Você nunca conseguiu fritar um ovo.

— Não, mãe. Vou falar do meu ponto de vista sobre as mulheres.

— Meu filho, não faça isso. Você sabe muito bem que você não entende nada de mulheres. Como marido foi um fracasso. Quantas mulheres você já teve, menino? Nenhuma te agüentou. Volta para a *Globo*, meu filho. Vai escrever novela, vai. Tão bonitas as suas novelinhas.

— Vou falar sobre orgasmo múltiplo.

— Múltiplo? Meu filho, que vergonha. Se o seu pai sabe disso, te mata. E a *Parati*, escreve para a *Parati*.

— Já fechou, mãe.

— E a *Playboy*? Por que você não escreve para a *Playboy*? Pelo menos na cidade não vão comentar.

— O Nirlando Beirão está escrevendo lá.

— Meu filho, aquele barbudinho que casou com a sua mulher? Estou quase chorando, meu filho. O primeiro marido na revista de mulher e o atual... Você está me fazendo sofrer tanto. Sabe o que eu acho, que você está escrevendo nessa revista para namorar as moças de lá.

— Imagina, mamãe, é uma revista moderna, criativa mesmo.

— Mas por que te puseram na última página? Estão abusando de você, meu filho. A gente educa, perde noites de sono, se preocupa, dá o melhor da gente para isso, meu filho?

— Pagam bem, mãe.

— O dinheiro não traz felicidade, meu filho. Na *Globo*, sim, que você ganhava bem.

— A revista é da Globo, mãe.

— Vai sair na televisão?

— Não, da Editora Globo.

— Mas não aparece na televisão? Ah, meu filho, que notícia mais triste. Você não tem vergonha? O Nirlando lá na *Playboy* e você aí? O que é que os seus filhos não vão pensar? Eu disse para você não se separar. Sabia que coisa boa não ia dar. Vão ficar rindo dos seus filhos na escola, meu filho.

— Fica tranqüila, mãe. Vai dar tudo certo.

— Eu me lembro, quando você tinha 14 anos e começou a fazer coluna social lá em Lins. Comentei com o seu pai: "Isso não vai dar certo". Olha onde você terminou.

— Mãe, eu estou feliz. Isso é uma conquista profissional.

— Já sei de tudo. Você vai querer que eu te mande aquela receita do meu vatapá, não é? Eu mando. Mãe é para isso mesmo. Tenho também aqui uns moldes de uns "taierzinhos".

— Não precisa, mãe.

— Tem uma moça aqui que faz umas cerâmicas muito bonitas, com rosas cor-de-rosa, uma beleza. Quer que eu peça para ela mandar umas fotos? Coitada, ela está tão necessitada. Talvez se sair aí na *Criação*.

— *Criativa*, mãe.

— E o seu chefe é simpático, te trata bem? Você tem chegado no horário, meu filho?

— É chefa. Mulher.

— Meu filho, recebendo ordens de uma mulher? Realmente é melhor o seu pai não saber disso. A revista vai vender aqui na cidade?

— Claro.

— Você quer me matar, meu filho. Fala a verdade. Quer ou não quer? Uma chefa, era só o que faltava. Só falta ela ser mais nova do que você.

— É.

— É o fim do mundo. (começa a chorar, desliga)

— Mãe, mãe...

• • •

Mario Prata

OUTRA VEZ COM MAMÃE

— Como vai, meu filho?
— Tudo bem, mamãe. E aí?
— Vamos indo, não é, meu filho? Como Deus manda. Aquela enxaqueca, seu pai com o joelho daquele jeito... Mas o importante é a saúde.
— Dá um abraço nele. E a revista, gostou?
— Recortei todas as receitas. É bom que já vem furadinha a página, né? Mandei o seu pai comprar um fichário, mas ele não está gostando de você escrever aí. Sabe como ele é, né? Quando cisma... E os meninos, como vão?
— Tudo bem.
— Já resolveram o que vão estudar?
— O João está pensando em Filosofia ou...
— Filosofia? Mas o que faz quem estuda filosofia? Filosofa?
— É.
— Mas isso dá dinheiro, meu filho? Será que ele não vai passar o resto da vida morando com você? Você se lembra do seu primo Marcelo, que estudou Meteorologia — é assim que fala? — tá lá, até hoje. Não tem campo, meu filho. Engenharia ele não gosta? E Medicina?, tão bonito. Todo de branco...
— Ou então Psicologia.
— Ah, não, meu filho! Psicologia, não. Não tenho nada com isso, mas ficar trancado dentro daquelas salinhas ouvindo loucura de gente que a gente nunca viu na frente?
— Mas a senhora não se confessa todo sábado? Mesma coisa.
— Não diga heresias, meu filho. Ali, quem está me ouvindo é um representante de Deus. E eu me confesso com ele há 40 anos. Já sabe todos os meus pecados. Nem escuta mais. Às vezes, até dorme. E Banco do Brasil? Futuro garantido, meu filho. Não vê o seu tio Tonico? Aposentado, ganha mais que o seu pai, que trabalhou de médico a vida toda. E a Ana, já resolveu o que vai fazer?
— Moda.
— Moda?

— Moda.
— Moda, meu filho? Como assim? Isso tem curso?
— Tem, mãe. Tem uma escola muito boa aqui. Depois ela quer ir fazer um curso de complementação em Paris. Numa escola onde a Marjorie estudou. Lembra da Marjorie, aquela que faz a roupa da primeira dama?
— E a dona Ruth paga bem para ela?
— Sei lá, mãe. Deve pagar. Mas a Ana ainda está em dúvida. Pensa em ser atriz também.
— Meu filho, você quer me matar? Atriz, meu filho? O que é que não vão dizer aqui na cidade? Já não basta você escrever numa revista de mulher e ainda vou ter uma neta atriz? E desde quando precisa estudar para ser atriz? Não é só decorar? Você mesmo me disse que para chorar eles passam cebola nos olhos...
— Ela quer estudar em Nova Iorque. Tem uma escola muito boa lá.
— E as drogas, meu filho? Ouço cada história de Nova Iorque. Aqueles pretos todos...
— Fica tranqüila, mãe. Eles sabem o que vão fazer.
— Vou rezar para Nossa Senhora de Lourdes e duas Salve-Rainhas. Direito, o João não gosta? Podia pegar o escritório do tio dele aqui, que está mais pra lá do que pra cá. Soube, né? Cigarro a vida toda, dá nisso. E a Ana, meu filho? Será que um curso rápido de Corte e Costura... Depois casa, não sabe pregar nem um botão.
— Mãe, deixa que eles resolvem.
— Vou rezar, meu filho. Para você também. Minha esperança é que você um dia volte com a mãe deles. Moça tão boa, meu filho, gosto tanto dela...
— Bem, mãe, eu vou desligar. Tenho que trabalhar.
— Seu pai está mandando um abraço. (ouço meu pai gritar ao fundo: "Estou nada. Não mando abraço para filho que escreve em revista de mulher.") Então fica com Deus. Olha, mais uma coisa. Se a Ana for mesmo ser atriz, arruma para ela fazer novela na Globo. Mas a das 6, porque as outras... não tenho nem mais coragem de assistir. Um pecado, meu filho. Um pecado. Deus te abençoe.
— Bença, mãe.

• • •

59

Mario Prata

SILVIO MAZZUCA, O NOSSO GLENN MILLER

O Brasil não tem memória.

Desculpem começar a crônica com este lugar-comum, mas foi inevitável. O maestro Silvio Mazzuca comemorou os 50 anos de sua orquestra em monumental baile no salão de festas do Clube Pinheiros. Um baile com Música e Lágrimas, como naquele filme com James Stewart e June Allyson. Ele interpretava Glenn Miller. Se você não sabe também quem foi Glenn Miller, é melhor parar a leitura aqui em cima e tentar o seu horóscopo aí embaixo.

Glenn Miller Orchestra foi uma das maiores do mundo na época das grandes bandas americanas. O trombonista e maestro foi convocado com toda a sua orquestra durante a Segunda Guerra para "levantar o moral da tropa", lá no front de batalha. Numa viagem entre Londres e Paris, o seu avião se perdeu. Ele morreu. Tinha apenas 40 anos. Meses depois, a guerra terminaria. Estamos em dezembro de 1944.

Agora estamos em 1945. Meses depois da morte do músico americano, Silvio Mazzuca criava a sua grande orquestra. Há exatos 50 anos.

Mazzuca animava bailes, festas, programas na Tupi e na Excelsior. Tocava em São Paulo e por todo o Brasil. Qual é a senhora de hoje que não debutou, não dançou a "primeira valsa" com os violinos e os metais do Mazzuca? Aqueles bailes de antigamente, com muita luz, onde se podia escolher de longe a parceira, onde mocinhas "tomavam chá de cadeira" e as mais ousadas ousavam a "dar tábua" "para os pés-de-valsa". Onde os rapazes, depois de uma "seleção" mais romântica, voltavam para a mesa todos curvados, disfarçando uma excitação contagiante. O som do Mazzuca, em certas horas, era mesmo excitante. Principalmente quando os metais se levantavam.

Quantos namoros não começaram timidamente com os acordes firmes do maestro? Quantas paqueras (seria melhor dizer flertes)? Quantos pedidos de noivados? Quantos rostos colados? Quantos amores selados? Quantos quilômetros cada um de nós não rodopiou nos salões ouvindo o som

maravilhoso do Silvio Mazzuca?

Não sou um cronista musical, mas não posso deixar de dizer que, para nós, brasileiros dançarinos dos anos 50 e 60, Silvio Mazzuca foi a continuação de Glenn Miller. Música e lágrimas. E paixão.

Tenho certeza que Fernando Henrique e dona Ruth já dançaram agarradinhos ao som dele. Que Pelé e Rose trocaram juras de amor em bailes lá em Santos. Maluf e dona Sylvia, quem sabe?

O prefeito, convidado para a festa de 50 anos, não foi. Mandou o secretário da Cultura, Rodolfo Konder (um bom representante). Também não estavam lá o pé-de-valsa Covas e dona Lyla. Nem o presidente da República. Pois deveriam ter ido. Dançaram. A festa estava demais.

Mazzuca, emocionado, do alto dos seus 76 anos, regeu a orquestra como nunca. Numa mesa, sua mulher chorava. Será que ela já dançou com ele ao som da orquestra dele mesmo? Fica a dúvida.

Quando o Francisco Ramalho foi filmar a minha peça *Besame Mucho* e tinha um baile no roteiro, tacamos lá: Silvio Mazzuca e sua Orquestra. Nas filmagens, fui falar com o meu ídolo de adolescente. Perguntei quantos filmes ele já havia feito, imaginando um monte. Ele me respondeu, triste: "Este é o primeiro". E olha que já estávamos em 87. Ele e sua banda são uma das melhores coisas do filme.

Sua orquestra fez 50 anos no sábado. Nenhuma nota na imprensa, nenhuma televisão para registrar o momento. Nem a Hebe Camargo, sua primeira crooner, apareceu para uma "canja". Apenas, e como sempre, a TV Cultura (essa mesma que o Covas quer, de uma maneira ou outra, aniquilar erroneamente) estava lá registrando este momento cultural importante para grande parte dos brasileiros.

Me lembro, dançando ao seu som lá em Lins, que, na bateria, tinha as suas iniciais escritas: S.M. Desde aquele tempo, sempre associei essas iniciais não a Silvio Mazzuca, mas, sim, a Sua Majestade.

Tenho certeza que, se Glenn Miller vivo fosse, com os seus já 91 anos, bengalando com o seu trombone, no sábado, teria atravessado o lotado salão do Pinheiros, subido ao palco e, depois de abraçar e beijar Silvio Mazzuca, tocaria com ele *Serenade in Blue* ou, mais precisamente, *I Know Why*. Porque ambos sabiam de tudo.

• • •

60

Mario Prata

MISSA DAS DEZ

Ah, a missa das 10 de antigamente no interior! Aquilo, sim, é que era missa. Claro que tinha também a missa das 6, das 7, etc. Mas a que dava maior ibope era mesmo a das 10 da manhã. Que novela.

Segundo o mestre Aurélio, missa é "na Igreja Católica, celebração da Eucaristia, sacrifício do corpo e do sangue de Jesus Cristo, feito no altar pelo ministério de um sacerdote".

Também o padre era o melhor da paróquia. Uma espécie de Benedito Ruy Barbosa, uma espécie de o Rei da Missa. O mais velho, o mais experiente. Já tinha ido a Roma e visto o Papa

Mas, na verdade, era o ponto de encontro da alta sociedade da minha próspera Lins dos anos 50 e 60.

Estudei nove anos num colégio de padres e éramos obrigados a assistir à missa todos os dias. No domingo, duas vezes (para os internos). Fiz as contas: nesses nove anos, assisti a 2.793 missas. Em metade delas, devo ter comungado. Portanto, tenho um bom saldo lá no Céu.

Hoje só vou às missas de sétimo dia que, com a idade das gente, estão ficando cada vez mais freqüentes. Ou as de corpo presente.

Mas mudou tudo. Em primeiro lugar, não se fala mais latim (eu e o Chico Buarque sabemos até hoje a missa inteira) e tem uma hora que as pessoas todas ficam de mãos dadas. Meio constrangedor.

Naquele tempo, os homens iam de terno e gravata para a cerimônia apesar dos quase 40 graus no verão. As mulheres colocavam seus melhores vestidos. Ali, elas sabiam, estavam sendo observadas para a eleição das Dez Mais Elegantes da cidade.

Tinha o púlpito de mármore com o sermão que sempre começava assim: "Naquele tempo, disse Jesus aos seus discípulos:". Como Jesus dizia coisas aos seus discípulos! Mas nessa hora a gente saía e ia fumar um Hollywood (sem filtro) lá fora, diante da praça. Tinha sermão que durava tanto que dava

até para engraxar os sapatos.

O sermão era invariavelmente chato. Tanto que, no mesmo *Aurélio* já mencionado, temos uma segunda interpretação para ele: "Arrazoado longo e enfadonho com que se procura convencer alguém". Nunca me convenceram.

E os falsos castos comungando? Naquele tempo, já dizia Nelson Rodrigues aos seus discípulos: "Todo casto é um obsceno". Podem observar. Não dá outra. Assim como "todo canalha é magro".

A gente sabia que o prefeito tinha tirado uma garota da zona e dado uma casa para ela na cidadezinha ao lado. O delegado que transava com a manicure que sempre se sentava atrás dele. Aquela senhora daquele advogado que andava com os estudantes de Engenharia. Tudo lá, santos de carteirinha e anjos da misericórdia. Fazendeiros, latifundiários improdutivos.

Fofoqueira era o que não faltava lá dentro. Era um diz-que-diz de corar Cristo no altar.

Os mais jovens paqueravam, é claro. A palavra não era essa. A gente flertava.

No meio disso, o sacristão passava com um saquinho de veludo vermelho recolhendo dinheiro para as obras da Igreja. Já repararam como sempre pedem dinheiro para as obras?

O momento máximo era a comunhão. Naquele tempo, o padre colocava a hóstia na língua escancarada de todos nós que, até aquele momento, tínhamos que estar em completo jejum: "se morder, sai sangue!!!", ameaçavam. O sangue de Cristo. Mas o sangue mesmo, o velho e com vinho, só o padre podia beber. E as pessoas voltavam para os seus lugares, cabeça baixa, se ajoelhavam e pensavam não sei no quê. Mas pensavam muito naqueles momentos da Eucaristia. De joelhos na madeira dura.

Aliás, era uma agonia aquilo. Sentava, levantava, ajoelhava, voltava a levantar, agora sentem, meus irmãos, todos de joelhos.

Naquele tempo, na oração, a gente perdoava os nossos devedores. Hoje pedimos perdão para os que nos têm ofendido. Nunca entendi direito a mudança.

Outro dia, passei em frente da bonita Matriz de Santo Antonio, lá em Lins. Instintivamente fiz o sinal-da-cruz. Me deu vontade de entrar, de ajoelhar e rezar. Pedir perdão pelos meus pecados. Mas o problema é que eu já não sei mais o que é pecado hoje.

Por exemplo: não fazer logo a reforma agrária não deveria ser pecado hoje em dia?

• • •

61

Mario Prata

COMO TROCAR PERNA COM MACACO

O que eu mais gosto, quando compro um carro zero, é de ler o Manual de Instruções. É melhor que ler bula de remédios para a cabeça. No Manual, está tudo explicado, claro, definitivo. Você fica sabendo como cuidar do seu carro para que ele viva vários e vários anos.

Fico pensando que nós e o nosso corpo humano também deveríamos ter um Manual de Instruções, para a gente se cuidar. Algo parecido com os manuais dos carros. Por exemplo: assim como se ensina a trocar um pneu, o Manual de Instruções do Corpo Humano (o MICH) poderia muito bem ensinar a gente a trocar a própria perna, evitando, assim, ida a médicos e hospitais. Além das filas e economia de tempo e dinheiro.

Antes de ensinar você a trocar a própria perna, alguns avisos:

— Parabéns, você está de posse de um novo corpo. Desejamos que ele lhe traga todas as satisfações que imaginou, ao escolhê-lo.

— O tempo que você irá dedicar à leitura deste manual será amplamente compensado pelos ensinamentos e as novidades técnicas que irá descobrir.

— Se algum item não for suficientemente claro, os técnicos dos Distribuidores que formam nossa rede terão o prazer de lhe fornecer qualquer dado complementar que deseje obter.

— Todas as instruções contidas neste manual são de vital importância para sua segurança e para garantir longa vida ao seu corpo.

Segundo o MICH, a **troca de uma perna** seria assim:

1) O macaco e a chave de perna estão no interior do compartimento chamado de médio glúteo, na parte traseira do corpo.
2) O macaco está alojado por cima da bacia. Para extraí-lo, afrouxar ligeiramente seu nervo de fixação e deslocá-lo para cima; depois livrá-lo do seu suporte inferior. Em alguns corpos, o macaco está protegido com uma cobertura; é necessário retirá-la previamente.

3) A chave de perna está presa acima da coxa esquerda.
4) A perna de reserva encontra-se na parter traseira inferior do corpo, dentro de um orifício.
5) Para ter acesso à mesma:
6) Afrouxar a porca 1 utilizando a chave de ossos; previamente desprender também as cartilagens.
7) Puxar horizontalmente e para trás do gancho de segurança 2 e baixar o suporte próximo à bunda.
8) Para reinstalá-la, inverter as operações anteriores.
9) Para imobilizar as pernas, aplique o freio de estacionamento.
10) Para imobilizar os braços, coloque a alavanca de mudanças na primeira marcha.
11) Afrouxar ligeiramente os ossos do joelho: retirar previamente a pele com a mão ou com a chave de ossos; para isso, introduzir o extremo em um dos orifícios da periferia.
12) Para levantar o corpo, coloque o macaco horizontalmente e insira a aleta móvel 1 da sua cabeça em quaisquer dos orifícios 2 situados na parte inferior do corpo (o mais próximo à perna que vai ser substituída).
13) Comece a girar o macaco com a mão até apoiar a sua base no solo (levemente debaixo do corpo). Sobre uma superfície suave, coloque entre esta e a base do macaco uma prancheta.
14) Introduzir a extremidade da chave de ossos na guia 3 do macaco e girar algumas voltas até separar a perna do solo.
15) Remova os ossos.
16) Retire a perna.
17) Instale a perna de reserva abaixo da bacia e gire-a até fazer coincidirem os orifícios de fixação do corpo com o osso da perna. Colocar de novo a pele.
18) Posicione bem os ossos e depois abaixe o macaco.
19) Com o corpo sobre o solo, ajuste definitivamente os ossos, levante a cabeça e tenha uma boa viagem!

• • •

62

Mario Prata

JINGLE BELL PARA VOCÊS

Não gosto do Natal. Não chego a odiar, mas não gosto. Nunca gostei. Desde pequeno, no interior. Papai Noel sempre me assustou. Gostava de preparar a árvore com dias de antecedência, apesar de não concordar em colocar algodão para "simbolizar" a neve. Gostava de imaginar os presentes. Aliás, não gosto nem de dar e nem de receber presentes em datas certas. O presente é bom quando você não espera. No aniversário, Natal, Dia da Criança, depois Dia dos Pais, acho um saco de Papai Noel. O presente, conforme a palavra em si se explica, é uma presença. Portanto, não pode ser datada. Não deve ser uma obrigatoriedade.

Além de não gostar do Natal, em alguns aspectos, ele chega a ser irritante. Em vários aspectos. Senão, vejamos:

— Quer coisa mais irritante durante o mês de dezembro do que ir a um barzinho ou restaurante, de noite, para tomar um chopinho e ter, ao seu lado, aos gritos, berros e urros, uma "festinha da firma", com risos histéricos, discursos profundos e etílicos do "chefe", gozações com a "gostosa" da firma e a indefectível troca de "amigos secretos"? Por que gritam tanto nas "festinhas da firma"? E quando você vai ao banheiro sempre tem um ou dois funcionários burocraticamente vomitando. Como se vomita no Natal! Principalmente os bancários.

— E o "amigo secreto" então? Já notaram que sempre sai para quem não é nem muito amigo e muito menos muito secreto? E você passa o mês inteiro tendo que imaginar o que vai dar praquele chato. Se o "amigo secreto" já é uma relação constrangedora na firma, em família então, nem se fala. Em primeiro lugar, porque dois ou três dias depois do "sorteio", todo mundo já sabe quem é o amigo de quem. Você já sabe pra quem vai dar e de quem vai receber. Essas informações sempre vazam no seio familiar. Sempre tem uma irmã que sabe de todos, ninguém sabe como. E você que torceu para não sair aquela prima fofoqueira, pois é justamente com ela que você vai se abraçar logo mais. E dizer todas aquelas frases. Todas, são insubstituíveis.

— E as propagandas de Natal? Existe coisa mais horrível que este bando de gordos com brancas barbas, puxados por veadinhos? A publicidade brasileira é uma das melhores do mundo, perdendo talvez apenas para a inglesa. Mas, chega o Natal, baixa o "espírito natalino" nos criadores das agências e dá no que dá. Eles não conseguem (há 1.994 anos) fazer um único anúncio sequer decente nessa época. São constrangedores, amadores, dignos de um Papai Noel de mentirinha. Tem uns, mais "criativos", que até neve têm, debaixo dos 40 graus de dezembro.

— E aqueles Papais Noéis que vão de casa em casa e os pais obrigam as criancinhas a dar beijo naquele sujeito imenso, barba descolada, sapatão de militar, já meio bêbado depois de passar em várias casas de amigos e parentes? As criancinhas esperneiam, não dormem semanas seguidas, sonhando com aquele monstro que o pai fez beijar. Meu Deus, é um outro pai que eu tenho?, devem pensar os pequenininhos da família. E o monstro ainda diz "coisas" para os indefesos, presos nos braços do pai ou da mãe, quiçá da avó: este ano, não vai fazer malcriação, vai comer toda a papinha, não vai mentir e nem fazer xixi na cama, viu, Rony? Coitados.

— Mas o pior mesmo é a ceia, propriamente dita. Com o passar dos anos, a família vai crescendo e de repente já são quatro gerações que estão ali, de olho no peru. Umas 50 pessoas. E ali dá de tudo. Cunhados que não se falam, a velhinha que não escuta os planos do asilo, o fulano que está falido, coitado, a prima que está dando para um sobrinho, aquele casal que está separado mas que, no Natal, baixa o "espírito" e eles comparecem juntos. Todo mundo sabe que se odeiam. Mas é Natal. Aquele tio que deve tanto para o seu irmão também está lá. Mas é Natal. E a irmã que não pagou a trombada que ela deu com o carro do tio-avô? Tudo é permitido. Afinal, é Natal. Nasceu quem mesmo? Jesus, não foi? E, por isso, à meia-noite, todos dão as mãos e rezam (des)unidos.

— E, para terminar: existe música mais chata que *Jingle Bell*?

Já o *Reveillon*, é o maior barato. É quando tomamos o porre para tirar e esquecer a ressaca do Natal. Mas não adianta. No ano que vem, tem outro Natal.

• • •

63

Mario Prata

ANTIGAMENTE MENTIA-SE APENAS DE MENTIRINHA

Mente-se muito no Brasil. Nunca se mentiu tanto como agora. Só que agora a mentira é transmitida por satélite, ao vivo, em cores, para milhões de boquiabertos famintos. Vivemos numa loteria de mentiras onde ganha mais quem mente mais. Ou mente mais quem ganha mais? Mas nada é absurdo neste país onde se rifa um (e apenas um) cílio do Michael Jackson. E não acharam nenhum pentelhinho para rifar entre os garotinhos?

Mas deixemos o absurdo de lado e voltemos à mentira. O brasileiro sempre gostou de mentir. Mas, antigamente, a mentira era contada como mentira mesmo. Tanto o narrador quanto o ouvinte sabiam que aquilo era uma mentira. O que mudou é que hoje o ouvinte continua sabendo que o narrador mente, mas o narrador afirma caradepaumente que se matará se o que ele diz for mentira. Antes a mentira era de mentirinha. Hoje a mentira é de verdade.

Em toda cidade do interior, sempre existiram os personagens manjados. Tinha o corno, o veado, o doido, o bêbado e tinha, claro, o mentiroso. O mentiroso era um profissional da mentira. Em Lins, tinha o seu Naves. Como mentia bem o velho e simpático seu Naves. Era um prazer, ainda garoto, sentar-se perto dele no bar do clube e ficar horas a ouvir as mentiras que ele contava como se os fatos houvessem acontecido com ele, um dia antes.

Casos que o Naves contava enquanto mastigava a sua dentadura como se fosse chiclete:

— Um dia, eu estava andando pelo matagal da minha fazenda e ouvi alguém cantado "Mulher Rendeira". Ficava repetindo sem parar: "Olê, mulher rendeira, olê, mulher rendá, olê, mulher rendeira, olê, mulher rendá"! Bem entoadinho. Mas, no meio daquele mato, não podia ter ninguém. Lá só tinha onça. Aí então eu aprumei o ouvido e fui caminhando na direção do som. Cada vez mais alto. Sabem o que era? Era um pedaço de disco quebrado no chão e o vento fazia um galho balançar e passava um espinho pelo disco.

Outra mentira, esta, dupla:

— Teve um ano que as raposas estavam muito ariscas, muito rápidas. Então o que eu fiz? Peguei dois cachorros, amarrei um nas costas do outro e eles saíam em disparada. Quando um cansava, virava, e o outro corria. Assim por diante. Peguei muita raposa assim.

Esta, além de ser uma mentira clássica, não é dele. Se não me engano, é do Barão de Munchausen. Mas o Naves era assim mesmo.

Outra:

— Um dia, eu perdi o breque do carro ali perto de Bauru, numa descida, não conseguia brecar, fui passando todos os carros, a uma velocidade incalculável.

— Mas a quanto por hora o senhor estava, seu Naves?

— Não sei, porque o velocímetro estourou. Só sei que eu estava chupando um picolé e coloquei o palito para fora e ele fazia brrrrrrrrr nos postes.

Mais uma do Naves:

— Um dia, eu fui caçar. Estava voltando para casa e apareceu uma onça-pintada. Imensa. Ficou me olhando. Eu olhando pra ela. Eu e ela ali, na mata. Mais ninguém por perto. Tinha duas balas na cartucheira. Dei o primeiro tiro, estava nervoso, errei. Eu suava frio. Ela foi se aproximando. Babava, a danada, faminta. Dei o segundo tiro, acertei na pata dela. Ela ficou irritada, uma fera. Veio andando para o meu lado. Joguei o facão na bruta. Errei. Ela veio chegando mais perto. Joguei a espingarda nela. Ela só se irritou mais. Olhei para trás. Tinha um precipício. Não tinha saída.

— E aí, seu Naves?

— Aí a onça pulou em cima de mim. Comecei a rezar uma Salve-Rainha.

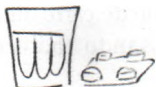
— E daí, seu Naves? E daí?

— E daí?... E daí, oras! E daí que a onça me comeu!

Fiquei me lembrando destas histórias depois de ver o deputado Alves na televisão. O Alves me lembrou o Naves. Nas mentiras e nas letras dos nomes. Ambos me divertem muito. Só que o Naves não comprometia nem o orçamento da esposa dele. Ali ninguém metia a mão. Verdade! Bons tempos, quando o Naves não era Alves.

• • •

Mario Prata

SOMOS TODOS MUITO PACIENTES

Ligo para marcar hora no médico ou no dentista e a mocinha, a ler Paulo Coelho, logo pergunta:

— O senhor já é Paciente?

É quando eu começo a ficar imPaciente. Porque as pessoas que procuram dentistas e médicos são chamadas de Pacientes? Por que não clientes ou mesmo doentes? Não, somos os Pacientes. Por quê? Porque temos que ter paciência. Muita paciência. Senão, vejamos:

Pra começar, temos que ser Pacientes para que a mocinha consiga uma hora para a gente. Se possível, no mesmo mês. E olha que eu estou falando de quem pode ir ao médico. Porque aquelas pobres criaturas de Deus que ficam nas filas do INPS são muito mais que Pacientes.

Depois de conseguir um dia para ser atendido (se ainda estiver vivo), temos que ser Pacientes na sala do consultório. Ninguém é tão Paciente como naquela salinha. Você é obrigado a ler uma *Veja* de 1993, uma *Caras* com o Pedro Collor na capa e a *Manchete* com as últimas novidades da Guerra do Golfo. Mas Paciente mesmo é quando não tem essas revistas e apenas revistas médicas, que anunciam remédios. Que anúncios indecentes, gente. Já notaram como são pornográficas aquelas revistas? Mamas dilaceradas, pênis gigantes, dentes podres, pâncreas ao vivo, intestinos delgados e finos, sangrentas gengivites amareladas. Tudo ali na sua cara, com cores berrantes, agressivas. Como somos pornográficos internamente, meu Deus.

Depois tem que ser Paciente para entender as perguntas do clínico. Paciente para aceitar todas aquelas apalpadelas. Paciente para ficar com a boca aberta horas a fio, com aquele motorzinho rondando nossos mais íntimos canais. Paciente para entender, de cara, o diagnóstico.

Ser Paciente mesmo é colocar um aparelho nos dentes e esperar dois, três anos, Pacientemente.

Nunca somos tão Pacientes como quando nos colocam naquele tubo chamado

ressonância magnética e temos que ficar lá dentro sem mexer uma pestana ao menos. Quarenta minutos. Ali, percebemos que somos mesmo Pacientes.

Que paciência temos que ter para aguardar todos aqueles exames de sangue, urina e fezes, que mandamos fazer na semana passada. E a paciência para fazer o cocozinho dentro daquela latinha? E a vergonha de sair com a latinha por aí, sempre disfarçada? Mas não podemos nunca deixar de ser Pacientes.

Há de ser muito Paciente para decorar as horas daqueles remédios todos. O Paciente que é Paciente nunca entende direito qual que é de oito em oito horas e qual de seis em seis. Nunca batem os horários. Há de ter muita paciência para levantar duas ou três vezes de madrugada e perceber, Pacientemente, que não trouxe o copo de água para o criado-mudo.

Mas antes você já foi muito Paciente para entender a letra do médico. Já foi Paciente para ir até uma ou duas farmácias (nunca tem todos os remédios na mesma), já foi Paciente para pedir o cheque para daí uns dias.

E que paciência de Jó você teve na hora que o médico ou o dentista lhe mostrou a conta. Aliás, eles têm tanta vergonha do que cobram que pedem para nós, Pacientes, acertarmos com as mocinhas do Paulo Coelho. Coitadas delas, que devem ficar muito imPacientes ao perceberem que cada conta de cada um dos Pacientes paga o salário inteiro do mês delas.

E depois, já mais velho, deitados no leito da morte, aí, sim, temos que ser o que eles chamam de Paciente Terminal. Você está ali, sabendo que vai morrer, mas não vai deixar nunca de ser Paciente. Temos que esperar a morte Pacientemente.

Até que uma voz de enfermeira venha avisar aos seus entes queridos:

— O Paciente do 206 morreu. Meus pêsames...

• • •

65

Mario Prata

O AMOR DE TUMITINHA ERA POUCO E SE ACABOU

Você também deve ter alguma palavra que aprendeu na infância, achava que tinha um certo significado e aquilo ficou impregnado na sua cabeça para sempre. Só anos depois veio a descobrir que a palavra não era bem aquela e nem significava aquilo. Um exemplo clássico é a frase (que eu já comentei aqui) HOJE É DOMINGO, PÉ DE CACHIMBO. Na verdade não é Pé de Cachimbo, mas sim PEDE (do verbo pedir) cachimbo. Ou seja, pede paz, tranqüilidade, moleza, pede uma cervejinha. E a gente sempre a imaginar um pé de cachimbo no quintal, todo florido, com cachimbos pendurados, soltando fumaça. E, assim, existem várias palavras. Por exemplo:

ÁLIBI — Quando eu era garoto, tarado por filmes de bandido e mocinho e gibis, semprei achei que ÁLIBI era o amigo do Mocinho. Claro, o Mocinho sempre tinha um Álibi e o bandido não. O Álibi, nos filmes, geralmente, era um velhinho. Mas resolvia.

ATALIBÁLAGO — Essa é do escritor Fernando Morais. Quando era garoto em Minas, viu um anúncio de um candidato a deputado: Atalibálago. Adorou o nome, chegou a comentar com o pai e nunca esqueceu a esquisitice. Só anos mais tarde, veio a descobrir que, na verdade, o deputado, que um dia acabou se elegendo, se chamava, na verdade, Ataliba Lago.

GARAGÊ — Assim, com circunflexo no e. Devia ser algum bairro do Rio de Janeiro, porque sempre passavam ônibus com esse destino. Mas, na verdade, estavam indo para a garagem. Esse bairro devia ser perto de outro muito concorrido, o Récolhe.

MARGARIDA — Esta está na peça Apareceu a Margarida, do Roberto Athayde. A personagem (magistralmente interpretada por Marília Pêra e dirigida por Aderbal Freire-Filho) achava que o Hino Nacional tinha sido feito para sacanear ela: "Do que a terra... Margarida"...

NABUCODONOSOR — Eu sempre achei que o babilônico Nabuco fosse de um país chamado Nosor. Era Nabuco do Nosor. Achava que devia ser na África, perto do Quênia, por ali. Hoje já sei que Babuco é um bar na Villaboim.

SEU PENHOR — O poeta Sergio Antunes me confessou outro dia que ele achava que o Seu Penhor (desta igualdade) fosse o ranzinza antigazeteiro do nosso grupo escolar, em Lins.

SULFECHANDO — Meu primo Hugo Prata um dia perguntou ao pai dele o que significava o verbo Sulfechar. O pai alegou que esse verbo não existia e teve que provar com dicionário e tudo. Como o garoto insistia em conjugar o verbo, o pai lhe perguntou onde ele tinha ouvido tal disparate. E ele disse e cantarolou aquela música do Tom Jobim: "São as águas de mar sulfechando o verão"...

TUMITINHA — Todo mundo conhece a música Ciranda-Cirandinha. Uma amiga minha me confessou que, durante anos e anos, entendia um verso completamente diferente. Quando a letra fala "o amor que tu me tinhas era pouco e se acabou", ela achava que era "o amor de Tumitinha era pouco e se acabou". Tumitinha era um menino, coitado. Ficava com dó do Tumitinha toda vez que cantava a música, porque o amor dele tinha se acabado. E mais, achava que o Tumitinha era um japonesinho. Devia se chamar, na verdade, Tumita. Quando ela descobriu que o Tumitinha não existia, sofreu muito. Faz análise até hoje.

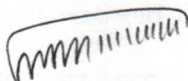
VENTRE JESUS — Aprendi a rezar a Ave-Maria ainda analfabeto, com 3 ou 4 anos. E sempre achei que Ventre Jesus era o nome do Homem, quando dizia "do vosso Ventre Jesus". Aliás, achava um belo nome para Deus.

VIRUNDUM — O Henfil, só depois de grandinho foi que descobriu que o Hino Nacional não se chamava Virundum.

• • •

66

Mario Prata

SAUDADES DA GONORRÉIA!

Todos os meus amigos de infância estão fazendo 50 anos. Em fevereiro, sou eu. A cada mês, uma festa de derrubar cinqüentões. Em cada encontro, as saudades dos "bons tempos da brilhantina e do halitol". Em cada porre, a lembrança de dias e de coisas que não voltam mais (que frase horrível, meu Deus!).

Por exemplo: a galocha. Acho que os mais jovens nem sabem o que significa tão esdrúxula e extravagante palavra. Tratava-se de um artefato de borracha que se colocava por cima dos sapatos, em dias de chuva, para se sair. Quando o sujeito chegava na casa, tinha um móvel onde ele colocava a galocha. Aliás, neste mesmo móvel ele depositava o guarda-chuva e o chapéu. Todo mundo usava chapéu. Três fábricas disputavam a cabeça dos brasileiros. A Ramenzoni, a Prada e a Cury. Onde andam? Era um móvel bonito o porta-chapéus. Todo mundo gostava de atirar o chapéu de longe para vez se acertava no ganchinho trabalhado em ferro bruto. Acho que nem em antiquários se tem mais essa preciosidade. Onde andam o sereno e a garoa?

A lanterna é outra coisa que sumiu. Toda casa tinha, pelo menos, três lanternas. Uma grande, na sala, em caso de escuridão causada pela Light ("e eu com a Light?", era uma expressão da época), uma menor no quarto e, é claro, uma no porta-luvas do carro. E por falar em porta-luvas, quem é que já colocou um par de luvas lá? Me lembro que o amigo e hoje imortal Sábato Magaldi, usava uma lanterninha acoplada à sua caneta para escrever no escurinho do teatro. Quando ele acendia aquela bendita, atores tremiam no palco. Era elegante dar uma lanterna de presente, naqueles tempos.

Mas nem tudo era perfeito. Naquele tempo, as obturações caíam sem mais nem menos. Hoje não caem mais. Melhoraram os dentes ou a tecnologia? Era comum, numa refeição, alguém dizer: "Ih, a minha obturação caiu!". Era imediatamente guardada no lenço para se levar ao dentista no dia seguinte.

Sim, naquele tempo todo mundo usava lenço no bolso de trás da calça. E mais, alguns com as iniciais bordadas por prendadas e desocupadas avós. Você

que está me lendo agora, tem um lenço aí? Não se assoam mais narizes como antigamente? Ou todo mundo faz como jogador de futebol, que, diante de milhares de espectadores, mandam brasa lá dentro do campo com a categoria de quem bate uma bela falta? Parece que eles entram em campo só para isso. Sempre fico preocupado quando um jogador vai ao chão. Vai se melecar na meleca do outro.

Meleca que me lembra goma arábica (embora fosse fabricada no Brasil). E, quando não se tinha a goma arábica, a gente fazia a cola em casa com maisena para se colar as figurinhas difíceis.

Saía-se de casa com um pente Flamengo (que entortava todo) e era chique pentear os cabelos no meio das festas, sem olhar nos espelhos. Pente num bolso e cabo-de-aço na cintura para enfrentar a turma adversária. E quem é que não tinha um bom canivete no bolso? Daqueles que se apertava um botãozinho e a lâmina pulava para fora nos luares do interior. Os mais maldosinhos ainda usavam um soco inglês, de aço. Aquilo matava. Mas ainda se era elegante para se usar uma cigarreira quando a moçoila pedia um cigarro Continental sem filtro.

Quando se resfriava, um escalda-pés resolvia tudo. Inclusive nos textos do Machado e do Eça pendurados nas estantes de mogno escuro.

E a sunga, então? A sunga era fundamental para não se dar vexame depois de dançar com as virgens namoradas. Para não se sair todo curvo, uma boa sunga servia. Tinha um anúncio de uma delas com um gorila de sunga. Se segurava o do gorila, imaginem os nossos, ainda tão adolescentes e inexperientes.

Mas o que sumiu mesmo foi a gonorréia, que tanta tragédia nos trazia. Como contar para o nosso pai, que se estava com aquilo? Pergunte ao seu pai que ele lhe explica a gonorréia. Garanto que já teve pelo menos umazinha.

Outro dia, li num muro do cemitério da Consolação: "Saudades da Gonorréia!". E fiquei com saudades de mim mesmo.

• • •

67

Mario Prata

PÊLO SIM, PÊLO NÃO, MUITO PÊLO CONTRÁRIO

MONTEVIDÉU — Bonitas, escandalosas e cafonas são as estolas, os casacos de peles das senhoras uruguaias. Fico olhando e imaginando quantos bichinhos não foram mortos para aquecer as nossas amigas cá dos pampas. Aqui, cabelo também se chama pêlo. E eu, que ando coçando um pouco por acá, fico a pensar em pêlos. Nos pêlos nossos, humanos.

Adoro pensar besteiras. Besteiras que você lê, tem uns que até gostam e escrevem cartas. Você é tão doido quanto eu. Você já deve ter percebido que eu só escrevo besteiras. E você continua a me ler. E, ainda por cima, ri. Acho que você está é me gozando.

Mas, voltemos aos pêlos. Acho que, através dos pêlos, podemos, mais ou menos, saber a idade do ser humano. Senão, vejamos.

Nascemos sem nenhum pêlo no corpo. A coisa então começa pela cabeça. Os primeiros cabelos. Uma sobrancelha aqui, outra ali, fininhas. E cílios. Depois há um período grande onde não nascem mais. Vai passando o tempo e começam a aparecer pêlos nos peitos, nas axilas, na região, digamos, pubiana. Os pêlos invadem nossas pernas. Já somos adolescentes e quase macacos. Nas mulheres, o processo é mais discreto, mas mesmo assim algumas ganham cinco ou seis pelinhos desagradáveis em torno do bico do seio. Como também, em algumas, desce um pequeno riozinho entre o umbigo e mais lá embaixo. Mas estes são altamente estimulantes.

Já estamos mais um pouco grandinhos e começam a nascer cabelos dentro do nariz da gente. Não há tesourinha que resolva. Cortas coca, a gente espirra. Quando você começa a se habituar com os do nariz, surgem os últimos pêlos no homem: dentro da orelha. É um horror, aquilo saindo para fora. Pronto, você já é um homem maduro, com todos os pêlos que tem direito. Nos anos 60, você teria tudo para fazer sucesso na peça Hair.

Aqui começa outra fase. É a do embranquecimento. O processo acompanha a mesma ordem. Começa pelos pêlos da cabeça e vai descendo, às vezes, numa

velocidade alucinante. É quando os garotos na rua deixam de te chamar de "tio" e passam a chamar de "vovô". É duro, mas é a branca realidade. Quando os cabelinhos do nariz começam a ficar brancos, é que você já passou dos 40. E eles são terríveis. São mais duros e retinhos. Saem para fora, invadindo o bigode que também já começa a ficar branco. Dizem que os pentelhos seriam os últimos a ficar brancos. Mentira. Temos aqueles lá na orelha esperando o momento da senilidade pilosa. Quando os da orelha ficam brancos, sua vida já está numa curva irreversível. Tá velho, meu filho.

É quando começamos a pintar todos eles. Mas não adianta, você sabe que, por baixo daquela tintura toda, tá tudo branco. E todo mundo em volta de você também sabe, para nosso desespero.

Depois que todos já estão branquinhos e você a brincar com seus netos, começa a última etapa. A queda dos cabelos. Como sempre, pela cabeça. Mas nada como aqueles da barriga da perna. Acompanhei a queda deles do meu avô e agora do meu pai. Eles vão ficando com a barriga da perna lisinha, revelando varizes precoces. Sempre olho para a barriga da minha perna. Ainda estão lá, felizmente. Os do peito caem logo em seguida.

O homem vai ficando lisinho, como nasceu. No final da vida, está estendido, todo curvado numa cama, todo desnudado, despelado, como se quisesse voltar ao útero materno, quentinho, sem nenhum cabelo para atrapalhar.

E descansar em paz.

E quando exumarem o seu caixão, daqui a uns anos, tudo terá virado pó. Menos os cabelos que ainda lhe restavam. *Amarillos, pero firmes e fuertes. Es la vida*.

Pêlo sim, pêlo não, ou muito pêlo contrário.

• • •

68

Mario Prata

ENFIM, A PRÓSTATA

Maluf colocou a boca no mundo. Ou melhor, colocou a próstata no mundo. De repente, virou moda, jornais abriram espaço e foram surgindo famosos prostáticos (existe essa palavra?). Quércia voltou ao mundo político através da sua. Mas diz que é simples. Não vai operar nem nada. Na África do Sul, um Nobel, o bispo Desmond Tutu abriu o jogo: também está com câncer lá.

Os médicos avisam: todo homem, depois dos 50 anos, deve fazer o exame. A probabilidade do tumor é muito grande depois desta idade.

Mas os homens de mais de 50 anos (minha geração) são machistas demais. Não adianta dar um toque para eles. Pode-se fazer um exame de sangue e aquele exame que grávida faz. Como chama? Ficam passando um negocinho na barriga da gente. Esqueci. Mas os dois exames juntos dão garantia apenas de 80 por cento. Tem que se fazer o toque, sim.

Eu sugiro uma solução para o assunto deste começo de ano: médicas urologistas. Todos os homens iriam fazer o toque. Com mulher, tudo bem. Tem gente que iria fazer semanalmente. Gente que ia entrar duas vezes na fila, etc.

Há uns 15 anos, tive que fazer (um toque, lá). Estava com uma pequena inflamação e o médico (meu amigo de infância, Plinio) disse que teria que fazer a massagem na minha próstata para recolher um tal pus.

Estou lá eu, nu, de quatro, em cima da mesa e ele, com a maior naturalidade, colocando uma luva num grosso dedo (ele sempre foi meio gordinho). Eu ali aflito e ele contando (juro) a lua-de-mel (dele) na Bahia, meses atrás. Achei que não era um tema muito adequado para aquela hora, mas próstata é próstata e vamos lá. Passou uma vaselina e se aproximou.

Mas, antes, colocou uma folha de papel debaixo do meu corpo.

— O que é isso?

— Caso você ejacule...

Me sentei. Preocupado.

— Plinio, se você enfiar o dedo aí e eu gozar, como é que eu fico? Qual é a

porcentagem dos que gozam?

— Meio a meio. Vamos, de quatro.

— Pega leve, hein?

Se eu tivesse gozado, não estaria agora contando esse caso.

Tive um segundo caso com a minha próstata. Já disse aqui que passei uns dias no Spa Médico São Pedro, em Sorocaba.

Assim que você chega, eles fazem todos os exames possíveis em você. No ultra-som (lembrei!!!) deu uma pequena inchação na mencionada área.

O diretor do Spa achou melhor eu fazer um exame de toque com um urologista para ficarmos todos tranqüilos.

— O urologista é gordo?

— Magro.

— Menos mal. Preciso ir ao hospital?

— Não. Amanhã ele passa aqui. A gente te acha.

Na manhã seguinte, estou lá eu com as minhas queridas gordinhas a fazer um cooper, quando a enfermeira vem me chamar.

— O senhor tem médico daqui a meia hora.

Foi o tempo suficiente para um bom banho, lavar bem as partes, colocar uma cueca novinha.

Fui para o sacrifício.

O médico me recebeu, nos apresentamos e ele me levou para o fundo do corredor e abriu uma porta. A primeira coisa que eu vi foi aquela cama de examinar mulheres, com lugares para colocar as pernas. Sabe qual?

"Vai ser de frente. Mais constrangedor ainda."

Pediu para eu sentar. Ele era sério. Para desanuviar um pouco o ambiente, brinquei:

— Você é que vai me dedurar?

— Depende.

— (olhando para a cama) Depende do quê?

— A não ser que você tenha algum problema mais grave, fica tudo entre a gente.

Aquele "tudo entre a gente" eu já não gostei.

— Você está com algum problema?

— Bem... é que é estranho assim logo de manhã...

— Você prefere de tarde?

— Não, já que eu estou aqui, vamos fundo.

Vamos fundo?

— Pois então, algum problema de ordem psicológica?

— Bem, fora aquelas brincadeiras que a gente fazia quando era garoto, né, eu nunca...

— Como assim?

— Doutor, vamos deixar de conversa e vamos logo ao que interessa?

— Não estou te entendendo.

— O senhor não é o urologista?

— Urologista? Eu? Eu sou o psiquiatra.

• • •

69

Mario Prata

AMOR, VAMOS DISCUTIR A NOSSA RELAÇÃO?

DISCUTIR: defender ou impugnar (assunto controvertido); questionar.
RELAÇÃO: comparação entre duas quantidades mensuráveis.
(Aurélio)

Há alguns anos, eu e minha mulher (hoje ex-) fomos convidados pelo cantor e compositor João Bosco para assistirmos ao show dele no Teatro Municipal de Santo André. Como não sabíamos o caminho, João Bosco, que ia com a Kombi da gravadora, ofereceu-se para uma carona. Pegamos ainda o genial jornalista policial Otávio Ribeiro (Pena Branca) e sua noiva no Hotel Cineasta no centro de São Paulo e lá fomos nós. Pena tinha acabado de escrever um livro chamado *Barra Pesada*.

Quando chegamos, o teatro estava superlotado, não havendo mais espaço nem no chão. O produtor do João nos arrumou quatro cadeiras e lá ficamos nós num cantinho do palco. No centro, com foco de luz, apenas o João, o banquinho e o violão.

Foi quando tudo se deu. Pena Branca e a noiva começaram uma discussão no palco. Lá no cantinho, para constrangimento meu e da Marta, enquanto João Bosco reclamava de "um torturante bandeide no calcanhar". Da discussão partiram para um bate-boca de baixíssimo nível. Altos brados e baixos calões. Começaram a se xingar. O que aconteceu é que as mais de mil pessoas que lotavam o teatro começaram a desviar os olhos do centro do palco para o canto. Ali, naquele pequeno espaço cênico, estava acontecendo um outro espetáculo. Um casal DISCUTIA A RELAÇÃO, com o João Bosco fazendo um mero e distante fundo musical. Foi um sucesso, para desespero meu e da Marta, meros figurantes sem fala, porém boquiabertos.

Não sei se o meu saudoso Pena Branca continuou com a moça depois daquele dia. Sim, porque quando se começa a DISCUTIR A RELAÇÃO é, quase sempre, porque não existe mais relação. Apenas discussão.

DISCUTIR A RELAÇÃO é um ato recente. Antigamente, lá pelos anos 60, não se fazia isso. Quando o namorado ou a namorada chegava para o outro e dizia: "Sabe, eu estive pensando"... Pronto, o ouvinte já sabia que era o fim. Não havia mais o que discutir. Saía cada um para o seu lado dizendo que houve (que saudades) uma "incompatibilidade de gênios". Isso resolvia tudo.

E os nossos pais jamais discutiram a relação. Nem mesmo a relação sexual. Dava-se uma porrada e não se falava mais naquilo. As mulheres (infelizmente) sabiam do seu lugar ao lado do fogão, sem o fogo do amado.

Mas o mundo girou, a lusitana rodou, vieram os psicanalistas e as feministas. Sim, foram eles que instigaram as mulheres a DISCUTIR A RELAÇÃO. Sim, são sempre as mulheres que começam (e acabam) as discussões e as relações. Os terapeutas, porque colocam na cabeça da gente que devemos dizer tudo que pensamos da pessoa amada para ela e não para o melhor amigo. E as feministas, bem, as feministas...

Mas, antes de surgir a expressão DISCUTIR A RELAÇÃO, tivemos outros nomes para a mesma desgastante peleja. "Vamos dar um tempo" não durou muito. Depois surgiu "Nossa relação está desgastada". Por que não "gastada"?

Hoje, modismo ou não, não há casal que não DISCUTA A RELAÇÃO, pelo menos uma vez por semana, igualando ao número de atividades sexuais. DISCUTE-SE A RELAÇÃO nos mais variados lugares. Alguns sombrios, outros perigosos.

O melhor lugar para se discutir a relação é na sala. Está-se próximo do uísque, da televisão que pode ser ligada a qualquer momento e mesmo da porta, para uma saída furtiva e quase sempre covarde. E é ótimo DISCUTIR A RELAÇÃO andando em círculos, com um copo na mão, um ouvido na fera e um olho no futebol. Sim, as mulheres adoram esta atividade aos domingos. Eu tenho um amigo que, quando quer sair sozinho com os amigos, diz: "Vou até lá em casa e dou um jeito de DISCUTIR A RELAÇÃO com a patroa, ela fica irritada e eu tenho um motivo para voltar aqui para o bar".

DISCUTIR A RELAÇÃO no quarto só tem duas saídas. Tudo terminar numa belíssima a lacrimejante cena de amor (às vezes, até com uns tapinhas carinhosos) ou a ida de um dos meliantes para o outro quarto. No quarto, é impossível se tratar deste assunto impunemente. Principalmente se os dois atletas estiverem deitados. E nus. E se houver alguma faca por perto. Vide Robbit.

No carro, é um perigo. Deveria haver multa para esses casais que colocam em risco não apenas a vida deles, como também dos transeuntes e demais carros. DISCUTIR A RELAÇÃO dentro do carro sempre acaba em trombada na cara. E quem está dirigindo leva sempre a pior. Ou então propor um rodízio. Segunda, não discutem casais com final 1 e 2. Terça, 3 e 4. E assim por diante.

Agora, não há nada mais desagradável do que DISCUTIR A RELAÇÃO por telefone. É um horror. Geralmente é de madrugada. Longos silêncios... "Você está me ouvindo? Você está aí?" A gente não vê os olhos da outra pessoa, o sarcástico sorrisinho, a pequena lágrima rolando. Sem falar na conta do telefone.

E no restaurante, vocês já repararam? Sempre tem alguns casais que chegam calados, comem calados e calados saem. Um não dirige a palavra para o outro. Ledo engano. Eles estão, em silêncio, DISCUTINDO A RELAÇÃO. Acho uma covardia DISCUTIR A RELAÇÃO em silêncio. Eles não falam nada. Ela fica quebrando palitos e ele rasgando o guardanapo de papel. Imundando o restaurante.

Já os mais modernos DISCUTEM A RELAÇÃO via Internet. Ele digita um disparate para ela na Vila Madalena, o texto vai para um satélite, dali vai para Columbus (Ohio, USA), volta ao satélite, baixa na central do Rio de Janeiro e, finalmente, entra no computador dela em Pinheiros, a uns 500 metros de distância. Depois é a vez dela fazer o mesmo. Coitado do satélite que tem que decifrar aqueles palavrões todos. Em português, é claro!

Mas o pior não é DISCUTIR A RELAÇÃO. O pior é pagar fortunas a um profissional, sentar-se numa poltrona ou divã e ficar ali, durante 50 minutos, por intermináveis semanas, meses a fio, anos seguidos, repetindo tintim por tintim como foi a nossa última conversa com o ser amado, fazendo um esforço danado para lembrar fala por fala, todos os diálogos. E o terapeuta lá, com aquele olho de peixe morto, caído, quase bocejando, ouvindo, pela oitava vez, naquela mesma tarde, a mesma nauseante história de amor.

Sim, porque com ele a gente não DISCUTE A RELAÇÃO. Discutimos, no máximo, o preço. Da nossa dor.

• • •

70

Mario Prata

QUEM FOI QUE INVENTOU O ABRAÇO?

Já escrevi aqui, há alguns anos, que adoro inventar quem inventou os inventos. Depois de escrever o livro *Mas Será o Benedito?*, onde eu imaginei a origem de mais de 400 provérbios e ditos populares, comecei a pensar nas invenções.

E um novo livro está surgindo na minha cabeça. A minha editora (louca) até já me deu um adiantamento.

Mas não estou interessado nos inventos técnicos e eletrônicos, mas nas coisas do dia a dia que a gente faz e não sabe quem criou aquela moda.

O **abraço**, por exemplo. Você pode notar que isso é coisa deste século. E não existe em alguns países. Em Portugal, para citar apenas um país, é difícil você ver alguém abraçando ninguém tão efusivamente como nas ruas do Brasil.

Dizia ser coisa deste século, pois a gente vê nos filmes de época, nas gravuras e desenhos de outros séculos que não tinha nada de abraço. Eram cumprimentos formais, no máximo um aperto de mão. Imagine se o Cabral chegou aqui e foi logo abraçando os índios... Isso não existia.

Pois eu descobri a origem do abraço. Realmente é coisa do começo deste século e teve sua origem (é claro) na Itália. Sim, quem inventou o abraço, desses de grudar o corpo, dar tapinhas nas costas, na barriga, na cintura, apertar mais uma vez, quem inventou isso foram os mafiosos italianos. E sabem para quê? Davam tapinhas e apalpadelas para ver se o outro tinha alguma arma no corpo. É vero?

Os japoneses até hoje não se abraçam. É que lá o espadachim estava sempre à vista. Então eles se curvavam para baixo para ver até onde ia a adaga.

Outra invenção interessante é o **pente**. Mas essa foi fácil de descobrir e não me obrigou a grandes pesquisas, desde o dia que vi, debaixo de um viaduto, uma mendiga chique alisando os seus cabelos com a ossada de um peixe recém-comido. Não deve dar um bom cheiro às melenas, mas não tenho dúvidas que foi aí que tudo começou.

A **geladeira**, por mais incrível que possa parecer, foi inventada pelos esquimós. Sim, cada iglu tinha a sua geladeira, movida a lenha, desde o século

passado. Sabe para que eles usavam a geladeira? Para degelar os alimentados congelados. Verdade!

Já o **beijo** foi inventado pelos pais que ficam o dia inteiro com o pimpolho nos braços beijando. Depois pedem que eles joguem beijinhos. Depois começam a beijar pra valer. Como foram também os pai que inventaram o **arroto**. As mães não sossegam enquanto o filho não arrotar depois da mamadeira. Ficam pedindo "arrota, benzinho, arrota, benzinho". O benzinho arrota e elas ficam sossegadas. Menos que dois anos depois, a cada arroto que o pobrezinho dá, vem a bronca: "que coisa feia, menino!!! Onde foi que você aprendeu essa malcriação???".

A **pipoca** é coisa do século passado e foi descoberta (sem querer) pelos pigmeus africanos que criavam pardais e davam alpiste para eles. Um certo dia, caíram alguns grãos numa ardente frigideira e começou tudo a estalar. Daí para o milho foi um passo. O nome pipoca surgiu porque a tribo se chamava Pipoká. Qualquer enciclopédia (in)decente traz essa explicação decente e verdadeira.

Aquela sobremesa que todo mundo chama de **Romeu e Julieta**, que nada mais é que a goiabada com queijo, não é invenção dos mineiros, como muitos apregoam. Puro Shakespeare, darling. Como todo mundo sabe, os Montechio fabricavam goiabada e os Capuleto o queijo de Verona. Eram industriais ricos e rivais. Romeu e Julieta queriam unir o útil (ou o útero) ao agradável. Deu no que deu. Demorou pouco tempo para os veroneses juntarem a goiabada com o queijo e homenagearem os jovens mais populares da cidade.

A palavra **enfezado** teve sua origem na Roma antiga quando um cristão foi jogado dentro de uma tina com fezes, sobreviveu e saiu gritando:

— Estou enfezado! Estou enfezado!

O **voto** também é desta época. Segundo mestre Aurélio, a origem é latina e vem de *votu*, que significa (acredite, por favor) *promessa*. Ou seja, já naquele tempo, dizia Jesus aos seus discípulos: "Não dêem seus votos para quem só faz promessas". Acabaram matando ele que, diga-se de passagem, fazia também muitas promessas.

E quem foi que inventou a **crônica**? Foi o Deus do tempo, o Kronos, e que (mais uma vez) Aurélio assim explica: "Texto jornalístico redigido de forma livre e pessoal, e que tem como temas fatos ou idéias da atualidade, de teor artístico, político, esportivo, etc., ou simplesmente relativos à vida cotidiana".

• • •

71

Mario Prata

BRASIL, MEU BRASIL BRASILEIRO

Num domingo ensolarado de 1953, lá na Noroeste.

São Paulo Futebol Clube, "o mais querido", invicto há 23 partidas, líder absoluto da primeira divisão, foi jogar na minha Lins contra o Clube Atlético Linense, "o elefante da Noroeste", recém-promovido à elite do futebol paulista.

Foi então que o fato se deu.

O estádio (cognominado "O Gigante de Madeira") totalmente lotado. Gente da cidade e de toda a região. Chamaram o seu Palmiro, que tinha um fordinho e andava pela cidade fazendo reclames de lojas e armarinhos num possante alto-falante, para anunciar as duas equipes momentos antes do jogo.

O juiz era o mais famoso e conhecido da época. Chamava-se Telêmaco Pompeu. Hoje, se não me engano, ele é juiz de lutas amadoras de boxe.

O que ninguém sabia e nem desconfiava era que o seu Palmiro (repentista nas horas vagas) não entendia nada de futebol, conforme se vai ver a seguir.

Antes de começar a partida, depois da banda tocar e os rojões estourarem, entra a voz tonitruante e pausada do seu Palmiro, emocinado mas firme.

"São Paulo Futebol Clube: Poy, De Sordi e Mauro. Pé de Valsa, Bauer e Alfredo. Maurinho, Albeja, Gino, Lanzoninho e Canhoteiro. Clube Atlético Linense: Herrera, Ruy e Noca. Geraldo, Frangão e Ivan. Alfredinho, Américo, Washington, Próspero e Alemãozinho."

Até aí, ia tudo bem. Mas quando ele foi anunciar o juiz Telêmaco Pompeu que tudo se deu:

"Será juiz da contenda o senhor Telemáco Pompeu."

Aquele Telemáco fez o estádio vir abaixo. Alguém deu o toque para o seu Palmiro que era Telêmaco e não Telemáco. Seu Palmiro não teve dúvidas e voltou todo solene, para novo e definitivo tropeção:

"Retífico"...

E ninguém ouviu mais nada por causa das gargalhadas que ecoaram pelo Gigante de Madeira.

Em tempo: o Linense ganhou de 4 a 1, com três gols do Américo Murolo e um do Alfredinho Sampaio. Gino Orlandi marcou para o ex-invicto, impedido, diga-se de passagem.

• • •

Outra história desta mesma época, anos 50. O genial Ary Barroso (Aquarela do Brasil, entre outras composições) era também animador de auditório, conhecidíssimo boêmio e ainda locutor esportivo e, dizem, dos mais violentos. Pavio curto, dizem os que o conheceram.

E não é que justamente o seu repórter de campo, ainda jovem e começando na carreira, começou a namorar a filha dele? Ary ficou indignado e proibiu a filha de ver o seu colega de trabalho. Aquilo era um absurdo!

A menina, já apaixonada pelo rapaz, ficou mal, muito mal. Foi chorar pitangas para a mãe, que é como se dizia naquele tempo.

A esposa intercedeu pela filha:

— Mas Ary, um moço tão bom, seu colega e tudo...

— Bom nada! Um boêmio, grunhiu Ary.

— Mas, Ary, você também é boêmio.

— Bebe como um gambá!

— Você também, Ary.

— Passa as madrugadas de bar em bar, cantando samba.

— Você também, Ary.

— E, mas acontece que eu não quero comer a minha filha!!!

• • •

72

Mario Prata

QUEM TERIA SIDO A BELA ANGÉLICA?

Adoro São Paulo. Mesmo estando no exterior, fico com saudades do congestionamento da Consolação. Adoro as ruas de São Paulo. Gosto, principalmente, dos nomes delas. Mas fico intrigado. Nunca sei quem foram aquelas pessoas que hoje são ruas.

Por exemplo, a Angélica. Que mulher foi esta que deu o nome para uma rua tão importante, movimentada e bonita? Imagino que a Angélica deveria ser uma mulher loira, de olhos claros e pernas bem compridas. Não sei por quê, muito gostosa, a Angélica. Alguma ela deve ter aprontado para virar rua.

A Bela Cintra, por exemplo. Bela era o nome dela? Devia ser uma mulher cheia de altos e baixos. Já a Aurora, seria uma velha prostituta da região? Teria, nos anos 10, alguma casa de cômodos? E a Augusta? Será esta Augusta a mesma que temos lá em Lisboa na Baixa? Augusta pergunta. E a dona Veridiana? Alguma relação com o nosso Buñuel? Seria chegada a uns mendigos? Parente da Maria Antonia? E a Maria Antonia, teve algum caso com o Doutor Vilanova com quem ela cruza há mais de um século na frente de todo mundo no Bar do Zé? Seria amiga do Major Sertório? Protegida dele? Seria um valentão, esse Sertório? Homem de tiro certo?

Já a Dona Antonia de Queiroz tem um nome mais impoluto. Deve ter sido alguma professora de curso primário da região. Ou será que ela foi a primeira dona do Pronto Socorro Sabará, para crianças?

Já a Maria Paula teve mais honras ainda. Virou viaduto. Quem foi Maria Paula, meu Deus, onde hoje camelôs vendem de tudo em cima dela, coitada?

Não vou aqui discutir os nomes indígenas, pois são muito mais complicados. Nem queiram me explicar o que significa Ibirapuera ou Anhangabaú. Sumaré eu descobri que é uma espécie de orquídea. Tinha orquídeas lá no bairro? Tinha pinheiros naquela rua? Tinha ouvidor lá no centro velho?

Dizem que ali em Pinheiros é tudo nome de médicos da faculdade de Medicina. Oscar Freire, Teodoro Sampaio (que era um sanitarista negro e foi

quem criou os esgotos em São Paulo) e até mesmo o doutor Arnaldo, que, aliás, se chamava Arnaldo Vieira de Carvalho. Este teve sorte. Além da avenida, é rua no Centro de São Paulo.

Mas o que faz o Cardeal Arcoverde ali no meio dos médicos? Dizem que era cearense. Mas o que fazia com os médicos? Capote Valente, por exemplo, foi quem? Ou seria um capote simples, usado por alguém valente? Mourato Coelho tinha os dentinhos para fora?

E na Vila Madalena, então? Em primeiro lugar, quem foi essa Madalena que virou mais que rua, virou bairro? Que Cristo teria lavado seus pés? Desconfio que essa Madalena gostava de gays há já algum tempo. Vejam os nomes das ruas de lá: Simpatia, Fidalga, Harmonia, Purpurina, Girassol. Eu não teria coragem de morar na esquina da Purpurina com Girassol. Minha mãe desconfiaria de algo errado. Por isso moro na Franca, grande construtora de sapatos e não sapatões.

Em Moema, mais veadagem ainda. Tudo nome de passarinho. Pode?

E o Rebouças, hein? Já pararam para pensar? Claro, está sempre congestionada.

E a Rua do Triunfo? Triunfo de quem? Do cinema da Boca do Lixo? Quem freqüenta muito lá é uma tal de Vitória. Vitória da sacanagem explícita? O Rego Freitas, por exemplo. Talvez fosse um rego de águas, chamado Freitas. Jamais saberemos.

E as datas, então? Que diabo teria acontecido no dia 23 de maio? E 25 de março?

Antonio Carlos. O cabeleireiro ou o jogador do Palmeiras?

E o Parque da Luz que é a maior escuridão de noite?

Quando estava na Copa do ano passado, vimos uma rua em San José, na Califórnia, chamada Viola. Seria ele? Ou seria a do Paulinho?

Mas tem uma praça que todo mundo aqui do jornal tem a obrigação de conhecer: Júlio Mesquita.

• • •

73

Mario Prata

PORQUE HOJE É SÁBADO...

Eu sei que hoje é quarta-feira e que o título da crônica são versos do imortal Vinicius de Moraes.

E os poetas são aqueles que enxergam primeiro, são mais artistas que um cronista semanal, por exemplo.

Agora, com a idade entrando na carne e na dor da gente, vamos percebendo o significado de uns versos que ficaram na nossa memória de adolescente. Entendemos melhor, digamos assim.

O sábado, por exemplo. Nunca dei tanto valor para o sábado, como agora. Em primeiro lugar, porque tem o domingo depois. Esse, sim, como diz o *Jornal da Tarde*, é o dia do bode. Ou seja, no sábado, você tem direito a tudo e ainda conta com o domingo para sarar, recuperar, tirar as culpas. Não fosse domingo o dia da família, talvez até desse para enfrentar. Mas domingo é um horror. Já começa com missa logo de manhã. Pode? Mesmo quando a gente viaja. Domingo é o dia da volta, das filas. E o pior, do domingo, é que é a véspera da terrível segunda-feira.

Segunda-feira, como todo mundo sabe, é o dia de começar tudo. Desde o trabalho e o regime, aquele desejo de parar de fumar, beber menos. Não pode haver dia pior porque, na verdade, a única coisa que todo mundo faz mesmo na segunda-feira é trabalhar. Planos e projetos ficam sempre para o mês que vem. Principalmente a dieta e o cigarro. E quer coisa pior da segunda-feira que o colega (ou a colega) de trabalho do lado contar como foi o fim de semana dele? Em detalhes?

Mas voltemos ao sábado. No sábado, tudo é permitido. Tudo. Até broxar, num sábado você pode. Mas broxar, por exemplo, numa quarta-feira é imperdoável, literalmente. Sábado, não. Tem outras horas, mais tarde, quem sabe, mais um uisquinho. No sábado, as nossas mulheres entendem.

No sábado, tem o churrasco em casa e a feijoada no restaurante. Em ambos os casos, não tem hora nem para começar e nem para acabar. Não é como a feijoada de quarta-feira quando o cara se enche todo e volta, coitado, para a repartição, arrotando e flatulando.

No sábado, você pode desejar a mulher do próximo, mesmo que ele esteja próximo. Pode acordar a hora que quiser. Pode deitar a hora que quiser. Pode encher a cara e esvaziar a cabeça.

No sábado, de noite, você pode jogar um poquerzinho com a turma que a sua mulher não vai reclamar. Mas experimente marcar um pôquer para a quinta-feira. Dá briga. Tudo pode, no sábado.

Não é muito mais gostoso ir ao futebol no sábado? Domingo é dia de ficar em casa vendo pela televisão as reprises, aqueles gols todos.

Sábado é dia de cinema e teatro. Tem sábado que dá até para enfrentar uma pizza. Mas pizza noutro dia é cafona. Pizza na quinta, por exemplo. Não tem sentido. No sábado, não. É programa.

A sexta-feira pode ser considerada um péssimo dia. Último dia de trabalho, você cansado. Mas a sexta-feira tem uma vantagem. No outro dia é sábado. Na verdade, o verdadeiro sábado começa quando você sai do seu trabalho. Quando escurece na sexta-feira, já estamos no sábado. O sábado vai das 6 da tarde da sexta até a madrugada de domingo. Sim, o sábado é o único dia da semana que tem 36 horas. Corridas e lentas ao mesmo tempo.

Quer dia melhor para lavar o carro, visitar os filhos? Quer trânsito melhor que o de sábado? O carro desliza pela cidade como se estivéssemos em outro planeta.

Sábado é o único dia da semana que dá para ver um filme na televisão, de tarde, sem ficar com culpa. Numa boa.

Sábado tem sol mais bonito, o dente do siso não dói, a úlcera some (volta sempre na segunda de tarde), o uísque desce mais macio, a gente demora para ficar de porre. A gente tem o dia inteiro para ler o jornal, fazer palavras cruzadas.

Eu acho que quando Deus criou este nosso mundo deve ter pensado: vou fazer um dia só para os homens. O sábado. As mulheres que me desculpem, mas sábado é um dia masculino, com o que (eu acho) o meu grande poetinha ia ter que concordar.

Tudo isso só porque hoje é sábado e eu estou escrevendo essa crônica para você.

• • •

74

Mario Prata

MINHA VIZINHA DIVINA, MARAVILHOSA

Ao lado do meu prédio, construíram um enorme edifício de apartamentos. Onde antes eram cinco românticas casinhas geminadas, hoje se instalaram mais de 20 andares. Da minha sala, vejo as varandas (estilo mediterrâneo) do novo monstro. Devem distar uns 30 metros, não mais.

E foi numa dessas varandas que o fato se deu.

Cheguei tarde em casa, depois de uma noitada na casa de uns amigos. Talvez eu tenha tomado uns uísques a mais. Não me lembro bem. Mas, para minha surpresa, ela estava lá, na varanda do prédio ao lado.

Assim que acendi a luz da minha sala, vislumbrei a mulher na varanda. Imediatamente apaguei a luz. Se ela me visse, sairia dali, entraria. Apaguei a luz e abaixei um pouco a cortina. Voyeurismo e mixoscopia, quem não há de?

A mulher parecia dançar. E parecia estar nua. Era iluminada apenas por uma tênue luz que vinha lá de dentro do apartamento dela. Não conseguia ouvir a música, mas que ela dançava eu não tinha dúvida.

Para quem aquela mulher dançava àquela hora da madrugada? Para mim, claro. Era alta, devia ter uns um e oitenta de altura. E os cabelos então? Enormes, esvoaçantes, sensuais, encaracolados, talvez. O cabelo subia e descia sobre os seios que eu já estava quase a ver.

Procurei o binóculo do meu filho e nada. Entrei no quarto dele e, sem o acordar, tentei ver se a posição pela janela dali era melhor. Era. E, se era, do banheiro seria melhor ainda. Fui para o banheiro, coloquei uma cadeira em cima da banheira e fiquei lá, no escurinho do meu cinema, me equilibrando e vendo a dança do ventre da minha vizinha mal iluminada. E gostosa. Como era gostosa a minha vizinha.

Como é que eu não sabia que uma figura daquela tinha se mudado para a minha visão? Sim, o apartamento havia sido ocupado naquela semana. Durante as tardes, gosto de ficar olhando os vizinhos. E eles a mim.

A impressão é que ela dançava junto com o vento. Ventava um vento quente

de primavera. Como dançava bem, como remexia as melenas desgrenhadas de um lado para o outro...

Eu já estava empoleirado lá no banheiro há bem mais de meia hora e a mulher não parava de dançar. Pensei em pegar uma lanterna e iluminar tudo. Mas aí perderia o encanto, o canto dos ventos, o cantar dos seus cabelos e ela iria entrar. Ia me descobrir e talvez nunca mais me oferecer aquele espetáculo mágico e noturno.

Já que estava no banheiro, tomei um banho, coloquei meu pijama de seda dourado (presente da Eugênia de Melo e Castro), tomei meu Lexotan e fui dormir. Tentar dormir.

Não conseguia. Depois de mais meia hora, dei uma levantadinha e fui olhar. Incrível, ela ainda dançava. Agora mais freneticamente ainda. Requebrava os quadris como nunca.

Na manhã seguinte, acordei e a primeira coisa que fiz foi ver se ela ainda estava lá. Estava. Juro. E ainda dançava.

Só que não era nenhuma mulata escultural como eu imaginava. Era uma maravilhosa samambaia presa no teto da varanda que escorregada seus galhos e suas folhas até o chão e dançava, sim, embalada pelo vento matinal da primavera.

Ainda agora, escrevendo esta crônica, olho para ela. E ela para mim, como se a balançar o braço, me chamando para um amor ecológico.

Anseio pela noite que vem aí. Ela sabe que eu vou estar na janela. Desta vez, de luz acesa, sem disfarces. Se eu tiver coragem, hoje de noite, eu a peço em casamento. Depende das doses de uísque.

P.S.: Acabo de descobrir, no Aurélio, que samambaia também é conhecida como ***sambambaia****. Taí a explicação.*

• • •

75

Mario Prata

SEMANA SANTA: CRISTO NOS PALCOS

Não sei se ainda acontecem, na Semana Santa, montagens pelos interiores e igrejas contando o martírio de Nosso Senhor. São famosas algumas montagens de circos, dentro de igrejas e mesmo ao ar livre. E acontecem verdadeiras pérolas nesses dias santos. As três que se seguem são absolutamente verdadeiras. E divinas, é claro.

Cristo em Lins:

Como acontece todos os anos, foi tudo preparado com a antecedência necessária. Na Semana Santa, no altar-mor da catedral de Santo Antônio, os fiéis iriam representar a paixão, a vida e a morte do Nosso Senhor. Para o papel de estrelo (d'Ele) convidaram uma figura conhecida na cidade. O indivíduo era, inclusive, o magnânimo presidente do Clube Atlético Linense.

Quase um mês de ensaio e o "Cristo" deixou a barba crescer e decorou direitinho suas falas. Comentava-se na cidade que seria o melhor Cristo de todos os tempos. Fé não lhe faltava. Nem jeitão.

No dia da apresentação, a igreja lotada, adultos e crianças, velhos e moças, beatas, padres e freiras. E, dizem, até mesmo as raparigas da Vila São João.

Tudo ia correndo direitinho, a platéia com os olhos fixos nos sofrimentos do Senhor. Lá pelas tantas, como todo mundo tá cansado de saber, Cristo sente sede e pede um copo de água. Um dos guardas, o Badaró da Padaria, que havia tomado um pouco do vinho da missa, pega da sua lança, dá um sorrisinho de fariseu, molha a ponta envolvida no pano num tonel qualquer de fel.

— Tens sede? Toma fel!

E levantou a lança em direção ao rosto do "Cristo". Mas o gesto foi um pouco brusco demais e estava mal ensaiado. Enroscou a ponta da lança na tanga do "Cristo", que, no momento, não usava nada por baixo, e arrancou tudo para fora. O "Cristo", desprotegido, não podia nem tapar as vergonhas com as mãos, que estavam amarradas. Nem mesmo cruzar as finas e peludas pernas, também presas. A população fugiu e o "Cristo" ficou lá no altar

principal da igreja principal, totalmente nu, blasfemando.

No dia seguinte, mudou-se para Birigüi, onde estabeleceu-se no ramo de secos e molhados.

Cristo em Fortaleza:

Desta vez, a produção do Cristo no Calvário já era coisa mais profissional. E o fato engraçado se deu com um tal de Oswaldinho que todo ano fazia um daqueles guardas que ficam vigiando Cristo para ver se ele vai ressuscitar mesmo e fugir. Acontece que, entre uma paixão e outra, tentara a vida (sem sucesso) de ator em São Paulo. Não deu certo, voltou para o Ceará e quando pintou a montagem, ele se apresentou novamente.

Tímido, péssimo ator, falava as coisas para dentro. As coisas é modo de dizer, pois a única fala que ele tinha que dizer durante toda a peça era o seguinte: um centurião chegava para ele e perguntava: "Onde está Cristo?", e ele tinha que responder apenas: "Cristo foi embora". Só isso.

Durante os ensaios, o Aderbal Freire-Filho, que era o diretor, levou um papo com ele:

— Oswaldinho, parece até que você não esteve em São Paulo, que não viajou com a Maria Della Costa, rapaz. É a tua chance de mostrar ao povo do Ceará o bom ator que você é. De mostrar que você é um cara viajado.

— Pode deixar comigo, seu Aderbal.

No dia da estréia, o centurião entra e pergunta:

— Onde está Cristo?

Oswaldinho enche o peito e diz com voz firme:

— Cristo foi embora! E deve ter ido para São Paulo. Aquilo que é terra: 200 xícaras no balcão pra se tomar um cafezinho!

Cristo em Nova Jerusalém:

Naquela já famosa montagem de Nova Jerusalém, apenas os papéis principais são feitos por atores. O resto, é gente do povo mesmo, do agreste pernambucano. Analfabetos em letras e religião.

Foi numa dessas montagens que um rapaz que faria um dos apóstolos, depois de receber as instruções e se inteirar (mais ou menos) do que se tratava, chegou para o ator que fazia Cristo, arregaçou as mangas da camisa e foi dizendo, decidido:

— Seu Jesus, eu contei o nosso contingente e somos mais que os guardas. Se o senhor quiser, podemos resolver essa parada agora mesmo!!!

• • •

76

Mario Prata

POR QUE SÃO PAULO?

Uma jovem, bonita, simpática e eficiente repórter da *Band* veio até a minha casa outro dia para me fazer uma única e intrigante pergunta:

— Por que você gosta de São Paulo?

Vai ao ar entre outros depoimentos de (segundo ela) outras "personalidades" no dia do aniversário da cidade, sexta próxima.

Parece fácil de responder em trinta segundos. Mas não é. Simplesmente porque eu não sei por que eu amo tanto esta cidade. É como uma mulher: tem uma que a gente sabe que não vai dar certo, todo mundo fala mal dela, mas a gente insiste.

Naquele tempo, diria Jesus, São Paulo era tão distante de mim quanto o espírito perfeitíssimo, eterno e criador de Deus.

Gostava de São Paulo antes mesmo de conhecer São Paulo. Morava em Lins e meu pai vinha todo mês para cá a serviço, pela Real Aerovias. Falava da cidade, da garoa, principalmente da garoa. A primeira coisa que eu gostei de São Paulo foi a garoa que eu nem sabia muito bem o que era. Depois, era a cidade do Corinthians, meu time naquele tempo. E de São Paulo o meu pai levava a *Manchete* e o *Cruzeiro* que levariam ainda uns dias para chegar no interior. E o último disco do Zé Vasconcelos, o humorista da época.

Sonhava com São Paulo onde já havia morado, aos 3 anos, numa vilinha da Cristiano Vianna. Em 66, vim para cá tomar posse no Banco do Brasil lá em Penha de França. Duvido que alguém tenha tomado o Penha-Lapa mais do que eu.

Meus sonhos com a capital, naquela época, eram pequenos. Não sonhava ainda em ser uma "personalidade" paulistana. Tudo o que eu queria era ter meu nome na lista telefônica. Para mim, isso seria a conquista definitiva da cidade. Hoje faço o possível para tirarem o meu nome de lá por motivos óbvios.

Fui crescendo, virei dramaturgo (como está escrito lá na minha foto, embora não escreva nenhuma peça desde 82) e o meu sonho era ganhar o prêmio de melhor dramaturgo de São Paulo. Pois ganhei da APCA (Associação Paulista dos Críticos de Arte) em 82, com as peças de 82.

Aqui conheci a mãe dos meus filhos (pelas mãos de Samuel Wainer) e aqui meus filhos nasceram e cresceram.

Morei três vezes fora de São Paulo nesses 30 anos. Duas vezes no Rio (um ano e meio cada vez) e uma em Portugal (dois anos), mas sempre com os meus móveis e meus livros aqui. Sempre sabendo que ia voltar.

Há mais de 20 anos, comprei um terreno na Granja Vianna. Faço mil planos para construir, mas penso na distância. Penso, principalmente, nas noites de São Paulo, nas ruas de São Paulo, na Paulista, no centro e até mesmo na Marginal congestionada.

Fico pensando, afinal, qual é o fascínio desta cidade para todos nós, 10 milhões, que moramos aqui, se cada dia tem uma enchente, cada dia tem uma chacina, cada dia tem uma bala perdida, cada dia tem milhares e milhares de assaltos, uma cidade que já me roubou dois carros e me trancaram em banheiros de bares outras duas vezes? Uma cidade em obras permanentes. Desculpem o transtorno, mas estamos construindo uma cidade melhor. Até quando, negro gato?

Qual é a dessa cidade, Loyola?

Adoro passear de carro por bairros distantes, conhecendo lugares onde nunca convivi. Adoro a Paulista, de noite, com chuva, principalmente se consigo colocar no gravador *Yellow Submarine* com os quatro meninos de Liverpool. Adoro ir ao Pacaembu, qualquer que seja o jogo. Adoro a comida de São Paulo. Depois de morar no Rio, a gente sente saudade do tempero daqui.

Estava escrevendo esta crônica quando uma amiga minha, também do interior, mas morando aqui há muito tempo, me ligou só para dar um beijo (8 da manhã!) e conto que estou escrevendo uma crônica tipo "por que amo São Paulo", ela riu e disse:

— Mas que crônica mais piegas!

Voltei para a máquina e reli tudo. Realmente a Denise tem razão. Tá piegas. Mas acho que ela matou a charada. É isso: São Paulo é uma cidade piegas. Como todos nós que moramos aqui. Principalmente para nós que não nascemos aqui e a escolhemos para viver e criar raízes.

Alguma coisa acontece no meu coração quando eu cruzo uma porção de avenidas.

• • •

77

Mario Prata

O BRASILEIRO E SUAS MÁQUINAS VOADORAS

Outro dia, estava ouvindo uma conversa num bar, na mesa ao lado.

— O meu, considera risco de vida imediato, mas só em fase aguda, é claro, e que não possa ser tratado em casa.

— O meu, pode internação em apartamento, com quarto com banheiro também para o acompanhante. Um banheiro só para ele.

— O meu, inclui sala cirúrgica e UTI.

— O meu, pode usar leitos especiais.

— O meu, tem até alimentação dietética.

— É mesmo? O meu, pode usar ambulância desde que não esteja a mais de cem quilômetros. Se você se arrebentar em Campinas, te trazem para cá de graça!

— E fisioterapia? Até 40 sessões!

— Para doenças cardiológicas, o meu tem carência de dez meses.

— O meu é de oito!

— É mesmo? E urgência clínica em geral?

— Seis. Agora, gravidez, só depois de 18 meses.

— Claro.

— Helicóptero, tem?

— Não... Mas cada enfermeira, meu!

— E AIDS?

— O meu, não fala nada.

— Nem o meu.

Vocês têm reparado nos anúncios pela televisão dos Seguros Saúde? Não dá vontade de ficar doente, de se acidentar, de entrar em coma? Já pensaram que maravilha, você estendido na grama da orla de uma estrada qualquer e vem um helicóptero daqueles vermelhos a mil por hora para te levar pelos ares, antes que Deus o faça?

Tem um anúncio que lembra em muito a chegada da espaçonave de Contatos Imediatos do Terceiro Grau. Seria para queimaduras de terceiro grau?

E os carros que nada ficam a dever aos bólidos da Fórmula Um? E as enfermeiras loiras e lindas? E aquele médico que entra na casa da apavorada mãe e, ao sair, ainda controla uma bola com olhar de doutor Sócrates?

Nunca, pela televisão, se pediu tanto aos brasileiros que sofram acidentes, que fiquem doentes, que tenham um câncer súbito. Adoecer está virando um sonho na vida dos já enfraquecidos brasileiros. A palavra resgate virou moda. O Seguro Saúde é um status, um seguro status.

Só que poucos têm acesso aos resgates da medicina brasileira. O que devia — e está na Constituição — ser obrigação do Estado torna-se objeto da mídia. Gastam-se milhões e milhões de dólares em anúncios de 30 segundos e páginas inteiras dos principais jornais do país. Será que com este dinheiro jogado na nossa cara não dava para resgatar milhares e milhares de brasileiros que morrem de fome por aí?

E o pior é que o pobre, que não pode ter o seu seguro de saúde, fica assistindo, de meia em meia hora, as vantagens desta ou daquela companhia. Não dá mesmo vontade de ficar doente? Ou melhor, mais doente do que já se está?

Eu não conheço ninguém que tenha sido resgatado por um helicóptero de terceiro grau. Nunca vi na rua aqueles carros maravilhosos que aparecem na televisão. Nunca vi médico nenhum batendo bola na porta da casa de ninguém. As enfermeiras — salvo raras exceções — que tive pela frente eram sempre gordas e mal-humoradas. Nós somos doentes do terceiro mundo, pessoal. E não do primeiro, como querem nos convencer com esses anúncios milionários e suas máquinas voadoras.

• • •

78

Mario Prata

CONVERSA PARA AMERICANO DORMIR

Ele tem menos de 18 anos, é americano e está no Brasil num desses intercâmbios de jovens. Futuro advogado americano, curioso sobre o Brasil (tem uma avó que nasceu em Americana), não anda entendendo muito bem o nosso país. Com um meu inglês claudicante e ele com um português cheio de arranhões, conversamos nessa segunda-feira. Foi mais ou menos assim:

— O que os sem-terra querem?

— Trabalhar. Plantar e colher.

— Não são ladrões, assassinos?

— Não, são trabalhadores. As terras que eles "invadem" são terras abandonadas por grandes latifundiários.

— E por que os fazendeiros não deixam eles trabalharem e dividem o lucro?

— Sinceramente, não sei. Deve ser o gosto pelo poder, pela quantidade, pela posse.

— E por que prenderam a Deolinda?

— Por ser uma das lideranças. Talvez por se chamar Rainha.

— Mas eu vi ela algemada na televisão e nos jornais. Não é um pouco humilhante?

— É.

— Mas pode algemar alguém antes de ser julgado?

— Não sei.

— O *Pissi* foi algemado?

— Quem?

— Aquele do Collor?

— Ah, o PC. Não, o PC exigiu que não fosse algemado.

— E pode?

— Não sei.

— Mas os militares ainda estão mandando no país? A direita ainda tem poderes?

— O presidente foi perseguido pelos militares. É um intelectual de esquerda. Pelo menos, era.

— E ele não se importa com isso? Por que ele não dá terra para quem quer

trabalhar, plantar grãos, enriquecer o país?

— Não sei. A mulher dele até inventou um negócio chamado Comunidade Solidária.

— Comunidade Solitária?

— Não, Solidária.

— Ah, sei. E são muitos os brasileiros que não têm terra e querem trabalhar?

— Dezenas de milhares.

— E são poucos os que não querem dar as terras?

— Bem poucos.

— Não consigo entender. E o que é que aquele carequinha, Vicentinho, né?, estava fazendo no meio dos sem-terra? Ele também é sem- terra?

— Não sei nem o que ele estava fazendo lá naquela passeata, nem se ele tem alguma terrinha.

— A Igreja não se mete, não se envolve?

— A Igreja diz que está rezando.

— E tem bandidos, assaltantes, assassinos entre os sem-terra?

— Não, são todos trabalhadores. São todos esforçados.

— Quer dizer que está cheio de brasileiros querendo trabalhar e estão sendo presos por causa disso? É inacreditável.

— É, é mais ou menos isso.

— E tem uns que estão fugidos, escondidos no mato, perseguidos pela polícia e pelo Exército, não tem? O que vai acontecer com eles?

— Vão ser presos. A polícia brasileira é muito eficiente em alguns casos.

— E aquelas terras vão continuar lá, sem nenhum cultivo, abandonadas?

— Parece que vão.

— Não podiam repassar o que eles plantam para a Campanha do Betinho?

— Acho que ninguém pensou nisso.

— E a Deolinda, vai ficar presa? Com o marido escondido?

— Vai.

— E aquela filhinha deles?

— Vai ficar sem terra, sem teto e sem amor. Mas, quando crescer, vai se orgulhar de ser uma Rainha.

— Ou é um filhinho?

— Sabe que eu não sei? Sei que está doente.

— E o governo está cuidando dela?

— Também não sei.

— Sabia que desde o tempo da minha avó brasileira que se fala na Reforma Agrária no Brasil?

— Sabia.

• • •

79

Mario Prata

PERNAS, PRA QUE TE QUERO?

Almoçava dias desses com a dona Dídia, 70 e uns anos. Ela odeia dizer quantos anos tem e não vai gostar disso. Minha mãe. Diz que já está quase com a minha idade. E eu dizia, para ela, todo modernoso, da minha atual relação com o meu Banco.

Instalei um Micro que me leva diretamente, via computador, a tudo que eu tenho direito no Banco. Transfiro dinheiro da minha conta jurídica para a física, passo DOCs, pago o seguro saúde, o aluguel, faculdade do filho, requisito cheques, desbloqueio cheques, talões esses que vêm pelo Correio. Enfim, é o fim da fila. Podem reparar que, na fila do Banco, só tem boy.

— Tudo isso, mãe, sem sair do escritório, em casa.

— Pois é isso que me preocupa, meu filho, disse com lucidez. Você já ficava sentado o dia inteiro, agora então... E a saúde?

— A senhora acha que ficar horas numa fila num Banco é exercício?

— Acho!

E calou-se em sua sabedoria mineira e eterna.

Eu, já me vendo meio corcunda daqui a uns anos, fiquei pensando no assunto o dia inteiro.

Cinema, já não vou há muito tempo. Alugo e fico ali sentado assistindo, sem pulgas e parladores em geral. Gosto de pedir uma comida chinesa no Lig-Lig. Só me levanto para entregar o cheque ao motoqueiro todo molhado.

Supermercado, eles já trazem em casa. O boy do meu contador (que insiste em ser chamado de visitador) vem aqui pegar as notas fiscais. Meu médico é meu amigo. Quando a coisa complica, ele vem até aqui.

Sair mesmo só para festas e bares. O cabelo corto fora, mas é só duas vezes por ano. No bar, fico sentado. Antigamente, nas festas, tinha lugar para todo mundo sentar. Já reparou que nas festas de hoje fica todo mundo em pé, andando de um lado para o outro, meio sem saber aonde ir, balançando o copo? Já é um pequeno exercício.

Mas, mesmo nas festas e coquetéis, aprendi com o meu sempre mais inesquecível Samuel Wainer:

— Toda festa ou coquetel tem pelo menos uma coluna. Tem que achar a sua e ficar ali. Deixar que os garçons passem por você. E os amigos também.

E é assim que eu faço. Chego no local e vou logo escolhendo a minha coluna. Pode ficar tranqüilo que todo coquetel tem pelo menos duas colunas. O Samuel sabia das coisas. Não sei, porém, se faz mal à coluna.

Depois de pensar estas besteiras todas, comecei o raciocínio seguinte: viveremos mais ou menos? Desde que existe a humanidade, a medicina tem avançado e cada vez o homem vive mais. E daqui para a frente, com essa Internet toda? Claro que não vou ao Correio há muito tempo. Navego nos textos para os amigos e até com desconhecidos. A enciclopédia e o dicionário estão embutidos no meu computador. Nada de escalar estantes.

Não ando de bicicleta nas ruas. Tenho a minha ergométrica que, aliás, tem-me servido mais de cabide aqui no escritório. Caminhar pelo Ibirapuera? Pra que, com a esteira dentro de casa?

Meus livros, novelas, etc, mando para a editora apertando dois botõezinhos aqui no computador. O que alivia também o trabalho do boy. Aliás, com tudo isso e mais o velho fax, muito boy deve ter perdido o emprego.

Esta crônica, por exemplo. Nem eu levo, nem eles pegam aqui. Vai pelo fax-modem. Direto para o computador do **Estadão**.

Mas vai ficar a pergunta no ar, como nas ondas da Internet. Com essa evolução toda, daqui para a frente, vamos viver mais ou menos?

Acho que não seria exagero dizer que estamos voltando à época das cavernas. Estamos transformando nossa casa em uma caverna. Logo, logo seremos novamente macacos ciber e internéticos e só levantaremos para dar cacetada na cabeça dos outros.

E exercício mesmo, mãe, só para fazer amor. Não há máquina que substitua a dor e o prazer.

• • •

80

Mario Prata

PROMESSAS... PARA O ANO QUE VEM

Faço de mim as palavras do grande amigo e poeta ainda maior Sérgio Antunes, para desejar a todos vocês leitores e leitoras um ano maravilhoso onde todas as pastas sejam brancas e tudo corra cor-de-rosa. O poema chama-se

"No Ano Que Vem"

No ano que vem,
vou fazer um check-up,
reformar os meus ternos,
vou trocar os meus móveis,
viajar no inverno,
como convém.

No ano que vem,
vou me fantasiar,
desfilar na avenida,
decorar samba enredo,
vou mudar minha vida,
como convém.

No ano que vem,
faço vestibular,
vou tocar clarineta,
aprender a dançar valsa,
fox-trot ou salsa,
como convém.

E vou me converter
no ano que vem,
registrar a escritura,
vou pagar a promessa
e andar mais depressa.
Como convém.

No ano que vem,
vou tratar meus dentes,
visitar uns parentes,
vou limpar o porão,
vou casar na igreja,
como convém.

No ano que vem,
vou soltar busca-pé,
empinar papagaio,
vou comer manga-espada
e sentar na calçada,
até.

No ano que vem,
vou pagar minhas dívidas,
apagar minhas dúvidas
e trocar o meu carro
e largar o cigarro.
Como convém.

No ano que vem,
vou fazer um regime,
e vou mudar de time,
viajar para a França
e estudar esperanto.
Como convém.

Vou plantar uma rosa
no ano que vem
e escrever um romance
e fazer exercício,
desde o início,
como convém.

E entrar para a política
e me candidatar,
no ano que vem,
fazer revolução,
lutar na Nicarágua,
por que não?

E fazer uma plástica,
no ano que vem,
e ficar destemido,
decorar um poema
e escrever pra você,
como convém.

Se não der certo, no entanto,
neste ano que vem,
vou deixar de cobrança
do que fiz ou não fiz.
Neste ano que vem,
quero, como convém,
ser, apenas, feliz.

• • •

81

Mario Prata

NO TEMPO DA AMIZADE COLORIDA

Nas já tradicionais tardes de domingo do casal Annette/Tenório, depois de alguns dry-martinis, um baiano passeando por São Paulo contou uma hilária e trágica história de amor, acontecida com ele.

Não tenho aquela verve baiana, mas vou tentar reconstituir o ocorrido.

"Amizade Colorida" foi um modismo do começo dos anos 80 e que só não foi adiante porque chegou a Aids que falava mais alto. Era o seguinte: o casal podia ter outras aventuras fora do namoro ou casamento, desde que o parceiro(a) não ficasse sabendo. Ou seja, liberava geral.

E o casal baiano logo abraçou a novidade. Ele, notadamente. Durou seis meses a farra. Nesses seis meses, ele se aventurou com quatro moçoilas diferentes. E ela (segundo depoimento dela), com apenas um. Vamos chamar o casal de Luiz e Marcia, para facilitar.

Bem, depois de seis meses naquela sem-vergonhice, a primeira com quem Luiz havia pulado a cerca (há cerca de seis meses) lhe telefona chorando e diz que estava com sífilis em estado avançado, com cabelo caindo e tudo. Luiz se apavora. Tem que avisar não apenas a sua mulher, mas também as outras três. Telefona para o médico dele. Fica mais apavorado. A chance dele ter pego é de 95 por cento. Mas não adiantava fazer o exame porque pode dar negativo durante os nove primeiros meses.

Mas todo mundo, ele, a mulher, as outras três, estava com sífilis, com certeza. E mais: ele tinha que dar o remédio para as outras com quem transou. As três dele também para quem teriam transado neste tempo. E assim por diante, fazendo uma enorme pirâmide sifilítica. E o remédio era um tal de Bezentasil que dizem que derruba qualquer um. É de não se conseguir sentar por uns dois dias.

Mil planos. O médico que era amigo da família apareceu lá um dia "sem querer" e convenceu a Marcia que ela estava muito abatida e precisava fazer uns exames de sangue. Ela se assustou, fez e o médico recomendou Bezentasil para ela, sem tocar na sífilis.

No mesmo dia, o médico deu três receitas para serem levadas para aquelas três. Luiz fez questão dele mesmo comprar o remédio. Uma chorou e deu um tapa na cara do Luiz. Outra, uma argentina, não ligou e tomou numa boa. A terceira tomou contra a vontade e contou, de vingança, para Salvador inteira, que o Luiz estava com Aids.

Aí foi a vez do casal tomar. Cada um foi numa farmácia diferente. Ela não sabia que ele ia tomar também. Chegaram mais ou menos na mesma hora e sentaram-se no sofá. Ambos com apenas um lado da bunda. Ela reclamando da dor e ele, também sofrendo, dizia: "Manha sua".

Tudo parecia estar bem. Foi aí que o Luiz se lembrou do "namorado" dela. Claro, se ela tivesse passado para ele e ele não tomasse, podia muito bem devolver a sífilis para ela. Mas ele não podia pedir para a Marcia pedir para o outro tomar o remédio assim sem mais nem menos. E agora? O sujeito era um pintor conhecido em Salvador.

Luiz conhecia o cara de vista, de algum bar. Conseguiu o telefone dele e ligou. Marcou um encontro. O sujeito ficou assustado e sem saber do que se tratava.

Estavam lá os dois no bar, os dois sem graça, a tomar um chopinho. Luiz ainda sentando de ladinho, todo torto. Luiz não sabia como entrar com o remédio na conversa. Luiz resolveu abrir o jogo e contar tudo, desde o começo da crônica. O outro ficou assustado:

— Mas eu nem conheço a sua mulher, cara!

— Deixa disso. Pode falar. Sou moderno.

— Te juro. Me lembro de já ter visto ela por aí. Mas nunca nem conversei com ela.

Era verdade, a Marcia era uma santa. Tinha inventado aquilo para compensar as andanças do marido.

Alguns meses depois, Luiz fez o exame. Ele não tinha pego sífilis nenhuma. Nem ele, nem a mulher, nem as outras três. Muito menos o "amante" pintor.

Logo se separaram. Luiz foi morar com a argentina (com quem está até hoje) e Marcia, adivinhem!, vai muito bem com o pintor.

• • •

82

Mario Prata

VOCÊ É MESMO UM SISTEMÁTICO?

Se você responder "sim" a mais da metade das perguntas abaixo, você é um sistemático irrecuperável. Se não responder, também.

- Você sempre toma banho de costas para as torneiras?
- Sempre aperta a pasta de dentes no mesmo lugar?
- Costuma apagar as luzes dos cômodos onde não está?
- Compra livros sempre na mesma livraria?
- Coloca as notas na carteira na ordem de valor? Crescente ou decrescente?
- Almoça e janta todos os dias na mesma hora? Mesmo aos sábados e domingos?
- Entra em campo com o pé direito?
- No avião, só senta na janela, como o Romário?
- Usa o papel higiênico sempre dobrando do mesmo jeito?
- Anda com pente no bolso?
- Ao entrar em casa, deixa a chave sempre no mesmo lugar?
- Todo dia, ajeita os quadros que a empregada deixou tortos?
- Faz amor sempre do mesmo jeito?
- Naquela subida, sempre engata a segunda no mesmo lugar?
- Abre as cartas com aquele material (esqueci o nome) apropriado?
- Todo dia, você faz tudo sempre igual, como na música do Chico?
- Assiste televisão durante toda a tarde de domingo?
- Apesar de ter um cinto novo, sempre usa aquele esfarrapado?
- Corta o cabelo sempre no mesmo lugar? E do mesmo tamanho?
- Há quanto tempo usa a mesma marca de pasta de dentes?
- Lê esta coluna toda quarta-feira?
- E sempre acha a mesma coisa?
- Tem uma gaveta só para cuecas (ou calcinhas) e uma só para meias?
- As camisas penduradas são abotoadas? Só os dois de cima?

- Sempre manda colocar nove e cinqüenta de gasolina e dá uma nota de dez com o troco para o frentista?
- Amarra sempre o sapato direito em primeiro lugar? Ou sempre o esquerdo?
- Joga futebol **todo** sábado?
- Tem a(o) mesma(o) amante há muito tempo?
- Tem uma turma fixa para jogar pôquer? Ou ir ao Bingo? Nos mesmos dias e mesma hora?
- Toma a mesma marca de cerveja há quanto tempo?
- Ainda fuma Minister ou Hollywood?
- Nunca mudou de time?
- Ainda é da UDN? Ou do PSP?
- Coloca nos envelopes "Exmo. Sr."?
- Continua usando camisa esportiva para fora da calça?
- Nunca perdeu a mania de ler um pouquinho (na cama) antes de dormir?
- Há quanto tempo não muda o recado da secretária eletrônica?
- Você ainda acentua as paroxítonas para diferenciar uma palavra da outra? Como êle?
- Televisão para você era a TV Tupi?
- Tem hora certa para ir ao banheiro?
- Sempre lê o jornal de trás para a frente?
- Lê sempre o **Caderno 2** em primeiro lugar?
- Quando vai aos estádios, leva sempre uma almofadinha com as cores do seu time?
- Ao abrir o maço de cigarro, tira o selinho completo?
- Quando bebe uísque, fica girando o copo sem parar, fazendo aquele barulhinho desagradável?
- Quando bebe e vomita, diz que a comida é que estava estragada?
- Odeia aqueles anúncios coloridos e soltos que vêm dentro dos jornais?
- Assina o mesmo jornal há mais de 20 anos?
- Compra os discos do Santana até hoje?
- Há quantos anos não muda de lado na cama com o(a) acompanhante?
- Todo sábado tem que comer feijoada?
- Em matéria de bares, é firme. Apesar dos modismos, dos novos bares, gosta mesmo é da padaria da esquina?
- Quando uma mulher passa por você, dá sempre uma olhadinha para trás, para conferir?
- Na praia, fica andando de um lado para o outro, feito um bobo, de camiseta e sempre com a velha e boa sandália havaiana?
- Odeia dormir de porta aberta?
- Tá achando esta crônica muito sistemática?

- A caipirinha tem que ser de cachaça, limão e pouco açúcar?
- Odeia a palavra caipirosca?
- Faz o sinal-da-cruz quando entra num avião? E quando ele aterriza, também?
- Vai à missa todo domingo, faça sol ou faça chuva?
- Não gostou desse monte de besteiras?
- Ou será que sistemático é sua esposa ou seu marido?

• • •

83

Mario Prata

O SOLUÇO JÁ FOI SOLUCIONADO?

Você lembra quando São Paulo tinha garoa? Aquela chuvinha fina, que não chovia nem molhava? Nunca me explicaram muito bem por que não temos mais a garoa. São coisas do mundo, que acontecem, e a natureza não explica. A obturação, por exemplo. Sou do tempo que a "obturação caía". Era normal a obturação (que nome!) cair. Com o avanço da ciência odontológica, hoje isso é raro. Não caem mais nem a garoa nem a obturação.

E o soluço? Já pensou no soluço? Há quanto tempo você não tem uma crise de soluço? Não sei por quê, mas acho que hoje as pessoas não soluçam mais como se soluçava há uns anos. Nem aquele soluço descrito pelo mestre Aurélio como "fenômeno reflexo que consiste numa contração diafragmática involuntária, espasmódica, que produz o início de movimento inspiratório, o qual subitamente é detido pelo fechamento da glote, com a produção de ruído característico", nem mesmo aquele outro tipo de soluço, o "pranto entrecortado por inspiração ruidosa". O que se passa com o soluço? Obturaram o soluço? Faz tempo que não ouço um desagradável e interminável soluço no escurinho do cinema.

Soluçávamos mais, muito mais, antigamente. E para parar um soluço existiam fórmulas "infalíveis". Todo mundo conhecia um método, uma maneira de se acabar com ele. "Tem um jeito que não falha", sempre se adiantava um com para a solução. E a vítima do soluço era levada a malabarismos, a verdadeiros exercícios de aeróbica, a contrações faciais, à auto-tortura. Cada família tinha seu estilo, cada povo sua solução. Lembra?

— Tapar o nariz e a boca e ficar sem respirar o maior tempo possível. A pessoa ia ficando roxa, bochecha inchada, quase explodia e nem sempre o soluço passava.

— Encher bexigas de aniversário, uma atrás da outra, até passar o soluço. Também quase matava o soluçante.

— Beber um copo de água de uma só vez, com o nariz tapado. O coitado sempre engasgava.

— Tomar um copo de água com a cabeça voltada para baixo, mas colocando a borda do copo nos lábios superiores, de ponta-cabeça. Sempre molhava a sala toda e a cabeça do doente. E o soluço ria da cara da gente.

— Assoviar o Hino Nacional. Inteiro, numa balada só.

— Levar um susto. Este era mais complicado porque a pessoa sabia que ia levar um susto de alguém a qualquer momento e ficava preparada, não relaxava. Você tinha que distrair a vítima e, de repente, outra pessoa surgia e dava um susto no soluçado. Tinha gente que morria do coração e ainda soluçava no caixão.

Andar de cabeça para baixo, no mínimo dez metros.

E mais milhares e milhares de soluções milagrosas.

Às vezes, o soluço passava. Mas voltava, desafiador, 20 ou 30 minutos depois. Era um tormento, o soluço.

Tinha garoto que inventava que estava com soluço para não comer, por exemplo. Ou até pra não fazer a lição de casa. Geralmente este soluço falso tornava-se real depois, para desespero da criançada. Um castigo. E tinha aqueles casos crônicos em que a pessoa passava o dia a soluçar. Aí os mais entendidos no assunto vaticinavam: se ficar soluçando dois dias, morre! Era terrível.

Naquele tempo, quando estávamos com soluço, pedia-se desculpa para as pessoas mais próximas. Por quê? Era feio ter soluço? Soluço era falta de educação? E soluçar ao telefone, então? Até explicar que se estava com soluço para o interlocutor...

Já o outro soluço, o do pranto, podia-se e pode-se combater com mais facilidade. Um alisar de cabelos na amada, um beijo na criança e o soluço passa. "Tertuliano, abraçado ao cadáver, soluçava convulsivamente", escrevia Artur de Azevedo. Ou Inglês de Souza, em Contos Amazonenses: "Um deixava naquela saudosa praia a mãe doente e entrevada, arrastada até ali para soluçar a última despedida ao filho que partia para a guerra". Bonito. E se o filho tivesse soluços na guerra? Onde estaria a mãezinha dele para salvá-lo?

Qual seria a solução? E aqui fica a última pergunta: solução é um soluço grande? Daqueles sem solução?

• • •

Mario Prata

VOCÊ JÁ FEZ O SEU SEGURO-CACHORRO?

Minha amiga Rita K. volta do primeiro mundo cheia deles e morrendo de saudades de bares abertos de madrugada, churrasquinho de gato e do congestionamento da Consolação. Um ano e meio, desistiu e convenceu o marido suíço a vir morar do Brasil. Enquanto ele não chega, ela me conta histórias maravilhosas daquelas frias (em todos os sentidos) plagas.

Brincando nos Campos do Senhor:

Dois jovens casais suíços, antropólogos, indigenistas e de alguma FUNAI local lá deles, resolveram visitar in loco os nossos selvagens índios da Amazônica.

Estavam lá eles, no meio do mato, com uma tribo onde ninguém se entendia. Mas eles entenderam que os índios os convidaram para passar morando uma semana com eles. Para entender a coisa mesmo. Discutiram muito os quatro jovens. Tinham medo de doenças tropicais, cobras, árvores carnívoras, feras imensas e, é claro, de serem devorados pelos terríveis alienígenas com cara de japoneses.

Mas, tudo pela profissão. Oportunidade única. Ganhariam prêmios em seu país, escreveriam livros salpicados de exóticas aventuras.

Resolveram ficar. E fizeram um trato. Um não poderia se distanciar do outro mais de 20 metros. Teriam que permancer unidos, com os olhos e ouvidos bem abertos.

Aí que tudo começou. Tinha o problema de fazer as necessidades chamadas fisiológicas no meio do selvagem e traiçoeiro mato. Teriam que ir todos na mesma hora e ficariam atrás de árvores, vendo pelo menos a cabeça um do outro. Claro que tiveram que armar uma forma de todos terem vontade na mesma hora. Isso foi o mais fácil.

Na primeira tarde, ficaram eles a uns 20 metros um ou outro, formando um quadrado e conversando entre si. Com o tempo, foram se acostumando com aquela situação, ficando cada vez mais próximos. Europeu quando dá para se desinibir é fogo. Até que, um dia, os quatro estavam fazendo cocô juntos, numa clareira, com a maior naturalidade do mundo, em alegres bate-

papos. Frente a frente, agachados. Fico a imaginar o papo:

— E então, herr Chistofer, isso vai ou não vai?

— Nossa, Renê, que horror, o que foi que você comeu ontem?

— O mesmo que você, Elisabeth. Aquela raiz amarga.

— Já acabou, Adolf?

— Gente, esquecemos o papel.

— Pega a folha.

— Pinica, frau.

E assim foi, durante uma semana. Acho que eles aprenderam alguma coisa com os nossos índios. Hoje os quatro moram juntinhos numa mesma casa, bem no meio da Floresta Negra. E, no banheiro, são quatro as privadas.

Quem não tem cão...:

Vocês sabem que, nos países civilizados, todo mundo tem seguro de tudo. O seguro-desemprego é uma realidade concreta. Mas o mais interessante é que o seguro-desemprego, pago a drogados, mendigos e demais desempregados, tem uma cláusula que só um suíço poderia bolar. O mendigo ou viciado que tiver um cachorro, o cachorro também tem o seu seguro. O Seguro-Cachorro. Claro, as autoridades protetoras dos animais suíços não querem que eles passem fome, só porque o dono está sem dinheiro. Então o viciado vai lá, se apresenta, faz a ficha do seu cão e recebe dinheiro para os dois.

Claro que o viciado deve gastar a parte do seu melhor amigo com ele mesmo. Para cada seringa, um ossinho para o bicho. Dizem que os animais que têm o Seguro-Cachorro são bem magros e subnutridos.

Mas, como não poderia deixar de ser, alguns brasileiros já estão importando cachorros portugueses que eles alugam aos mendigos e viciados. Uma firma, uma empresa. Como cachorro português não sabe latir em suíço, os suíços jamais descobrirão a picaretagem.

É o que eu sempre digo: mais uma vez o primeiro mundo se curva diante do terceiro. País que late não morde.

• • •

85

Mario Prata

SAUDADE DO BANHEIRO DE ANTIGAMENTE

Quero comprar um apartamento de três quartos, sem suíte. Repito: sem suíte. Impossível. Ontem mesmo começaram a construir um de quatro quartos aqui bem na frente do meu. Quatro suítes. Será que não se fabricam mais apartamentos e casas como antigamente? Com um só banheiro, comunitário, grande, todo branco de chão vermelho, com janelas para as mangueiras, com banheira grande, branca como devem ser as banheiras?

O que será que está mudando nesta nossa moderna sociedade de consumo? O brasileiro, de uns tempos para cá, vem defecando mais? Não digo as defecadas federais, nem as estaduais, nem as municipais. Estou me referindo à nossa defecadinha honesta de todo dia, pessoal, íntima.

Ou será que foram os arquitetos que perderam o senso do ridículo?

O mais interessante é que, antigamente, as famílias eram bem maiores, tinham-se mais filhos. E banheiro, um só. Ladrinho vermelho encerado ou com vermelhão. Ali se faziam as necessidades e se tomava banho. Tinha horas do dia que se faziam filas para entrar em banheiro. Hoje, fila de banheiro, só em festinha para se dar uma cafungadinha.

Os banheiros tinham janelas. Não era necessário nenhum perfume artificial para se combater o cheiro de cada um. O banheiro tinha um cheiro característico dele, uma mistura de pasta de dente com sabonete Gessy. Hoje, como os banheiros são mínimos, sente-se cheiro de tudo. Principalmente das nossas necessidades fisiológicas. Os banheiros são pequenos cubículos, caixas de cheiro duvidoso. Dentro da latrina, já se coloca um baratinho, depois, joga-se não sei o que lá dentro. E, dependendo do almoço ingerido, ainda se tem que dar umas borrifadas deste ou daquele produto.

Antigamente um rolo de papel higiênico dava para uma família, semanas. Hoje, gasta-se muito mais. Não sei por que andamos nos sujando tanto. Vocês já notaram nos carrinhos de supermercados a quantidade de papel higiênico que as donas de casa compram? E tem mais: já tem papel higiênico que já vem

perfumado. Pessimamente perfumado, mas perfumado. Claro, nesta caixa que se tornou o banheiro, por onde vai sair o cheiro?

E quando a namorada é nova, você dorme com ela, acorda no dia seguinte e vai fazer o seu serviço e aquele cheiro fica a invadir o seu quarto e ela, que também está a fim de ir lá, disfarça na cama, fica fazendo hora, porque sabe que a barra está pesada lá dentro? Sei de casos que terminaram na primeira manhã de amor.

E fazer amor debaixo do chuveiro nestes apartamentos cheios de suíte? Já tentaram? Impossível. Os boxes são feitos só para um e olhe lá. Para se abaixar para pegar um sabonete no chão, teme-se ferir o bumbum na maçaneta. Se você senta-se na privada, não pode abaixar a cabeça porque senão bate na pia. E, no bidê, tem-se que fazer ginástica para lavar qualquer parte chamada pudenda. Hoje, os bidês parecem mais com bibelôs de porcelana. E aquelas suítes que não têm esguicho no bidê e então você tem que puxar o chuveirinho do chuveiro, atravessado ali naqueles dois metros quadrados? Corre-se o risco de tropeçar nele e bater a cabeça na torneira da pia.

Saudades da fila do banheiro. Ou quando a mãe mandava tomar banho, era aquela gritaria: Primeiro! Sou o último! Vai, menina, não agüento mais! Mãe, o fulano está demorando muito!" Ou, como aconteceu com uma amiga minha que, na pré-adolescência, foi reclamar com a mãe que tinha vistos vários espermatozóides do irmão andando pelos ladrilhos do banheiro.

Enfim, as suítes que estão nos vendendo são mais um motivo para a desagregação da família. Estão isolando pais de filhos, irmãos de irmãs. Antigamente, a família que defecada unida era muito mais unida.

Ultimamente, no Brasil, parece que só os anões do orçamento continuam a defecar juntos. Mas, na prisão, tenho certeza que cada um vai ter uma cela individual. Uma suíte para cada um. Para que nunca mais fiquemos sabendo de suas defecadas coletivas. E que eles agüentem sozinhos o cheiro da podridão que fizeram com o nosso dinheiro.

• • •

86

Mario Prata

VOCÊ CONHECE ALGUÉM PREJUDICADO PELA TV?

No princípio, era o caos. Depois veio o verbo. Depois as histórias em quadrinhos, os velhos gibis. Depois veio a imagem da televisão. Voltamos ao caos? Me lembro que era garoto e os nossos pais nos proibiam de ler gibi. "Prejudica". Crescemos e, hoje, o gibi é cult e ninguém se prejudicou.

Quando veio a televisão, foi pior ainda. Cenas de violência, sexo, etc. E os intelectuais, que não vêem e não entendem nada de televisão, começaram imediatamente a teorizar. "Estamos criando uma geração de prejudicados. A televisão prejudica, está provado. Tem um estudo na Alemanha que"...

Pois a televisão está fazendo 50 anos entre nós e já pegou umas duas gerações. E até hoje eu procuro os "prejudicados".

Se a televisão prejudicasse, seria natural termos hoje associações daqueles que foram prejudicados por ela. Uma espécie de PPT (Prejudicados Pela Televisão). Olho em volta e não os encontro. Sim, porque, se causasse algum dano nas cabeças daqueles inocentes pirralhos de anos atrás, o mundo hoje seria outro. A televisão teria modificado o comportamento de boa parte da população.

PREJUDICADOS ROMÂNTICOS — Seriam senhores e senhoras que viram muitas novelas e abandonaram o sentido prático da vida. Vivem como personagens de televisão. Teriam aquele olhar do Tony Ramos ou a singeleza da Regina Duarte. Olhar perdido no horizonte, inúteis para a sociedade, esperando o que Jesus (e Janete Clair) lhes prometeu.

PREJUDICADOS INFANTIS — Seriam senhores e senhoras completamente débeis mentais, uns com mentalidade de Popeye, outras com complexo de Margarida. Viveriam numa espécie de asilo para adultos que não cresceram mentalmente. Uma Baddisneyworld. Também inúteis para a sociedade.

PREJUDICADOS VIOLENTOS — Todos de verde, como o Hulk, todos

com paranóia de Fugitivos, todos dando tiros nos policiais nas esquinas. Talvez alguns conseguissem chegar até o Congresso, local de muitos prejudicáveis.

PREJUDICADOS ALCOÓLICOS E FUMANTES — Seriam adultos que, influenciados pela quantidade de bebidas ingeridas na telinha e fumaça igualmente tragada, não fariam mais nada na vida. Teríamos sanatórios só para eles. Seriam milhares, milhões.

PREJUDICADOS PELA PUBLICIDADE —Aqueles que comprariam tudo que a televisão oferece a cada dez minutos. Seriam, evidentemente, da classe alta. As famílias gastariam milhões com psiquiatras e cartões de créditos. Seriam apelidados de Zero-onze-catorze-dez.

PREJUDICADOS PLIM-PLIM — Estes perderiam totalmente a fala, dizendo apenas, a cada quinze minutos, Plim-Plim. Seriam os prejudicados mais chatos, pois nas festas, em qualquer pausa no papo, lá vinham eles: Plim-Plim.

PREJUDICADOS JUÍZES — Teriam uma certa relação com os Plim-Plins. Andariam pela rua apitando e mostrando cartão amarelo e vermelho para todos os pedestres, de dedo em riste. Expulsariam São Bernardo de Campo, como se fossem um juiz de fora. Poderiam ser úteis ao Maluf, nas esquinas de São Paulo.

PREJUDICADOS CID MOREIRA — Já pensaram, o sujeito andando pela rua e dando, ininterruptamente, as notícias do dia? Sem imagem, o que é pior ainda.

PREJUDICADOS DA GUERRA — Perigosíssimos. Andariam com granadas, fariam trincheiras em frente de suas casas. Roupas camufladas, galhos na cabeça. Os mais velhos, os veteranos, seriam os piores. Japoneses seriam fuzilados em plena Liberdade. E os coreanos, então?

PREJUDICADOS SEXUAIS — Criancinhas que viam sexo pela televisão hoje são senhores e senhoras, todos gordos e feios, andando pelados pela rua, atacando criancinhas incautas. Fazem sexo até com poste.

Mas agora os tempos mudaram. Os pais estão começando a ficar preocupados é com o computador. Dizem que prejudica as crianças. Que as crianças não vão mais ler livros, não vão mais ler gibis e, principalmente, não vão mais ver televisão.

Aguarde para daqui a alguns anos os PREJUDICADOS INTERNET. Já pensou? O mundo todo prejudicado? Serão os Badbits.

• • •

87

Mario Prata

ME PASSARAM UM TROTE

Toca o telefone, atendo:

— É do número tal? (voz de adolescente)

— Pois não.

— Aqui é da Transbrasil e o senhor acaba de ganhar uma passagem de ida e volta para a p.q.p.!

Era um trote, pois não. E é neste momento do trote que, quem está lá do outro lado, vai se deliciar. Eu tinha que responder com um palavrão, tinha que ficar irritado. Mas a mocinha de voz delicada não sabia em quem ela estava passando trote. Logo em mim, que era o Rei do Trote no início da minha adolescência, no interior. Fiquei na minha, no desarme:

— Que ótimo! Para quando, o vôo?

Houve um constrangedor silêncio do outro lado da linha.

— Como?

— Quando parte o vôo? Posso ir acompanhado?

Ela estava desarmada, pega com a boca na botija (ou seria no bocal?). Não esperava essa minha reação.

— Como assim?

— Ganhei hotel também?

Novo silêncio.

— O senhor é muito simpático, viu? Desculpa...

E desligou.

Quando eu era garoto, ainda não existia o telefone de discar em Lins. Ligava-se, girando uma manivela na parede, para a Central, e a moça de voz rouca fazia a ligação local. Interurbano era um problema. Por exemplo. Queria se falar de Lins para São Paulo, pedia-se a ligação e ficávamos sabendo da demora: oito horas!

E, quando o interurbano saía, era uma gritaria horrível. Todo o quarteirão sabia o que estava sendo tratado na ligação. Depois de um interurbano, sempre apareciam os vizinhos para dar pêsames ou parabéns. Era um horror.

Depois a Telesp instalou o telefone de discar. Todo mundo na cidade tinha. Foi uma festa. Com o advento de tal modernidade, vieram, incontinenti, os trotes. E haja trote.

Tinha um amigo, o César, que passava o dia inteiro passando trote. Todos da minha idade passavam trote. Como todo mundo na cidade conhecia todo mundo, o trote era, digamos, direcionado. Você sabia em quem estava passando trote. O trote era anônimo só daqui para lá.

Me lembro que inventamos o Trote Eclesiástico. Era o melhor de todos. Era assim: pegava-se o telefone de uma beata, daquelas bem beatas e discava. A santa criatura atendia.

— Alô, aqui é da Telesp, minha senhora.

— Pois não, meu filho.

— Nós estamos testando a qualidade de audição dos aparelhos. A senhora poderia colaborar com a gente?

— Claro, meu filho.

— O telefone da senhora está perto da mesa de jantar?

— Está.

— A que distância, mais ou menos?

— Uns três metros, acho.

— Ótimo. Então a senhora, por favor, se não for incômodo...

— Incômodo nenhum, imagine...

— A senhora, por favor, deixe o telefone em cima da mesinha, vai até a mesa de jantar, sobe em cima dela e reze uma Ave Maria. Bem alto.

— Uma Ave Maria? Bem alto? Em cima da mesa?

— Sim, para ver se estamos ouvindo bem.

— Pois não, meu filho.

E a beata deixava o telefone, subia na mesa e começava a rezar, cada vez mais alto:

— Ave Maria, cheia de graça, está me ouvindo, meu filho?, o Senhor é convosco, bendita sois vós, quer que eu reze mais alto, meu filho?, entre as mulheres, estou gritando, está me ouvindo?, bendito é o fruto do vosso reino, Jesus. A segunda parte também? Está me ouvindo? Está me ouvindo, meu filho?

Depois a gente chegou a aperfeiçoar ainda mais. Um de nós ia para frente da casa da velhinha e ficava olhando pela janela.

Todas colaboravam. Era o espírito cristão a serviço das novas tecnologias.

Não me surpreenderia nada se o "bispo" von Helder desse uns trotes desse tipo. Mandasse a pessoa subir na cadeira e chutar a imagem de Nossa Senhora Aparecida. E mostrasse pela televisão.

• • •

88

Mario Prata

A VIRGEM DE WASHINGTON

Há poucos dias li, aqui no **Estadão**, quase escondida num fim de página, uma notícia pequena que muito me assustou. Chocou, para ser mais exato.

Principalmente por eu ser, apesar de leigo, um pouco conhecedor das coisas da Igreja Católica Apostólica Romana. Tenho nove anos de Colégio Salesiano (daquele tempo!) e já passei por alguns papas. Desde o inesquecível e maravilhoso João XXIII até o atual Papa viajor.

Portanto, como católico (muito pouco praticante, devo confessar), tenho o direito de comentar o que li. Além do mais, a personagem principal do caso é uma coleguinha jornalista americana. Segue, na íntegra, o texto publicado aqui, enviado por uma agência internacional de notícias:

O título: VIRGEM SE CASA COM ESTUPRADOR CONDENADO À MORTE.

"Washington — Doreen Lioyu, jornalista católica de 41 anos, casou-se na quinta-feira, na prisão de segurança máxima de San Quentin, com o presidiário Richard Ramirez — condenado à morte por ter torturado, violentado e assassinado 13 mulheres. Enquanto Doreen, que se dizia apaixonada por Ramirez e orgulhosa de ter chegado virgem ao altar, participava da cerimônia, seus parentes acompanhavam tudo em estado de choque.

"Doreen cresceu sem nenhum sintoma de desiquilíbrio mental, mas, em algum momento, algo deve ter ocorrido", disse um familiar. "O fato de participar de um casamento que não pode ser consumado evidencia que ela vive numa dimensão distante da realidade", afirmou um primo da noiva, Adan Yates.

Yates se referia ao regulamento da penitenciária que proíbe encontros conjugais. Depois do casamento, do qual o noivo participou vestindo o uniforme dos condenados à morte, o casal de separou com um beijo e um rápido abraço."

Era essa a nota, sem tirar nem pôr, referindo-se ao casamento onde, por sinal, ninguém colocou e ninguém pôs.

Veja o que o primo disse: "Ela vive numa dimensão distante da realidade".

Eu pergunto: é ela que vive numa dimensão distante da realidade ou é a atual Igreja Católica?

Doreen é uma vítima do que vem pregando o Papa, evidentemente. Em pleno final de século, ele ainda proíbe usar camisinha e ter relações sem fins de procriação. E proíbe o uso da camisinha enquanto a AIDS vem se alastrando pelo mundo, mas ainda não pulou o muro do Vaticano. Ou será que já?

O Papa atual proíbe o prazer. Provavelmente por não o conhecer. Todo mundo sabe que essa história de padre não poder casar vem de muitos séculos atrás que era para evitar que o dinheiro do Vaticano fosse dividido pelas viúvas e filhos (?) dos padres, bispos, cardeais e papas.

Conseqüência: até hoje (alguns deles) não conhecem o prazer do sexo e a verdadeira extensão do amor.

Jesus, quando juntou a sua turma (os apóstolos), fez com que alguns deles abandonassem esposas e filhos. Belo exemplo.

Segundo alguns padres progressistas com quem convivo, o celibato estava para acabar antes do atual pontificado. Mas a discussão vai se arrastando.

Até quando um só homem vai decidir o destino de todos nós católicos, *ad nauseam*? Será que não dava para ser um mandato como o dos presidentes? Coisa de cinco anos? Será que não dava para ele decidir as suas posições com um colegiado que realmente tivesse força?

Senhor Papa: esta barbaridade que a colega jornalista fez lá nos Estados Unidos é fruto não da cabeça dela, mas, sim, da sua.

E, se porventura, um dia a Virgem de Washington aparecer grávida, não venha nos dizer que foi um anjo estuprador. Foi a falta de camisinha e de discernimento. Mais da Igreja do que dela, coitada, que não quis ser coitada (literalmente) de jeito nenhum.

Reze por ela, João Paulo. Pelo senhor e pelo Senhor.

• • •

89

Mario Prata

O DIA DE LEVAR O COMPUTADOR AO MÉDICO

Se você tem filho e computador, sabe que eles são muito parecidos: ambos são teimosos e só fazem o que querem. Nasceram daquele jeito, com aquele ritmo, com aquela cara. E a gente ama os dois. Não consegue mais viver sem eles. Não consegue imaginar como viveu tantos anos sem os dois.

Mas eles se parecem mesmo um com outro é quando adoecem.

Você nota que algo não está bem. Primeiro mostra ao amigo. O amigo examina e acha melhor chamar um técnico (médico). Vem o médico, perdão, vem o técnico, examina, aperta aqui, aperta ali, olha atrás. E a gente ali ao lado, aflito, sem entender direito o que ele está a fazer.

— É grave?

— Melhor levar para a oficina (consultório).

— Então é grave?

— Preciso fazer um exame mais detalhado.

Aí ele pega o nosso filho no colo, coloca deitado no banco de trás do carro e lá vamos nós para o exame mais detalhado.

— Pode ser que esteja com um vírus!

— Vírus???

— Vírus.

Chega no consultório, a gente senta na sala de espera e ele entra com ele lá para dentro. Somem atrás de uma porta cinza. Uma espécie de enfermeira faz a minha ficha e pede os dados dele. Ali, na sala de espera, outros pais esperando diagnósticos mais precisos.

— Quantos anos ele tem?

— Quatro. E nunca teve nenhum problema...

Já se passou mais de meia hora e o rapaz não volta. Começo a ficar preocupado. Será que vai ser preciso operar? Quanto vai custar esta visita? E se ele morrer? Começo a suar frio. Uma gorda ao meu lado me consola.

— É a terceira vez que venho aqui... Eles são muito competentes.

Depois de uma hora, o homem volta. Sem ele. Bate a mão no meu ombro, como a me consolar. Balança a cabeça negativamente. Eu espero pelo pior.

— E então, doutor?

— Ele vai precisar passar uns dias aqui (internado).

— Localizou o vírus?

— É um vírus novo, nunca tinha visto nada igual.

— Mas há perigo de morte, quer dizer, ele vai ficar bom?

— Tem que ficar uns dias em observação. Talvez tenhamos que trocar uma placa. Fazer uma espécie de transplante.

Aí ele me dá aquelas explicações de médico que eu nunca entendo muito bem. Me diz que precisa levar o meu filho para a Central onde tem médicos, perdão, técnicos com mais conhecimentos.

Pergunto se posso dar uma olhadinha nele antes de ir embora e ele nega veementemente. Ninguém pode entrar lá.

— Por quê? O vírus pode pegar? Ele está tão mal assim?

— Está desmontado. O senhor não iria reconhecê-lo.

Imagino o meu filho com as entranhas todas de fora, respirando mal, mal conseguindo pronunciar um simples bit, soletrar uma única palavra, digitar um tchau.

Não há mais nada a fazer.

Ele me dá uma receita num papel.

— Compre esta placa que nós mesmos aplicamos nele.

Saio para a rua levando apenas um fio, um cabo, que foi tudo que pude levar dele para casa. O cordão umbilical que me prendia a ele. E vou até uma farmácia comprar um Lexotan para me acalmar e me acostumar a ficar uns dias sem ele, coitado.

• • •

90

Mario Prata

OREMOS, MICTEMOS E SAREMOS

Não faltava mais nada nesse final de milênio. Mais nada. Imagine você que a Igreja Católica Apostólica Romana, através de uma Pastoral lá de Pernambuco, está mandando seus fiéis beberem urina. Vou repetir: beberem urina. Deu num dos principais jornais de São Paulo.

A nova "encíclica" chama-se urinoterapia. E, segundo uma freira (e contumaz bebedoura), já tem mais de 20 mil católicas ingerindo o que o próprio corpo repeliu. Diz que a urina sara tudo. Incluindo nesse tudo câncer e (pasmem!) Aids. Para reumatismo é tiro e queda!

Tem gente que toma logo cedo, misturada com tamarindo. Outros tomam gelada, outros ainda com o calor que ela traz em si mesma.

Lendo as matérias, várias dúvidas afloraram dentro de mim, principalmente na região da bexiga. Diz lá que um homem urina um litro e meio, em média, por dia. Mas deve tomar seis litros. Ou seja, deve pedir (ou comprar) urina por aí. Bom negócio para aqueles beberrões de cerveja que não param de fazer xixi. Quando os alemães descobrirem a urinoterapia, vão exportar tonéis. No lugar do Leite da Mulher Amada, virá o Xixi da Mulher Amada.

Outro problema é este. Diz um padre irlandês (outro viciado no líquido), que mora há mais de vinte anos no Brasil, que homem não pode tomar xixi de mulher e vice-versa. Por quê? Liguei imediatamente para o meu velho pai e médico, que teve, durante mais de 30 anos, Laboratório de Análises Clínicas. Disse nunca ter notado nenhuma diferença. Acho, portanto, que é preconceito dos padres. Será que é para evitar que a pessoa tome o xixi na própria fonte?

Eu, se tal excremento fosse mesmo inevitável, gostaria de saber a fonte. De onde veio? De quem era? Será que vão surgir Bancos de Urina? Eu não gostaria, por exemplo, de tomar xixi de japonês, sei lá por quê. Deve ser muito mais amarelo.

E se a moda chega nos bares? Já pensou? "Por favor, uma dose de xixi on the rock!" E o garçom: "Copo alto ou baixo?".

Tem xixi escuro? Caipirinha de xixi (com muito açúcar)? Quantas pedras de gelo? Nos bares mais sofisticados vão nos oferecer xixi escocês. Claro que o Paraguai vai nos mandar xixi falsificado.

Um dia, baterá nas nossas praias o Xixi da Lata. Basta um copinho por dia que a dor logo passa.

Uma fã do tratamento diz que "a primeira do dia é a mais salgada". Mas não explicou se isso é bom ou ruim. Para manter a saúde, não são necessários seis litros por dia. Basta um copo da "primeira urina fresca da manhã". Aquela mesma, a salgada. Já para câncer é que são necessários seis litros por dia.

Alguns padres não gostam do termo urinoterapia, sugerindo que o método fique conhecido como "medicina agradável". Que coisa mais desagradável... Outro padre chega a afirmar que "a urina é a água da vida".

Será que nos semáforos as criancinhas vão pedir "um troquinho de xixi para a minha mãe que está com reumatismo"? Acontecerão assaltos: "O xixi ou a vida"!

Haverá xixi congelado para se tomar no futuro? Você chega no bar e o garçom vem oferecer: "Esse é do bom. Do Maranhão, safra 93". Aí ele serve uma gotinha, você experimenta e pede, como manda a educação, para ele servir primeiro as moças.

Nos supermercados, xixi enlatado. Sabor framboesa, limão, com mate. O Pepsi-Xixi. Propagandas: "Agora, sem aminoácido". Ou: "Sabor Natural". Ou ainda: "O Ministério da Saúde adverte: xixi faz mal à saúde." "Não bebam xixi na frente das crianças." E, por aí, vai.

• • •

91

Mario Prata

IR À ZONA NÃO ERA TRAIÇÃO

Outro dia, uma revista feminina me entrevistou. Queria saber como é que a minha geração encarava o problema da traição. Eu não sei por que essas revistas fazem essas perguntas sempre para mim, para o João Ubaldo e para o Cacá Rosset.

Expliquei para ela que a minha geração consegue (ainda, com uma certa culpa) diferenciar o sexo do amor. E a culpa disso é das próprias meninas da minha adolescência que não deixavam nada. Pegar num peitinho (por cima da blusa de balon) levava meses, às vezes, anos. Todas eram virgens. Eu disse todas. Estamos no começo dos 60. Ficava-se no portão da casa da namoradinha até às 10 da noite (quando o pai começava a tossir lá dentro) e depois se juntava um grupinho numa esquina e ia-se para a Zona, tirar aquele calor do corpo.

Era o que se fazia então: ia-se para a Zona. Outro dia, o meu filho de 18 anos me perguntou como era a zona.

Bem, existiam zonas e zonas. Em Bauru, por exemplo, tinha a famosa Casa de Eny onde, segundo boatos que a gente ouvia, eram todas universitárias de São Paulo. Já na Zona da minha cidade, lá na Vila São João, digamos que elas tinham — no máximo — o curso primário incompleto. Mas eram diplomadas em outras artes.

Chamava-se Zona porque era realmente uma zona onde a prefeitura liberava a prostituição. As ruas eram de terra batida, o que dificultava um pouco o acesso sexual naquele barro todo. As casas até que eram ajeitadinhas. Cada casa tinha uma "dona" e quatro ou cinco "meninas". Na porta, uma janelinha pequena. Se a janelinha estivesse aberta é porque se podia entrar. Se estivesse fechada é porque alguém "tinha fechado a casa". E de noite, acima da porta, uma pequena e fraca luzinha. Vermelha.

"Fechar a casa" era coisa dos fazendeiros ricos. Fechavam a casa, pagavam bebidas para todas e faziam a farra. Eu pensava: quando eu for grande, eu vou fechar uma casa. Era sinal de status. Vou morrer sem nunca ter fechado uma casa de Zona nenhuma. Podem ter certeza que é uma frustração que vai me

acompanhar o resto da vida.

Mas eu era adolescente e pobre. Então a gente ia de tarde que elas faziam abatimento. Ou então ia com o pessoal da Odontologia. Eles iam de branco e diziam que eram da saúde pública e tinham que examinar as meninas. A primeira vez que vi uma mulher nua foi através de um boticão de arrancar siso.

Mas quando a gente ia à paisana, de tarde, entrava, logo a cafetina ia perguntando: "Paga um cuba, tesão?". Essa frase nunca me saiu da cabeça. Já não há mais cuba-libre, o tesão está acabando, mas a primeira frase a gente nunca esquece.

Como vou esquecer da Gaúcha, a minha primeira? Deitei em cima dela com as pernas abertas e de meias brancas de cano curto, ela riu e disse: "Fecha a perna, menino. Você está parecendo uma estrela-marinha". Uma estrela-marinha trêmula e meio mole, eu diria hoje.

Como me esquecer da Véia Isabé, que naquela época já tinha uns 80 anos e era a decana da Zona? A gente passava em frente à casinha humilde dela e gritava: "Mostra, Véia Isabé" e ela levantava a saia até em cima e ria gostoso com seu único dente de chupar jabuticaba.

E assim a gente foi crescendo. O amor na cidade com a mocinha para casar e o sexo na Zona, porque, afinal, ninguém era de ferro.

A primeira vez que eu fiz sexo com amor, com uma namorada, já aqui em São Paulo, assim que terminei ela se sentou na cama e disse: "Não é nada disso, rapaz. Vamos começar de novo". Foi uma grande mestra e hoje é uma grande amiga.

Lá em cima, eu falava na culpa. Coisa que os salesianos puseram na cabeça da gente. Hoje já fica difícil separar as duas coisas. O amor e o sexo.

Agora todo adolescente "fica". Foi a grande contribuição social e sexual que trouxeram ao mundo. Eu só não entendo por que as mulheres da minha idade também não entram nessa de "ficar". "Ficar" não dá culpa, eu tenho certeza.

Em tempo: no meu tempo, "ficar" era conhecido como "tirar um sarro".

• • •

92

Mario Prata

AS BALAS PERDIDAS ESTÃO CHEGANDO

É. As balas perdidas estão chegando.

Começaram nos morros do Rio de Janeiro, foram descendo, cada vez mais perdidas e uma foi até o gabinete do prefeito da cidade. Ou foi do governador? Não importa. Talvez esta bala tenha ido lá para reivindicar aumento de salário, esgoto parta o bairro ou até mesmo uma aposentadoria mais justa. Perdida, sim, mas não idiota. Não se sabe se quem estava perdida era a bala ou a autoridade.

Do Rio, elas vieram para São Paulo. Rapidamente, como se tivessem pego um trem-bala perdida (acho que alguém já fez esse trocadilho infame. Aliás, todo trocadilho é infame). E chegaram com tudo, logo num cruzamento da Rebouças com a Brasil. Jardins. Matou uma jovem corretora de imóveis.

E foi perto da minha casa. Começo a me preocupar com essas balas perdidas. Na verdade, elas são perdidas até que acham alguém que, no caso, passa a ser ele ou ela, a perdida.

Como o mundo mudou, gente. Na minha adolescência, bala perdida era outra coisa. Muito mais romântica.

Era o seguinte: naquela época, tinha uma bala de hortelã que era a unanimidade nacional. Chamava-se bala Piper. Apesar do apimentado nome, era de hortelã mesmo. Invólucro (que palavra!) verde. E, quando a gente começava a namorar as meninas, depois de uns dias já de mãos dadas, mas sem beijos ainda, dobrava-se o papelzinho verde horizontalmente, dava-se um nó e entregava para a donzela. Todo mundo sabia que aquilo era pedir um beijo, já que pedir verbalmente poucos tinham coragem.

Pois muito bem. Se a menina não queria beijar ou se deixar beijar, educadamente, ela devolvia o nozinho. A gente chamava aquilo de bala perdida. Quantas balas não perdi na minha adolescência!

A bala perdida era a favor do amor e, por que não dizer, das nossas iniciantes sacanagens.

Tinha umas menininhas mais assanhadinhas que não precisavam nem do papelzinho dobrado. A gente dizia que elas deixavam sem bala mesmo. Mas com bala era sempre melhor, pois o hálito da gente ficava no ponto. Matavam-se duas coelhas com uma metralhada só.

Agora a bala perdida, a bala dos meus amores, mata. Logo, logo vai entrar para as estatísticas das repartições de saúde do país. Morte por câncer, tanto, aids, tanto, bala perdida, tanto.

Sugiro coletes à prova de bala perdida. Não esses pretos horríveis. Algo mais colorido, mais teen. Modelitos para a praia, em uma ou duas peças. Pijamas também. Meu querido Cazarré morreu dormindo, quando uma bala perdida chegou até ele de madrugada. Nem susto ele levou. Continuou dormindo ao lado da esposa e de Deus.

Por outro lado, os fabricantes de balas poderiam inventar, criar as balas perdidas. O sujeito ia na loja e pedia dez balas normais e dez balas perdidas. Assim o atirador saberia que a sua bala perdida (por garantia dos fabricantes) sempre chegaria a algum alvo. Mesmo tendo de atravessar um Estado inteiro.

Assim como os fabricantes das balas Piper poderiam vender algumas sem a bala, só com o invólucro (que palavra!). Se bem que hoje ninguém precisa de uma bala para conquistar uma garota. Pelo menos entre gente civilizada. Entre bandidos e assassinos impunes, não sei como se conquista uma gatinha. Talvez seja dobrando o papelote. Não sei.

Fico na expectativa que a nossa guapa polícia invente um radar-ímã apenas para balas perdidas. Todas as balas perdidas iriam cair ali.

E que volte a moda das balas Piper. E que você, meu velho leitor, não receba o não da mulher a ser conquistada e a beije muito e muito. Mas cuidado, não fique de costas para o mundo.

Afinal, o mundo está mesmo perdido. Como os nossos assassinos-perdidos e a nossa polícia-perdida.

• • •

93

Mario Prata

DA ARTE DE TIRAR CASQUINHA

A mídia adora saber a opinião de pessoas conhecidas (artistas, políticos, músicos, esportistas, etc.) sobre tudo o que acontece no Brasil e no mundo. Nasce um chimpanzé no zoológico e logo temos as opiniões de Cacá Rosset, Emerson Capaz, Romário, João Sayad, Fernando Morais, Angeli.

Um casal se separa e eles querem saber da "repercussão", como chamam a isso. Chico e Marieta se separaram e a *Veja*, a *Istoé*, a *Manchete* e o *Jornal do Brasil* me telefonaram. Como se eu tivesse alguma a coisa a ver e a saber com esse momento difícil que devem estar passando os meus amigos.

Já dei depoimentos sobre tudo. A Silvia Popovic, minha imensa amiga, vive me chamando para dar opiniões sobre assuntos que não sei. Outro dia, gravei um depoimento para a *Band* dando os parabéns para a cidade de São Paulo. E, por aí, vai.

O Cacá Rosset, por exemplo, já repararam? Opina sobre tudo, este também meu amigo. Outro dia, me ligaram querendo saber que rumo eu daria para a trama da novela *Dona Anja*, do SBT. Sem ao menos perguntar, antes, se eu já havia assistido a algum capítulo.

Nunca ninguém me procurou para saber qual é a coisa que eu mais gosto de fazer, depois daquelas duas ou três tradicionais, eternas e internacionais.

Pois, se um dia me perguntarem, não vou hesitar em reponder:

— O que eu mais gosto de fazer na vida é tirar casquinha de feridas.

Isso mesmo que você leu; arrancar a casquinha com a unha e ver surgir, como um pingo, um pouquinho de sangue que, para minha felicidade, dentro de alguns dias, me fornecerá uma nova e prazerosa casquinha. A boa casquinha é a que sempre se renova.

Quando os meus filhos eram pequenos, eu corria atrás deles. E das casquinhas. Criança sempre tem muita casquinha fresca.

Mas a arte de tirar casquinhas tem as suas manhas. Não pense que é só chegar, meter a unha lá e arrancá-la num só golpe. Isso é coisa de amadores.

É necessário que se cultive a casquinha. Que se cuide bem dela, que a alimente para ela chegar no ponto ideal de textura e rompimento.

E, quando ela estiver no ponto, nada de pressa. O prazer requer certos cuidados e algumas técnicas. Como um bom dum orgasmo. Uma das técnicas, por exemplo, é ficar rodeando a bicha com o dedo, deixando-a excitada. Você faz que vai mas não vai. Ela começa a coçar gostoso, como se pedindo para ser arrancada. Ela fica vermelha, em volta fica tudo arrepiado. Aí, sim, você vai, bem devagarzinho, levantando um lado. Aí deixa esse lado e começa pelo outro. Nunca tenha pressa em arrancar uma casquinha.

As melhores casquinhas, digo de cátedra, são as próximas aos ossos. São as que mais proliferam, que mais se reproduzem. Tenho algumas na canela, que venho cultivando desde a Semana Santa do ano passado. Tudo começa com os borrachudos nas praias. Depois é só cuidar delas com carinho.

Não pense você que só sou eu que gosto de fazer isso. Uma vez, há uns 20 anos, eu estava entrevistando o Gilberto Gil para a *Última Hora* e, sei lá por quê, veio esse papo de casquinha. E o Gil me disse:

— Estou cultivando uma aqui nas costas, maravilhosa.

Me mostrou. Fiquei com inveja. Uma casquinha quase de uma polegada. E ele, com a calma e meditação nobres para o momento, começou, na minha frente, a enfrentar a danada, divina e maravilhosa. O gravador continuou ligado e ainda tenho a gravação com os sonoros e ritmados ais e uis do bom baiano.

Tenho quase a certeza que aquela velha expressão "tirar uma casquinha duma mina" (ou seja, tirar um sarro, ficar) vem das casquinhas das feridas.

Por favor, não vá me mandar casquinhas pelo Correio. Tenho as minhas e agradeço. Cuide das suas. E goze.

• • •

94

Mario Prata

NEM SEMPRE O CHEFE ESTÁ CERTO

Meu pai, doutor Prata para os pacientes e Bertinho para os familiares, tem uma memória extraordinária, mesmo aos 85 anos.

Forte como um touro, coração mole de mineiro, ainda é capaz de citar de cor o nome de toda a sua turma do Tiro de Guerra, feito em 1930. Pelo nome e pelo apelido.

Mas tem uma história que eu conto dele e ele sempre diz que eu inventei. Já escrevi esta história na revista da Goodyear, quando liderada pelo meu querido Geraldo Mayrink.

Meu pai, a essa altura da crônica, já deve estar me telefonando, para me desmentir. Mas, no fundo, ele sabe que é verdade.

É o seguinte: o papai era Delegado Regional de Saúde de Lins, nos anos 50. Durante um tempo, ele acumulou o cargo, dirigindo também a Regional de Bauru. E foi lá que tudo se deu.

Tinha lá um contínuo simpático, forte, crioulo, com uns 30 e poucos anos. Ex-jogador de futebol do BAC (Bauru Atlético Clube). Era o seu Dondinho, que servia cafezinho para o meu pai e visitantes. Ainda garoto, várias vezes fui com o meu pai até Bauru. Cafezinho para o meu pai e água para mim.

A história voltou à minha cabeça assim que ouvi, no rádio, da morte do Dondinho que, aliás, trabalhou até se aposentar como funcionário da Secretaria da Saúde, em Santos.

Pois um dia o Dondinho, que adorava o meu pai e sempre pedia conselhos para ele, chegou com a dúvida:

— Doutor Prata, o Waldemar de Brito quer levar o meu Edinho para treinar no Palmeiras.

Edinho seria, depois, o Pelé. Isso você já percebeu. Mas, na hora, o jovem Prata não acreditava no poder do futebol.

— Olha, Dondinho, o menino ainda está com 14 anos. Deixa ele terminar pelo menos o ginasial. Você sabe muito bem que futebol não dá camisa para ninguém.

Tenho a impressão que o Dondinho, naquele dia, foi em dúvida para casa. Deve ter conversado com a dona Celeste (que eu viria a conhecer três anos depois quando Pelé voltou a Bauru, 17 anos, campeão do mundo e já usando camisa européia).

Entre o conselho do chefe e a esperança do filho realizar o que ele não havia conseguido por uma perna quebrada, ficou com a segunda intuição.

O resto você (e o mundo inteiro) sabe o que aconteceu.

Nunca deixei de imaginar como seria se Dondinho tivesse ouvido o seu chefe. Impossível imaginar o futebol brasileiro (e o próprio brasileiro) sem o filho do seu Dondinho, que fazia um café muito do gostoso. Até o mundo seria diferente.

Pare um pouco e pense nisso. Tente imaginar o Brasil e o mundo sem o Atleta do Século. Acho que nem a Xuxa existiria.

Fico a imaginar se o chefe do pai do Papa o aconselhasse a não deixar o filho ir para o seminário.

— Vai acabar virando vigário de uma cidadezinha pobre da Polônia. Não vai longe, não.

Fico imaginando se o chefe do pai do Fidel Castro dissesse para ele:

— Olha, o melhor mesmo é deixar o seu filho estudando Economia nos Estados Unidos. Lá, ele vai ter futuro.

E por falar em futuro industrial, lá na Áustria, temos uma outra Linz. É uma cidade feia, cinzenta, cheia de operários.

— Esse menino só pensa em raça ariana, Herr Hitler. Melhor tirar ele do exército que ele pode acabar fazendo alguma besteira.

E se aqueles outros quatro chefes metalúrgicos de Liverpool convencessem aqueles quatro operários que tocar numa boate chamada Caverna não daria futuro para ninguém?

— Melhor colocar logo o menino na fábrica, mister Lennon. Cortar o cabelo dele, tirar os piolhos e colocar no batente.

Estou esperando o seu telefonema, Bertinho. E olha que hoje eu não contei nem a sua história com o Mário Palmério, nem com o Assis Valente.

Fica para outro dia.

• • •

95

Mario Prata

CARTA AO "MARIO PRATA"

Tudo começou e acabou no dia de Natal, pela manhã. Toca o meu celular, eu ainda na cama, atendo.

— Por favor, é da casa do escritor Mario Prata?

— Sim.

— É a "Isa" (o nome era outro).

— Que "Isa"?

— Desculpa, acho que foi engano.

Algumas horas depois, acordo de vez, tomo um banho e, no meu telefone normal, estava lá o recado: "Por favor, é da casa do escritor Mario Prata? Liga para a 'Isa'".

Meia hora depois, estou chegando num posto de gasolina, toca o celular de novo.

— Desculpa, é a "Isa".

Conheço algumas Isas.

— Oi, "Isa".

— Você sabe que "Isa" é?

— Conheço mais de uma.

— Mas você é o escritor, não é? Tem outro Mario Prata escritor?

— Que eu saiba, não.

— Eu sou a "Isa" para quem você ligou ontem à noite.

— Me desculpa, mas eu não liguei para nenhuma "Isa" ontem de noite.

— Ligou, Mario. Deixou um recado na minha secretária.

— Eu? E que recado eu deixei?

— Disse que nunca mais ia me ligar. Por quê?, eu quero saber.

— Olha, eu acho que está havendo alguma confusão.

— Há dois meses você me liga e ontem deixou aquele recado.

— Olha, desculpa, mas eu não ligo para você há dois meses. Nem nunca liguei.

— Você não escreve no **Estadão** toda quarta?

— Escrevo.

— Não escreveu *Mas Será o Benedito?* Tem até a sua foto lá.

— Isso é verdade.

— Então, a gente já discutiu tantas crônicas suas...

— Olha, um de nós é doido.

— Você não freqüenta o Pé Prafora?

— Freqüento.

— Então. Um dia, você marcou um encontro comigo lá. Cheguei e você tinha acabado de sair.

Neste momento, eu percebi que tem um "Mario Prata" por aí usando o meu nome. Para cantar mulheres. Só isso, ou outras coisas. Começo eu agora a fazer perguntas para a "Isa".

— Você já se encontrou com esse "Mario Prata"?

— Não, a gente só se fala por telefone ou conversa pela Internet.

— E você acha a minha voz parecida com a do "Mario Prata"?

— Realmente é diferente. Eu não estou entendendo mais nada. Você não é separado?

— Sou. Quantos filhos eu tenho?

— Você me disse, quer dizer, o outro "Mario Prata" me disse que você não tem filhos.

— Pois eu tenho dois. O Antonio e a Maria.

— Você jura que não é o "Mario Prata"?

— Não, eu sou o Mario Prata. O outro "Mario Prata" é que não é o Mario Prata.

— Meu Deus, que loucura!

— Loucura, digo eu.

— Você jura que você não é você?

— Eu sou eu. Ele é que não é eu. Faça o seguinte, quando ele te ligar de novo, peça o telefone dele e o e-mail. Vou pôr a polícia atrás desse sujeito.

— Polícia? Atrás de você?

— Já pensou se ele estiver broxando por aí em meu nome?

— Como?

— Nada, não.

— Você, quer dizer, ele nunca me deu o telefone. Era você que sempre me ligava e marcava a hora para a gente navegar juntos pela Internet. Mas por que será que ele estava fazendo isso?

Comecei a perceber que agora ela estava acreditando em mim. E eu a ficar preocupado com esse cidadão que sabe até o nome do restaurante onde eu (e não ele) almoçava todos os dias.

Ela, uma pessoa muito educada e simpática, acabou se despedindo de mim. Tchau, tchau, feliz Natal. Com a pulga atrás da orelha. Ela e eu.

E agora eu estou aqui escrevendo isso e esperando que o "Mario Prata" assuma sua verdadeira identidade. Já falei com os meus dois advogados. Isso é crime. Crime sério. Dá cadeia.

Pára com isso, "Mario Prata". Ou então escolha alguém melhor que eu. Tente o Veríssimo, o João Ubaldo, o Mateus, o Ignácio. Mas deixe o meu santo nome em paz.

Não quero jamais ler nos jornais que o "Mario Prata" foi preso. O que pensariam os meus dois filhos que você nunca os teve?

E que a "Isa" encontre alguém que exista de verdade e seja muito feliz.

Um bom ano para todos vocês.

Menos para o "Mario Prata", é claro.

• • •

96

Mario Prata

O FLUMINENSE JOGARÁ COM O LINENSE?

Estou escrevendo esta crônica na segunda-feira de manhã, depois de passar a tarde de ontem acompanhando a última rodada do Brasileirão, na casa do Mateus Shirts (eliminado corintiano), num show de imagens da Rede Bandeirantes.

Há menos de 24, portanto. Mas já passei a noite e parte da manhã tentando imaginar como é que vão fazer para o Fluminense não disputar a segunda divisão. Claro, óbvio ululante, que o time não vai cair. Duvi-de-o-dó.

Assim que terminou a rodada, liguei para o Chico Buarque, um dos tricolores mais fanáticos que conheço. Ele não estava em casa. Marieta Severo (e um pouco severa) não queria acreditar nas minhas palavras: "Mas e o Criciúma, não caiu?". Não, foi o Fluminense. "Meu Deus!!!"

O que eu queria era brincar com o Chico. Afinal estava começando a existir a possibilidade do time dele enfrentar o meu glorioso Elefante da Noroeste, o meu Linense. Aliás, o Chico nunca escondeu a sua condição de torcedor do Linense, nas segundas divisões. Por ser poeta, talvez por uma questão de rima. Mas talvez não seja esta a solução.

Disse lá em cima o "óbvio ululante", frase cunhada pelo fluminense Nelson Rodrigues que, se vivo estivesse, morreria num boteco da Lapa.

Mas voltemos aos cartolas (Cartola era Fluminense?) do Rio de Janeiro e do futebol das Laranjeiras. Devem estar todos agora reunidos bolando uma solução bem carioca para o caso.

Talvez até mesmo sugerir ao ministro Pelé que o Chico faça uma nova letra e música para o Hino Nacional em troca da permanência da equipe entre os grandes.

Ou mesmo o Ricardo Teixeira pode pedir ao sogro que baixe uma portaria lá na Suíça proibindo, neste ano, o descenço em todo o planeta.

Já ouvi falar que o Chedid (qualquer um deles) quer comprar o Fluminense. Ele entende de segunda divisão: Novorizontino, Ponte Preta e Bragantino.

Pode-se pensar, também, na hipótese de aumentar o número de times na

primeira divisão como já fizeram nos anos 70. Noventa e quatro times. O Flu estrearia contra o Arapiraca. No lugar de Fla-Flu, um Ara-Flu pra ninguém botar defeito.

Outra idéia boa, meio baiana: provar, no velho e bom Tapetão, por a mais b, que o Fluminense que foi rebaixado era o Fluminense de Feira de Santana. O do Rio, nem no Brasil estava durante o Campeonato.

E que tal se os cartolas sugerissem que este ano caia metade dos times? O Campeonato Carioca passaria a ser chamado de Segunda Divisão. E ainda contaria com jogos contra o Santos, por exemplo, que sempre se deu muito bem no Maracanã.

Antes de terminar, queria declarar que sempre fui Fluminense no Rio de Janeiro. Desde criancinha. Talvez por aquela mesma rima que já citei. Mas naquele tempo era de Castilho, Píndaro e Pinheiro. Tinha um ponta magrinho e ligeiro chamado Telê. Teve Didi, teve Gerson, teve Doval.

Fique triste não, Chico. Disfarce a dor e faça um sambinha para o nossos Nenses. Rima é que não vai faltar. E, no dia que os nossos times jogarem, lá no Gigante de Madeira, em Lins, vamos torcer juntos. Para os dois.

Um dia, voltaremos. Se é que hoje, quarta-feira, o Fluminense já não tenha dado um jeito na sua vida.

• • •

97

Mario Prata

JÁ OUVIU FALAR EM GERMANO ALMEIDA?

Outro dia, escrevi aqui sobre amigos de Cabo Verde, África, e citei o escritor e deputado Germano Almeida. E, para minha felicidade, Germano Almeida, amigo eterno, escrevinhador de fino humor e grossa ironia, está hoje no Brasil, hospedado na minha casa. Uma honra e eu explico.

Em 1991, estava eu a passear em Lisboa e um produtor do cinema português, meu amigo Zé Luiz Vasconcellos, entre tragos de uísque no Pavilhão Chinês (o bar mais bonito do mundo), me joga um livro nas mãos e pergunta se eu quero fazer a adaptação cinematográfica. O livro era *O Testamento do Sr. Napumoceno da Silva Araujo*. O autor, caboverdiano. Tava lá a foto dele na orelha. Parecia o Lothar, aquele guarda-costas (literalmente?) do Mandrake. Olhei para aquele livrinho editado em Cabo Verde (tiragem de 750 exemplares), dei uma sacada no título, na cara do indivíduo e pensei: o que é que a gente não faz para ganhar a vida..., já que a grana oferecida (tinha dinheiro da CEE na jogada) não era de se jogar fora. E disse mais o produtor: eu teria que fazer umas viagens para Cabo Verde para conhecer o país onde se passava a história e o autor, o tal do Germano Lothar Almeida. Onde fica Cabo Verde?, perguntei.

De volta ao Brasil, ainda sem fechar o negócio, no avião, por falta de opção, resolvo bater os olhos naquele livrinho de capa duvidosa (depois viria a saber ter sido feita pelo artista Leão Lopes, que logo depois viraria ministro da Cultura do arquipélago). Deveríamos estar já sobrevoando a africana Cabo Verde e eu já havia acabado de ler as aventuras do senhor Napumoceno. Num só fôlego, estupefato. Uma obra-prima. Me apaixonei pelo Napumoceno, pela cidade de Mindelo e pelo Germano.

Não é nenhum exagero dizer que *O Testamento* está para a África assim como *Cem Anos de Solidão* está para a América. Meses depois, diria isso para o Germano comendo camarões na casa dele em Mindelo e ele daria uma gargalhada. "Você ainda vai ganhar o Nobel", acrescentei. Nova gargalhada e ele me disse: "Pode até ser. De vez em quando, eles gostam de dar o prêmio para um crioulo. Pega bem".

Germano Almeida tem a minha idade, mais de 2 metros de altura, odeia ternos, gravatas, sapatos e discursos pomposos, é advogado (formado em Lisboa) e deputado junto à Assembléia do seu país. Na sua biblioteca, tem mais livros de autores brasileiros que na minha. Adora mulheres (tem um filho com cada uma das três esposas oficiais que já teve). Come como um leão, gargalha como uma hiena e é mão-de-vaca. Tem uma Mercedes Benz e a melhor casa de Mindelo, centro cultural de Cabo Verde, com menos de 40 mil habitantes, com todo o jeitão da Bahia.

Germano Almeida veio ao Brasil participar, em Brasília, de um encontro de escritores de língua portuguesa. Não vi nenhuma linha nos jornais de São Paulo sobre este evento. Mas Germano me ligou de Brasília dizendo que estava cheio de crioulo por lá. Acho que a mídia perdeu a oportunidade de conhecer o Germano, a sua obra e, principalmente, o que ele tem na cabeça. Além da oportunidade de conhecermos um pouco do seu mais que cativante país.

Cabo Verde tem 300 mil habitantes divididos em dez ilhas na costa oeste da África. A capital chama-se Praia. Basta isso para se imaginar como vivem os caboverdianos. Durante o tráfico dos escravos, ali era uma parada obrigatória. E foi assim que ingleses, franceses e até mesmo holandeses atracavam por ali, passavam uns dias e deixavam marcas definitivas nos ventres das jovens caboverdianas. Hoje o povo não é negro como os senegalenses, mas, sim, marrom. Olhos azuis e verdes com cabelos tipo Sonia Braga. Aliás, se você quiser ter uma idéia da beleza da mulher caboverdiana, imagine a Braga com um mês de sol na pele.

Mas o que mais me chamou a atenção nas nativas — observação comprovada e também admirada pelo Germano — foi a bunda das moças. Todos sabem que esta bundinha arrebitada das brasileiras — fora as negras, não existem bundas assim por aí — não veio das portuguesas. Veio com os negros mesmo. E, antes de chegar ao Brasil, passou por Cabo Verde. Escrevi um artigo sobre as bundas das caboverdianas, um texto quase acadêmico, que foi publicado num jornal de lá, dirigido, por sinal, pelo Germano. Fiz muito sucesso entre a intelectualidade local.

Estou tentando convencer o meu amigo Pedro Paulo de Senna Madureira, que, além de dono do Bar Nabuco, é editor da Siciliano, a publicar os livros do Germano, um grande bundólogo, por aqui.

Assim ele dará entrevistas e vocês ficarão fãs dele, como eu. E aprenderão a conhecer um país maravilhoso, alegre, feliz, onde a gente vê garotinhos com a camisa do Flamengo na praça e mocinhas cantarolando Chico Buarque, requebrando a bundinha pra cá e pra lá.

Bem-vindo, Germano, bem-vindo, senhor Napumoceno da Silva Araujo, com suas três mulheres.

• • •

98

Mario Prata

UM TEXTO INÉDITO DE CAMPOS DE CARVALHO

Sábado passado, fui visitar o escritor Campos de Carvalho, recentemente ressuscitado pela mídia, depois de 30 anos de silêncio profundo. Me autografa o seu livro *Obra Reunida*, recentemente lançado pela Editora José Olympio, com sua letra trêmula. Me diz que está se esgotando a primeira edição.

Fala pouco, o genial escritor. Com quase 80 anos e múltiplos derrames, tem dificuldades para andar e falar. Quando menos se espera, ele diz coisas:

— Minha empregada liga duas vezes por dia para a Paraíba para falar com a filha dela. Sabe o que ela fala? Nada! Nada! "Tá chovendo aí?"

— Queria que um crítico jovem comentasse os meus livros.

— Toda noite, releio meus livros. Acho que eu era doido mesmo. O Carlos Felipe Moisés acha que eu não sou.

Carlos Felipe telefona. Recebeu tarde o convite para o uísque. Tem compromissos. Marcamos para outro dia o encontro. Eles não se conhecem, mas se respeitam e se admiram.

— O Jorge Amado disse que o meu melhor livro é *A Chuva Imóvel*. Não é. É o *Púcaro Búlgaro*. E a *Vaca de Nariz Sutil*.

Sua mulher, Lygia, simpaticamente fellinniana e de idade indefinida, autora dos quadros que enfeitam a sala de estar num 14º andar, serve uísque 12 anos e todas as marcas possíveis de cervejas estrangeiras. Ele não pode beber nem fumar. Mas bebe e fuma. Fica em silêncio por intermináveis minutos.

Lygia o atropela: "Fala, Walter, você tem que falar, Walter"! Ele bate a mão no coração, e respira ofegante. Não sorri. Walter Campos de Carvalho não sorri nunca. Diz que dói.

De repente, o olhinho dele brilha:

— Escrevi um texto. Traz lá, Lygia.

Juro que não acreditei de imediato.

— Pega lá, Lygia!

É um texto pequeno, escrito com sua letra-louca-varrida. A maior importância do manuscrito é que é o primeiro texto que ele escreve desde 1972, quando mandava

cartas para ele mesmo, através do *Pasquim*. Portanto, seu primeiro texto em 23 anos.

— Posso publicar?

Ele enfatiza com o dedo da mão direita que não.

— Deixa, Walter..., pede Lygia.

— Não!

Com certa dificuldade me diz que vai escrever um novo romance. Sobre o Diabo.

— Mas o diabo é que eu não consigo encontrar humor no Diabo. E eu quero escrever humor. Como no *Púcaro Búlgaro*.

Outro silêncio, a calma e a paz cheia de sabedoria de acender um cigarro, beber mais um gole lento de cerveja dinamarquesa.

— O Diabo!

Volta a falar mal da empregada Maria que o acompanha ao Bingo: "Ela é analfabeta. O sujeito canta o 81, ela marca o 18. Assim não dá"!

— O governo abaixou em dois mil reais a minha aposentadoria. O Tesouro vai mal...

Volto a insistir em publicar o seu novo manuscrito. Inesperadamente ele pega o bloquinho de anotações, destaca a página e me dá. Digo que vou guardar o original e vender quando ele morrer: "Vai valer uma nota".

— Então já vale...

E dá um sorrisinho.

Campos de Carvalho está voltando a escrever. E a sorrir. Os leitores que o aguardem. A seguir, o seu texto.

SEGUNDO SONHO

Campos de Carvalho

Estou no palco sozinho.

Sei que a peça vai começar daí a instantes, mas ignoro completamente meu papel, o que tenho a fazer e sobretudo a dizer.

O *script* está na minha mão, mas não consigo lê-lo: as letras se embaralham e o sentido do texto muda sem que haja qualquer concatenação. Tenho a vaga idéia de que um casal (dois atores famosos e tarimbados) deve chegar a qualquer momento e então eu terei que dirigir-lhes a palavra e começar a atuar.

Pela janela vejo dois vultos suspeitos tramando alguma coisa e num deles reconheço o ator com quem contracenarei.

O casal logo depois entra no palco, sem se anunciar, e eu, no desespero, chego a pedir que espere que eu leia ao menos as primeiras palavras do meu papel.

A cortina se levanta e eu decido improvisar tudo em tom humorístico e sem sentido.

• • •

Mario Prata

SÃO PAULO HÁ 25 ANOS: EU, INOCENTE, PURO E BESTA

1971. Lembra? A noite paulistana ficava mais perto dela mesma. Era tudo ao redor da Praça Roosevelt (era assim que escrevia?), da Nestor Pestana, da Augusta (ali embaixo) e da Avanhandava. Sem falar da Galeria Metrópole.

Para se chegar à Paulista, ia-se de bonde pela Consolação, que ainda tinha só uma mão. E não vendia mamão lá em cima, de madrugada.

A gente perambulava de boteco em boteco, de restaurante em restaurante, a pé mesmo. Mesmo porque eu não tinha carro. E não havia perigo da gente ser assaltado ou mesmo assassinado sem mais nem menos. Estava chegando do interior de São Paulo, inocente, puro e besta: +1, Eduardo, Gigetto, Jogral, Piolin, Cave, o quarto de algum amigo no Copan para dormir. Tinha garoa e eu não tinha ressaca com os meus 20 e poucos. Médici na cabeça.

Pois foi nessa época que tudo se deu. Eu nunca tinha transado com uma mulher que não fosse puta. Já estava na hora. E foi o Luis Carlos Paraná, saudoso dono do Jogral e amigo noturno, quem me apresentou a uma gracinha, mora!, que estava olhando para mim no Jogral enquanto a Ana Maria Brandão me mandava Aquele Abraço. O Paraná disse para ela que um dia eu seria um grande escritor. E disse para mim que um dia ela seria uma grande bailarina. Por enquanto eu trabalhava no Banco do Brasil (na Penha) e ela dançava de noite no Hulla Balloo, boate da Santo Amaro.

Não sei com que coragem marquei de pegá-la no dia seguinte, depois do expediente dela, na boate, à 1 da manhã. Ela trabalha lá, mas é de família, me dizia o Paraná. Mora num puta apartamento na Angélica. Sou amigo da mãe dela. Pega leve, bocomoco!

Três ônibus me levaram da Penha até Santo Amaro. Cheguei um pouco antes, ela tinha deixado ordem para o porteiro. Entrei, tinha uma mesa, bem debaixo de um pequeno altar onde ela ficava lá em cima, sozinha, dançando. De biquíni. Requebrando como uma escultural mulata, em branco. Gente, que coisa mais linda, mais cheia de graça. Eu, inocente, puro e besta, não sabia o

que ia fazer com aquilo. Não sabia mesmo.

Terminou o serviço, ela me pega na mesa — o cuba já estava pago — e saímos para a rua.

Foi aqui que eu percebi que não tinha feito nem um plano. O que fazer com aquela moça gostosa, mas de família? Nem carro eu tinha. Ela ficou me olhando tipo: e agora, vamos aonde? Sei lá, vamos pegar um táxi.

Era um fusquinha branco, sem o banco da frente. Entramos os dois lá atrás. O motorista era um crioulo imenso com a cabeça raspada e brilhante. Um lutador de sumô africano. Vamos pra onde? Pra onde? Vai tocando pro centro.

Silêncio lá dentro. Eu não sabia o que dizer. Suava. O que dizer? Onde pegar? Aonde ir? Foi quando eu me lembrei das sábias palavras da minha mãe quando eu saí de Lins: meu filho, respeite sempre as moças. Não se esqueça que você tem uma mãe e duas irmãs.

Resolvi pegar esse mote e comecei a contar isso para ela. Que, quando eu saí do interior, a minha mãe pediu que eu respeitasse as moças, etc. Foi quando ela deu o endereço da casa dela para o negrão. Estava sendo mais fácil do que eu esperava.

Chegamos diante de um bonito prédio na Angélica, descemos, eu paguei e disse ao motorista: se eu não voltar em três minutos, você pode ir embora. Em menos de dois, eu estava de volta. Foi o tempo apenas dela me estender a mão e agradecer a carona. Volto para o táxi:

— Penha de França.

Estava ali eu, na Celso Garcia suada e quilométrica, a pensar onde é que eu tinha errado, quando o negrão, que ainda não dissera palavra alguma, mas que atentamente tudo ouvira, virou o pescoção para trás e, modestamente, proferiu a sentença fatal:

— Não comeu e nem vai comer!

— Como?

— Não comeu, nem vai comer.

— O que que eu tinha que ter feito?

— Tinha que ter dado uma mordida no cangote dela e dito: vamos dar uma guspidinha aí dentro?

Não comi e nunca vou comer. Se bem que hoje ela deva estar um bagulho. Como eu. Ou não como?

• • •

100

Mario Prata

BOCA DE URNA DE OUTUBRO DE 98

Publicamos hoje, em primeira mão, o resultado da pesquisa de Boca de Urna sobre as eleições presidenciais de 3 de outubro de 1998. Pela primeira vez na história democrática deste país, observou-se um empate técnico entre os onze postulantes ao Planalto Central. Cada um deles foi apontado como nosso futuro presidente por 9,09 do eleitorado. Foram ouvidas 15.867 pessoas em todo o Brasil nesta Boca de Urna realizada pelo **Estadão**.

A seguir, a plataforma de cada um deles:

PAULO HENRIQUE CARDOSO (9,09) — Na impossibilidade da reeleição de seu pai Fernando, meu querido amigo Paulinho foi o candidato natural do PSDB. Sua principal plataforma foi o Plano Imperial para combater a Deflação que vinha atingindo índices de até 50% ao mês. O dólar, por exemplo, está valendo 0,0008 reais novos. O povo quer de volta a inflação. Foi acusado de usar a máquina do governo, um velho Buick do seu pai.

LUIS INÁCIO LULA DA SILVA (9,09) — Seu partido, o PT do B, errou ao criticar prematuramente o Plano Imperial e ele, que era o grande favorito, foi despencando nas pesquisas. De nada adiantou ter feito o curso ginasial nestes últimos quatro anos. Mas promete estar com o Científico completo até a eleição de 2002.

ESPERIDIÃO AMIN (9,09) — Agora de peruca, parece outro homem. Seu lema foi: "Se ela deu certo, por que eu não posso dar?". Sua frase preferida no Horário Político Pago sempre foi: "Não digam amém aos políticos, digam Amin"!

LEONEL BRIZOLA (9,09) — Teve um certo apoio popular após mudar-se em 95 para a favela da Rocinha onde reside até hoje com sua filha Neuzinha. Mas parecia cansado no fim da campanha. Chegou a ameaçar renunciar. Também errou ao atacar o Plano Imperial.

ENÉAS CARNEIRO (9,09) — Desta vez, com apenas 5 segundos na televisão por dia, contentava-se em dizer "meu nome é Mussolini", assumindo de vez o seu lado direito. Do seu lado torto, descobriu-se que, atualmente, ele não trabalha em seis hospitais.

FERNANDO COLLOR (9,09) — Esperava-se mais do ex-presidente. Foi taxado de demagogo pela direita e pela esquerda ao fazer a sua campanha de bicicleta, levando marmita aos mais pobres de casa em casa, explicando o inexplicável.

PC FARIAS (9,09) — Uma campanha milionária com o apoio dos especuladores unidos, usando o refrão do velho Adhemar: "roubo, mas faço"! Apesar da simpatia de todos os presos do Brasil, sua campanha nunca chegou a levantar vôo no Morcego Negro. Continua preso.

BATMAN (9,09) - Depois de ter sido o candidato a deputado mais votado em Pernambuco em 94, esperava-se mais deste herói, lançado pelo PFL. Mas os rumores de uma estreita relação (política) entre ele e o seu vice Robin parece que chegaram a abalar um pouco a sua aventura rumo à Brasília.

JAMES LINS (0) — Sua candidatura foi impugnada pelo TSE poucos dias antes da eleição, pois os eleitores ainda estavam em dúvida se ele realmente existia ou seria invenção de algum escritor brasileiro. Ele se defendia dizendo que todos os demais candidatos eram tão personagens e falsos quanto ele. Mas ficou mesmo de fora.

BRANCO (9,09) — O ex-craque, pentacampeão na França, foi a grande surpresa desta campanha. Seu slogan, criticado por todos, era: "vote em Branco"!

NULO (9,09) — O Almirante Fortuna mudou de nome e foi muito mais votado desta vez, assumindo a nulidade de suas pretensões.

INDECISO (9,09) — O ex-governador Orestes Quércia, de São Paulo, teve seus votos com este novo registro. Manteve os nove pontos desde o começo da campanha e ficou indeciso até o final se caía fora ou não. Ainda reclama daqueles 12% de reajuste que ele não pagou até hoje aos seus funcionários. Dizia que o Plano Imperial era eleitoreiro.

• • •

Mario Prata

DO AUTOR

Nascido em Uberaba (MG), em 11 de fevereiro de 1946.
Passou a infância e adolescência em Lins (SP).

TELEVISÃO
Estúpido Cupido; Sem Lenço, sem Documento; Dinheiro Vivo; A Máfia no Brasil; Um Sonho a Mais; Helena.

TEATRO
O Cordão Umbilical; E se a Gente Ganhar a Guerra?; Besame Mucho; Salto Alto; Purgatório.

CINEMA
O Jogo da Vida e da Morte, diálogos; *Xico Rey*, argumento; *Besame Mucho*, roteiro com Francisco Ramalho Junior; *Banana Split*, roteiro; *O Beijo 2348/72*, co-autoria de roteiro e diálogos, *O Testamento do Senhor Napomuceno da Silva Araújo*, roteiro baseado no romance do cabo-verdiano Germano Almeida.

LITERATURA INFANTIL E JUVENIL
O Homem que Soltava Pum; Sexta-Feira, de Noite; A Viagem de Memoh.

LITERATURA ADULTO
O Morto que Morreu de Rir; Fábrica de Chocolates; Contos Pirandellianos, com vários autores; *Schifaizfavoire - Dicionário de Português; James Lins - O Playboy que não Deu Certo; Filho É Bom, mas Dura Muito; Mas Será o Benedito?; Me Ajuda São Pedro - Diário de um Magro.*

JORNALISMO
A Gazeta de Lins, Última Hora, Folha de S. Paulo, O Pasquim, IstoÉ, Jornal da Tarde, O Estado de S. Paulo, Playboy, Homem, Lui, Status, Saque, AZ, Ícaro, Criativa, Placar, Motorshow.

VIDEOFICÇÃO
Assalto; E o Zé Reinaldo, Continua Nadando?.